

**Universidade de São Paulo  
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”  
Centro de Energia Nuclear na Agricultura**

**Saberes agroecológicos: estudo de caso no extremo sul da Bahia**

**Fernanda Correa de Moraes**

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestra em Ciências. Área de concentração: Ecologia  
Aplicada

**Piracicaba  
2017**

**Fernanda Correa de Moraes**  
**Engenheira Agrônoma**

**Saberes agroecológicos: estudo de caso no extremo sul da Bahia**

versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de 2011

Orientador:  
Prof. Dr. **MARCOS SORRENTINO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestra em Ciências. Área de concentração: Ecologia  
Aplicada

**Piracicaba**  
**2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**DIVISÃO DE BIBLIOTECA – DIBD/ESALQ/USP**

Moraes, Fernanda Correa de

Saberes Agroecológicos: estudo de caso no Extremo Sul da Bahia / Fernanda  
Correa de Moraes. - - versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de  
2011. - - Piracicaba, 2017.

201 p.

Dissertação (Mestrado) - - USP / Escola Superior de Agricultura “Luiz de  
Queiroz”. Centro de Energia Nuclear na Agricultura.

1. Educação agroecológica 2. Movimentos sociais 3. Extremo Sul da Bahia 4.  
Comunidades sustentáveis I. Título

*Ao meu filho João Moraes Cremonesi*  
*Ao meu pai, Paulo Cesar Correa de Moraes*  
*Aos meus irmãos, amigos e familiares*  
*Em especial,*  
*À memória de minha mãe Joselita*  
*Com carinho*

*Aos companheiros e companheiras*  
*do Movimento dos*  
*Trabalhadores Rurais Sem Terra*  
*Com respeito*

*Aos utopistas e construtores do amanhã*  
*Parceiros e parceiras da Oca e NACE PTECA*  
*Com confiança*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Professor Marcos Sorrentino, que guiou esta pesquisa de forma cuidadosa, sempre aconselhando por caminhos profundos e de propósitos elevados, sendo exemplo de resistência por uma universidade pública coerente e ética. Agradeço também muitas outras pessoas que possibilitaram a realização deste trabalho.

Às Professoras Sônia Kruppa e Luciana Buainain Jacob pelos acolhimentos, orientações e ouvidos. À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aplicada, especialmente à Mara Casarin, que foi sempre tão precisa, e às bibliotecárias Eliana e Silvia pela primorosa revisão da diagramação.

Aos entrevistados e entrevistadas que se dispuseram de forma interessada a compor esta pesquisa, é preciso revelar que nossas trocas apoiaram a construção de boa parte do trabalho.

Agradeço todos e todas da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”, com destaque para Eliane, Dionara, Julia e Cristina pela generosidade do aprendizado compartilhado. E tantas outras mulheres do MST que transbordam coragem e amor pelo mundo.

À equipe do Projeto “Assentamentos Agroecológicos”, Danielly, Renato, Paulo, Ana Paula, Aline, Amanda e especialmente ao João Dagoberto, pela oportunidade de trabalho conjunto e convivência.

Ao NACE PTECA, em especial ao Professor Paulo Kageyama (*in memoriam*) que acreditou e apoiou com confiança e recursos financeiros para a realização desta pesquisa, à Tali Aspis pelo apoio e companhia alegre e ao Eduardo Gusson pelos materiais disponibilizados.

Às pesquisadoras e aos pesquisadores do grupo de Alfabetização Agroecológica Ambientalista, que foram fundamentais para as reflexões e força de caminhada, Simone Portugal, Maria Henriqueta Raymundo, Luciana Ferreira, Ingrid Bardini, Camila Mariah e Rafael Falcão.

Aos amigos e amigas do Laboratório de Educação e Política Ambiental - Oca, Rachel, Vivian, Matheus, Luã, Giovana (e Iara Luz), Denise, Laura, Tomás, Ony, Bruno, Bárbara e toda gente, vocês são inspirações e guias.

Às conversas agroecológicas com Fabio Frattini, André Toshio e Iara Fonseca, nossas buscas comuns além de ampliarem a discussão sobre o tema deram algumas certezas e felicidades do caminho.

Ao Inácio Rodrigues de Oliveira pela correção ortográfica e leitura atenciosa, que mesmo morando em outra cidade fez questão em apoiar este processo e amarrar um pouco mais os laços da amizade.

Às queridas amigas e irmãs de caminhada, sou grata a Vida por tê-las por perto, Mirian Okada, Alessandra Ramos, Karen Leyton, Sandra Monesi, Valéria Freixedas, Renata Barroso, Luciana Cavalcante e Luciana Jacob, que repito o agradecimento pois é justo e necessário.

À Clarinha, Mandu, Cauê, João, Yan, Laura, Miguel, Ruan, Isabela, Yuri, Yasmin e Vini, crianças e jovens lindos, vocês não imaginam como fazem parte disso, preenchendo com leveza e propósito.

Ao Felipe e Renata, meus irmãos de sangue e, meus irmãos de vida Victor e Douglas, apesar de distantes fazem parte da minha jornada desde sempre.

Ao meu pai, Neusa e tia Ângela, agradeço todos os helps de última hora. E toda família, esta obra não seria possível sem a presença e atenção cuidadosa de vocês.

Agradeço, enfim, a força da luta dos Sem Terra, que por resistirem inspiraram esta dissertação.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>8</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>9</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	<b>10</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	<b>11</b>
<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1. OBJETIVOS .....	16
1.2. CAMINHOS PERCORRIDOS .....	16
<b>2. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
2.1. PROJETO ASSENTAMENTOS AGROECOLÓGICOS .....	22
2.2 A INSUSTENTABILIDADE DOS SISTEMAS AGRÍCOLAS MODERNOS E A MONOCULTURA DO SABER.....	23
<b>3. DIMENSÃO TEÓRICA DA PESQUISA</b> .....	<b>25</b>
3.1 AGROECOLOGIA, MOVIMENTOS SOCIAIS E “BEM VIVER” .....	25
3.2. CONSTRUÇÃO DE SABERES AGROECOLÓGICOS .....	33
3.2.1 <i>Educação Popular</i> .....	36
3.2.2 <i>Ecologia de Saberes</i> .....	37
3.2.3 <i>Diálogo de Saberes</i> .....	38
3.3. COMUNIDADES E ASSENTAMENTOS DE BASES SUSTENTÁVEIS .....	41
3.4 ESTRUTURA FUNDIÁRIA E A DESCOLONIALIDADE DO SABER .....	43
3.5. MODELO DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL DA BAHIA E A ASCENSÃO DA LUTA PELA TERRA .....	46
3.6 APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA .....	50
3.7. ESCOLA DO CAMPO E A ESCOLA POPULAR DE AGROECOLOGIA E AGROFLORESTA “EGÍDIO BRUNETO” .....	52
<b>4. ABORDAGEM METODOLÓGICA</b> .....	<b>57</b>
4.1 FASE EXPLORATÓRIA .....	60
4.2 COLETA DE DADOS.....	61
4.3 DEVOLUTIVA DE PESQUISA .....	65
4.4 ANÁLISE DE DADOS.....	67
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>69</b>
5.1 IDENTIFICAÇÃO DA CONCEPÇÃO AGROECOLÓGICA EMERGENTE .....	72
5.1.1 <i>Soberania alimentar</i> .....	73
5.1.2 <i>Engajamento</i> .....	76
5.1.3 <i>Aspectos subjetivos: utopia, sonho e legado</i> .....	85
5.2 CONSTRUÇÃO DOS SABERES E CONHECIMENTOS PRÁTICOS .....	91
5.2.1 <i>Temas geradores</i> .....	92
5.2.2 <i>Dimensões metodológicas</i> .....	102
5.3 ESPAÇOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM .....	118
5.3.1 <i>Área de produção coletiva</i> .....	119
5.3.2 <i>Área de produção familiar</i> .....	124
5.3.3 <i>Espaços públicos</i> .....	127
5.3.4 <i>Escolas</i> .....	131
5.4 PAPEL DE UMA ESCOLA POPULAR DE AGROECOLOGIA .....	134
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>145</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>159</b>

## RESUMO

### **Saberes agroecológicos: estudo de caso no Extremo Sul da Bahia**

A presente pesquisa tem como principal objetivo contribuir para a compreensão da construção do conhecimento agroecológico para o estabelecimento de comunidades de bases sustentáveis, no atual contexto histórico de crise socioambiental. O estudo de caso foi realizado no território relacional do projeto de extensão universitária “Assentamentos Agroecológicos” (ESALQ/USP), especialmente nas áreas de assentamentos e pré assentamentos no Extremo Sul da Bahia, e na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Para realizar uma abordagem interdisciplinar buscou-se os campos da Agronomia, Sociologia e Educação em sua fundamentação teórica e análise. O conceito de agroecologia foi compreendido através de uma abordagem ampliada, com destaque para sua dimensão social. Ainda, houve a necessidade de discutir a construção de conhecimentos a partir da complexidade e visão sistêmica. Desta forma, as discussões dos resultados apontaram que a construção dos saberes agroecológicos, para este território, está apoiada em três dimensões centrais, a saber: i) soberania alimentar; ii) engajamento e militância e iii) aspectos subjetivos (utopia, sonho e legado). Ainda, emergiram neste contexto a necessidade de diversificação dos espaços de ensino-aprendizagem, ou seja, a construção de saberes se dão nas escolas, nas áreas de cultivos coletivos e familiares, e até mesmo nos espaços públicos, como as feiras. Já os temas saúde, alimentação, Código Florestal e técnicas de produção agrícola foram os temas geradores abordados enquanto conteúdos necessários para os processos de aprendizagem. As dimensões metodológicas que são realizadas, ou necessárias para a construção dos saberes agroecológicos, foram compreendidas como: dialogicidade, práxis, diversidade de sujeitos educandos, contradição entre agroecologia e agronegócio, processos educacionais e saberes populares e tradicionais. Ainda, foram discutidas duas visões sobre o papel da Escola Popular, uma alinhada com a educação libertadora e emancipadora, e outra, transmissora de conhecimentos e de qualificação técnica. Em síntese, os saberes agroecológicos foram compreendidos por este trabalho como uma construção de conhecimentos que busca superar a racionalidade econômica e instrumental da agronomia moderna para a construção de uma sociedade mais sustentável e justa socialmente.

Palavras-chave: Educação agroecológica; Movimentos sociais; Extremo sul da Bahia; Extensão universitária

## ABSTRACT

### **Agroecological knowledge: a case study in the extreme south of Bahia**

The present research has as main objective to contribute to the understanding of the construction of agroecological knowledge for the establishment of communities of sustainable bases, in the current historical context of socioenvironmental crisis. The case study was carried out in the relational territory of the university extension project "Assentamentos Agroecológicos" (ESALQ / USP), especially in the areas of settlements and pre-settlements in the Extreme South of Bahia/Brazil, and in the "Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto", belonging to the Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. In order to carry out an interdisciplinary approach, were searched in their theoretical basis and data analysis, the fields of Agronomy, Sociology and Education. The concept of agroecology was understood through an extended approach, with emphasis on its social dimension. Still, there was a need to discuss the construction of knowledge from the complexity and systemic view. In this way, the discussions of the results pointed out that the construction of the agroecological knowledge for this territory is supported by three central dimensions: i) food sovereignty; ii) engagement and militancy and iii) subjective aspects (utopia, dream and legacy). Also, emerged in this context, the teaching-learning spaces diversity, as the areas of collective and family crops, and even the public spaces, such as street market. On the other hand, the themes of health, food, forest law and agricultural production techniques were the themes generated as contents necessary for the learning processes. The methodological dimensions that are realized, or necessary for the construction of agroecological knowledge, were understood as: dialogic, praxis, diversity of students, subjective aspects, contradiction between agroecology and agribusiness, educommunication and popular and traditional knowledge. Also, two views were discussed on the role of the "Escola Popular", one aligned with liberating and emancipatory education, and another, transmitting knowledge and technical qualification. In summary, agroecological knowledge was understood by this work as a construction of knowledge that seeks to overcome the economic instrumental rationality of modern agronomy for the construction of a society more sustainable and socially just.

Keywords: Agroecological education; Social movements; Extreme south of Bahia; Extension university

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia .....	13
Figura 2. Impacto do monocultivo na paisagem. ....	48
Figura 3. Área de abrangência do Núcleo Regional de Educação .....	54
Figura 4. Devolutivas das pesquisas.....	67
Figura 5. Teia e ovos da Lagarta Parda do Eucalipto .....	77
Figura 6. Matéria de jornal sobre desequilíbrio população mariposas em Prado/BA .....	78
Figura 7. Notícia campanha contra agrotóxico fortalece os princípios da agroecologia.....	114
Figura 8. Material da campanha Extremo Sul pela vida, agrotóxico zero.....	115
Figura 9. Notícia eletrônica .....	115
Figura 10. Selo Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero MST .....	116
Figura 11. Área demonstrativa .....	120
Figura 12. Exemplos de horta coletiva .....	121
Figura 13. Tanque de peixe em área de pré assentamento .....	122
Figura 14. Produção da roça .....	123
Figura 15. Casa de farinha.....	124
Figura 16. Quintal biodiverso .....	125
Figura 17. V Feira Regional do Extremo Sul .....	128
Figura 18. Escola do MST no pré assentamento Jaci Rocha.....	131
Figura 19. Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” .....	134

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 2. Índice de Desenvolvimento Humano no Extremo Sul da Bahia e Brasil .....	49
Quadro 3. Relação dos participantes da entrevista .....	63
Quadro 4. Participantes da entrevista por gênero .....	64
Quadro 5. "Quando você ouviu agroecologia pela primeira vez?" .....	70
Quadro 6. "Como se forma o conhecimento agroecológico?" .....	91
Quadro 7. Modelos de agricultura de baixo impacto ambiental .....	99
Quadro 8. Movimentos e correntes de agricultura .....	100
Quadro 9. "Quais são os espaços de ensino-aprendizagem de agroecologia?" .....	118
Quadro 10. "Qual o papel da EPAAEB?" .....	135

## LISTA DE ABREVIATURAS

AB	Agricultura Biológica
ABD	Associação de Agricultura Biodinâmica
NA	Agricultura Natural
AO	Agricultura Orgânica
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
ANAP	Associação Nacional de Agricultores Pequenos
APP	Área de Preservação Permanente
ATER	Assistência Técnica Rural
DS	Diálogo de Saberes
ES	Ecologia de Saberes
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESALQ	Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
EPAAEB	Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IF	Instituto Federal Baiano
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia na Bahia
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MAPA	Ministério da Agricultura e Pecuária
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEPF	Ministério de Estado Extraordinário de Política Fundiária
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NACE PTECA	Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental
OCS	Organismos de Controle Social
PDS	Projeto de Desenvolvimento Sustentável
PAE	Projeto de Assentamento Extrativista
PAF	Projeto de Assentamento Florestal
PIB	Produto Interno Bruto
PPP	Projeto Político Pedagógico
RBCA	Regulamento Brasileiro de Aviação Civil
RL	Reserva Legal
SUS	Sistema Único de Saúde
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia



## 1. APRESENTAÇÃO

A presente dissertação é resultado da pesquisa realizada junto ao Programa Interunidades de Ecologia Aplicada do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA ESALQ), entre agosto de 2014 e janeiro de 2017. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir de estudo de caso concebido no contexto do projeto de extensão universitária “Assentamentos Agroecológicos” no Estado da Bahia. Especialmente nas áreas de assentamentos, pré assentamentos e na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), situados nas cidades de Alcobça, Prado e Teixeira de Freitas, no Território de Identidade Extremo Sul da Bahia<sup>1</sup>.

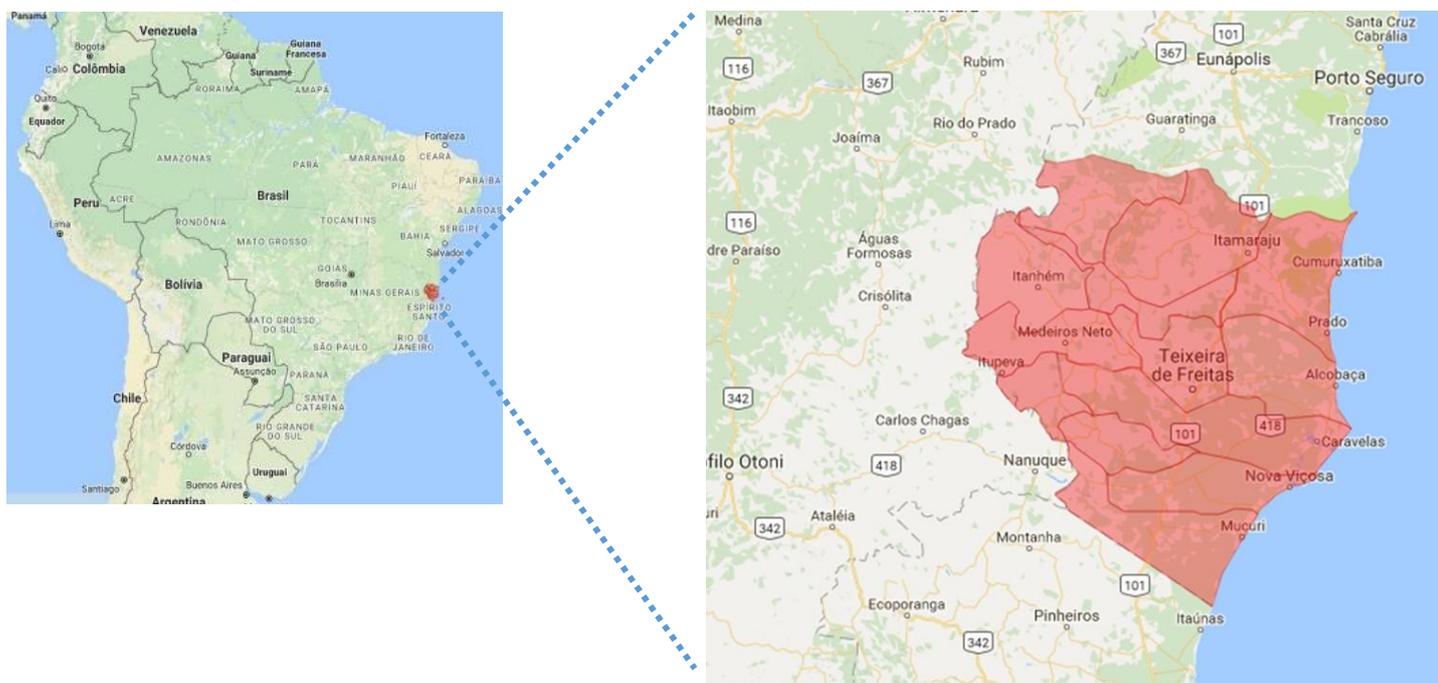


Figura 1. Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia. Fonte: adaptado de PNUD (2010)

A estrutura deste trabalho é composta inicialmente pela enunciação dos seus objetivos e apresentação dos “caminhos percorridos”, de modo a revelar os olhares de onde partiram a pesquisa. Na introdução apresenta o Projeto “Assentamentos Agroecológicos” e a temática

<sup>1</sup> O Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia é um dos 27 Territórios do Estado e compreende 13 municípios, a saber: Alcobça, Caravelas, Ibirapuã, Itamarajú, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e Vereda.

geradora da investigação, que se deram a partir de uma reflexão sobre o sistema moderno de produção agrícola, assentado no paradigma da Revolução Verde.

Após a introdução, traz a sistematização sobre a pesquisa bibliográfica que orientou a base teórica do trabalho apoiado em sete subitens. O primeiro item buscou revelar o enfoque agroecológico definido, alinhado com os anseios dos movimentos sociais e com o “Bem Viver” - filosofia dos povos latino americanos originais que discute, basicamente, a responsabilidade humana sobre os modos de viver orientados para bem comum.

O item “Construção de saberes agroecológicos”, discute a formação cognitiva necessária ao enfrentamento dos atuais desafios socioambientais. Neste sentido, foi realizado um panorama sobre a contribuição da Educação Popular, Ecologia dos Saberes e dos Diálogos de Saberes para o desenvolvimento de processos educadores, pelo enfoque agroecológico.

Em “Comunidades e assentamentos de bases sustentáveis”, terceiro subitem, buscou-se refletir sobre o conceito de comunidades e assentamentos, de modo a revelar alguns possíveis parâmetros para o estabelecimento de formas de ocupação nos territórios que não promovam sua própria destruição.

“Estrutura fundiária e descolonização do saber” apresenta uma reflexão sobre o uso e ocupação da terra e a construção de conhecimentos por eles proporcionados, tema que se tornou pertinente ao longo do trabalho, ao perceber que o local da pesquisa localiza-se no território onde as primeiras caravelas portuguesas desembarcaram. Este fato reforça a necessidade de compreensão sobre as relações coloniais de poder, de saber e de ser, que se revelaram ainda mais contrastantes ao confrontá-las com a emergência de movimentos sociais e da agroecologia no mesmo território.

“Modelo de desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia e ascensão da luta pela terra”, quinto subitem desta pesquisa, traz a revisão da literatura sobre o território de análise, e trouxe a dimensão sobre as relações complexas de um local repleto de contradições históricas.

A discussão sobre os elementos da educação e da pedagogia do MST e a introdução de informações relevantes para compreender a investigação de campo realizada são abordadas no subitem “Apontamentos sobre educação e pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra”. Por ser um assunto vasto, foi escolhido um recorte teórico sobre os principais marcos educacionais ocorridos no Movimento desde sua fundação até os dias atuais.

O último item sobre a dimensão teórica da pesquisa trata sobre “A Escola do Campo e a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta ‘Egídio Brunetto’” e contextualiza um pouco mais o território de análise, não só no campo físico e político, mas também relacional.

Na sequência dispõe sobre os fundamentos metodológicos, que tem por síntese a abordagem da pesquisa qualitativa a partir de um estudo de caso. Descreve, neste item, as etapas de pesquisa, os sujeitos entrevistados e discute sobre o processo de devolutiva realizado, que buscou retornar na comunidade para trazer os principais resultados alcançados e dialogar sobre eles, na busca de uma pesquisa na qual os envolvidos são sujeitos de participação ativa.

Após o levantamento bibliográfico e a descrição metodológica, são apresentados os “Resultados e Discussão”. Traz a investigação de campo realizada, buscando organizar as informações da literatura, das entrevistas, das observações participantes, em um modelo que represente o pensamento não linear, e que considere a multiplicidade de saberes conectados diretamente com as experiências concretas. Assim, foi necessário caracterizar a agroecologia que está emergindo no território, apresentar os espaços de ensino-aprendizagem<sup>2</sup>, os temas geradores locais, as dimensões metodológicas para a construção de saberes agroecológicos e o papel de uma Escola Popular de Agroecologia.

Desta forma, em “Soberania Alimentar”, foi possível trazer para discussão a compreensão dos movimentos sociais do campo sobre o tema e desenvolver questões caras aos camponeses e camponesas, como as estratégias de combate à fome, o sustento das famílias através da alimentação culturalmente adaptada, que promova a saúde. Alinhado a este conceito, o subitem “Engajamento e Militância” trata das qualidades fundamentais para a construção de saberes agroecológicos. Neste contexto, foi possível identificar como as ações de resistência e de oposição ao sistema capitalista de produção alimentar corroboram para a emergência de um outro projeto de campo e, claro, de sociedade.

Já em “Aspectos Subjetivos”, aborda-se a utopia, sonho e legado como parte da construção de uma capacidade cognitiva necessária para a transição em direção a sociedades mais humanas e sustentáveis, que se aproxime do “Bem Viver”. Na discussão foi possível tecer considerações sobre a formação da racionalidade estritamente econômica e instrumental da agronomia moderna que não compreende os conceitos subjetivos alcançados pelos sujeitos entrevistados.

Foi possível também identificar elementos para a construção de saberes e conhecimentos práticos, caracterizados como temas geradores, dimensões metodológicas e espaços de ensino-aprendizagem. A intenção não foi descobrir o “caminho das pedras” para

---

<sup>2</sup> Compreende-se e utiliza-se o conceito de ensino-aprendizagem como contraponto à uma visão de educação “bancária” que serve à dominação, como orienta Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.39).

práticas agroecológicas, mas sim, trazer para a discussão alguns dos processos que estão sendo experimentados e percebidos como relevantes no contexto da pesquisa.

Nas “Considerações finais”, último item, buscou-se trazer as principais questões discutidas pela pesquisa e, ainda, desenvolver algumas reflexões mais específicas sobre a universidade, a luta pela terra e a concepção de uma Escola Popular de Agroecologia.

Que este trabalho seja mais um fio na tessitura de uma ciência contra-hegemônica apontando para caminhos de superação das explorações e opressões diversas, especialmente nas relações que envolvam camponeses e camponesas e pesquisadores e pesquisadoras<sup>3</sup>.

### **1.1. Objetivos**

O principal objetivo deste trabalho é contribuir para a compreensão da construção do conhecimento agroecológico para o estabelecimento de comunidades de bases sustentáveis, no atual contexto de crise socioambiental, e tem como objetivos específicos:

- Investigar o contexto histórico, econômico, social e ambiental da região da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”;
- Analisar os referenciais teóricos necessários para a construção do saber agroecológico que se relacionem com a dinâmica de funcionamento e organização de um movimento social de luta pela terra;
- Analisar como são construídos os saberes e conhecimentos práticos de agroecologia, no processo de construção de assentamentos de bases sustentáveis, tendo como enfoque um estudo de caso no Extremo Sul da Bahia

### **1.2. Caminhos percorridos**

De forma complementar, nesta apresentação, é necessário trazer à tona de onde partem os esforços e os olhares para esta pesquisa, que tem origem em motivações e contextos de trajetória pessoal. Apresentá-los oferece meios para compreender sobre as intencionalidades e

---

<sup>3</sup> Procurou-se o cuidado no tratamento sobre as questões de gênero para a redação deste trabalho de acordo com as orientações do “Manual para uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende”, Governo do Estado do Rio Grande do Sul/Secretaria de Política para as Mulheres, 112 p., 2014. Disponível em: <[http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791\\_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf)>

afetos<sup>4</sup> que possibilitaram “chegar até aqui”. Portanto, permito-me a liberdade de escrever em primeira pessoa, ao menos este subitem do trabalho, desejando imprimir o tom de pessoalidade que aqui proponho.

Talvez, este caminho tenha iniciado como muitos outros, que é quando as perguntas nascem dentro da gente. Por que existem pessoas sujeitas à escassez e à miséria? Como podemos conceber a privação de recursos básicos entre os seres humanos? Lembro de preocupar-me com isto desde muito pequena. Estas perguntas vêm acompanhadas de uma outra mais inquietante ainda: por que as pessoas não enxergam a pobreza? Passamos, de modo geral, por situações de extrema indignação sobre a condição humana com uma normalidade assustadora. Sigo insatisfeita com o mundo de injustiças que está aí, que revela não somente a má distribuição de bens, mas sobretudo a “pobreza de espírito” sobre a qual construímos muitas das bases da nossa sociedade.

Ter nascido de uma mãe retirante nordestina e de pai de família portuguesa trouxe, em minha constituição, as percepções sobre a formação territorial brasileira, sua mestiçagem, seus contrastes e desigualdades. Desta forma, pertence a mim, de forma orgânica e racionalizada, questões sobre reforma agrária, rumos do desenvolvimento, questões políticas, educacionais e, de forma preciosa, os modos alimentares, que podem ser explicados como a expressão máxima de um território e da dinâmica da vida que dali se revela.

Portanto, a escolha da graduação em engenharia agrônoma perpassou, entre outras questões, a necessidade de me propor a enfrentar a questão básica da fome. Achei que era sobre isso que se tratava o curso (realmente!). Porém, não foi o que pude encontrar numa academia entregue aos interesses e a serviço do capital onde o alimento é lucro, commodities e aumento do PIB. A sorte é que entre os caminhos sedimentados sempre existem trilhas, vielas, veredas, e foi por estes percursos não convencionais que fiz importantes e decisivos trajetos e encontros.

A participação na Organização Não Governamental Terra Mater, que tem como objetivo o enfoque agroecológico, e a gestação de um filho nos primeiros anos de graduação, trouxeram a certeza de que contribuir para a construção de um mundo sem fome ainda fazia sentido, e assim percebo que me “formei desenformando”. Ou seja, as contradições logo apareceram na relação entre as disciplinas acadêmicas (nas quais se aprende, por exemplo, adubar com fertilizantes químicos numa ordem de toneladas por hectare), e as práticas sociais

---

<sup>4</sup> Aqui uso o termo “afeto” segundo Spinoza (2009, p. 99), “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”

vivenciadas no cotidiano, num contexto de vivência com agricultores familiares de Piracicaba e preocupações sobre o consumo de alimentos que os filhos geralmente nos trazem.

Passei profissionalmente por órgãos do governo estadual, municipal, empresas e ONG, sempre envolvida com a temática socioambiental e agroecológica e, só depois de 10 anos volto para a universidade, ainda mais atenta às questões sobre a dimensão social das ciências agrárias, e uma pesquisa junto ao MST fez muito sentido. Assim, especialmente em conversas com os professores Marcos Sorrentino, Sônia Kruppa, João Dagoberto e Luciana Jacob, foi possível amadurecer esta pesquisa, que virou projeto e se materializa nesta dissertação de mestrado. Esse grupo foi fundamental pelo acolhimento, força e aceite para embarcarmos comigo neste árduo e transformador mundo das ideias.

Não poderia deixar de mencionar o professor Paulo Kageyama, que possibilitou uma atividade profissional dentro da universidade, o que foi definitivo para que este mestrado pudesse acontecer, especialmente pela minha condição de mãe solteira, agravado por um contexto de país onde a pesquisa acadêmica não possui rendimentos suficientes para manter uma família. O falecimento do professor Kageyama se deu na fase final deste trabalho, e serei sempre grata por nossas longas conversas, pelo seu exemplo de compromisso, dignidade e firmeza que não somente eu, mas muitos, levarão seus impulsos para construção de um mundo mais justo e agrobiodiverso.

Este estudo nasce, portanto, tecido por diversas dimensões, entre as quais está o meu envolvimento enquanto secretária executiva do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental (NACE PTECA/ESALQ<sup>5</sup>), que aglutina uma série de projetos de extensão universitária, incluindo o “Assentamentos Agroecológicos”, no qual o minha participação se dá por diferentes maneiras, como, por exemplo, na composição de oficinas de avaliação do projeto, análise de relatórios e contribuição para seu andamento financeiro e burocrático.

E ainda na participação ativa no Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca, em especial no grupo de pesquisa e extensão “Alfabetização Agroecológica Ambientalista”. Pois, a oportunidade de reflexão junto a esta equipe apoiou a consolidação desta pesquisa, não só pelo seu aporte teórico metodológico, mas essencialmente pelas trocas realizadas com demais pesquisadoras e pesquisadores.

Como é de se esperar, minhas perguntas não puderam ser totalmente respondidas ao final deste trabalho, elas seguem ao meu lado ainda mais proeminente, principalmente diante

---

<sup>5</sup> <http://www.nacepteca.esalq.usp.br>

da conjuntura política que foi estabelecida neste momento no país (Fora Temer!). Percebo ainda, que é necessário tirar os véus impostos sobre a importância das lutas dos movimentos sociais do campo e da agroecologia contra-hegemônica, e que, por meio das parcerias entre movimentos sociais e universidades, podem haver muitas das respostas sobre as quais uma sociedade mais sustentável, humana e viável precisa se debruçar.

Por fim (de um começo de leitura), cabe acrescentar que esta é um trabalho inacabado diante das tantas possibilidades de abordagens e limites do tempo de pesquisa. Desejo uma boa leitura e quem sabe uma roda de prosa sobre este assunto que tanto me animou.



## 2. INTRODUÇÃO

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas (Paulo Freire, 1997)

A presente pesquisa se insere no contexto do Projeto “Assentamentos Agroecológicos” (PAA), especialmente nas áreas dos assentamentos, acampamentos e da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Extremo Sul da Bahia.

Esta pesquisa tem como questão norteadora a pergunta “como se dá construção do conhecimento agroecológico para o estabelecimento de comunidades de bases sustentáveis? ”, e ao longo do processo de pesquisa se desmembrou em um mosaico de outras questões:

**Questões de ordem epistemológica:** O que é conhecimento? Como saber se a construção do conhecimento no campo da agroecologia está acontecendo? Como distinguir a *monocultura do saber* da *diversidade dos saberes agroecológicos*?

**Questões sobre a atual conjuntura socioeconômica:** Como construir conhecimentos que favoreçam a transição do atual modelo hegemônico de agricultura, de base colonial e capitalista, fundamentado na exploração socioambiental?

Carlos Rodrigues Brandão (2003) sugere que uma boa sabedoria não está tanto em fazer boas perguntas. Ela está, também no fazer com que as perguntas se encontrem e se fertilizem umas às outras. Ou seja, como as perguntas se transformam em questões a respeito da relação entre as *coisas*?

Para fertilizar essas inquietações o trabalho buscou os campos das Ciências Agrárias, Sociologia e Educação para tratar de uma experiência de construção de conhecimentos que busca o diálogo entre movimentos sociais e universidade para o avanço da ciência comprometida com a superação da atual crise civilizatória, especialmente no que se refere à exploração dos agroecossistemas e à injustiça social.

De forma introdutória será apresentado na sequência o contexto do PAA e sua parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para o estabelecimento de assentamentos na Bahia e, ainda, algumas reflexões sobre o sistema agrícola moderno como resultado de uma construção de saberes que se mostrou insuficiente para comportar as questões sociais e ecológicas.

## 2.1. Projeto Assentamentos Agroecológicos

Entre os diversos momentos históricos de luta pela reforma agrária na região do Extremo Sul da Bahia, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) organizou uma série de ocupações em fazendas de empreendimentos do setor de produção de papel e celulose (Fibria, Veracel e Suzano). Em 2011, após a ocupação pelo MST de fazendas da Fibria, foi solicitada pela empresa a intermediação do Prof. Paulo Kageyama (ESALQ) - o que evitou o pedido judicial de reintegração de posse. Iniciou-se, com isso, uma nova etapa na relação entre estes distintos atores sociais. Neste contexto, definiu-se a criação do Projeto “Assentamentos Sustentáveis” e do Centro de Formação que hoje se configura como o Projeto “Assentamentos Agroecológicos” (PAA) a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”. Esta Escola Popular concentra esforços para a realização de processos de formação em agroecologia, por meio da capacitação de educadores para fomentar processos de planejamento nos acampamentos e assentamentos numa perspectiva agroecológica à longo prazo (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2013; BERTHET, 2012).

O PAA nasce no ano de 2011, em um cenário de conflitos entre movimentos sociais do campo e empresas do ramo de papel e celulose, com orientação do professor Paulo Kageyama. O projeto é financiado por essas empresas florestais através de repasse de recursos à universidade, por meio de um instituto de pesquisa, o que pode parecer, a princípio, contraditório, porém para um olhar mais aprofundado pode-se encontrar nele elementos de relevante contribuição para o desenlace de questões históricas no território altamente complexas. Tem como público principal 1300 famílias dos sete assentamentos e pré assentamentos em uma área de 11 mil ha, que nasceram dessas ocupações (BERTHET, 2012; REZENDE, 2012), com o objetivo de:

Contribuir para a sustentabilidade socioambiental da região do Extremo Sul da Bahia, construindo, adaptando e aplicando participativamente tecnologias adequadas à realidade da agricultura familiar, com foco nos assentamentos rurais, por meio de processos educadores de produção e de gestão da paisagem rural, buscando o desenvolvimento e fortalecimento de sistemas de produção que conciliem produção abundante de alimento saudável e conservação da agrobiodiversidade (NACE PTECA, 2011, p. 21).

Atualmente, o Projeto encontra-se ativo, com duas frentes de trabalho, uma na região da Costa do Descobrimento e outra no Extremo Sul da Bahia, e sua equipe e recursos mobilizados apoiam uma série de eventos dentro da ESALQ (como a organização da “Jornada Universitária pela Reforma Agrária”, realizadas nos anos de 2014, 2015 e 2016, e o suporte

para a realização do curso “Especialização em Agroecologia e Transição Educadora para Sociedades Sustentáveis”).

## 2.2 A insustentabilidade dos sistemas agrícolas modernos e a monocultura do saber

O cultivo agrícola de interesse industrial, altamente produtivo, uniforme e melhorado geneticamente é parte do pacote tecnológico da agricultura considerada moderna, fruto da chamada Revolução Verde<sup>6</sup>. Essa tecnologia é, de forma paradoxal, grandiosamente reducionista, tanto na sua perspectiva de construção de conhecimentos quanto na sua forma de projetar e manejar agroecossistemas. Por consequência, “se estabelecem em espaços de conflito entre os empresários do agronegócio e os agricultores familiares ou trabalhadores rurais Sem Terra” (ZAONI & FERMENT, 2011, p.14).

A produção agrícola convencional favorece a perda por erosão de 2,42t de solo por segundo, a cada hora forma-se mais 1,34 ha de desertos (MACHADO & MACHADO FILHO, 2014, p. 21). No ano de 2000, para 6 bilhões de habitantes estimou-se uma área de produção alimentar de 0,20ha/habitante e em 2050 prevê-se uma redução considerável para 8,1 bilhões de apenas 0,16ha (p. 21). Das quase 300.000 plantas alimentícias descobertas produzimos cerca de 150 a 120 espécies, sendo que 80% dos alimentos produzidos no mundo são de 12 espécies de plantas e 5 espécies de animais (p. 34).

Ademais, segundo a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), um terço dos alimentos consumidos pelos brasileiros está contaminado por agrotóxicos (CARNEIRO, 2015, p. 396). Sem contar o agravo sobre o cenário da concentração de recursos, a renda mundial detida pelos 20% mais ricos passou de 82,7% para 91,5% e a fração dos 20% mais pobres caiu de 1,4 para 0,07% em 2009 (MACHADO & MACHADO FILHO, 2014, p. 104).

Este rápido panorama aponta para necessidade de reformas urgentes na agricultura, ou seja, de criar formas sustentáveis e justas socialmente de compartilhar a Casa Comum<sup>7</sup>.

Em sua obra *Monoculturas da Mente*, Shiva (2003) reflete sobre o pensamento unilateral que se instalou no mundo, e discorre sobre as consequências desse tipo de monocultura para o planeta. Traz para evidência a “fórmula” advinda da Revolução Verde

---

<sup>6</sup> Segundo Altirei (1998, p.7) a Revolução Verde é um ideário produtivo proposto e implementado em diversos países após o término da Segunda Guerra Mundial, “cuja meta era o aumento da produção e da produtividade das atividades agrícolas, fazendo o uso intenso de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização”. Segundo o mesmo autor, a pesquisa agrícola e a extensão rural foram os principais instrumentos para a concretização dessas políticas.

<sup>7</sup> Termo utilizado pelo Papa Francisco em sua Carta Encíclica LAUDATO SI’ DO SANTO PADRE FRANCISCO em 25/05/2015, “Sobre o cuidado da Casa Comum”, para tratar da poluição e mudanças climáticas, questão da água, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida humana e degradação social, desigualdade planetária entre outros assuntos de ordem ecológica, política, espiritual, social e econômica.

para introduzir as monoculturas e acabar com a diversidade. Este modelo agrícola onde domina uma única espécie de interesse industrial em grandes extensões de terra é associado ao controle centralizado da agricultura. “Esta uniformidade e centralização levam à vulnerabilidade e ao colapso social e ecológico” (SHIVA, 2003, p. 16).

Segundo a autora, a monocultura começa na mente para depois chegar aos sistemas agrícolas, “na agricultura a mentalidade reducionista criou a safra de monoculturas” (p. 56). Para que isso aconteça, “é preciso que exista um sistema que se determine superior, sobretudo em termos de conhecimento e cultura, e crie mecanismos para legitimar suas formas de pensar e de estar no mundo” (SIVA, 2003, p.56).

Shiva (2003) afirma que a cultura e o conhecimento científico ocidental tornaram-se hegemônicos e passaram a ser encarados como únicas formas possíveis de se conceber a realidade e atuar no mundo.

O desaparecimento do saber local por meio da sua interação com o saber ocidental acontece em muitos planos, por meio de muitos processos. Primeiro fazem o saber local desaparecer simplesmente não o vendo e negando sua existência. Isto é muito fácil para o olhar distante do sistema dominante da globalização (p. 21).

O atual modelo de desenvolvimento tem como base estruturante a exploração ambiental e social, apresenta diversas evidências de fracasso, Boff (2003) denomina como modelo “ecocida”. Torna-se necessário superar os modelos agrícolas modernos assentados na monocultura da mente com vistas à sustentabilidade da vida no planeta, em todos os seus aspectos e à longo prazo. .

### 3. DIMENSÃO TEÓRICA DA PESQUISA

#### 3.1 Agroecologia, movimentos sociais e “Bem Viver”

Somos o solo, somos o ar, somos a semente, somos a água. E a comida que cultivamos na terra se converte em nosso corpo, nosso sangue, nossas células. A comida é a força da vida, é a rede da vida, e é a continuidade da vida, da Terra e de nós mesmos. É por isso que o território e o corpo correspondem quando produzimos comida da maneira correta e comemos a comida adequada. Mas, quando não correspondemos e deixamos de pensar conscientemente na comida, nos tornamos parte deste sistema de guerra. Ainda que sejamos um pequeno elo da cadeia, estamos ajudando a fazer com que ele permaneça. É necessário ser consciente disto. Caso se controle o mercado de armas, se controla as guerras. Caso você controle a comida, controla a sociedade. E se você controla as sementes, controla a vida na Terra. (Vandana Shiva, 2016)

A física indiana e ativista socioambiental Vandana Shiva, nesta epígrafe, convida à tomada de consciência sobre o sistema alimentar hegemônico de produção capitalista, com reflexos aparentes no corpo planetário e humano. A agroecologia desponta no cenário de contestação do modo de operação da agricultura industrial e se reflete nas formas de luta de muitos movimentos sociais. Ademais, a filosofia do Bem Viver traz reflexões sobre o sistema nesta mesma direção e anuncia novas-velhas epistemes, ao fazer o resgate das cosmologias dos povos latino-americanos. Articular estas três dimensões (agroecologia, movimentos sociais e Bem Viver) pode apoiar na construção de caminhos de transição paradigmática para a continuidade da dinâmica da vida humana, e conseqüentemente de outras formas de manifestação da vida, de forma mais adequada.

Neste item do trabalho, inicialmente será desenvolvida uma abordagem sobre o conceito de agroecologia que busca aproximar-se dos anseios dos movimentos de luta pela terra. Na sequência, será apresentada a contextualização sobre a existência dos movimentos sociais no campo na contemporaneidade, e por fim, apontamentos sobre a filosofia do Bem Viver que visam aprofundar a discussão apresentada.

#### **De qual agroecologia está se falando?**

A agroecologia é um conceito emergente que ao longo dos últimos anos tem movido algumas frentes de ações nas diferentes esferas do governo, nos movimentos sociais rurais e urbanos e nas universidades e, portanto, é necessário clarear a abordagem escolhida.

A agroecologia, enquanto conceito, nasce dentro da academia. Jacob (2016) faz um resgate histórico sobre o uso do termo e encontrou que o mesmo é utilizado desde os anos 20 “pelos primeiros diálogos entre ecologia, a agronomia, a zoologia, a botânica e fisiologia das

plantas” (p. 39). Um marco relevante se deu quando o pesquisador Albert Howard, em 1939 publicou *Um testamento agrícola* (HOWARD, 2012) que trata essencialmente de seu aprendizado junto às culturas camponesas hindus e chinesas por 25 anos e seu posicionamento sobre o avanço das pesquisas agrícolas no início do século XX. Contemporâneo de Liebig, considerado “pai da Revolução Verde”, em sua obra, Howard faz uma série de críticas sobre suas pesquisas que, basicamente, negligenciam os fatores bióticos da fertilidade do solo e os saberes acumulados pelos agricultores tradicionais:

Ele também falhou ao desconhecer a experiência prática que os cientistas agrícolas devem possuir, assim como a experiência acumulada durante séculos e séculos pelos camponeses. Ele estava somente qualificado para ocupar-se do lado científico da sua tarefa, não era um agricultor, como um pesquisador dos métodos antigos agrícolas, era apenas metade de um homem (HOWARD, 2012, p. 270).

Aparentemente, coube a ele anunciar os avanços da pesquisa agrícola voltada aos interesses da agricultura industrial na qual “tem feito dos fazendeiros não produtores de alimentos de maior qualidade, mas sim hábeis saqueadores dos recursos naturais” (p. 290).

Nesta mesma direção, um outro marco na literatura foi realizado nos anos de 1960, pela autora americana Rachel Carson, com a publicação do livro *Primavera Silenciosa*, em que alerta sobre os perigos da pulverização de agrotóxicos e seu impacto nos sistemas biodiversos.

Esses borrifos, estes pós, estes aerossóis são agora aplicados quase universalmente em fazendas, em jardins, em florestas, em residências; são substâncias química não seletivas que tem o poder para matar todas espécie de insetos – tanto ‘bons’ como os ‘maus’; tem poder para silenciar o canto dos pássaros e para deter o pulo dos peixes nas correntezas; para revestir as folhas das plantas com uma película mortal, e para perdurar, ficam embebidas no solo. Tudo isso, de uma só vez, ainda que o objeto desejado seja apenas a eliminação de umas poucas ervas, ou uns poucos insetos. Por que alguém vai acreditar que seja possível instituir semelhante barragem de venenos, sobre a superfície da Terra, sem a tornar inadequada para a vida toda? Tais substâncias não deveriam ser denominadas ‘inseticidas’, e sim ‘biocidas’ (CARSON, 1962, p. 17)

Esta obra teve grande impacto, não somente em sua época, mas também nos anos posteriores, até mesmo trechos foram publicados na revista *New Yorker*, de grande circulação, causando manifestações constante das indústrias químicas, que buscaram desacreditar as evidências apontadas (BONZI, 2013). Segundo Bonzi (2013), além de recorde de vendas, a autora pôde impulsionar os movimentos ambientalistas que estavam ascendendo neste mesmo período.

Na sequência, *Plantas doentes pelo uso de agrotóxico* (CHABOUSSOU, 2006) e *Manejo ecológico do solo* (PRIMAVESI, 2002) ambos publicados nos anos de 1970, foram de suma importância para possibilitar tanto a crítica aos avanços do modelo de agricultura

hegemônica quanto para anunciar as bases de um novo paradigma. Há indícios de que, a princípio, no Brasil, foram as organizações não governamentais que se apropriaram do termo agroecologia nos anos 90, especialmente com o lançamento do livro “*Agroecologia: bases científicas da agricultura alternativa*” de Miguel Altieri em 1989 (CALDART et al, 2012, p. 59).

A epistemologia da agroecologia é composta, em sua gênese, pela ideia de aplicação dos conhecimentos ecológicos na agricultura. A ampliação e expansão do conceito na segunda metade do século passado foram devidas, em grande parte, à introdução da ideia de agroecossistema [...] e pelo aumento das preocupações ecológicas e ambientais na década de 1980 (JACOB, 2016, p. 39).

Contudo, é possível afirmar que o cerne das questões ambientais está conectado, em sua gênese, nas preocupações sobre os impactos antrópicos da agricultura, especialmente no avanço das práticas agrícolas industriais de grande escala. Desta forma, a sociedade busca encontrar alternativas para responder este anseio através da emergência da agroecologia, na contramão da chamada “agricultura moderna”. Uma das suas principais formas de ação foi dar acolhimento e visibilidade para os cultivos agrícolas tradicionais e alternativos.

Por ser um termo relativamente recente na história é um conceito em construção, havendo contribuições de vários autores brasileiros, norte americanos, mexicanos, espanhóis, entre outros, que apoiam sua fundamentação (PRIMAVESI, 2002; FLORIANI & FLORIANI, 2010; CAPORAL, 2005; COSTABEBER, 2000; TOLEDO, 2015; PASCHOAL, 1994, ALTIERI, 2004; SEVILLA-GUZMÁN, 2001). Contudo, o conceito de agroecologia pode ser identificado de diferentes formas, dependendo de seu interlocutor ou grupo social. Segundo Norder et al (2016), a noção de agroecologia passou a ser empregada por um número crescente de instituições e em diversos países, o que pode ter gerado imprecisão no uso do termo:

Isso levou a uma expressiva polissemia e em alguns casos encontram-se críticas à sua imprecisão e às confusões geradas em determinados espaços de debate acadêmico e político. Essa característica, que persiste há mais de uma década, vem se acentuando, dada a multiplicidade de atores e instituições que incorporaram esta noção em suas diretrizes e linhas de ação (p. 1)

Jacob (2016) ao analisar como a agroecologia está presente nos cursos superiores de agronomia traz duas formas de compreensão do termo que apoiam no aprofundamento deste debate. A autora analisa o conceito a partir da abordagem indicada por Guzmán Casado, Gonzáles Molina e Sevilla Guzmán, diferenciando-o pelo ponto de vista *restrito* ou *ampliado*. Ou seja, a perspectiva restrita se identifica como técnica e se refere a “um saber essencialmente acadêmico, desconectado dos compromissos socioambientais” (p.108). Na

perspectiva ampliada “as variáveis sociais têm papel relevante, posto que as relações estabelecidas entre os seres humanos e as instituições que as regulam constituem peças chaves nos sistemas agrários” (p. 108).

Altieri (2004, p. 21) complementa esta discussão apontando que:

Os enfoques que percebem o problema da sustentabilidade somente como um desafio tecnológico da produção não conseguem chegar às razões fundamentais da não-sustentabilidade dos sistemas agrícolas. Novos agroecossistemas sustentáveis não podem ser implementados sem uma mudança nos determinantes socioeconômicos que governam o que é produzido, como é produzido e para quem é produzido.

Portanto, é necessário esclarecer que se busca partir e fomentar a visão ampliada do conceito de agroecologia, situando-o como parte de construção de um paradigma teórico e político. Desta forma, o referencial teórico escolhido, buscou sintonia com os anseios dos movimentos sociais e parte dos setores e pensadores críticos ao atual modelo capitalista e colonial de desenvolvimento. Nesta direção, a agroecologia se apresenta enquanto proposta contra-hegemônica, que busca romper com a lógica da agricultura industrial e se propõe a compreender os sistemas agrícolas em diferentes dimensões. Esta agroecologia tem gente, cheiro, cor, nome, gosto, verbos, significados e linguagens próprias. Esta compreensão dialoga com diversos autores da literatura, como Jacob (2016):

A agroecologia, em meu ponto de vista, é uma racionalidade que impulsiona um sistema agroalimentar contra-hegemônico. Portanto, para contrapor-se radicalmente ao paradigma da agricultura industrial capitalista, não pode ser pensada a partir da mesma razão sobre a qual este foi fundado. Terá, tampouco, condições de promover transformações sociais profundas se for construída à revelia dos contextos e dos grupos historicamente silenciados e que mais sofrem as consequências nefastas da crise da modernidade (JACOB, 2016, p. 41).

Partindo do pressuposto do seu ponto de vista ampliado, há uma discussão posta por alguns autores que busca clarear os diferentes matizes, ou as dimensões, que poderiam compor o conceito. Caporal e Costabeber (2002), como exemplo, esclarecem que o enfoque agroecológico traz consigo as ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliam a considerar, de forma holística e sistêmica, seis dimensões da sustentabilidade, sendo elas: Ecológica, Econômica, Social, Cultural, Política e Ética.

Pela abordagem de Altieri (2004), “(a agroecologia) utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais” (p. 21). Já Machado e Machado Filho (2014) descrevem doze dimensões da agroecologia: Política, Social, Ambiental, Econômica, Energética, Cultural, Técnica, Alimentar e de Soberania Alimentar, Ética, Administrativa e Escala (p. 189).

Em que pese a discussão sobre quais são as reais e definitivas dimensões conceituais da agroecologia, pode-se compreender que para esses autores é relevante sua natureza social, como descreve Sevilla-Guzmán (2001) “a agroecologia apoia-se na ação social coletiva de determinados setores da sociedade civil” (p. 5).

Iluminar a questão social é relevante para a compreensão da agroecologia e apoia os diálogos sobre o papel dos movimentos sociais que buscam a via agroecológica de atuação. Desta forma, a agroecologia se manifesta enquanto bandeira e identidade de alguns movimentos rurais e urbanos, e estes, dão vida ao termo, construindo-o simultaneamente.

Toledo afirma que a agroecologia se manifesta enquanto ciência-movimento-prática e, portanto, pede novas formas de construção de conhecimentos (TOLEDO, 2015, p. 45). Esta forma de compreender o conceito pede uma *revolução epistemológica*, na qual:

(...) está inserida no processo mais amplo de descolonização da mente, em que pensadores mais críticos da região questionam paradigmas como progresso, desenvolvimento e competitividade. Esses paradigmas são justamente aqueles que fundamentam o sistema agroindustrial de produção de alimentos (p. 45).

Caldart até mesmo considera que está em gestação uma concepção de agroecologia mais ampliada a partir das práticas dos movimentos sociais populares do campo, que não a entendem como “a” saída tecnológica para as crises estruturais e conjunturais do modelo econômico e agrícola. Mas que percebem a agroecologia como “parte de sua estratégia de luta, e de enfrentamento ao agronegócio e ao sistema capitalista de exploração dos trabalhadores e da depredação da natureza” (CALDART, 2012, p. 63).

Nesta concepção a agroecologia inclui: o cuidado e defesa da vida, produção de alimentos, consciência política e organizacional. Compreende-se que ela seja inseparável da luta pela soberania alimentar e energética, pela defesa da recuperação dos territórios, pelas reformas agrárias e urbanas, e pela cooperação e aliança entre os povos do campo e da cidade (CALDART, 2012, p. 64).

### **Por que existe a luta pela terra?**

Sampaio (2013), visando aprofundar sobre a questão social no campo, afirma que 30 milhões de pessoas habitam a zona rural no Brasil, sendo que aproximadamente 55%, ou seja, quase 17 milhões, encontram-se em situação de pobreza. O autor afirma que surgimento de uma diversidade de movimentos de trabalhadores rurais pobres “é produto da contradição exposta pelo atual modelo de desenvolvimento rural” (p. 189). Os movimentos sociais do campo existem por não haver consolidado na sociedade o direito e a permanência na terra, “é o cotidiano da luta diária de muitas pessoas pela democratização do campo no Brasil” (CARLI, 2013, p. 89).

O Brasil possui os maiores latifúndios que a humanidade já registrou, ou seja, não há limite para o tamanho de suas propriedades. É uma excrescência, do ponto de vista internacional, um país ter propriedades privadas que são maiores do que unidades federativas que possui, sem falar que algumas são ainda maiores do que muitos países existentes no mundo. Então, é evidente que existe uma questão fundiária e ela não está resolvida (OLIVEIRA, 2011)

A reforma agrária “continua a ser uma necessidade estrutural da sociedade brasileira e um instrumento para corrigir a desigual distribuição da terra e sua retenção improdutivo” (OLIVEIRA, 2011, p.1). As premissas da função social da terra, como está previsto no artigo 184 da Constituição Federal do país, segue sendo descumprida: “compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social”.

Um dos maiores movimentos de luta pela reforma agrária é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A agroecologia se tornou presente no MST especialmente durante a realização do IV Congresso Nacional, em agosto de 2000, na cidade de Brasília (BORGES, 2009, p. 55). Nesse evento foram construídas as novas bases de luta política e das práticas produtivas, voltadas essencialmente para a agroecologia, a qual passou a ser o principal enfoque do projeto de transformação social almejado pelo Movimento. Os novos princípios, valores e práticas do desenvolvimento sustentável foram direcionados para os assentamentos rurais, iniciando as estratégias de transição agroecológica (BORGES, 2009, p. 55).

No MST é possível observar a emergência da agroecologia alinhada com a bandeira política filosófica da Reforma Agrária Popular<sup>8</sup> como parte dos anseios, de uma parte da classe trabalhadora, em construir uma nova sociedade: igualitária, solidária, humanista e ecologicamente sustentável (GASPARIN, 2013). Esta convergência se traduz em elementos contundentes que podem ultrapassar os limites dos assentamentos e acampamentos para fomentar o estabelecimento das mais diversas formas de comunidades de bases sustentáveis.

---

<sup>8</sup> O lema do MST definido para o seu VI Congresso, realizado em fevereiro de 2014, afirma a seguinte palavra de ordem: “Lutar, construir Reforma Agrária Popular!”. A Reforma Agrária Popular surge enquanto crítica à Reforma Agrária Clássica que, no ponto de vista do Movimento, historicamente não vem atendendo a melhoria de vida dos camponeses e camponesas e tem por objetivos: a) Eliminar a pobreza no meio rural; b) Combater a desigualdade social e a degradação da natureza que tem suas raízes na estrutura de propriedade e de produção no campo; c) Garantir trabalho para todas pessoas, combinando com distribuição de renda.; d) Garantir a soberania alimentar de toda população brasileira, produzindo alimentos de qualidade, desenvolvendo os mercados locais; e) Garantir condições de participação igualitária das mulheres que vivem no campo, em todas as atividades, em especial no acesso a terra, na produção, e na gestão de todas as atividades, buscando superar a opressão histórica imposto às mulheres, especialmente no meio rural; f) Preservar a biodiversidade vegetal, animal e cultural que existem em todas as regiões do Brasil, que formam nossos biomas; g) Garantir condições de melhoria de vida para todas as pessoas e acesso a todas oportunidades de trabalho, renda, educação e lazer, estimulando a permanência no meio rural, em especial a juventude. (GASPARIN, 2013)

Boff (2016) orienta que os movimentos de esquerda de luta pela terra são, em sua essência, uma crítica à racionalidade capitalista, que tem como base o acúmulo e a exploração socioambiental. O avanço do capitalismo hoje representa “uma séria ameaça ao equilíbrio e sustentação da vida no planeta” (p. 1). Representado pelos setores do agronegócio, bancada ruralista e grandes latifundiários, o capitalismo se expressa no meio rural enquanto símbolo de opressão de “uns pelos outros” (FLORESTAN, 1973).

### **Do que trata a filosofia do Bem Viver diante das lutas de resistência no campo e do enfoque agroecológico proposto?**

O Bem Viver está situado filosoficamente na direção do cuidado e proteção das diferentes formas de vida, o conceito complementa os aportes teóricos da agroecologia e das lutas de resistência no campo pela busca superação do atual modelo hegemônico de produção capitalista. Bem Viver, ou ainda Sumak Kawsay (quíchua), Suma Qamaña (aimará) e Teko Porã (guarani), é um termo que vem sendo difundido pelos povos considerados originários da América Latina, e é provavelmente, a formulação mais antiga na resistência indígena na América contra a “colonialidade” do poder (OBREGÓN, 2010, p. 1).

Segundo Obregón (2010, p. 12) estamos imersos em um processo de completa “reconfiguração da colonialidade global de poder”, ou seja, é cada vez mais necessário discutir e confrontar o padrão de poder hegemônico atual no planeta. Esta colonialidade, portanto, é caracterizada basicamente por:

- a) Hiperfetichização do mercado, mais que da mercadoria;
  - b) Exploração da natureza;
  - c) Reconcentração do controle do trabalho, dos recursos de produção e da produção/distribuição;
  - d) Manipulação e controle dos recursos tecnológicos de comunicação e de transporte para a imposição global da tecnocratização/instrumentalização da “colonialidade”/modernidade;
  - e) Mercantização da subjetividade e da experiência de vida dos indivíduos, principalmente das mulheres;
  - f) Uso crescente das chamadas “indústrias culturais” (sobretudo da imagem, cinema, TV, vídeo, etc.) para a produção industrial de um imaginário de terror e de mistificação da experiência, de maneira a legitimar a “fundamentação” das ideologias e da violência repressiva.
- (OBREGÓN, 2010, p. 51-52)

Nesta caracterização, caberia acrescentar questões sobre os transgênicos e o patenteamento da vida. Não é possível tolerar que empresas se apropriem das sementes, que são patrimônios da humanidade e manipulem as bases genéticas, colocando em risco todo equilíbrio da biodiversidade (SHIVA, 2003). Adicionalmente, segundo Lacey (2007 apud NORDER et al, 2016, p. 1) a crítica às pesquisas com transgênicos e, conseqüentemente, sua

regulamentação e aplicação na produção agropecuária constituem, seguramente, um dos grandes consensos em agroecologia.

Em contraponto a este padrão, Obregón (2010, p. 12) identifica os elementos que compõe o Bem Viver:

- a) Igualdade social de indivíduos heterogêneos e diversos, contra a desigual classificação e identificação racial/sexual/social da população mundial;
- b) Por conseguinte, as diferenças, nem as identidades, não seriam mais a fonte ou o argumento da desigualdade social dos indivíduos;
- c) Agrupações, pertences e/ou identidades seriam o produto das decisões livres e autônomas de indivíduos livres e autônomos;
- d) Reciprocidade entre grupos e/ou indivíduos socialmente iguais, na organização do trabalho e na distribuição dos produtos;
- e) Redistribuição igualitária dos recursos e produtos, tangíveis e intangíveis, do mundo, entre a população mundial;
- f) Tendência de associação comunal da população mundial, em escala local, regional, ou globalmente, como o modo de produção e gestão diretas da autoridade coletiva e, nesse sentido preciso, como o mais eficaz mecanismo de distribuição e redistribuição de direitos, obrigações, responsabilidades, recursos, produtos, entre os grupos e seus indivíduos, em cada âmbito da existência social, sexo, trabalho, subjetividade, autoridade coletiva e corresponsabilidade nas relações com os demais seres vivos e outras entidades do planeta ou do universo inteiro.

Em suma, o Bem Viver se apresenta essencialmente como contraponto ao “viver bem” ou “vida boa”, impulsionado pelos modos capitalistas de produção, na qual o acúmulo e o individualismo imperam. Boff (2016, p. 1), afirma que “nesta época de busca de novos caminhos para a humanidade a ideia do Bem Viver tem muito a nos ensinar”. Portanto, romper com essa visão, na qual somos bombardeados diariamente pelas propagandas e pelos modos culturais hegemônicos, é uma tarefa que está posta e que deve acontecer simultaneamente à construção de outros projetos (mais viáveis) de futuro.

O “Bem Viver” supõe uma visão holística e integradora do ser humano inserido na grande comunidade terrenal que inclui além do ser humano, o ar, a água, os solos, as montanhas, as árvores e os animais; é estar em profunda comunhão com a Pacha Mama (Terra), com as energias do universo e com Deus (BOFF, 2016, p.1).

O Bem Viver e a agroecologia são mais que conceitos, são propostas, e que, de forma conjugada, podem apoiar ainda mais fortemente o enfrentamento ao modelo de desenvolvimento que ignora a defesa da vida humana e das demais condições de vida no planeta. Contudo, atualmente, ambos não possuem terreno fértil para se manifestarem sem as

lutas de resistência, sendo assim, os movimentos sociais são elementos chaves de transformação social para a emergência de outras práticas e valores na sociedade.

### 3.2. Construção de saberes agroecológicos

A agronomia moderna com suas raízes epistemológicas nos pressupostos da simplificação, da estabilidade e da objetividade, supõe que a produção agrícola pode ser entendida sem considerar os camponeses as camponesas, suas formas de pensar, nem os sistemas sociais e o agroecossistema<sup>9</sup> que os rodeiam. Estas premissas caracterizam as práticas da agricultura convencional no paradigma tradicional da ciência moderna (NORGAARD; SIKOR, 1999; VASCONCELLOS, 2002 apud SCHLINDWEIN et al, 2007, p. 385).

Assim, como muito bem questionam Nicolas Floriani e Dimas Floriani (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010, p. 2), “continuaremos adotando modelos analíticos contaminados pelos parâmetros da racionalidade instrumental, visando resultados de custo-benefício dos investimentos privados?” Ou então, incluiremos elementos novos de análise - derivados do campo das disputas simbólicas sobre como entender a natureza, a sociedade e o interesse de outros agentes sociais – “e não apenas aqueles ligados aos interesses dos que detêm a propriedade privada dos meios de produção e do capital financeiro?” (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010, p. 2).

Concebida como saber ambiental (LEFF, 2001), a agroecologia emerge do cenário de crise da modernidade. Constrói-se no âmbito de uma “epistemologia ambiental que enseja estratégias cognitivas<sup>10</sup> alternativas, diferenciadas do conhecimento tecnocientífico” (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010, p. 2).

Os pressupostos epistêmicos da agroecologia, portanto, são diferentes da agronomia moderna e como um campo de estudo, implica reorientação cognitiva no modo de pensar o sócio agroecossistema. A agroecologia, por exemplo, não busca a maximização da produção de uma cultura agrícola particular, mas sim a otimização do equilíbrio do agroecossistema

---

<sup>9</sup> Os agroecossistemas, de acordo com Altieri (1998) é a forma de requerer que a agricultura seja vista como um ecossistema e que deve se levar em conta, não apenas a produção econômica, mas sobretudo, a sustentabilidade ecológica.

<sup>10</sup> As estratégias cognitivas, segundo Dembo (1988), se referem a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de aprendizagem.

como um todo, o que significa “a necessidade de maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais” (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p. 14).

O objetivo da agroecologia, segundo Miguel Altieri, é trabalhar com sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas (ALTIERI, 1987). Ainda, deve-se incluir “elementos novos de análise - derivados do campo das disputas simbólicas sobre como entender a natureza, a sociedade e o interesse de outros agentes sociais - e não apenas aqueles ligados aos interesses dos que detêm a propriedade privada dos meios de produção e do capital financeiro” (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010 p.4).

Porém, Schlinwein et al (2007, p. 385) fazem uma análise contundente ao afirmarem que esta informação de que a agroecologia é baseada em uma abordagem sistêmica é frequentemente encontrada, sem que haja, contudo, uma maior precisão e detalhamento do que se entende por isso. A compreensão do mundo como “totalidade” propõe o problema de integrar os diferentes níveis de materialidade que constituem o ambiente como sistema complexo, e assim propõe a articulação dos conhecimentos (LEFF, 2003, p.27 in FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010 p.4). Neste contexto, busca-se encontrar pistas que orientem a formação do pensamento complexo, de reorientação da capacidade cognitiva humana, que possam contribuir para a construção de saberes agroecológicos.

Richard Noorgard (1989, p. 46) afirma que a agroecologia “pode ser parte de uma grande virada do pensamento ocidental”. O autor parte da ideia de “coevolução” entre sistemas sociais e biológicos que, por desenvolverem-se mutuamente, possuem potencial agrícola que pode ser melhor compreendido estudando como as culturas tradicionais captaram esse potencial sinérgico. Nesta direção, a agroecologia requer uma abordagem que seja capaz de colocar em comunicação crescente e duradoura as ciências da sociedade e da natureza com os demais saberes culturalmente produzidos (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010, p. 5).

Compreendendo que os saberes culturalmente produzidos são diversos e contextualizados, é necessário incorporar a pluralidade na construção de conhecimentos agroecológicos. Enrique Leff (2002) se refere a este conhecimento como “saberes agroecológicos” e orienta que:

Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas. A Agroecologia, como reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autossustentabilidade e a segurança alimentar das comunidades rurais (LEFF, 2002, p 37)

Miguel Altieri complementa que na agroecologia a conservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas são princípios utilizados para produzir auto regulação e sustentabilidade, com destaque à importância das condições ecossistêmicas e socioculturais das áreas agrícolas:

As áreas agrícolas podem ser compreendidas como entidades espaciais resultantes de condições ecossistêmicas e socioculturais específicas. As diferenciações dessas áreas devem levar em conta a identificação dos sistemas de práticas produtivas que por sua vez resultam de variações locais no clima, solo, relações e estruturas sociais ao longo do tempo, e a similaridade entre esses sistemas podem configurar uma determinada região agrícola (ALTIERI,1989, p.49)

Esta compreensão articulada de uma série de conhecimentos pode ser melhor representada no paradigma da complexidade. Este paradigma apresenta-se como método para compreender as implicações e as interdependências das realidades socioambientais (PENA-VEGA; ALMEIDA,1999).

Para além da descrição das bases epistemológicas da agroecologia apresentado, cabe também situar o conceito sobre *construção de conhecimentos*. Segundo Contrim (2013, p. 20), este deve ser o resultado de um processo de acúmulo de saberes:

[a construção de conhecimento] reflete o aprendizado que a sociedade acumulou na relação com a natureza. Configura-se como um processo de coprodução entre o homem e o ecossistema. Abarca a totalidade das dinâmicas sociais passando da agricultura até os arranjos sociais.

O autor ainda argumenta que nas comunidades rurais existem um sistema de troca de informações que permite a configuração de novas práticas e manejos agrícolas, e a interferência nas dinâmicas dos arranjos sociais, como costumes e regras sociais (COTRIM, 2013).

Desta forma, podemos assumir que a diversidade dos sujeitos sociais constitui os fios que irão formar a trama do saber agroecológico de acordo com as condições

multidimensionais do sócio agroecossistema. Compreender, não isoladamente, mas de forma articulada, as implicações e as interdependências de cada território é o desafio que está posto para a transição paradigmática impulsionada pela agroecologia. Nesta direção entende-se que a Educação Popular, a Ecologia de Saberes e o Diálogo de Saberes são campos férteis para a construção de saberes agroecológicos, como serão apresentados na sequência.

### **3.2.1 Educação Popular**

Segundo Brandão (2006, p. 6) a Educação Popular (EP) não existe apenas fora da escola e “à margem de um sistema de educação”, mas compreende uma diversidade de possibilidades: 1) como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; 2) como a educação do ensino público; 3) como educação das classes populares; 4) como a educação da sociedade igualitária.

Nesta pesquisa, portanto, a educação popular é percebida como um movimento político junto às classes populares, por meio da educação. A educação popular, neste sentido, não se propõe originalmente como uma forma “mais avançada” de realizar a mesma coisa. Ela pretende ser uma “retotalização do projeto educativo, desde um ponto de vista popular e a serviço de seu trabalho simbólico e político de transformação da ordem social dominante” (BRANDÃO, 2006, p. 57)

O educador e militante Paulo Freire (1921-1997), segundo Maciel (2011), influenciou o campo teórico, metodológico e epistemológico da Educação Popular ao aglutinar a ela a questão política. Freire pautou-se na cultura popular como elemento fundamental para emancipação da classe trabalhadora, por entender as classes populares como “detentoras de um saber não valorizado e excluído do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade” (MACIEL, 2011. p. 327). A Educação Popular, na ótica de Freire, se faz popular pelo potencial de organização da classe trabalhadora, possui em sua essência a contestação do sistema político e da ordem econômica vigente. Sua teoria tem “forte compromisso com a formação de sujeitos críticos e despertos para a sua realidade, é incorporada por grupos de educadores e educadoras, militantes e também trabalhadores e trabalhadoras dos movimentos populares para embasar suas práticas educativas” (MACIEL, 2011, p.338).

Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta (FREIRE, 1997, p 109-110).

Pode-se constatar que o MST está imerso nos elementos da Educação Popular em suas práticas de ensino-aprendizagem quando Caldart (2003) apresenta em seu artigo “Movimento Sem Terra: Lições de Pedagogia” as três dimensões principais da Pedagogia do Movimento <sup>11</sup>(CALDART, 2003, p. 51):

1. Resgate da dignidade a milhares de famílias que voltam a ter raiz e projeto. Os pobres de tudo aos poucos vão se tornando cidadãos: sujeitos de direitos, sujeitos que trabalham, estudam, produzem e participam de suas comunidades, afirmando em seus desafios cotidianos uma nova agenda de discussões para o país;

2. A construção de uma identidade coletiva que vai além de cada pessoa, família, assentamento. A identidade de Sem Terra, assim com letras maiúsculas e sem hífen, como um nome próprio que identifica não mais sujeitos de uma condição de falta: não ter terra (sem-terra), mas sim sujeitos de uma escolha: a de lutar por mais justiça social e dignidade para todos, e que coloca cada Sem Terra, através de sua participação no MST, em um movimento bem maior do que ele; um movimento que tem a ver com o próprio reencontro da humanidade, consigo mesmo;

3. A construção de um projeto educativo das diferentes gerações da família Sem Terra que combina escolarização com preocupações mais amplas de formação humana e de capacitação de militantes.

Estas três dimensões apontam para a compreensão de Brandão (2006) e Freire (1997) pela qual as classes populares se tornam sujeitos de direitos mediados por suas comunidades e através de projeto educativo que trata da formação humana numa dimensão mais ampla e que pressiona as políticas públicas numa outra direção.

### **3.2.2 Ecologia de Saberes**

De forma complementar à educação popular, emerge um conceito muito mais recente na história pela contribuição de Santos (2010), a Ecologia de Saberes (ES). De acordo com o autor, “desde o século XVII o ocidente tem privilegiado epistemológica e socialmente

---

<sup>11</sup> Neste artigo a autora explica que desde 1987 o MST instituiu um setor específico de educação para tratar assuntos ligados aos direitos educacionais dos Sem Terra.

a forma de conhecimento designado como ciência moderna” (p. 153). Este privilégio ou preferência se deu a partir da ruptura com outras formas de conhecimento:

[...] este privilégio epistemológico é feito no mundo, mas não do mundo, e que deve ser recuperada as condições da diversidade epistemológica do mundo, e não o reforço a uma hierarquia epistemológica, base estruturante da atual economia capitalista global, geradora de marginalização, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos (SANTOS, 2010, p. 153).

Ou seja, a “luta contra este domínio é anti capitalista, anti colonialista e até mesmo anti sexista, é uma luta cultural” (SANTOS, 2010, p. 153).

Assim, a Ecologia de Saberes “é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica” (SANTOS, 2010, p. 154). Nesta direção, o autor compreende que não há epistemologias neutras e que esta reflexão deve incidir não nos conhecimentos abstratos, mas nas práticas de seus conhecimentos e impactos sociais.

Segundo Jacob (2016) a agroecologia se alinha a ES uma vez que:

[...] procura dar consistência ao saber propositivo. Trata-se de uma ecologia por que assenta no reconhecimento da pluralidade dos saberes heterógenos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles (SANTOS, 2010 apud JACOB 2016, p. 49)

Jacob (2016) traz também a importância da extensão universitária em aproximar-se dos conceitos da ES. A autora afirma que esta é uma forma de trazer perguntas concretas às pesquisas “numa práxis que fortaleça a atividade de docência” para que o paradigma da agricultura sustentável ganhe “importância e voz devida no espaço universitário” (p. 190).

A racionalidade não linear, que lida com a complexidade, entendidos aqui como algo fundamental para a construção do saber agroecológico, pode encontrar apoio nos fundamentos da EP e ES de modo a incrementar o repertório sobre os processos de ensino-aprendizagem de agroecologia. Bem como, abrem os caminhos para o entendimento e reflexão sobre as práticas de diálogos de saberes que já ocorrem no MST, como será apresentado na sequência.

### **3.2.3 Diálogo de Saberes**

A agroecologia ilumina a necessidade de “criação de um corpo integrado de conhecimentos sobre o comportamento de sistemas socioambientais complexos”, e isto

implica, portanto, na integração interdisciplinar e no Diálogo de Saberes (DS) (FLORIANI, FLORIANI, 2010, p3). Leff (2002) orienta que:

Os saberes colocados em jogo não se baseiam, exclusivamente, em conhecimentos técnicos e com fim econômico. Também se entrelaçam saberes muito mais difusos, de ordem ética e cultural, que muitas vezes determinam as práticas concretas e as formas de intervenção das sociedades camponesas e comunidades indígenas, na configuração de seus agroecossistemas produtivos (p. 42).

O autor ainda realiza uma ampla relação entre o complexidade e racionalidade ambiental que pode ser favorecida através da construção de DS, e que nesta prática “a agroecologia se nutre dos saberes culturais dos povos, de valores tradicionais que vinculam o momento da produção com as funções simbólicas” (p. 40). Martínéz-Torres e Rosset (2014) afirmam que a prática de DS tem um campo enorme nas ações da Via Campesina para apropriação e compartilhamento de conhecimentos e ainda para a leituras coletivas de realidades. A Via Campesina define DS como:

Uma construção coletiva de significado emergente, baseada no diálogo entre pessoas com experiências historicamente específicas, cosmovisões e formas de conhecimento, particularmente com novos desafios coletivos em um mundo em mudança. Tal diálogo baseia-se na troca entre as diferenças e na reflexão coletiva, muitas vezes levando a emergentes recontextualização e ressignificação de saberes e significados relacionados a histórias, tradições, territorialidades, experiências, processos e ações. Os novos entendimentos coletivos, significados e conhecimentos podem constituir a base para ações coletivas de resistência e construção de novos processos. (MARTÍNÉZ-TORRES & ROSSET, 2014, p. 4, tradução nossa)

O DS é uma prática pedagógica presente no MST e pretende orientar as relações entre técnicos e camponeses, ao organizarem a produção com bases agroecológicas (TONA; GUHUR, 2009). Tardin (2006), a partir de suas práticas nas escolas de agroecologia do Movimento, orienta que a busca de um sistema de compreensão e planejamento dos agroecossistemas familiares, ou coletivos, deve partir da história dos “indivíduos-sujeitos” envolvidos e do ambiente que questionam. E ainda, que deve buscar:

correlacioná-los e problematizá-los à luz da história da agricultura e dos movimentos sociais a que pertençam e das potencialidades e limitações ecológicas e agrícolas do ambiente local, de modo a alcançar o desencadeamento da experimentação em agroecologia (TARDIN, 2006).

O DS, segundo o autor, busca em Paulo Freire os instrumentos que orientam o diálogo numa perspectiva problematizadora: os “Temas Geradores”, deduzidos de situações-limite e contradições; e seu processo de “codificação” e “decodificação”.

Uma descrição dos passos que constituem o método de DS foi primeiramente organizada por Toná (2008):

a. O primeiro momento de encontro com a intenção do diálogo tem como ponto de partida a história de vida da família camponesa, relacionando-a com a história da agricultura e do movimento do qual faz parte; buscando trazer uma visão crítica e contextualizada à existência das pessoas, e abrindo oportunidade de aproximação entre os sujeitos do processo;

b. (Re) conhecer em conjunto o ambiente/espço manejado pela família ou coletivo (seu agroecossistema), levantando-se através de instrumentos diversos, dados de infraestrutura, paisagem, biodiversidade, organização e necessidade de trabalho e distribuição ao longo do ano, dentre outras;

c. O passo seguinte é a sistematização e análise das informações, tanto com a fala dos camponeses e camponesas, buscando um “registro vivo” do que foi falado, destacando suas potencialidades e limites ecológicos, econômicos e agrônômicos, para daí discutir a possibilidade de introdução de novas práticas, arranjos no sistema e/ou, reorganização do trabalho. A cada etapa seguinte se procura problematizar o que a família percebe de si e do agroecossistema ou paisagem, e conhecer mais detalhes.

d. Na sequência, evidencia-se uma diferença em relação às abordagens convencionais. A partir do diagnóstico e análise, o que se “devolve” às famílias ou coletivos não são propostas técnicas prontas, mas, de acordo com Tardin (2006), tanto nas histórias de vida quanto no aspecto de organização da produção caberá situar “temas geradores à problematização, que então orientarão o diálogo”. Pode-se aqui definir, decorrente desta problematização, experimentações em vista de manejar de modo agroecológico o ambiente, seja no aspecto da produção agropecuária, infraestrutura, hábitos domésticos ou outros, que deem resultados concretos para as famílias. E ainda como pode dar-se o monitoramento e avaliação da sustentabilidade do agroecossistema.

As três linhas apresentadas, duas assentadas nas práticas educativas (EP e DS) e outra no aprofundamento epistemológico da construção de conhecimentos (ES) revelam algumas das bases conceituais sobre formação e articulação de conhecimentos para a construção dos saberes agroecológicos.

### 3.3. Comunidades e assentamentos de bases sustentáveis

Do ponto de vista de alguns autores que dissertam sobre a agroecologia a sustentabilidade deve ser vista, estudada e proposta como sendo “uma busca permanente de novos pontos de equilíbrio entre diferentes dimensões, que podem ser conflitivas entre si em realidades concretas” (COSTABEBER; MOYANO, 2000 p. 5).

Analisar um sistema agrícola, sob a perspectiva multidimensional, impede afirmar que um agroecossistema irá alcançar *stricto sensu* a sustentabilidade. Contudo, os termos “bases sustentáveis”, “bases ecológicas” e “bases mais sustentáveis” são encontrados com frequência na literatura sobre agroecologia (ALTIRERI, 1999; CAPORAL; COSTABEBER, 2002; LEFF, 2002). Caporal et al (2005, p. 3), por exemplo, descrevem que a agroecologia pode ser definida como “uma (re) aproximação entre a Agronomia e a Ecologia, ao estudar os sistemas agrícolas desde uma perspectiva ecológica, de modo a orientar o redesenho de agroecossistemas em bases mais sustentáveis”

Nesta ótica, Stephen Gliessman (2002) afirma que a sustentabilidade pode ser definida como a capacidade de um agroecossistema manter-se socioambientalmente produtivo ao longo do tempo. Portanto, a sustentabilidade em agroecossistemas é algo relativo e sua prova estará sempre no futuro. O autor complementa sua análise ao descrever quatro contextos de sustentabilidade que devem ser buscados através da agroecologia (GLIESSMAN, 1990 apud SEVILLA-GUZMÁN, 2001, p. 42):

- 1) Ruptura das formas de dependência que põem em perigo os mecanismos de reprodução, sejam de natureza ecológica, socioeconômica e/ou política;
- 2) Utilização daqueles recursos existentes no agroecossistema que permitam que os ciclos de materiais e de energia sejam o mais fechado possível;
- 3) A utilização dos impactos benéficos que se derivam dos ambientes ecológico, econômico, social e político, existentes nos diferentes níveis, desde a propriedade até a sociedade maior;
- 4) A não alteração substantiva do meio ambiente quando tais mudanças, através da trama da vida, podem significar transformações significativas nos fluxos de materiais e energia que permitem o funcionamento do ecossistema. Isto significa a necessidade de tolerância ou aceitação de condições biofísicas, em muitos casos, adversas.

Sendo assim, é necessário reconhecer que a sobrevivência das condições de vida dos acampamentos, assentamentos e comunidades (bairros, vilas e demais adensamentos) depende do manejo sustentável dos recursos agroecossistêmicos, e então, a “agroecologia será o arado para o cultivo de um futuro sustentável e haverá de articular-se a processos de transformação

social que permitam passar da resistência à globalização à construção de um novo mundo” (LEFF, 2004, p. 50).

Porém, no âmbito dos assentamentos e acampamentos que resultam da luta dos movimentos sociais do campo, Gancho et al (1991) afirmam que, em contraponto aos impactos da agricultura industrial, as camponesas e camponeses atuam ao lado da resistência ecológica. Ou seja, as áreas rurais onde se localizam estas comunidades são propícias para as condições básicas de manutenção da vida. Sendo assim, a luta pela reforma agrária pode ser configurada também como uma luta pela preservação da vida e da natureza, na conquista e consolidação de novas áreas capazes de apresentarem-se como espaços de práticas sustentáveis (EMMANUELA, 2006; MARTINEZ-TORRES, ROSSET, 2012).

Sob o ponto de vistas das políticas públicas, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)<sup>12</sup> possuem uma série de instrumentos que buscam incorporar a dimensão da sustentabilidade no direcionamento de terras para a reforma agrária:

- Portaria MEPEF nº 88/99, que direciona as obtenções de terras incidentes nos ecossistemas Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal e demais áreas ambientalmente protegidas para áreas já antropizadas;
- Portaria Incri nº 477/99, alterada pela Portaria nº 1038/02, que aprova a criação dos Projetos de Desenvolvimento Sustentável (PDS);
- Portaria Incri nº 627/87, que cria a modalidade de Projeto de Assentamento Extrativista (PAE);
- Portaria Incri nº 1141/03, que cria a modalidade de Projeto de Assentamento Florestal (PAF);
- Portaria Interministerial MDA/MMA nº 13/02, que reconhece as Resex como beneficiárias do PNRA;
- Norma de Execução nº 39/2004, que estabelece critérios e procedimentos ao serviço de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária;
- Normas de Execução nº 43 e nº 44/2005, que estabelecem critérios, procedimentos e valores referentes à implantação de projetos de recuperação e conservação de recursos naturais em áreas de assentamento da reforma agrária.

---

<sup>12</sup> O MDA foi extinto em 2016, até o fechamento desta pesquisa o INCRA estava sendo gestado pela Casa Civil.

Dentre esses, cabe o destaque para os PDS, que segundo Kawakami e Ribas (2013) se propõe principalmente: a) aumento da oferta de alimentos; b) produção de alimentos saudáveis para quem os produz e para quem os consome; c) convivência harmônica com o meio ambiente de forma a não excluir o homem (e a mulher) da natureza; d) resistência das comunidades camponesas frente à aceleração das mudanças climáticas globais.

Ainda, de acordo com os mesmos autores, constituir assentamentos sustentáveis deve ser uma agenda fundamental do poder público, dos movimentos sociais e de todos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade (KAWAKAMI; RIBAS, 2013, p 134).

Sobre a relação campo-cidade é importante ressaltar que as comunidades rurais precisam do estabelecimento de sociedades sustentáveis para se concretizarem. Ou seja, há uma relação de interdependência, onde não é possível fazer análises e projeções sem considerar os demais níveis de organização social. Assim como orienta o “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global<sup>13</sup>”:

(O Tratado) estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relações de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário. (ProNEA, 2003, p. 43)

A discussão sobre o “Rurbano”, impulsionada especialmente pelo professor José Graziano, aponta sobre a necessidade de lançar uma nova luz sobre a perspectiva de análise do ambiente rural e que “é necessário reduzir o abismo histórico entre rural e urbano”(IZIQUE, 2012, p.2). Segundo Izique (2012), 47% dos brasileiros que residem na zona rural tem rendas provenientes de atividades não agrícolas e boa parte deles exercem a pluriatividade. Com o avanço das áreas urbanas sobre as áreas rurais é cada vez mais necessário compreender estas imbricações, não só na sua ordem econômica, mas em diferentes dimensões, para o planejamento de comunidades rurais de bases sustentáveis.

### **3.4 Estrutura fundiária e a descolonialidade do saber**

A colonização do Brasil foi realizada inicialmente pelos portugueses, no ano de 1500, através da dominação dos povos originários, e inaugurou a lógica da ampliação do

---

<sup>13</sup> O Tratado foi firmado no Fórum Global da Eco 92, mobilizado especialmente por organizações não governamentais e movimentos sociais (PRONEA, 2003)

capital através da exterminação da diversidade sociocultural e exploração dos elementos naturais, no período moderno da história brasileira. Este fato se deu quando Pedro Álvares Cabral com uma frota de 13 caravelas, avistou terra firme em 21 de abril de 1500, após ter deixado a costa africana, supostamente pretendendo chegar as Índias. O lugar avistado foi o Monte Pascoal, 62 quilômetros ao sul de Porto Seguro (FAUSTO, 1994), e desembarcou na região onde se debruça esta pesquisa.

Ao estudar a região do Extremo Sul baiano, chama atenção a quantidade referências que remetem a invasão realizada neste período. Por exemplo, dos 13 municípios que compreendem esta região, 7 trazem em seu nome palavras que reforçam a relação colônia/império:

*Alcobaça* – carrega o mesmo nome de uma cidade portuguesa

*Caravelas* – principal meio de transporte de colonização

*Vereda* – expressão portuguesa para “caminho estreito” ou “atalho”

*Lajedão* – expressão portuguesa para designar um local com pedras lisas

*Nova Viçosa* – carrega o nome de uma vila portuguesa chamada Viçosa

*Prado* – expressão portuguesa para local coberto de plantas herbáceas

Para além dos nomes das cidades, na região existem muitos pontos turísticos (por exemplo, Museu do Descobrimento e Lagoa Encantada Rio Almada) e nomes de parques (por exemplo, Parque do Descobrimento, Parque Nacional do Monte Pascoal), remetem a invasão portuguesa, revelando quão naturalizadas estão as experiências de identidades a partir do ponto de vista eurocêntrico. Cabe esclarecer que o eurocentrismo não é exclusivo da perspectiva dos europeus, mas também dos educados sob a sua hegemonia.

Lander (2005) esclarece que o colonialismo na América se inicia não apenas a organização colonial do mundo, mas, simultaneamente, a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (MIGNOLO, 1995) e do imaginário (OBREGÓN, 1992). Dá-se início ao longo processo que culminaria na organização da totalidade do espaço e do tempo entre todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados, numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, “a Europa é, ou sempre foi, simultaneamente o centro geográfico e a culminação do movimento temporal” (LANDER, 2005, p. 10).

Segundo Aníbal Quijano Obregón, essas relações históricas de colonialidade<sup>14</sup> traduzem um modo de conhecimento, denominado racional, que foi imposto e admitido no conjunto do modo capitalista como a única racionalidade válida e como anunciação da modernidade (OBREGÓN, 2010), o autor ainda complementa que:

Desde o século XVII, nos principais centros hegemônicos deste padrão mundial de poder [...] foi elaborado e formalizado um modo de produzir conhecimento que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo: a mediação, externalização (ou objetivação) do cognoscível em relação ao conhecedor, para o controle das relações do indivíduo com a natureza e entre aquelas em relação a esta, em especial a propriedade dos recursos de formação (OBREGÓN, 2010, p. 85).

Corroborando ainda com o autor, é possível afirmar que esta modernidade/racionalidade é quem finalmente está em crise. Portanto, desvelar os processos de opressão-colonialização pode clarear no sentido da libertação-descolonialização (FIGUEIREDO, 2010).

Neste território de análise, a questão do uso e posse da terra está imersa em históricos conflitos no campo, cujo desenvolvimento e ampliação do capital (agronegócio) acontece em detrimento das outras possibilidades de existência, humanas e não humanas (comunidades, fauna e flora). Lander (2005) ressalta que nos conhecimentos eurocêntricos o “neoliberalismo” é debatido apenas como uma teoria econômica, quando no fundo deve ser compreendido como o modelo civilizatório-colonizador europeu. E complementa:

Essa força hegemônica do pensamento neoliberal, sua capacidade de apresentar sua própria narrativa histórica como conhecimento objetivo, científico e universal e sua visão da sociedade moderna como a forma mais avançada - e, no entanto, a mais normal - da experiência humana, está apoiada em condições histórico culturais específicas. O neoliberalismo é um excepcional extrato purificado e, portanto, despojado de tensões e contradições, de tendências e opções civilizatórias que tem uma longa história na sociedade ocidental. Isso lhe dá a capacidade de constituir-se no senso comum da sociedade moderna (LANDER, 2005, p. 8)

Assim, onde salta aos olhos o reconhecimento da colonialidade territorial, é quase natural trazer para discussão aspectos da descolonialidade do poder, e, portanto, do saber. Uma descolonialidade que proponha “a superação dessa lógica redutora, excludente, elitista, hierarquizante, opressora, subalternizante, coisificadora” (FIGUEIREDO, 2010, p. 12).

Atualmente, muitos movimentos sociais, trabalhadores rurais, indígenas, quilombolas lutam pela acesso e permanência na terra na região do Extremo Sul. Portanto, a necessária

---

<sup>14</sup> O conceito de “colonialidade” foi empregado no sentido que orienta Anibal Quijano, em que as relações coloniais não se limitam ao domínio administrativo dos centros sob as periferias, mas também compreendem as dimensões epistêmica e cultural.

reforma agrária, ao buscar cumprir a função social da terra, garante a coexistência da diversidade de ocupação no território, e também garante a presença de pessoas (e não “desertos verdes”) que constroem diariamente cultura e conhecimento. Esta diversificação é primordial para a descolonialidade do saber.

A descolonização do saber “pretende romper com a lógica de pensamento ocidental, monocultural e limitado na nossa visão cultural e de experiência humana” (FIGUEIREDO, 2010, p. 10).

### **3.5. Modelo de desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia e a ascensão da luta pela terra**

O Extremo Sul é uma das áreas de atuação do Projeto Assentamento Agroecológicos<sup>15</sup>, e um dos 27 Territórios de Identidade do Estado da Bahia que compreende 13 municípios. Faz fronteira com o norte do Espírito Santo e com o sudeste de Minas Gerais, sua costa é coberta pelo oceano Atlântico, o clima é úmido e semi-úmido, com temperaturas entre 23°C e 27°C (REZENDE, 2012).

A diversidade de movimentos, povos e etnias é relevante na região, concentrando principalmente pataxós, quilombolas, comunidades de pescadores e diversos movimentos sociais do campo (COUTO, 2006). Todos eles representam a diversidade camponesa e produtiva agrícola na região e, também, a existência de movimentos de resistência para permanência no campo, diante do expoente avanço do agronegócio.

Corresponde a uma região de importância máxima quanto à biodiversidade por restarem manchas conservadas de Floresta Costeira Atlântica, os chamados “hotspots”. Faz parte do Corredor Central da Mata Atlântica que, conforme a estratégia de conservação da biodiversidade do Programa de Proteção das Florestas Tropicais (PPG7) do Ministério do Meio Ambiente, vai desde o recôncavo baiano até o sul do Espírito Santo. Esse corredor conta com apenas 20% da cobertura florestal original, em estado de extrema fragmentação, com apenas 2% dos remanescentes protegidos (CAMPANILI et al, p. 13, 2015).

Porém, apesar dos esforços para o estabelecimento de áreas preservadas, como a implantação de parques nacionais, a redução da biodiversidade é expressiva. Cabe ressaltar que até 1950, a Mata Atlântica tinha domínio absoluto na região e a região viu suas florestas

---

<sup>15</sup> O projeto “Assentamentos Agroecológicos” ainda atua no Território de Identidade Costa do Descobrimento

nativas serem devastadas em pouco tempo, principalmente entre as décadas de 1960 e 1980 (SEI, 2002).

O Extremo Sul da Bahia manteve áreas agrícolas produtivas pouco concentradas e inexpressivas até meados da década de 70. Foi quando nos anos 80, surgem na região as primeiras unidades de produção agrícola industrial, atraídas em função de relevantes fatores regionais, como as condições edafoclimáticas, preço da terra, escoamento da produção via porto de Vitória no Espírito Santo e de Ilhéus na Bahia, disponibilidade de mão-de-obra e grandes extensões de terras favoráveis para implantação dos cultivos, principalmente de eucalipto (SEI, 2002).

A região se integrou à economia estadual especialmente após a implantação da rodovia federal BR 101 e, desde então, muitos investimentos de empresas do ramo da celulose se concentraram nesta área: Bahia Sul Celulose, Aracruz Celulose e Veracruz Florestal. Essa nova dinâmica imputou um novo padrão de desenvolvimento, tornando-a responsável por mais de 90% da produção estadual de madeira em tora para papel e celulose, saindo de 349.179 m<sup>3</sup> em 1991 para 5.038.564 m<sup>3</sup> em 2004, um aumento superior a 1300% em um período de 13 anos (ALMEIDA et. al., 2008).

Entretanto, a entrada do monocultivo de eucalipto e o avanço do agronegócio na região trouxeram grandes mudanças na paisagem regional, principalmente pela alteração do uso da terra (ALMEIDA, 2008). Neste contexto, as vastas áreas rurais de implantação da monocultura de eucalipto se apropriaram de terras antes destinadas às pequenas propriedades, que mantinham culturas alimentares dispersas em pequena escala (MIRANDA, 1992 apud CAR, 1994). Tal fato pode ser percebido, pela diminuição tanto do número de estabelecimentos rurais como da área das pequenas propriedades nos últimos 30 anos. De 1970 a 1995/ 96 o número de estabelecimentos com menos de 50 ha passou de 6.746 para 4.232, esses números expressam uma redução de 37,26% e de 57,24% na área. Em contrapartida, os estabelecimentos com mais de 10.000 ha passaram de 2 para 4 no mesmo período. Contudo, foram os estabelecimentos com tamanho entre 50-100 ha que sofreram as maiores reduções (72,88% nos estabelecimentos e 74,41% na área) (ALMEIDA et. al., 2008, p. 13).

Couto (2006) afirma que a implantação do segmento de celulose na região provocou a concentração fundiária no campo, com a posse de áreas até mesmo destinadas à reforma agrária, terras indígenas e no entorno de Unidades de Conservação da Mata Atlântica. Situação esta muito comum no território brasileiro, em que a modernização da agricultura veio acompanhada do crescimento do latifúndio (OLIVEIRA, 2005).

É inegável que o PIB total e per capita dos municípios cresceu após a implantação e expansão da silvicultura, dados encontrados facilmente em sites do Governo da Bahia. No entanto, as questões de desenvolvimento social não acompanharam este acréscimo de entrada de recurso na região. Cabe observar, por exemplo, os valores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região, que mede educação, longevidade e renda. Ele encontra-se abaixo da média estadual e nacional na maioria dos municípios do Extremo Sul. Este fato indica que os investimentos e os lucros gerados com o eucalipto não foram suficientes para beneficiar a população da região frente às expectativas geradas (ALMEIDA et al, 2008).

O que se pode afirmar, pela análise na literatura (COUTO, 2006; SANTOS, 2004 CARNEIRO, 1994) é que a implantação do segmento de celulose na região provocou:

1. A concentração fundiária no campo;
2. A diminuição no número de empregados no campo (permanentes e temporários) e do trabalho familiar, que resultou um processo intenso de êxodo rural;
3. O aumento da população urbana, que implicou na busca de empregos e novas oportunidades nas cidades, ocasionando o crescimento desordenado das áreas urbanas, rearranjando novas paisagens locais.



Figura 2. Impacto do monocultivo na paisagem.  
Fonte: arquivo pessoal (15/07/2015 e 24/07/2015)

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil é possível verificar que o índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) no Extremo Sul da Bahia é menor em relação à média brasileira, para o ano de 2010. Os dados do município de Jucuruçu

indicam uma situação de alta vulnerabilidade social e o melhor IDH se refere a cidade de Teixeira de Freitas, conforme segue:

<b>Município</b>	<b>IDHM (2010)</b>	<b>IDHM Renda (2010)</b>	<b>IDHM Longevidade (2010)</b>	<b>IDHM Educação (2010)</b>
Alcobaça (BA)	0,608	0,611	0,771	0,476
Caravelas (BA)	0,616	0,626	0,791	0,473
Ibirapuã (BA)	0,614	0,641	0,774	0,467
Itamaraju (BA)	0,627	0,641	0,767	0,502
Itanhém (BA)	0,637	0,624	0,79	0,525
Jucuruçu (BA)	0,541	0,508	0,751	0,415
Lajedão (BA)	0,632	0,652	0,778	0,497
Medeiros Neto (BA)	0,625	0,626	0,777	0,501
Mucuri (BA)	0,665	0,679	0,801	0,541
Nova Viçosa (BA)	0,654	0,657	0,78	0,546
Prado (BA)	0,621	0,616	0,784	0,497
Teixeira de Freitas (BA)	0,685	0,683	0,8	0,588
Vereda (BA)	0,577	0,568	0,777	0,436
<b>Média Extremo Sul da Bahia</b>	<b>0,623</b>	<b>0,626</b>	<b>0,780</b>	<b>0,497</b>
<b>Brasil</b>	<b>0,727</b>	<b>0,739</b>	<b>0,816</b>	<b>0,637</b>

Quadro 1. Índice de Desenvolvimento Humano no Extremo Sul da Bahia e Brasil. Fonte: PNUD, 2010

O dado regional mais agravante com relação à média brasileira é sobre o IDHM Educação, ou seja, enquanto para o Brasil este indicador é de 0,637, na região de estudo ele bem menor, ou seja, 0,497

Diante do exposto, torna-se relevante compreender que a região está marcada pelo processo de colonização que deixou o histórico legado de desigualdade social e devastação ambiental, inerentes as estratégias colonialistas. De acordo com o sociólogo venezuelano Lander (2005, p. 9):

A conquista ibérica do continente americano é o momento inaugural dos dois processos que articuladamente conformam a história posterior: a modernidade e a organização colonial do mundo. Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas – simultaneamente – a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória e do imaginário.

Portanto, o contexto histórico e agrário do Extremo Sul baiano pode ter sido o impulsionador para a existência de movimentos sociais do campo na região, em especial do Movimento dos “Sem Terra”.

### 3.6 Apontamentos sobre educação e pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O MST é uma organização nacional, com origem na década de 80<sup>16</sup> que almeja a reforma agrária popular no Brasil. Este Movimento possui uma rica experiência educacional e busca formar seres humanos com dignidade, identidade e projeto de futuro (CALDART, 2003, p. 51). Mais recentemente, o Movimento tem feito esforços para avançar nas práticas produtivas e pedagógicas sob o enfoque da agroecologia.

Segundo dados do setor de educação do MST levantados por Dalmago (2010), foram estimadas em suas áreas (assentamento e acampamento) cerca de duas mil escolas, sendo que destas 250 tem educação fundamental completa e 50 possuem o ensino médio. Há aproximadamente 300 mil pessoas estudando em escolas públicas, da infância à universidade, passando pela Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nas escolas dos assentamentos e acampamentos atuam cerca de dez mil professores, e mais cinco mil outros trabalhadores em Educação (DALMAGO, 2010, p. 12). Nos cursos organizados pelo MST:

[...] já se formaram mais de dois mil professores e o número atual de turmas de cursos formais, incluindo o Ensino Médio e a Educação Superior é de 50. Na EJA o número de turmas organizadas pelo MST, hoje é de quase mil e o total de educandos em torno de 10 mil (DALMAGO, 2010, p. 12).

Cabe destaque para o processo de construção da Pedagogia do Movimento, que desde seu início nos anos 80 manteve o pilar fundamental do *trabalho* como princípio educativo, e chegou à atual matriz formativa que deve compor o ambiente educativo das suas escolas: trabalho, luta social, organização coletiva, cultura e história (CALDART, 2000b).

---

<sup>16</sup> No final da década de 70, quando as contradições do modelo agrícola se tornaram mais intensas, e as comunidades rurais sofreram com a violência do Estado, surgem as ocupações de terra. Em setembro de 1979 centenas de agricultores e agricultoras ocupam as granjas Macali e Brilhante, no Rio Grande do Sul. Em 1981, um novo acampamento é formado com o nome de Encruzilhada Natalino, no mesmo estado e se torna símbolo de luta da resistência à ditadura militar, agregando interesses da sociedade civil que exigia um regime democrático. Em 1981, ainda em período de Ditadura Militar, as famílias acampadas da Encruzilhada Natalino estavam cercadas pelas tropas do exército brasileiro comandada pelo Coronel Curió. Imediatamente, o acampamento teve uma grande repercussão, e muitas entidades foram se associando a campanha de solidariedade aos sem terra. Com isso, uma das principais ações tiradas foi a criação de um Boletim, com o objetivo de divulgar a Encruzilhada Natalino e solicitar o apoio das comunidades, entidades, sindicatos e outros setores da sociedade civil. Em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86>

Kolling et. al. (2012) levantam o processo histórico do desenvolvimento da dimensão educadora no contexto do Movimento:

- Antes mesmo da fundação do MST no ano de 1984, as famílias Sem Terra, acampadas na Encruzilhada Natalino, Rio Grande do Sul, em 1981, perceberam a necessidade de realizarem um trabalho com educação infantil.
- No início da década de 1980, avançou a necessidade de reafirmarem o direito da educação fundamental para crianças e adolescentes.
- Na década de 1990, foi aparecendo com maior força a questão da alfabetização e da educação de jovens e adultos, depois, veio a educação infantil e, mais recentemente, a educação universitária
- O Encontro Nacional de Professoras dos Assentamentos, realizado em julho de 1987, em São Mateus, no Espírito Santo, formalizou a criação de um Setor de Educação do MST.
- No final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, começaram as lutas específicas pelo ensino médio nas áreas de Reforma Agrária ou, mais amplamente, pela conquista de escolas de educação básica, incluindo todas as suas etapas, hoje ainda um desafio em muitos lugares.
- O trabalho do MST na formação de educadores foi reconhecido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em 1995, com o prêmio “Educação e Participação”.
- I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA) ocorreu em julho de 1997, por motivação do Movimento. Foi desse encontro que emergiu a proposta de se criar um Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (ProNERA). Em 2015 foi realizada a segunda edição do evento, reunindo cerca de 1500 educadores do campo em Goiás.
- A criação do Instituto de Educação Josué de Castro, no Rio Grande do Sul, em 1995, que se constituiu em espaço de experimentação pedagógica a partir de cursos vinculados a diferentes setores do MST (produção, saúde, educação, formação, comunicação e cultura) fortaleceu ainda mais o setor educação.
- Ao longo destes anos, o MST produziu, ou participou da produção, de aproximadamente cinquenta cadernos e livros, em sua maioria organizados em

coleções específicas: Cadernos de Educação, Boletim da educação, “Fazendo escola”, “Fazendo história”, “Concurso Nacional de Redação e Desenho”, Cadernos do Iterra, “Por uma educação do campo”, “Pra soletrar a liberdade” e “Terra de livros”.

Esses acúmulos permitiram que o Movimento pudesse afirmar que:

Desde a compreensão de sua materialidade específica, o MST passou a expressar e a reafirmar uma concepção de educação que vincula a produção da existência social à formação do ser humano, considerando as contradições como motor, não apenas das transformações da realidade social, mas da própria intencionalidade educativa, na direção de um determinado projeto de sociedade e de humanidade (KOLLING et. al., 2012, p. 508)

### **3.7. Escola do Campo e a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Bruneto”**

A Escola do Campo, segundo Caldart (2008), deveria ser pensada não enquanto uma particularidade, de forma a reduzi-la a algo menor do que a educação nas áreas urbanas. Ela diz respeito a uma boa parte da população do país que está envolvida com processos produtivos agrícolas, base de sustentação da vida humana. Portanto, “não é possível pensar um projeto de país, de nação sem pensar um projeto de campo e um lugar social para seus sujeitos concretos, para seus processos produtivos, de trabalho, de cultura, de educação” (CALDART, 2008, p. 74).

No ano de 2007 o Ministério da Educação do Governo Federal – MEC realizou a publicação “Panorama da Educação do Campo” na qual foram apontados os seguintes diagnósticos sobre a Educação do Campo:

- Insuficiência e a precariedade das instalações físicas da maioria das escolas;
- Dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar;
- Falta de professores habilitados e efetivados, o que provoca constante rotatividade;
- Currículo escolar que privilegia uma visão urbana de educação e desenvolvimento;
- Ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais;

- Predomínio de classes multisseriadas com educação de baixa qualidade;
- Falta de atualização das propostas pedagógicas das escolas rurais;
- Baixo desempenho escolar dos alunos e elevadas taxas de distorção idade-série;

Assim, a partir desses apontamentos do MEC, é possível afirmar que são muitos os desafios nessa área, desde questões estruturais (como aparelhos públicos apropriados) até a formação de educadores. A Educação do Campo no Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia não é diferente desta situação nacional. Segundo a Secretaria de Educação do Estado da Bahia a região deste estudo está no domínio de ação do Núcleo Regional de Educação 07 – Teixeira de Freitas. Este núcleo é responsável por 40 escolas localizadas nos 13 municípios do Território de Identidade do Extremo Sul (ESCOLAS, 2016).



Figura 3. Área de abrangência do Núcleo Regional de Educação (NRE) 07. Fonte: SEI (2016)

Neste contexto, em dezembro de 2014, a antiga Fazenda Colatina, em Prado, uma das áreas ocupadas pelo MST, tornou-se o Assentamento Jaci Rocha, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (JORNAL GRANDE BAHIA, 2014). A emissão de posse ocorreu em abril de 2015, uma grande conquista para o Movimento que apostou no local para a instalação da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”.

Egídio Brunetto foi um militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, fundador da Via Campesina Internacional, conhecido por levar consigo sempre alguma semente, um remédio ou uma receita para trocar. Faleceu em um acidente de carro em novembro de 2011, deixando sólida contribuição no estreitamento da relação do Movimento com organizações camponesas da América Latina e do mundo (EPAAEB, 2014, p. 13).

A Escola Popular encontra-se numa realidade rural sob domínio do agronegócio, especialmente das extensas monoculturas de eucalipto e pasto (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2013). Tem como enfoque as famílias localizadas nos acampamentos e assentamentos, porém, como anunciado em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), pretende ser uma escola do povo, destinado aos indígenas, camponeses, quilombolas e tantos outros sujeitos sociais que ao longo dos anos tiveram o acesso negado a uma educação de qualidade (EPAAEB, 2014, p.7).

O projeto estrutural da Escola Popular compreende mais de 6.000 m<sup>2</sup> de área construída e cerca de 20 ha de área total, contando com salas, auditórios, alojamentos, áreas para pesquisa de campo, entre outras estruturas e espaços educadores e demonstrativos de sistemas agroflorestais e agroecológicos (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2013). O PPP, elaborado em 2014, nutre-se conceitualmente a partir das matrizes pedagógicas do MST, Educação do Campo, Educação Popular, Pedagogia da Alternância e das bases que fundamentam as escolas de agroecologia da Via Campesina (EPAAEB, 2014). De acordo com este PPP a Escola Popular tem como objetivo geral:

Contribuir para a formação técnica, organizativa e política com base agroecológica de camponeses pesquisadores e de outros sujeitos sociais comprometidos com o desenvolvimento de tecnologias apropriadas, fortalecendo as organizações populares envolvidas e impulsionando o desenvolvimento de comunidades sustentáveis (EPAAEB, 2014, p. 13)

Segundo Kruppa (2015, p. 23), as escolas, de um modo geral, sofrem de uma “pseudoneutralidade institucional, que oculta, com certo disfarce, a reprodução da ordem que interessa ao sistema capitalista”, desta forma, a Escola Popular de interesse de um movimento social necessariamente busca romper com qualquer necessidade de ocultação ideológica.

A EPAAEB vem se materializando como um espaço aglutinador de sujeitos ativos em prol da reforma agrária, da agroecologia e fundamentalmente, por uma educação enquanto prática de transformação social e política. Nela ocorrem cursos de formação de professores e professoras das Escolas do Campo dos municípios da região, formação de extensionistas rurais e também de agricultores e agricultoras em busca de conhecimentos diversos. Ainda, seminários e encontros realizados pelo MST e parceiros como FIOCRUZ, Prefeituras, Universidades, Conselhos entre outros.



## 4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

O homem carrega a sua luz dentro de si, e também a sua noite. Nasceu para compreender as coisas. É por isso que a razão multiplica nele as interrogações. Esta curiosidade é mais que um querer-saber. É um querer-compreender. Pois recusa-se a submeter-se ao decreto dos fatos pesados e esmagadores. Interroga o mundo porque quer transformá-lo. Interroga os outros porque se propõe penetrar no mistério deles, a fim de ajudá-los a viver. Interroga-se a si mesmo porque tem que viver a existência que recebeu e tecê-la a sua própria arte (Paul-Eugène Charbonneau).

Para atender aos propósitos deste estudo, que tem como foco os processos de construção de conhecimentos agroecológicos junto a atores sociais do Projeto Assentamentos Agroecológicos (PAA), foi escolhido o método qualitativo, através da qual o foco e a observação se realizaram nos processos e não somente nos produtos, e ainda, buscou-se pela compreensão dos significados que as pessoas deram às coisas e a vida, geralmente de uma forma indutiva (LUDK; ANDRE, 1986; HAGUETTE, 1999).

A escolha do método a ser investido no processo de pesquisa geralmente é permeada de questões com relação a escolha do melhor caminho, especialmente no caso de pesquisas cujo fenômeno de estudo é complexo, requerendo uma abordagem multidimensional e, portanto, com muitas possibilidades de abordagem, que segundo Ardoino (1998, p. 24):

[...] a abordagem multidimensional propõe-se a uma leitura plural de seus objetos (práticos ou teóricos), sob diferentes pontos de vista, que implicam tanto em visões específicas quanto em linguagens apropriadas às descrições exigidas, em função de sistemas de referenciais distintos, considerados, reconhecidos explicitamente como não-redutíveis uns aos outros, ou seja, heterogêneos.

Esta abordagem preconiza a utilização de referenciais teóricos e metodológicos diversos, para não somente examinar sob o olhar de múltiplas perspectivas, mas também para enriquecer a compreensão, permitindo emergir dimensões novas ou mais profundas. A leitura plural do fenômeno de pesquisa se deu especialmente pela busca da interface entre diferentes campos da ciência, diversidade de sujeitos abordados na entrevista e pela análise dos resultados a partir da triangulação de fontes e dados.

Desta forma, buscou-se apoio nas áreas da Sociologia, Agronomia e Educação, que foram articulados por meio da interdisciplinaridade, tendo visto o caráter complexo e não disciplinar do objetivo de estudo. A diversidade de sujeitos se deu na consideração dos diferentes pontos de vistas dos agricultores e agricultoras, lideranças e técnicos e técnicas do MST e pesquisadores e pesquisadoras da universidade. E ainda, a triangulação combinou as

informações de diferentes fontes, sendo elas, as entrevistas, a observação participante e a formação de grupos de diálogo; e de diferentes dados, pelas observações dos indicadores governamentais, documentos institucionais e relatórios do Projeto Assentamentos Agroecológicos.

Desta forma, foi possível deixar emergir a diversidade das peças do mosaico que compõe a construção dos saberes agroecológicos no território de estudo e, assim, apoiar a revelação de um fenômeno que precisa estar aberto a novas ideias, perguntas e dados para a construção de uma ciência que lida com a complexidade (MORIN, 2005), especialmente o conceito agroecológico que está sendo tratado no período recente da história.

Por apresentar o foco no processo de construção do conhecimento agroecológico, utilizou-se dos pressupostos do estudo de caso. Segundo Gil, o estudo de caso “é caracterizado pelo estudo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (2008, p. 57). Esta abordagem investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando “as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência” (YIN 2005, p. 32 apud GIL, 2008, p 58). O estudo de caso, segundo o mesmo autor, vem sendo utilizado com frequência, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008 p. 57).

Para aprofundar o estudo foram utilizadas as técnicas de observação participante, entrevista semiestruturada e formação de grupos de discussão como uma proposta multidimensional qualitativas. Na sequência será apresentada a abordagem de cada um desses estratégias de coleta dados.

A observação participante tem origem na sociologia e na antropologia, é geralmente utilizada na pesquisa qualitativa para coleta de dados em situações em que as pessoas se encontram desenvolvendo atividades em seus cenários naturais, permitindo examinar a realidade social (MINAIO, 1994). Na modalidade de participante como observador, o pesquisador estabelece com o grupo uma relação que se limita ao trabalho de campo; a

participação ocorre da forma mais profunda possível através da observação informal das rotinas cotidianas e da vivência de situações consideradas importantes (MINAYO, 1994).

Contudo, a observação participante é a forma de captação de dados menos estruturada que é utilizada nas ciências sociais, pois não supõe qualquer instrumento específico que direcione a observação. Dessa forma, o bom uso da ferramenta recai quase inteiramente sobre o observador e na relação estabelecida entre ele e com aqueles que estão sendo observados (HAGUETTE, 1999).

Já a entrevista é um processo de interação social com a finalidade de “obter informações através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central” (HAGUETTE, 1999 p. 86). Optou-se pela entrevista semiestruturada individual, na qual, segundo Lima et. al., os sujeitos participantes têm a possibilidade de “discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto, ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas” (p. 6). As entrevistas também sistematizam a representação dos envolvidos sobre o fenômeno de estudo, e ainda, podem complementar e fazer o contraponto com os dados obtidos através da observação (LIMA, 1999).

Para a investigação de campo foi realizada ainda a formação de grupos de diálogo a partir da construção de um encontro de devolutiva de pesquisa às comunidades envolvidas. Esses grupos foram tratados metodologicamente de acordo com as orientações para formação de grupo focal. Morgan (1997 apud GONDIM 2003) define grupos focais como “uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (p. 151). A noção de grupos focais está apoiada no desenvolvimento das entrevistas grupais; a diferença recai no papel do pesquisador, ou pesquisadora, e no tipo de abordagem. No caso desta pesquisa, a pesquisadora exerceu um papel diretivo no grupo, e assumiu a posição de moderadora do processo de discussão. Sua ênfase está nos processos que emergem, ou seja, “no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema” (GODIM, 2003, p. 151).

Esta atividade sobre a devolutiva de pesquisa utilizou-se ainda das dinâmicas coletiva e interativa na produção do conhecimento, tendo como referência os fundamentos da pesquisa-ação, em especial pela contribuição Thiollent (1999), pois levou-se em conta o saber empírico em diálogo com o saber científico e assim um conhecimento descritivo e crítico é gerado acerca da situação. Com a divulgação de informação da pesquisa dentro da comunidade e com o processo de aprendizagem dos pesquisadores e dos participantes “é

possível esperar a geração de uma massa de informação significativa, aproveitando um amplo concurso de competências diversas” (THIOLLENT, 1999, p. 12).

Esta abordagem metodológica subsidiou a elaboração e realização das 4 fases da pesquisa: 1) exploratória; 2) coleta de dados; 3) devolutiva de pesquisa e 4) análise de dados. Estas fases serão descritas na sequência.

#### **4.1 Fase exploratória**

Inicialmente, partiu-se de uma ampla revisão bibliográfica, análise de dados secundários e documental sobre quatro eixos temáticos:

##### *1. Contexto regional do Extremo Sul da Bahia*

Busca por arquivo documental da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI 2002; 2016); Secretaria de Planejamento da Bahia (SEPLAN, 2015); artigos e publicações acadêmicas relacionadas como Carli (2013), Fernandes (1999), Neto e Silva (2008);

##### *2. Construção do conhecimento agroecológico*

Teve como base a busca pelas obras de Altieri (2005; 2014), Gliessman (2002), Sevilla Guzmán (2006; 2001); Toledo (2015), Leff (2001; 2002; 2003), Floriani e Floriani (2010), Jacob (2016), Caporal e Costabeber (2002; 2005), Machado e Filho (2014), Norder (2016), e arquivos do Projeto “Assentamentos Agroecológicos” e da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”;

##### *3. A agroecologia no escopo de ação do MST*

Pela contribuição das obras de Martínéz e Rosset (2012; 2014), Miranda (2014), Tardin (2006), Berthet (2015), Borges (2009), Correa (2007), Neto e Canavesi (2003) e arquivos eletrônicos da Secretaria Nacional do MST (MST 2010; 2014);

##### *4. Construção de conhecimentos à luz da Educação Popular, da Ecologia de Saberes e do Diálogo de Saberes*

Com base nas obras de Santos (2002a; 2002b); Freire (1987; 1997; 2014); Carlos Brandão (1982; 2003; 2006); Caldart (2000a; 2000b; 2003; 2014), Dalmago (2010) e Leff (2001; 2009).

Nesta fase exploratória da pesquisa também foram concluídas as disciplinas do programa e a aproximação com a equipe do Projeto “Assentamentos Agroecológicos” e lideranças do MST. Ainda, foram definidos os instrumentos de coleta de dados e o planejamento das idas à campo.

Um fato relevante foi a participação da pesquisadora do grupo de extensão *Alfabetização Agroecológica Ambientalista*, do Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca, com atividades na região de estudo durante os anos de 2014 e 2015. Esta ação no território, anterior a aplicação da coleta de dados de campo, foi fundamental para aproximação junto aos sujeitos participantes da entrevista, e assim construir relações com base na confiança e em respeito às normas e condutas do Movimento e das comunidades envolvidas.

#### **4.2 Coleta de dados**

A pesquisa teve início em agosto de 2014 e as investigações de campo ocorreram de forma mais intensiva no segundo semestre de 2015. Teve como instrumentos de coleta de dados as entrevistas semiestruturadas, o caderno de campo e a observação participante, conforme segue:

1. Observação participante no encontro “Educação do Campo e Agroecologia” (jan/2015), no Seminário “Arranjos Produtivos” (out/2014), no evento “Saúde e Agroecologia” (jun/2015) e na “Formação de Educadores de Jovens e Adultos: Práticas Agroecológicas” (21/07/2015 até 21/11/2015).
2. Visita a oito assentamentos e pré assentamentos no mês de junho de 2015: José Martí, Jaci Rocha, Bela Manhã, Herdeiros da Terra, Corte Grande, Abril Vermelho, Antônio Araújo e São João.
3. Vivência de 28 dias na Escola Popular “Egídio Brunetto” e dois dias no Pré Assentamento José Martí (jul/2015).
4. Visita à Feira Agroecológica em Eunápolis durante o Encontro Regional do MST (jul/2015).
5. Realização de 18 entrevistas semiestruturadas (jul/2015).
6. Caderno de campo, realizada durante toda pesquisa, com anotações de agendas, programações de eventos, contatos, impressões das atividades de campo e anotações sobre as entrevistas e reuniões realizadas.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas tendo como foco a abordagem de informantes chaves para a construção dos saberes agroecológicos, buscando a diversidade de olhares sobre o tema, incluindo o cuidado com as questões de gênero, a disponibilidade, a partir de uma amostragem não probabilística, que segundo Goldenberg (2000, p. 49):

Os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. Contrapõem-se, assim, à incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e da singularidade dos fenômenos.

Os sujeitos foram selecionados a partir de conversas com as lideranças do MST e coordenadores do projeto “Assentamentos Agroecológicos” e também buscaram compreender os sete acampamentos e assentamentos que compõem o território relacional do projeto. Desta forma, foram definidos 18 informantes por tipicidade: a) agricultores; b) técnicos do Setor de Produção; c) técnicos do Setor Educação; d) liderança local e regional do MST; e) pesquisadores da universidade.

Cabe destaque para o fato de que, durante as situações de abordagem para a entrevista, foi esclarecido aos participantes quanto à finalidade do estudo e obtivemos sua autorização verbal, registrada em arquivo áudio, cujo termo de consentimento segue no Anexo 1. A preocupação com os princípios éticos esteve presente durante todo o desenvolvimento do trabalho, com o intuito de garantir os direitos dos envolvidos. Portanto, as pessoas tiveram suas identidades preservadas, sendo referenciadas neste trabalho por siglas, conforme segue:

	<b>Identificação</b>	<b>Perfil</b>	<b>Local de atuação</b>
1	E	Técnico do Setor de Produção. Homem, adulto, de família de agricultores. No movimento há mais de 10 anos.	Antônio Araújo – pré assentamento
2	V	Técnica do Setor de Produção. Mulher, adulta, de família de agricultores. No movimento há mais de 10 anos.	Escola Popular
3	G	Técnico do Setor de Produção. Homem, adulto, de família de agricultores. No Movimento há menos de 10 anos.	José Martí – pré assentamento
4	Ro	Técnico do Setor de Produção. Homem, adulto de idade mais avançada, de família de agricultores. No Movimento há mais de 10 anos.	Jaci Rocha – pré assentamento
5	L	Técnico do Setor de Produção. Homem, adulto, de família urbana. No Movimento há mais de 10 anos.	Bela Manhã – pré assentamento
6	El	Representante do Setor Educação. Mulher, adulta, de família de agricultores. No Movimento há mais	Escola Popular

		de 10 anos.	
7	A	Pesquisadora da ESALQ. Mulher, adulta, de família urbana.	Universidade
8	J	Pesquisador da ESALQ. Homem, adulto, de família urbana.	Universidade
9	N	Representante Setor Educação. Mulher, adulta, de família de agricultores. No Movimento há mais de 10 anos.	Escola Popular
10	Mr	Liderança Regional. Mulher, adulta, de família urbana. No Movimento há menos de 10 anos.	Jaci Rocha – pré assentamento
11	Ev	Liderança Regional. Homem, adulto, de família de agricultores. No Movimento há mais de 10 anos.	Liderança MST
12	D	Agricultor. Homem, adulto de idade mais avançada, de família de agricultores. No Movimento há mais de 10 anos	Jaci Rocha – pré assentamento
13	Z	Agricultora. Mulher, adulta de idade mais avançada, de família de agricultores. No Movimento há menos de 10 anos.	Herdeiros da Terra– pré assentamento
14	C	Agricultor. Homem, adulto, de família urbana. No Movimento a menos de 10 anos.	São João – pré assentamento
15	W	Agricultor. Homem, adulto, de família de agricultores. No Movimento há mais de 10 anos.	José Martí – pré assentamento
16	Aj	Agricultora. Mulher, adulta, de família de agricultores. No Movimento há menos de 10 anos.	José Martí – pré assentamento
17	Li	Agricultor. Homem, adulto, de família de agricultores. No Movimento há menos de 10 anos.	Bela Manhã – pré assentamento
18	Ma	Agricultor. Homem, adulto, de família de agricultores. No Movimento há menos de 10 anos.	José Martí – pré assentamento

Quadro 2. Relação dos participantes da entrevista

Assim, durante o mês de julho/2015 foram realizadas 18 entrevistas individuais, com o tempo de gravação aproximado de 40 minutos cada, onde foram abordados 11 homens e sete mulheres, da seguinte forma:

Tipicidade	Homens	Mulheres
2 lideranças regionais do MST	1	1
2 representantes do setor de educação do MST	0	2
5 técnicos/as locais do setor produtivo do MST	4	1
7 agricultores/as (acampados/as e assentados/as do MST)	5	2
2 pesquisadores/as da Universidade/ESALQ	1	1

Quadro 3. Participantes da entrevista por gênero

Todos os sujeitos entrevistados são participantes do Projeto “Assentamentos Agroecológicos” e atuam, ou participam, de atividades na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” e nos sete pré assentamentos da região (Antônio Araújo, José Martí, Herdeiros da Terra, São João, Bela Manhã e Jaci Rocha). Sendo que a maioria está no MST há mais de 10 anos, todos adultos, porém três pessoas possuem uma faixa etária maior que 50 anos. Esta seleção se deu por indicação do Movimento e dos gestores do PAA para contemplar a diversidade de atores neste campo, com ênfase naqueles que estão relacionados diretamente com os processos de construção de assentamentos agroecológicos.

O roteiro de perguntar para a entrevista semiestruturada foi previamente elaborado, tendo como foco alcançar a narrativas dos entrevistados e das entrevistadas sobre como, onde, quando e quem constrói conhecimentos no campo da agroecologia. Desta forma, buscou trazer dados possíveis de serem examinados enquanto uma prática discursivo-interacional, que “organiza a experiência humana e constrói sentidos culturalmente relevantes” (BASTOS & BIAR, 2015, p.99). Segundo Bastos e Biar (2015, p. 102-103) a análise de narrativa:

[...] configura-se como uma ferramenta útil na medida em que: (i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear as identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas, atentando para os modos como os atores sociais se constroem para fins locais de performance e (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária.

Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972) definem que toda narrativa tem um ponto, isto é, um “motivo que justifique sua reportabilidade, condição que, segundo o autor, sustenta

a relevância comunicativa do surgimento de uma história em um dado contexto interacional” (apud BASTOS & BIAR, 2015, p. 106).

Para tanto, foi utilizando o seguinte roteiro de perguntas, formulados de modo a encorajar a emergência das narrativas:

1. *O que é agroecologia para você?*
2. *Onde e quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?*
3. *Como se forma este conhecimento?*
4. *Com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?*
5. *Quais espaços e práticas são importante para ensinar e aprender agroecologia?*
6. *Qual o papel da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”?*

#### **4.3 Devolutiva de pesquisa**

A partir da análise preliminar dos dados alguns pontos necessitaram de um maior aprofundamento, assim, foi realizado um momento de socialização sobre o andamento da pesquisa e reflexões compartilhadas sobre alguns dados levantados. Desta forma foram consultadas as lideranças do Movimento e equipe gestora do PAA, que apoiaram a construção deste evento, denominado como “devolutiva de pesquisa”. A demanda de retorno dos dados foi realizada também pelos próprios sujeitos participantes durante as entrevistas, assim como, pelos membros da equipe do PAA, o que tornou esta devolutiva ainda mais pertinente.

Concomitantemente, outro pesquisador da ESALQ também estava enfrentando a necessidade de dar retorno sobre os avanços de sua pesquisa e debater algumas questões relevantes para sua análise de dados; sua investigação tinha como tema o levantamento do conhecimento da diversidade de mandioca, e foi realizada no mesmo território.

Assim, em 17 junho de 2016 foi possível organizar um evento, em parceria com representantes do Setor de Educação do MST e pesquisadores do PAA que teve como título “Devolutivas das pesquisas: Construção de saberes agroecológicos e Diversidade de Mandioca no Extremo Sul da Bahia” com duração de oito horas. Este evento teve como

objetivo dialogar sobre as duas pesquisas em andamento, e assim, reunir a maior quantidade de atores interessados para apresentar os resultados alcançados e possibilitar a discussão e aprofundamento analítico. Neste contexto, foi possível realizar a formação de um grupo para abordar algumas questões relevantes sobre a construção de conhecimentos agroecológicos.

Neste evento estiveram presentes 16 pessoas, entre elas os representantes da Escola Popular, Setor de Produção do Jaci Rocha, Coordenadora do Fábio Henrique, Setor de Produção Jaci Rocha, Equipe de Campo do José Martí, Equipe de Campo Fábio Henrique, Setor de Produção Antônio Araújo, Setor de Produção do Antônio Araújo e pesquisadores ESALQ.

A apresentação teve início com o tema “O Papel da Universidade na construção do conhecimento junto à sociedade”. A principal questão trabalhada foi o fato da agroecologia requerer uma abordagem que seja capaz de colocar em comunicação as ciências com os saberes culturalmente produzidos. Após este momento, foi realizada a apresentação da metodologia, dos referenciais teóricos utilizados na pesquisa e os principais desafios encontrados para sistematização as informações. Ainda, foi apresentada a linha do tempo que contextualizou o momento de pesquisa e os principais resultados das análises preliminares. Na sequência foram apresentadas duas questões para dois grupos de trabalho, um com oito e outro com nove pessoas:

*1. Na maioria das respostas sobre os espaços de aprendizagens de agroecologia, não citam a Escola de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” como espaço principal, o que isso quer dizer?*

*2. A maioria das pessoas entrevistadas ouviram a palavra agroecologia pela primeira vez em 2006, por que isso aconteceu?*

Após o momento de reflexão compartilhada os resultados das discussões foram apresentados em plenária. Estes dados levantados serão apresentados no item “Resultados e discussões”, triangulados com outros tipos de dados.

A devolutiva de pesquisa foi realizada na busca de uma abordagem científica na qual a comunidade envolvida se torne participante ativa da pesquisa realizada e não somente uma depositária das questões elaboradas dentro da universidade, onde muitas vezes os pesquisadores e pesquisadoras se apropriam dos saberes comunitários e não há um interesse retornar para os mesmos os dados sistematizados, muito menos dialogar sobre eles.



Figura 4. Devolutivas das pesquisas: Construção de Saberes Agroecológicos e Diversidade de Mandioca no Extremo Sul da Bahia (17/06/2016).

Fonte: arquivo fotográfico Fábio Frattini Marchetti (17/06/2016)

#### 4.4 Análise de dados

Seguindo orientações da pesquisa qualitativa procurou-se observar a questão de pesquisa sob várias perspectivas, concentrando em alguns pontos que pareceram de maior relevância (GOLDENBERG, 2000, p. 50).

Foram adotados os seguintes procedimentos para tratar dos dados, criar categorias de análise e interpretação:

1. Transcrição integral das entrevistas: o que possibilitou a escuta cuidadosa e a leitura atenta do material repetidas vezes;
2. Elaboração de categorias de análise: as principais ideias foram sistematizadas e organizadas a partir das convergências e divergências encontradas;
3. Triangulação de dados e fontes: realizada a partir da análise das entrevistas, devolutiva de pesquisa, observação participante, consulta a indicadores governamentais, relatórios do PAA, documentação institucional, e a busca por literatura complementar auxiliaram na compreensão e caracterização do fenômeno. Cabe ainda destacar as constantes conversas e auxílios de demais pesquisadores da área;

4. Análise e interpretação das informações: elaboração conceitual sobre os resultados, tendo grande cuidado com o tratamento do fenômeno de pesquisa, devido suas características complexas e idiossincráticas.

Minayo orienta que “ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo, tanto no que se diferencia num mesmo meio social” (1994, p.80). Desta forma, para auxiliar a interpretação das entrevistas semiestruturadas, na busca por identificar possíveis tendências e dimensões mais singulares, lançou-se mão de algumas ferramentas quantitativas; como observações sobre as frequências de respostas das categorias de análise e o uso de tabelas comparativas.

Neste sentido, como é de se esperar dos trabalhos acadêmicos, não há pretensão em esgotar as possibilidades descrições e interpretações que possam parecer, e sim, apresentar um recorte provisório, que se mostrou pertinente ao longo desses 24 meses de estudos.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados de campo foi realizada na perspectiva de que o conhecimento agroecológico não deve ser compreendido como exclusividade das ciências, nem dos camponeses e camponesas, nem dos povos tradicionais e agências técnicas de extensão rural, mas sim como o resultado do estabelecimento de diálogo e coexistência entre esses, e outros, sujeitos e instituições.

Desta forma, buscou-se compreender como são construídos os saberes e conhecimentos práticos da agroecologia pelo envolvimento de uma diversidade de sujeitos comprometidos com a formação de assentamentos agroecológicos no Extremo Sul da Bahia no escopo do PAA, a saber:

- Técnicos e técnicas do Setor Produtivo do MST
- Técnicos e técnicas do Setor de Educação do MST
- Agricultores e agricultoras que são os acampados/as ou assentados/as
- Pesquisadores e pesquisadoras da Universidade
- Lideranças locais e regionais do MST

Foi possível perceber que os sujeitos participantes das entrevistas tiveram contato com o termo *agroecologia* pela primeira vez, de forma geral dentro do MST e no ano de 2006. Somente um técnico do Setor de Produção do Movimento identificou que conheceu o termo nos anos de 1990, provavelmente por ser uma das pessoas de idade mais avançada, de família camponesa, que alcançou os estudos superiores e pôde participar de um Seminário de Agroecologia. Já um agricultor declara que conheceu o termo somente em 2013, ano identificado como o mais recente entre os entrevistados, porém, o mesmo participante afirmou que já praticava agroecologia sem conhecer o termo.

Eu fazia agroecologia aqui em casa e eu não conhecia. E eu falo com franqueza, que eu não conhecia essa palavra agroecologia, isso que você está vendo aqui eu fazia por causa de tamanho de terreno, que as vezes eu pegava uma semente e colocava aqui, mas por falta de terreno e espaço maior, talvez não tinha hoje esse fundinho que você tá vendo aqui, de plantas diferentes, plantas de 20 anos e a diversidade. Então, não fugindo da pergunta, agroecologia eu ouvi essa palavra na Escola Popular Egídio Bruneto, que é um espaço muito bom, lá eu aprendi muitas coisas, e pretendo aprender muito mais com a equipe da Escola Popular. Eu ouvi essa palavra em 2013, quando eu fazia parte de um projeto de agroecologia, da equipe da Escola Popular, lá eu ouvi de fato, a palavra agroecologia, lá que eu tive esse conhecimento. (D – agricultor)

Este entendimento de que a pessoa já atuava pela via agroecológica antes de conhecer o termo foi encontrado algumas vezes durante os depoimentos nas entrevistas, e será discutido com maior profundidade no item sobre “Construção de saberes e conhecimentos práticos”.

Os locais que favoreceram o contato desses sujeitos com o termo agroecologia, além do MST, foram a Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal, a Escola da Família Agrícola de Itaeté/Ba, a Escola de Agronomia da Federal da Bahia em Cruz das Almas – Seminário de Agroecologia e grupo de estágio na ESALQ, conforme segue abaixo.

	<b>Identificação</b>	<b>Ano</b>	<b>Local</b>
1	E	2002	MST – Escola do Movimento
2	V	2005	Escolas da Família Agrícola no município de Itaeté/Ba
3	G	2006	MST – curso
4	Ro	1997	Escola de Agronomia da Federal da Bahia em Cruz das Almas – Seminário de Agroecologia
5	L	2005	MST - Assentamento Terra Vista, no MST, no município de Arataca/Ba
6	El	2012	MST – Seminário
7	A	2006	Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal
8	J	2004	Grupo de estágio na ESALQ
9	N	2002	MST – curso
10	Mr	2010	MST
11	Ev	Não respondeu o ano	MST
12	D	2013	MST – EPAAEB
13	Z	2007	MST – Equipe técnica
14	C	Não respondeu o ano	MST
15	W	2012	MST – Quando o projeto Assentamentos Agroecológicos começou
16	Aj	Não respondeu o ano	MST
17	Li	Não respondeu o ano	MST
18	Ma	Não respondeu o ano	MST

Quadro 4. "Quando você ouviu agroecologia pela primeira vez?"

Portanto, pode-se perceber que é recente o contato dos sujeitos entrevistados com o termo. Esta questão foi problematizada durante a devolutiva de pesquisa, e os resultados das discussões foram sistematizados nos quatro pontos descritos abaixo:

*1. Pelo início da “campanha de agroecologia” no ano de 2002 por parte do MST Nacional*

Ou seja, foi relatado que na região do Extremo Sul as lideranças começaram a trazer questões da agroecologia principalmente após o IV Congresso Nacional do Movimento,

realizado em agosto de 2000. Neste Congresso foram construídas as novas bases de luta política e das práticas produtivas, voltadas essencialmente para a agroecologia, a qual passou a ser o principal enfoque do projeto de transformação social almejado pelo Movimento (adaptado de anotações do caderno de campo 21/05/2016).

2. *A militância do MST começou a estudar agroecologia por volta do ano de 2006 e, após isso, o debate começou a ser inserido nas discussões com toda a base.*

Este fato revela a organicidade do Movimento, pois a partir da deliberação do enfoque agroecológico no Congresso Nacional do MST, as direções estaduais e locais foram capacitadas, e se mobilizaram até chegar “na ponta” com as bases. Neste caso, este movimento, de uma diretriz nacional alcançar o Extremo Sul da Bahia, aparentemente teve um tempo de quatro anos (adaptado de anotações do caderno de campo 21/05/2016).

3. *A ATER começou a atuar mais ou menos nesta época no Estado da Bahia.*

Conforme relatos, a Assistência Técnica Rural (ATER), que é uma política do Estado, começou a atuar no campo da agroecologia na Bahia aproximadamente no ano de 2006, e trouxe, além da possibilidade em assessoria técnica para o manejo agroecológico, a relevância e pertinência do tema na região (adaptado de anotações do caderno de campo 21/05/2016).

4. *Foram realizados cursos de agroecologia do Movimento na região do Extremo Sul a partir de 2006.*

O próprio MST da região passou a desenvolver cursos sobre agroecologia e trocas de experiências, especialmente pelo seu Setor de Produção. Outro fato relevante é a criação da Escola Latino Americana de Agroecologia pela Via Campesina, no Paraná no ano de 2005 que pode ter apoiado a consolidação do conceito para dentro do MST (adaptado de anotações do caderno de campo 21/05/2016).

Neste início de apresentação dos resultados, coube trazer este panorama para introduzir alguns contornos que a construção do saber agroecológico vem tomando no território de pesquisa. Ou seja, uma abordagem sobre o agroecossistema que está em plena construção e apropriação, com participação ativa e de forma capilarizada pelo MST e pela equipe do PAA.

Desta forma, na sequência será apresentada a caracterização da concepção agroecológica emergente neste território de análise, as formas de construção dos saberes e conhecimentos práticos, os espaços de ensino-aprendizagem de agroecologia e o papel esperado da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”.

### **5.1 Identificação da concepção agroecológica emergente**

A concepção do conceito “agroecologia” era para ser aprofundada pelo desenvolvimento da pergunta “O que é agroecologia para você” na entrevista semiestruturada. Porém, os entrevistados e as entrevistadas foram apresentando ao longo das demais perguntas suas visões sobre o conceito, o que trouxe uma maior complexidade para analisar os dados. Assim, foi realizada uma opção metodológica de análise capaz de identificar algumas semelhanças na abordagem do conceito a partir da análise do conjunto da entrevista destacando três blocos que se mostram relevantes.

O primeiro bloco, trouxe a dimensão sobre a alimentação das famílias acampadas e assentadas, bem como, da sociedade como um todo. Não qualquer alimentação, mas uma que promova a agricultura familiar, o equilíbrio do ambiente e a saúde - especialmente do trabalhador/a e consumidor/a. Como, por exemplo, trouxe uma entrevistada: “plantar sem um químico e produzir o alimento da gente mesmo” (Z – Agricultora). Esta dimensão será discutida no item soberania alimentar.

O segundo bloco de respostas foi sobre o engajamento, ou seja, a força aglutinadora do Movimento a partir da organização social pela causa da reforma agrária. Esta conexão entre engajamento e agroecologia se tornou relevante especialmente no conjunto de informações sobre onde as pessoas ouviram pela primeira vez o termo, e a resposta “no MST” foi dominante (Quadro 5). Para ilustrar esta categoria de respostas segue como exemplo a fala de uma representante de uma Liderança do Movimento:

Aí quando eu vim e comecei a conviver com a militância e dentro das áreas do movimento que eu comecei a ver a importância e o peso que tem essa palavra e como que ela mudou tudo, até minha forma de ver as coisas e de viver (Liderança Regional MST - Mr).

O terceiro bloco trouxe os aspectos subjetivos, como “agroecologia é vida” (N – Setor Educação), “agroecologia é tudo” (Aj – agricultora) e busca trazer o sonho, a utopia e o legado enquanto características pertinentes para construção da abordagem agroecológica no

território. Desta forma, as categorias soberania alimentar, engajamento e aspectos subjetivos serão discutidas na sequência.

### 5.1.1 Soberania alimentar

A primeira categoria de análise que se tornou relevante após a sistematização dos materiais coletados diz respeito à soberania alimentar. Este é um conceito que teve contribuição dos movimentos de luta no campo, que vem conectado ao reconhecimento dos esforços dos camponeses e camponesas articulados em movimentos para discutir e disputar conceitos em importantes arenas. Dentre esses movimentos cabe destacar a atuação da Via Campesina<sup>17</sup>, que vem desempenhando papel de destaque para a construção do termo. O MST é parte desta rede desde sua criação e vem se alinhando às suas discussões conceituais e articulações (NIEMEYER, 2009).

Durante o Encontro da Cúpula Mundial pela Alimentação, em 1996, ocorreu a divulgação pública do conceito de soberania alimentar, e com isso, a Via Campesina conquistou o respeito e a consideração de outros atores sociais, incluindo ONGs e movimentos sociais urbanos (DESMARAIS, 2003). Este conceito vem sendo elaborado, por esta rede de movimentos sociais, através de um longo processo de diálogo e negociação entre as diversas organizações que compõem a rede nos níveis local, regional e global (DESMARAIS, 2003). De acordo com Niemeyer (2009 p. 15) o conceito de soberania alimentar:

[...] foi fundamental não só para a Via Campesina, mas também para outros atores, já que, posteriormente, a sua conceituação foi debatida com outros movimentos sociais no Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, realizado em Havana, em 2001, além de constar em quase todos os debates sobre alimentação e biodiversidade, ao lado do conceito de segurança alimentar, criado pela FAO”.

Portanto, a Via Campesina e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra sustentam o termo soberania alimentar e atualmente o definem como:

---

<sup>17</sup> A Via Campesina foi formada no ano de 1992 por uma rede de grupos sociais de camponeses e pequenos agricultores da Europa, América Latina, América Central e América do Norte, porém hoje tem abrangência praticamente global ao incluir cerca de 150 organizações locais e nacionais em 70 países. Eles representam cerca de 200 milhões de pequenos agricultores. (Via Campesina, 2008).

O direito dos povos, comunidades, e países de definir suas próprias políticas sobre a agricultura, o trabalho, a pesca, a alimentação e a terra que sejam ecologicamente, socialmente, economicamente e culturalmente adequados às suas circunstâncias específicas. Isto inclui o direito a se alimentar e produzir seu alimento, o que significa que todas as pessoas têm o direito a uma alimentação saudável, rica e culturalmente apropriada, assim como, aos recursos de produção alimentar e à habilidade de sustentar a si mesmos e as suas sociedades (VIA CAMPESINA, 2002)

Nesta definição do conceito de soberania alimentar encontramos a dimensão econômica, política, social, ética, cultural e ecológica a serviço dos interesses e autonomia dos povos e comunidades.

Esta dimensão é encontrada em falas como, por exemplo, de um agricultor, ao afirmar que “a gente (agricultores do MST) tem a ver 100% com a comida de qualidade, isso pra mim é importante” e dá um exemplo interessante de uma conversa sua com um consumidor na feira:

[...] eu vendia abacaxi na feira, aí as vezes eu parei de plantar abacaxi por causa da broca, e lá teve uma vez que eu levei um abacaxi com uma broquinha, aí o freguês falou, rapaz por que você não bate um veneno nesse abacaxi? Aí eu peguei o abacaxi, olhei pra ele e falei, pra quê que eu vou bater um veneno aqui pra tirar a doença do abacaxi e colocar a doença em você? Isso pra mim não funciona. Eu vendo minha mercadoria, nem que seja com o preço menor um pouquinho, mas é uma mercadoria de boa qualidade. Mercadoria que não vai trazer danos pra saúde da pessoa, coloquei pra ele isso (Agricultor MST - D).

Uma das educadoras entrevistadas, menciona: “Agroecologia é uma forma saudável de se produzir, comer, principalmente saúde. E saúde não se entende só como doença, mas como toda uma estrutura física, mental e bem-estar como um todo” (representante do Setor Educação - N).

Ou seja, a dimensão social da agroecologia, notadamente a habilidade de sustentar a si mesmo e a sociedade com alimentos considerados saudáveis é algo relevante, encontradas em diversas entrevistas, desde técnicos, lideranças e agricultores. Como argumenta uma liderança regional: “(...) a agroecologia tem que trazer junto é a questão da sustentação das famílias, não adianta a gente sonhar com agroecologia em assentamentos onde a gente tem boas plantações, passarinho voando, cobra andando e as famílias passando fome”. Ou ainda, como expressa uma representante do Setor Educação:

Eu venho falando da produção orgânica e a gente sabe que produzir agroecologicamente é algo trabalhoso, não rende muito [...]. Então é muito importante vocês estarem pesquisando o saber da agroecologia, o viver da agroecologia e como fazer porque quais os benefícios que a agroecologia traz pro homem do campo, principalmente para a classe trabalhadora, porque o tempo todo na vida só levou o de menos (Representante Setor Educação -El).

A correlação entre agroecologia e saúde é facilmente encontrada, especialmente por ser um argumento utilizado para o não uso de agrotóxicos nas áreas de produção, conforme pôde ser observado. Entretanto, agricultores relataram com ânimo uma outra associação, que foi a correlação entre agroecologia e economia de recursos. Isto pode ter ocorrido pela situação de escassez que se encontram, onde é quase impossível aderirem ao pacote tecnológico da agricultura industrial. Desta forma passam a produzir sem insumos (industriais ou orgânicos) e, como foi observado, pelo desenvolvimento de suas próprias experiências, reconhecem que estão praticando uma “agricultura ecológica”. Esta associação apresentada entre agroecologia e economia de recursos financeiros pode ser compreendida enquanto um desafio para o estabelecimento de Assentamentos Agroecológicos, pois a pobreza no campo e sua consequente falta de insumos agrícolas podem diminuir o rendimento da produtividade e assim, ao longo do tempo, desacreditar o manejo agroecológico. Como um Técnico do Setor de Produção pondera na entrevista:

[...] o agricultor da reforma agrária ele começa a praticar agroecologia por força da necessidade ele não tem recursos, principalmente no início da sua inserção no assentamento para o desenvolvimento da sua lavoura, o que ele tem é a força de trabalho e algumas ferramentas e semente, e faz aquele famoso plantio “plante que a terra garante” e o fator preponderante nisso aí é a experiência popular (Técnico do Setor de Produção - Ro).

Já na literatura, encontramos em Caporal e Costabeber (2005, p. 3):

[...] cabe afirmar que não se deve entender como agricultura baseada nos princípios da Agroecologia aquela agricultura que, simplesmente, não utiliza agrotóxicos ou fertilizantes químicos de síntese em seu processo produtivo. No limite, uma agricultura com esta característica pode corresponder a uma agricultura pobre, desprotegida, cujos agricultores não têm ou não tiveram acesso aos insumos modernos por impossibilidade econômica, por falta de informação ou por ausência de políticas públicas adequadas para este fim.

Para além das questões do manejo agrícola para sustento das famílias, a questão ecológica aparece algumas poucas vezes, especialmente nas falas de técnicos do Movimento e de pesquisadores da Universidade. Um dos técnicos do MST traz em uma de suas falas: “Então eu vejo essa opção pela agroecologia não vai ser simplesmente paixão ou por uma ideia do Movimento, ela vai ser uma necessidade do pequeno agricultor, que ele vai ter que se adequar a ela pra poder ter sustentabilidade” (Técnico do Setor de Produção - Ro).

Quando uma liderança regional do Movimento identifica que “o alimento é a simbologia mais concreta para o MST dialogar com a sociedade” reflete com clareza que Movimento desenvolveu a abordagem sobre produção de alimentos como uma resposta

palpável, pertinente e de interesse da sociedade. E isso dialoga com a importância que o Movimento dá para a divulgação dos produtos da Reforma Agrária em feiras, espaços públicos, fóruns de debate e entrepostos comerciais. Esta resposta às demandas da sociedade, com o oferecimento de um alimento de qualidade, tem aberto novos espaços de debate e de construção da imagem positiva do MST, elementos importantes para a consolidação dos Assentamentos Agroecológicos na região.

### 5.1.2 Engajamento

Madrugada camponesa  
faz escuro (já nem tanto)  
vale a pena trabalhar  
Faz escuro, mas eu canto  
(Thiago de Mello)

O contexto histórico sobre o uso da terra no Extremo Sul baiano e o constante avanço e impacto de áreas dos latifúndios monoculturais podem ter proporcionado a emergência de uma contracorrente agroecológica militante. Esta dimensão agroecológica engajada solidifica ações de resistência e de oposição ao sistema capitalista de produção no campo, pois apresenta-se enquanto outro projeto de desenvolvimento (CAPORAL, 2005, p. 1).

No segundo semestre de 2015 foi possível percorrer as cidades de Alcobaça, Prado, Porto Seguro, Teixeira de Freitas e Itamaraju no Extremo Sul da Bahia e conhecer oito acampamentos e pré assentamentos. Dentre estes, sete participam do projeto “Assentamentos Agroecológico”. Nas observações de campo foi registrado algumas impressões sobre a região, como segue:

Nesta região predomina fortemente o monocultivo do eucalipto. É possível identificar os aviões que aplicam agrotóxico circulando na paisagem, nas estradas se cruza a todo momento com caminhões cheio de toras de madeiras, andando em uma velocidade bem reduzida, deixando a BR 101 ainda mais perigosa. Depois do eucalipto é possível perceber as culturas de café, mamão e pimenta do reino, sempre em monocultivo. Na beira das estradas, de forma isolada, porém frequente, tem muita gente morando e as pequenas cidades lembram mais vilas. Os assentamentos e acampamentos, que de longe já é possível ver pessoas e plantios diversos, me aparecem como ilhas de esperança, de convívio, de agrobiodiversidade, um local de resistência à tão presente agricultura industrial (CADERNO DE CAMPO, 21/07/2015).

Neste período foi possível presenciar também aspectos sobre o desequilíbrio paisagem através da proliferação da Lagarta Parda do Eucalipto, principal lepidóptero desfolhador da cultura do eucalipto.

Algo que chama a atenção é quantidade de mariposas brancas que estão por todos os lados, as paredes estão cobertas por elas. Há relatos de que aplicaram agrotóxico nas áreas de eucalipto e as mariposas, que são consideradas pragas do eucalipto, foram para os acampamentos, assentamentos e até mesmo para as cidades. Contaram que as escolas da cidade de Prado fecharam por esta “invasão”. Durante as entrevistas foi possível registrar a fala de um agricultor dizendo que aviões passaram por cima das áreas de acampamento pulverizando agrotóxico por cima das pessoas. Ainda, é incrível a quantidade de ovos que elas estão depositando, certamente as áreas livres de agrotóxicos sofrerão com este desequilíbrio (CADERNO DE CAMPO, 20/07/2015).



Figura 5. Teia e ovos da Lagarta Parda do Eucalipto no pré assentamento Jaci Rocha (*Thyrinteina arnobia*)  
Fonte: arquivo pessoal (29/07/2015)

A notícia sobre as mariposas foram registradas por diferentes mídias, como exemplo:



Figura 6. Matéria de jornal sobre desequilíbrio população mariposas em Prado/BA  
 Fonte: Portal G1 08/07/2015

Neste sentido, as falas de agricultores, técnicos e lideranças revelam claramente as contradições e dificuldades que serão enfrentadas para a implantação do manejo agroecológico no contexto regional de grande impacto do agronegócio. Porém, no caso da proliferação das mariposas, não houve uma ação articulada de denúncia que demonstrasse um engajamento mais pronunciado do Movimento. Talvez, pela existência da campanha “Extremo Sul pela Vida: Agrotóxico Zero” este tema já tenha sido considerado contemplado, ou ainda, necessitaria de maiores esforços nas colheitas de provas e depoimentos para, por exemplo, entrar com denúncia no Ministério Público, algo que até o momento não foi realizado. Um Técnico do Setor de Produção do MST aponta:

O pessoal começou a jogar o veneno no eucalipto e as pragas fugiram do eucalipto pra cidade, onde não tem o veneno e estão deixando os ovos. E será que essa mariposa não vai atingir as nossas lavouras? Será que o nosso vizinho está cuidando da gente do lado de cá? (Técnico do Setor de Produção MST - E)

E até mesmo o relato da contaminação de pessoas por agrotóxicos feito por pulverização de agrotóxico de avião:

(o uso de veneno) já acontece nas práticas aqui ao nosso redor, de fazenda café norte, a própria Suzano e a própria Veracel você vê que eles não trabalham sem veneno em hipótese alguma, estão sempre usando. Aí então, teve um encontro sobre informação e comunicação, e lá próximo, vizinho em nosso assentamento, tinha uma roça de milho, e tinha um avião que estava batendo veneno nessa roça de milho próximo da gente e o vento tocou tudo de lá pra cá. Como o barracão é aberto e amplo aí começamos a inalar aquela química, que a gente não percebe. Dentro de 5 horas de relógio, 40 pessoas passaram a dar disenteria, e a gente sem saber ‘será que isso?’ ‘será que é aquilo?’ e aí pergunta com pessoas de mais conhecimento, médico

e tal e a gente chegou à conclusão que foi o veneno (Técnico do Setor de Produção MST - E).

A Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) através do *Regulamento Brasileiro de Aviação Civil: Certificação e requisitos de operações aero agrícolas* (RBCA 137) possui uma série de diretrizes para aplicação de agrotóxicos, em seu item 137.213 diz especificamente das operações sobre áreas povoadas o seguinte:

Exceto nos casos de controle de vetores, observadas as normas legais pertinentes, ninguém pode operar uma aeronave agrícola contendo produtos químicos sobre áreas densamente povoadas, sobre embarcações ou sobre aglomerações de pessoas ao ar livre (ANAC, 2011, p. 16).

A pulverização aérea é o único modo de aplicação com legislação federal específica, e possibilita a aplicação de agrotóxicos sobre pessoas para o controle de vetores. Destaque para o uso do termo *vetor* que pode ser qualquer agente biológico, como insetos, microrganismos e até mesmo aves e mamíferos que possam transmitir doenças. Segundo o Dossiê ABRASCO (CARNEIRO, 2015, p. 394) “a pulverização aérea termina por ser a mais perigosa e contaminante” além de ser a de menor eficiência agrícola.

[...] 30% dos venenos jogados nas lavouras atingem o “alvo”, e os 70% restantes se transformam em deriva, dos quais 20% vão para o ar e 50% para a terra; quando chove, os resíduos acumulados na terra são transferidos para o lençol freático, contaminando as águas. Além de proibir a pulverização aérea, deve-se instituir uma legislação que estabeleça limites à aplicação terrestre, impondo distâncias obrigatórias em relação a populações (humanas e animais), nascentes de água, rios e territórios de produção agroecológica, para que os venenos não prejudiquem aqueles que optaram por uma produção sem agrotóxicos (CARNEIRO, 2015, p. 394)

Desta forma, este mesmo o Dossiê propõe que seja realizada a “proibição da pulverização aérea no Brasil e instituição de legislação sobre as distâncias mínimas (das áreas populosas) permitidas para a pulverização terrestre” (CARNEIRO, 2015, p. 394). Ainda, argumenta sobre o uso de agrotóxico de forma mais ampla requerendo:

- Fim do crédito e isenção de impostos para agrotóxico;
- Reavaliação dos agrotóxicos autorizados;
- Monitoramento de resíduos de agrotóxicos em água e alimentos;
- Rotulagem de produtos com agrotóxicos;
- Fiscalização de danos ao meio ambiente;
- Fiscalização da emissão de receituários agrônômicos e monitoramento;
- Participação da sociedade na construção do Plano Nacional de Enfrentamento do Uso dos Agrotóxicos e seus Impactos na Saúde e no Ambiente.

Já entre os técnicos e técnicas do MST entrevistados é possível perceber uma grande preocupação com o impacto do entorno das áreas dos assentamentos e acampamentos. Citaram principalmente a questão do uso de inseticida para o controle da mariposa:

Essa questão da mariposa também me preocupa, e é em toda região. Fui ontem em Itamaraju e estava deste jeito. Outras pessoas foram em Teixeira e estava do mesmo jeito. Ainda é uma praga do eucalipto, mas com certeza ela vai se adaptando onde encontrar alimento para ela. Então essas lagartas com certeza irão vir com tudo aí. E por isso que a gente discute a agroecologia necessária não é só no meu lote e no meu assentamento. O vizinho lá está acabando com tudo e isso implica consequências pra quem está na área (Técnica do Setor de Produção MST - V).

Eu vejo a agroecologia por isso aí, vai ter dois nichos diferentes, como a gente está no perímetro do monocultivo do eucalipto principalmente, mas também do café, do mamão e do maracujá que usa grandes quantidades de veneno e os indícios são essas grandes quantidades de mariposas. Então, eu não tenho dúvidas que essas mariposas irão preferir morar dentro das nossas matas, mas elas irão se alimentar ali tão perto que é onde está o desequilíbrio, nós somos o refúgio (Técnico do Setor de Produção MST - Ro).

A perspectiva agroecológica se estabelece em paisagens em que a agrobiodiversidade possa manter infraestruturas ecológicas responsáveis pela regulação das populações de organismos. Petersen (2015, p. 201) orienta que:

Por meio dos processos de autorregulação biótica proporcionados pelos serviços ecológicos da biodiversidade, evita-se a explosão populacional dessas espécies espontâneas (também convenientemente chamadas de daninhas), o que torna o uso dos agrotóxicos absolutamente prescindível.

Porém, pode-se deduzir que neste caso onde os assentamentos fazem ilhas no mar da monocultura será necessário a constante utilização de métodos naturais e/ou de controle biológico de organismos potencialmente patogênicos para que estes desequilíbrios populacionais não coloquem em risco a produção agrícola, até que se possa discutir uma transição agroecológica no contexto regional. Uma liderança chega até afirmar que é contraditório o estabelecimento da agroecologia na região:

A gente percebe, principalmente na nossa região, que é muito contraditório a gente falar de agroecologia [...] uma vez que a gente está cercado pelo monocultivo de eucalipto e outros monocultivos que a gente tem na região (Técnico do Setor de Produção MST - Ro)

Ainda, é importante destacar nas falas dos técnicos do MST uma preocupação não somente com o impacto do agronegócio na região, mas enquanto um sistema produtivo sem fronteiras e limites para seu desenvolvimento:

Então a gente aproveita esse espaço pra chamar a sociedade para vir junto com a gente nesse debate pra reforçar essa campanha na região do Extremo Sul que é a mais afetada pelo cultivo eucalipto, que vem prejudicando e aparecendo tanto tipo de praga que você não sabe de onde veio e a gente sabe que tem estudos que comprovam que é esta questão do monocultivo e aí hoje vem degradando muito mais a nossa região e a gente acaba que não existe mais a fauna e a flora na nossa região (Técnico do Setor de Produção MST - G).

[...] você conscientizar a pessoa sair desse modelo tradicional de monocultivo do agronegócio pra trazer uma coisa que você consegue fazer, que é você trabalhar a diversidade de cultura, é você trabalhar os meios de combater as pragas e doenças que o agronegócio hoje manda o pacote tecnológico e você chega implanta aqui, resolve por alguns dias mas acaba matando a vida do solo, matando pessoas, e você se prejudicando (Técnico do Setor de Produção MST - L)

[...] mas como é que a gente traz a revolução verde, de fato de volta, mas a revolução verde da agroecologia, já foi feita a revolução verde do agronegócio. Nunca teve a revolução verde da agroecologia, precisa criar realmente esse espaço da revolução da biodiversidade. Aí eu acho que o desafio da Escola é fazer processo da revolução verde agroecológica (Técnico do Setor de Produção MST - L)

As lideranças do Movimento entrevistadas relataram a compreensão sobre a agroecologia enquanto um contraponto a ser investido para enfrentar o modelo do agronegócio instalado.

Então esse é um sonho da gente conseguir implementar em toda nossa regional que vem sofrendo muito com essa questão do monocultivo do eucalipto e a gente precisa trabalhar a produção de alimento diversificado, mas ao mesmo tempo com alimento de qualidade que vai contrapor com esse modelo de produção que vem implementado pelo agronegócio que muitas vezes os movimentos sociais também vão abraçando, que é um incentivo também da grande elite. (Liderança regional MST - Ev)

A gente precisa amputar algumas coisas que não faz parte da agroecologia, a agroecologia é o que eu te falei é a arte de você colher, é arte de você plantar a vida ali e algumas pessoas usam esse termo de uma forma banal, pra plantar um eucalipto está fazendo agroecológica? Não está. Vai plantar uma soja transgênica, não está também. Então a gente precisa separar essas coisas, se tem outro termo que se arranje para dar pra esse aí, porque esse termo não é agroecologia. (Liderança Regional MST - Mr)

Na região do Extremo Sul a gente já tá trabalhando com agrofloresta, em áreas que predominava o monocultivo do eucalipto ou a pecuária extensiva ou qualquer tipo de monocultura no caso do café por exemplo que é muito forte na região do Extremo Sul e nós estamos no trabalho nesse sistema de agroecologia com recuperação do solo, que a gente encontrou totalmente degradado (Liderança regional MST - Ev)

A perspectiva de uma agroecologia militante e/ou engajada é pouco encontrada na literatura. Tende-se creditar à dimensão social da agroecologia este aspecto (SEVILLA-GUZMÁN, 2001; CAPORAL E COSTABEBER, 2002; ALTIERI, 2004; MACHADO, MACHADO FILHO, 2014). A obra “Agroecologia Militante: Contribuições de Enio Guterres” (GUTTERES, 2006) se refere a uma coletânea de textos de Enio Guterres (1961-2005), militante da Via Campesina, que tratam sobre ecologia, transgênicos biodiesel,

agroecologia e organizações sociais. Portanto, apresenta a vida de um cientista militante, comprometido com os camponeses, porém não discute a dimensão militante e engajada do conceito agroecológico.

Ao caminhar para uma compreensão do termo que está conectada com a necessidade de transformação de paradigmas e resistência no campo pode-se concluir que está se falando necessariamente de engajamento. Entende-se, a partir da visão de Jacobi, que “engajamento é a promoção de atitude contextualizadora e problematizadora da realidade” (JACOBI et al, 2009, p. 9). Já militância em movimentos sociais, segundo Frank e Fuentes (1989, p. 20) visa “compartilhar a força da moralidade e um sentido de (in) justiça na mobilização individual e no poder da mobilização social no desenvolvimento de sua força social”. Os autores complementam ainda que os movimentos sociais requerem uma organização flexível, adaptativa e não-autoritária que dirija o poder social na busca de metas sociais, as quais “não podem ser alcançadas só por meio da espontaneidade fortuita. (...) É assim que estes movimentos sociais auto-organizados enfrentam o poder (estatal) existente, com um novo poder social, o qual altera o poder político” (FRANK & FUENTES, 1989, p. 26).

Hardt e Negri contribuem para a compreensão da importância das lutas “o senso comum que reside nos corações e mentes dos sujeitos que conduzem as lutas e imaginam uma nova sociedade possui um valor prescritivo e o poder de gerar, inspirar e moldar novas formas de vida.” (HARDT & NEGRI, 2014 p. 19).

Portanto, a agroecologia neste contexto, é uma ação aglutinadora, que se apoia na participação e no processo coletivo de transformação, como afirma uma liderança do Movimento:

Aí quando eu vim e comecei a conviver com a militância e dentro das áreas do movimento que eu comecei a ver a importância e o peso que tem essa palavra e como que ela mudou tudo, até minha forma de ver as coisas e de viver (Liderança Regional MST - Mr).

Então no momento que a gente pensa numa agroecologia a gente pensa numa vida saudável, numa forma diferenciada de viver e de se colocar no mundo como um todo. Porque hoje nós estamos sobrecarregados de agrotóxicos e se a gente não pensar enquanto movimento social em uma forma diferente de buscar, de verdade, intervir em todo ecossistema, isso tem que ter agroecologia. (Liderança Regional MST - Mr).

Porém, há suas contradições, nem sempre uma decisão tomada por impulsos políticos e ideológicos se conformam na realidade no tempo em que se espera, como revela a fala de uma extensionista da ESALQ:

O que eu quero dizer é que de 2000 pra agora tem uma diferença, porque tá bom, tomou uma decisão política, mas e daí? As cooperativas de lá de Itapeva, que produzem soja em áreas gigantes, e que sustenta uma parte do movimento com essa produção convencional, então assim, até que ponto negar este processo e construir um processo diferente disso, como é que você dá um salto qualitativo no sentido da agroecologia, tecnicamente, politicamente. Mas como você muda? Como você enfrenta uma área na região na cana de açúcar que tem família que arrenda terra pra cana? Então assim, o discurso político da agroecologia está desde 2000, mas como é que isso foi avançando ao longo dos anos? Quando a gente chegou aqui em 2012 foi bem aceito falar de agroecologia porque isso foi uma política no movimento nacional desde 2000, mas na prática, no dia a dia, não foi isso que a gente encontrou, inclusive das direções políticas. Quando a gente chegou, um dos dirigentes de uma das áreas que a gente estava trabalhando era ele quem vendia roundup pra comunidade. Então é uma área que até hoje a gente tem muita dificuldade em lidar, ainda tem muitos problemas (Pesquisadora da ESALQ - A).

É na experiência de luta pela terra que, para o MST, inicia um processo educativo em que o indivíduo passa a ser sujeito coletivo, enxergando as contradições da sociedade e se conscientizando da necessidade de realizar lutas coletivas, como é possível encontrar em diversas obras da Roseli Salette Caldart (2000a, 2000b, 2012). Neste sentido, a forma de organização do MST pode ser destacada como algo relevante, não somente para o movimento coletivo de luta mas para a implantação de modelos produtivos mais sustentáveis:

Tem assentamento de 3 e 4 anos que você olha e vê uma agrofloresta, essas interações das pessoas que acontecem ajudam muito nisso. Ajuda mútua, o coletivo, a forma de se doar e principalmente a forma de organicidade que o movimento tem que abrange aí todos os setores, desde a produção até educação, e a frente de massa que faz você estudar os processos e reeducar as pessoas, e isso tem sido a base de uma condição especial da agroecologia nessa condição. É o resgate do saber popular e a valorização do homem. (Representante Setor Produtivo MST - Ro).

Na visão de Ademar Bogo “a organicidade é a forma eficiente de ir eliminando os aspectos espontâneos e ingênuos da consciência dos camponeses; estes, através do tempo, passam a perceber como se dá o controle da sociedade e onde se localizam os interesses antagônicos das classes organizadas” (BOGO, 1999, p.134). Ou seja, a organicidade no Movimento Sem Terra cumpre a função de sustentação do movimento de massas, e rompe com a espontaneidade de mobilização em torno somente das necessidades imediatas.

A organicidade traz qualidade às ações coletivas, como pode-se perceber em eventos organizados pelo Movimento.

Sobre os eventos, pode-se destacar:

- Ânimo dos presentes e a boa vontade para participar tanto das oficinas, quanto nas atividades de autogestão e demais ações da organicidade;
- Ótima articulação regional, presença de representantes de setores governamentais e de pesquisa;
- A mística que acontece no início das atividades imprime qualidade, unidade e identidade aos eventos (sempre me emociono);
- Crianças presentes e prática de acolhimentos das mesmas pelas *cirandas*;
- Cuidado com o espaço (ornamentação e limpeza); agradecimento aos palestrantes e demais parceiros de forma muito calorosa; preocupação com a qualidade da alimentação são características que saltam aos olhos;
- Necessidade de valorizar e reforçar o saber popular, os acúmulos do movimento e a busca por romper com a opressão do conhecimento científico são colocadas por discursos fortes e entusiasmados.

(CADERNO DE CAMPO, 18/07/2015)

É através do processo de socialização vivido nos acampamentos e assentamentos, que se constroem e internalizam conceitos. As dificuldades vividas coletivamente e a luta por acesso à terra assume um papel educativo, onde os indivíduos apreendem o contexto e as condições da luta pela Reforma Agrária, sobre o modelo agrário e agrícola, descobrem que são sujeitos de direitos, e que esta dimensão é para além do acesso aos meios de produção, a terra, mas diz respeito a sua própria condição humana (CALDART, 2000b).

Isto posto, a dimensão do engajamento e militância podem ser o salto qualitativo que incrementa o conceito da agroecologia como ponta de lança para transformações. Os filósofos políticos Hardt e Negri discutem na obra *Declaração: Isto não é um manifesto* (2014) o papel dos movimentos a partir da sua capacidade agregação para potencializar o enfretamento da atual crise do capital instalada, que se reflete basicamente, segundo os autores, em empobrecimento do proletariado e redução da sua potência de ação.

[...] as transformações neoliberais da vida social, econômica e política não somente desempoderaram e empobreceram os sujeitos que a produziram. E este empobrecimento que o trabalhador atual sofre não é somente como Marx e Engels teorizaram, uma redução de salários e uma exaustão dos recursos materiais da vida individual e coletiva, mas também das nossas capacidades humanas, sobretudo nossa capacidade de ação política (HARDT & NEGRI, 2014 p. 19).

Arendt já tinha anunciado na década de 50 que esta era do capitalismo triunfante se daria pela “redução generalizada do potencial de ação humana” (2014, p. 24).

Hardt e Negri, colocam que devemos lutar para nos libertar dessas condições de empobrecimento, angústia e solidão. E trazem algumas iniciativas possíveis para superar a crise, em linhas gerais são: i. Reverta a dívida; ii. Produza a verdade; iii. Liberte-se; e iv. Constitua-se. Nesta última, insere o papel dos movimentos sociais e afirmam que “devemos descobrir a força que reconecta a ação de estar juntos” (HARDT & NEGRI, 2014 p. 110).

Esse poder constituinte está profundamente integrado nas lutas do MST, e como movimento social “enraíza numa nova condição ontológica e estabelece as circunstâncias sob

as quais relações mais iguais, comuns e sustentáveis podem se desenvolver” (HARDT & NEGRI, 2014 p. 110).

### 5.1.3 Aspectos subjetivos: utopia, sonho e legado

Segundo Carvalho (2013, p. 301), a subjetividade designa um modo de ser e estar no mundo que resulta em “estilos de vida e valores adotados por indivíduos e grupos sociais nas suas relações com outros humanos e não humanos”. É também relacionada com possibilidades de projeção de futuro. Trazê-las para discussão é dar sentido para aspectos não objetivos, pelo próprio antagonismo ao termo subjetivo. E como esclarece ainda Carvalho (2013), é necessário um cuidado ao tratar da subjetividade, pois pode remeter a conceitos vagos, poucos precisos ou então muito pessoal. Porém, esta dimensão torna-se relevante por possibilitar aspectos cognitivos ricamente diversos de contraponto à racionalidade que busca somente atender às demandas do mercado, ou à racionalidade estritamente econômica e instrumental.

“Utopia”, “sonho” e “legado” foram os aspectos subjetivos identificados nas análises de campo e tornou-se relevante especialmente a partir das entrevistas. Seria possível, através da dimensão subjetiva encontrada, responder as questões que propuseram Floriani e Floriani apresentadas anteriormente, sobre se continuaremos adotando modelos analíticos contaminados pelos parâmetros da racionalidade instrumental, visando resultados de custo-benefício dos investimentos privados? Ou então, incluiremos elementos novos de análise - derivados do campo das disputas simbólicas “sobre como entender a natureza, a sociedade e o interesse de outros agentes sociais - e não apenas aqueles ligados aos interesses dos que detêm a propriedade privada dos meios de produção e do capital financeiro?” (FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010, p. 2).

O que está posto é que, trazer aspectos subjetivos para identificar *qual agroecologia estamos falando* é essencial no sentido de trazer novos elementos de análise ao conceito que não são pautados pela racionalidade capitalista de produção. Como a fala de uma das educadoras do MST, que demonstra a correlação do termo agroecologia com conceitos subjetivos: “(...) pra mim agroecologia é vida, uma forma diferenciada de pensar a vida e de cuidar da saúde de um modo geral” (N - Setor Educação).

Ao dar visibilidade para esses aspectos subjetivos, pretende-se incorporar uma outra racionalidade que compreende conceitos mais complexos e amplos de representação sobre a realidade vivida.

### **Utopia e sonho**

A utopia pode ser compreendida como “toda proposta ideal de organização da sociedade em que, por meio de novas condições sociais, econômica e política se pretende alcançar um estado de satisfação geral” (MORE, 2008, p. 121). More (2008, p.11), referindo-se a uma colocação do romancista alemão Robert Musil, discorre que:

Uma utopia é uma possibilidade que pode efetivar-se no momento em que foram removidas as circunstâncias provisórias que obstam a sua realização. Circunstâncias que estão ao alcance da ação transformadora dos homens.

Pereira (2015, p. 74) apresenta que “a agroecologia aponta para uma luta contra hegemônica na produção e quiçá, para a utopia de superação do próprio capitalismo”. Neste sentido, a agroecologia considerada enquanto símbolo utópico de transformação dos modos de produção e consumo pode ser encontrada em algumas respostas de entrevistas, como esta de um extensionistas da universidade:

Agroecologia ela é por si uma transformação social. É uma bandeira de luta muito importante dos movimentos sociais e da academia enquanto símbolo de transformação da concepção capitalista, que veio com a Revolução Industrial (Pesquisador ESALQ - J)

A palavra utopia em grego significa “em lugar nenhum” foi usada por Thomas More para identificar uma Ilha imaginária apontando severas críticas à sociedade inglesa e europeia do século XV, e ao mesmo tempo apresenta Utopia como um lugar em que a sabedoria e a felicidade do povo decorrem de um sistema social, político, e legal perfeito, guiado pela razão (MORE, 2008, p. 121).

A utopia pressupõe uma atitude crítica em face das formas históricas da realidade e uma exploração do campo diferencial das possibilidades (MORE, 2008). “Um mapa do mundo em que não aparece o país Utopia não merece ser guardado” (MORE, 2008, p. 121).

Para além da contribuição de autores clássicos da literatura para a discussão sobre *utopia*, Dumont (1975, p. 1000), em sua obra *A utopia ou a morte* apresenta que:

[...] este futuro, não sendo de modo algum predeterminado, e não obedecendo a nenhuma lei revelada, não tem um sentido decretado: nós podemos, portanto, principalmente como coletividades, ter sobre ele muita influência. Se eu não pensasse assim, poderia já depor minha pena e parar de escrever.

Dumont ainda traz uma série de propostas, quando apresenta o capítulo sobre “injustiças ou sobrevivências”, para que os “países de terceiro mundo” possam superar suas condições de opressão, (DUMONT, 1975, p. 150), dentre as propostas pode-se destacar algumas que dialogam com a presente pesquisa:

1. Traçar uma plataforma comum entre os países em desenvolvimento na luta contra a dominação econômica e política que também esteja alinhado aos ideais de conservação e proteção ambiental, como base das relações entre nações;
2. Fazer uma transição para um socialismo de sobrevivência, que esteja atento aos limites do planeta e pelo combate aos abusos e “esbanjamentos dos ricos” com forte investimento na educação e na implementação da democracia ou “ter menos e ser mais”;
3. Estabelecer modos de sociedade sem desprezo, na qual cada um encontraria a dignidade daquilo que deve ser respeitado, qual fosse sua raça, cor, religião, renda, sexo, opiniões, educação no combate à exploração de uns por outros e do privilégio que leva às catástrofes.

O autor complementa que:

Seria necessário que um número importante de homens e mulheres, vindos de diversas disciplinas, horizontes sociais diferentes, mas todos preocupados com o futuro da humanidade e desejosos de promover sociedades menos injustas se entregassem também a esta “grande obra” dentro desta dupla perspectiva sobrevivência e justiça social. (DUMONT, 1975, p. 154).

Utopias são “ideias inspiradoras das classes em rebelião e ascensão em oposição as ideologias que racionalizaram e estratificam o pensamento das classes dominantes” (MORE, 2008, p. 121). Neste sentido, podemos afirmar que os princípios da Reforma Agrária Popular almejados pelos movimentos sociais do campo, articulados pela Via Campesina, contém elementos de utopia. Segundo Caldart (2012), as características fundamentais desta proposta de Reforma Agrária Popular, em termos gerais, compreendem um amplo processo de desapropriação das maiores propriedades, estabelecendo até mesmo um limite máximo de propriedades de terra no Brasil. Ainda, combina esta distribuição de terras com a instalação de agroindústrias cooperativas, com assessoria para novas técnicas agrícolas, tendo como base a agroecologia, um programa nacional de mecanização agrícola baseada em pequenas máquinas e ferramentas com democratização da educação formal (do ensino fundamental ao superior) e a superação completa do analfabetismo de trabalhadores adultos. Por fim, também compreende um amplo programa de valorização das manifestações culturais do meio rural em geral (CALDART, 2012).

Ainda, nesta direção, educadores ambientais desenvolveram a ferramenta *Árvore dos Sonhos*, parte das práticas da Oficina do Futuro<sup>18</sup>, que visa motivar transformações em

---

<sup>18</sup> Concebida e desenvolvida pelo Instituto Ecoar para a Cidadania, ela tem como objetivo sensibilizar e envolver a população em processos de resolução de problemas e tomada de decisões.

diferentes esferas e instâncias para a construção da Agenda 21 (Escolar, Municipal, institucional, entre outras). Segundo Portugal (2008) a *Árvore dos Sonhos* tem sua origem no início da Eco 92, quando pessoas do mundo todo escreveram seus sonhos de futuro em papéis em forma de folhas. Essas folhas foram penduradas nos galhos de uma árvore gigante, que foi instalada na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, como símbolo de um futuro mais feliz para todos.

Já Freire, em *Pedagogia da Esperança* afirma:

[...] sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente tornar-se. Fazendo-se e refazendo-se no processo de refazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança (FREIRE, 2014, p. 126).

Essas visões vêm ao encontro do depoimento de duas lideranças regional do Movimento:

É por isso que é importante a gente ler, estudar. Sonhar é importante também, assim a gente visualiza a sustentação das famílias, do solo e da questão da diversidade (Liderança Regional MST - Ev).

Então esse é um sonho da gente conseguir implementar em toda nossa regional que vem sofrendo muito com essa questão do monocultivo do eucalipto. (Liderança Regional MST - Ev)

## **Legado**

A adoção da bandeira agroecológica enquanto identidade de grupo pode representar algo significativo para dialogar com a sociedade, pois vem, ao encontro, das demandas por alimento saudável, equilíbrio ambiental e justiça social. E neste sentido, esta identidade positiva, apoia a construção de formas de legado nas narrativas dos militantes.

[...] a sociedade está tendo a oportunidade de acessar a gente, antes eles não tinham, porque, eles passavam na frente de um acampamento e já nos viam como baderneiros, como ladrões, que iriam matar quem passasse na portaria. Quando eles chegam numa escola como essa aqui hoje que recebe um Governador, que recebe pessoas de todos os meios sociais, seja de Universidades estaduais ou federais, seja escola municipais e estaduais, tem pessoas que vem de fora para ver esse novo jeito de olhar diferenciado, então as pessoas dizem “pô cara, não sabia que o Movimento Sem Terra era isso”. Então as nossas feiras vieram e deram esse chacoalhamento na sociedade e a Escola veio fez esse remate olha, a visibilidade é essa, nós estamos aqui, somos desse jeito, somos pessoa de pé no chão, e não temos nenhum tipo de máscara. Nós não temos máscara. Nós somos um movimento social que tem erros, porque ninguém é perfeito, e temos acertos e queremos cada dia mais que essa construção social vai se dando. E que eu possa viver para ver um dia a sonhada

revolução, mas com certeza, nós iremos deixar um legado aqui que vai dar um diferencial e um sentido novo para a nova geração (Representante Setor Educação MST - N).

O legado, como forma de permanecer uma ação no tempo para além da existência da própria pessoa, carrega em si forte compromisso com as gerações futuras e ainda demonstra a necessária corresponsabilidade com os cuidados do planeta. Portando, traz outra forma de se relacionar com as dinâmicas da sociedade, já que velocidade e a transitoriedade dos fatos atualmente imperam. Zigmund Bauman, ao tratar do conceito sobre a modernidade líquida para traçar características da sociedade contemporânea, apresenta que a vida líquida é o *modus operandi*, e é uma vida que se torna precária, vivida em condições de incerteza constantes. Bauman (2007) afirma ainda que este nosso modelo privilegia uma sucessão de reinícios, com finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável. “Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las” (BAUMAN, 2007, p. 7).

Um técnico do MST demonstra claramente a relevância do legado sobre a prática da agroecologia: “Esse é o legado que eu tenho, se eu morrer hoje eu sei que contribuí”.

O legado ainda inspira para ações nobres e de grandezas segundo Arendt (2014, p. 24):

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais reside em sua capacidade de produzir coisas – obras, feitos e palavras – que mereceriam estar, e pelo menos até certo ponto, estão confortáveis na eternidade, de sorte que por meio delas os mortais pudessem encontrar o seu lugar em um cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios. Por sua capacidade de realizar feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito da sua imortalidade individual atingem a imortalidade que lhes é própria e demonstram sua natureza “divina”.

A autora ainda argumenta, “aqueles que preferem a fama imortal as coisas imortais são realmente humanos, os outros satisfeitos com os prazeres que a natureza lhes oferece, vivem e morrem como animais” (ARENDRT, 2014 p.24).

A compreensão de agricultores e lideranças do MST traz relações com a capacidade de intervir e deixar um legado não somente no contexto local, mas regional e até mesmo global.

E a gente aqui, como agricultor agroecológico, estamos pensando no futuro e pensando na saúde de cada cidadão brasileiro. A gente corre e busca estar cada vez mais falando de agroecologia, não só buscando estar na mesa da nossa família, mas na mesa de todo cidadão brasileiro (Agricultor do MST - W).

E a gente está sempre à disposição para aprender, quem quiser trazer a experiência, e também a partir daqui contribuir com qualquer pessoa em qualquer parte desse país, ou do mundo, pra poder a gente construir um planeta diferente (Liderança Regional do MST - Ev).

Resgatar a relevância de subjetividades como sonho, utopia e legado para produzir e reproduzir o termo agroecologia caminha na direção de importantes documentos internacionais e nacionais comprometidos com a proteção da vida na Terra como: Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TRATADO, 2016), Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental de Tbilisi, A Carta da Terra e o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA (BRASIL, 2009).

Além dessas categorias subjetivas existem outras dimensões que podem ser incorporadas e que garantem uma maior diversidade de compreensão e interpretação sobre agroecologia. Por exemplo, um extensionista da ESALQ afirma sobre a dimensão do sagrado para a compreensão do conceito:

[...] ao longo do mundo e das experiências consolidadas, e quando você vai visitar essas experiências (de agroecologia), sempre tem uma relação muito forte com a espiritualidade, com deus, com a força da natureza, no processo da agricultura, então essa coisa do sagrado, também, na minha concepção faz parte da agroecologia. É isso, um caminho, um bom caminho (Pesquisador ESALQ - J)

Reconhecer a presença do divino na materialização da agroecologia, faz sentido se compreendermos o sagrado não como seita religiosa, mas numa concepção de espiritualidade laica, como apresentada por Nepomuceno (2015, p. 28):

Uma espiritualidade fundamentada em questões éticas profundas, no reconhecimento do mundo *per se* como sagrado, na aceitação da dimensão trágica da vida como um aspecto indissociável da sua dinâmica, no reconhecimento do Mistério como condição última do cosmo e que não pode ser compreendida plenamente por palavras, [...] mas apenas pela experiência de abertura para o outro e para o mundo, que não são a encarnação do Mistério, mas o Mistério em si.

Por fim, cabe ressaltar a fala de uma liderança regional que sintetiza como a conexão do conceito da agroecologia está diretamente vinculado com dimensões subjetivas: “*Cada um acha o que quer da agroecologia, agora eu acho que agroecologia é você viver bem, é plantar a vida*”. Estas percepções apoiam na construção de uma perspectiva agroecológica que parte de uma visão mais ampliada de seu conceito e que alcançam as profundas aspirações humanas.

## 5.2 Construção dos saberes e conhecimentos práticos

A partir da questão abordada no questionário semiestruturado “Como se forma o conhecimento agroecológico?” foi possível dialogar sobre algumas percepções dos entrevistados e entrevistadas que apontassem para os aspectos práticos sobre a construção de saberes neste campo. Após a leitura atenta das respostas foram selecionadas nove que se mostraram relevantes para discutir o tema. Sendo que, entre essas, seis tratavam de aspectos metodológicos e três de conteúdos. Dentre os aspectos metodológicos é preciso destacar que duas respostas podem ser consideradas uma fusão entre método e conteúdo, porém foram tratadas enquanto método, sendo elas: “pelo diálogo da contradição entre a agroecologia e agronegócio” e “pelo resgate e valorização dos saberes tradicionais e populares”.

### Como se forma o conhecimento agroecológico?

Conjunto de respostas	Categorias
Pelo diálogo sobre a contradição entre agroecologia e agronegócio	Método
Pela educomunicação/campanhas	Método
Pelo resgate do conhecimento tradicional e valorização do saber popular	Método
Com metodologias dialógicas	Método
Com a ampliação da diversidade de sujeitos educandos	Método
Com a metodologia da Práxis	Método
Com conteúdo de produção agrícola	Conteúdo
Com conteúdo sobre o Código Florestal	Conteúdo
Com conteúdos sobre saúde e alimentação	Conteúdo

Quadro 5. "Como se forma o conhecimento agroecológico?"

Metodologias dialógicas e práxis tiveram as maiores frequências de respostas, porém buscou-se nesta pesquisa analisar a totalidade dos métodos e conteúdos identificados, tendo como base a pesquisa qualitativa de profundidade. Portanto, as mesmas foram discutidas nos itens “5.2.1 Temas geradores”, para tratar dos conteúdos indicados, e os métodos em “5.2.3 Dimensões metodológicas”.

### 5.2.1 Temas geradores

Tema gerador é um termo que provém das práticas de alfabetização de Paulo Freire, e emerge da realidade socioambiental, a partir do que é sentido e vivido pela própria comunidade, segundo Brandão (1982, p. 14):

Durante todo o tempo da pesquisa; mais tarde, durante todo o tempo do trabalho do círculo de cultura, é preciso estar atento para o que se fala. As falas, as conversas, as frases, entrevistas, discussões dentro ou fora do círculo, tudo está carregado dos temas da comunidade: seus assuntos, sua vida. A vida da família em casa, no quintal, na lavoura; as alegrias, a devoção e o trabalho ritual das festas “do santo do lugar”; a luta coletiva contra a ameaça da expulsão das terras de trabalho do lavrador; as questões dos grupos populares organizados — grupos de jovens, de mulheres, de igrejas, de trabalho político; as questões do relacionamento das pessoas com a natureza, as tradições da cultura e as mudanças de tudo; as relações da comunidade com as tramas do poder; o sentimento do mundo.

Estes temas, ou universo temático, podem auxiliar a formação de processos educadores, pois trazem a problematização dos assuntos pertinentes à comunidade envolvida. Muitas vezes são assuntos complexos e contraditórios, porém possibilitam que as mesmas criem e recriem significados para suas realidades (SORRENTINO et. al., p. 184, 2015). Como orienta Freire (1987, p. 59), os “esforços de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes”.

A seguir serão apresentados os três temas relevantes sobre as análises das entrevistas e observação de campo: i) saúde e alimentação, ii) Código Florestal, iii) técnicas de produção agrícola. Cabe uma ressalva de que conteúdos sobre técnicas de produção agrícola e sobre saúde e alimentação tiveram uma maior frequência de respostas.

#### **Saúde e alimentação**

A Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a partir de um trabalho mediado feito pelo Projeto Assentamentos Agroecológicos junto a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” realiza um conjunto de ações para identificação e uso de plantas medicinais e ainda a capacitação de agentes populares de saúde. No período de dez até doze de julho de 2015 ocorreu o evento “Agroecologia e Saúde: Construindo Organicidade e Autonomia”, fruto desta parceria, reunindo aproximadamente 100 pessoas. Este evento teve como objetivo dar continuidade ao processo de mobilização para identificação botânica das espécies medicinais de uso popular, nos assentamentos e pré assentamentos, e seu processo de

coleta e sistematização das informações. Também foram abordadas questões sobre a organicidade do Setor de Saúde do Movimento, as políticas públicas de saúde no campo e o Sistema Único de Saúde (SUS).

Durante o período de campo desta pesquisa foi possível observar a realização do diagnóstico sobre as principais doenças e formas de terapias convencionais e alternativas (como curandeiras e parteiras) encontradas na região.

As questões sobre saúde foram relacionadas com o conceito de agroecologia, sendo recomendada a sua abordagem para os processos de ensino-aprendizagem, como aponta esta representante do Setor de Educação:

A agroecologia vai nos permitir que a gente produza uma forma diferenciada de produção que é tudo junto, vamos trabalhar com o que a gente tem extraindo do solo sem precisar criar formas para combater e para afastar algum tipo de praga. Então, pra mim agroecologia é vida, uma forma diferenciada de pensar a vida e de cuidar da saúde de um modo geral. (Representante Setor Educação do MST - N).

O contexto histórico apresentado anteriormente pode justificar este viés. Já uma outra representante do Setor de Educação apresenta o espaço da cozinha da Escola Popular como um local propício para diálogos e interações voltados ao incremento das questões de saúde e agroecologia:

Falamos também da agroecologia no espaço da cozinha, quando a gente fala que a Escola é voltada para uma matriz agroecológica então a nossa alimentação também precisa ser vista no viés de uma alimentação saudável, de uma alimentação orgânica, a gente acaba também nesse espaço discutindo (Representante Setor Educação MST - El)

Na literatura, Azevedo e Pelicioni (2012, p. 290) afirmam que:

[...] apesar da importância da agricultura familiar, que produz 80% da alimentação no Brasil, e dos desafiantes objetivos da agroecologia, a saúde rural sob a ótica da agricultura sustentável tem sido pouco explorada em pesquisas da saúde pública e coletiva.

As autoras ainda argumentam sobre a necessidade em inserir a agroecologia nos cursos da área de saúde para capacitar esses profissionais em prevenção de doenças, e que assim possam questionar o modelo biomédico hegemônico na qual somente após o paciente apresentar sintomas são realizadas intervenções (AZEVEDO & PELICIONI, 2012). Bem como, inserir esta interface entre modelos produtivos e saúde nos cursos das Ciências Agrárias, para evidenciar o papel promotor da saúde que pode ser realizado por profissionais nesta área, enfrentando também o modelo hegemônico de produção agropecuária voltado aos elevados ganhos de produtividade e ao acúmulo de capital.

Apesar de afirmarem que “relacionar saúde e sistema agroalimentar ainda tem sido um desafio acadêmico” (AZEVEDO & PELICIONI, p.716, 2011), as autoras contribuem nesta discussão quando aprofundam sobre o conceito de “Promoção de Saúde”.

O ideário de Promoção da Saúde, compreendido por Pelicioni (2005) como um novo paradigma da Saúde Pública, é percebido como um processo orientado por uma visão de saúde que considera as diversas causas do binômio saúde-doença a partir de valores éticos de democratização, estímulo à participação popular, à equidade, às práticas intersetoriais e à promoção da sustentabilidade. Nesse contexto, a saúde é percebida como produto de um amplo espectro de fatores – ambiental, físico, social, político, econômico e cultural – relacionados com a qualidade de vida. Além de partir de uma ampla concepção do processo saúde-doença e de seus determinantes, o campo de Promoção da Saúde propõe a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução (AZEVEDO & PELICIONI, 2011, p.716)

Os impactos na saúde do modelo de sistema de produção e processamento de alimentos podem ser analisados basicamente por duas formas, primeiro pelos tipos de insumos utilizados e, em segundo, pelas práticas agrícolas adotadas. Sobre os insumos, ou produtos, destacam-se: agrotóxicos, fertilizantes sintéticos, aditivos sintéticos, drogas veterinárias (especialmente antibióticos), e sementes transgênicas. Já sobre os impactos quanto a forma de manejo, em que a agricultura convencional tem como base a monocultura de larga escala e o uso intensivo de maquinário, deve-se considerar: desequilíbrio ambiental, epidemia crescente de doenças não transmissíveis, contaminação da água e do solo, repercussões sociais e culturais (AZEVEDO & PELICIONI, 2011).

### **Código Florestal**

No dia 30 de abril de 2015 foi realizada a emissão de posse dos assentamentos “Jaci Rocha” e “Antônio Araújo” na qual 227 famílias foram assentadas em 4 mil hectares de área (ANTIGO LATIFÚNDIO DE EUCALIPTO VIRA ASSENTAMENTO AGROECOLÓGICO, 2016). Esses dois assentamentos compõem os sete que fazem parte da primeira fase do projeto “Assentamentos Agroecológicos”. No escopo deste projeto há atenção especial aos instrumentos legais para o estabelecimento jurídico e legal dos assentamentos, e portanto, as áreas de proteção ambiental não poderiam ser negligenciadas.

O Código Florestal tem como objetivo estabelecer normas para a proteção e uso sustentável da vegetação nativa e trata dos espaços territoriais legalmente protegidos nas propriedades privadas, especialmente das Áreas de Preservação Permanente (APP) e de Reserva Legal (RL) (BRASIL, 2016). Foi amplamente discutido pela sociedade no ano de

2012 quando setores conservadores e liberais da sociedade brasileira se organizaram para favorecer o agronegócio, que historicamente se opunham aos aspectos restritivos de supressão da vegetação nativa.

Segundo Gusson e Sontag (2015) a alteração do Código Florestal, que culminou na Lei 12.651 de 25 maio de 2012, determinou algumas especificidades para as áreas ambientais nos assentamentos, como segue:

- ✓ Decreto Federal 7.830 de 2012, que dispõe sobre o Sistema de Cadastro Ambiental Rural (CAR);
- ✓ O Decreto Federal 8.235 de 2014, estabelece normas aos Programas de Regularização Ambiental;
- ✓ Instrução Normativa MMA 02 de 2014, atualiza informações sobre os procedimentos do CAR e seu sistema federal de cadastramento,
- ✓ Instrução Normativa MMA 03 de 2014, que institui a Política de Integração e Segurança da Informação do Sistema de Cadastro Ambiental Rural.
- ✓ Decreto Estadual N° 15.180 de 02 de junho de 2014, que trata da regulamentação da gestão das florestas e das demais formas de vegetação do Estado da Bahia, da conservação da vegetação nativa, do Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais - CEFIR, e ainda, dispõe acerca do Programa de Regularização Ambiental dos Imóveis Rurais do Estado da Bahia

Ainda neste contexto, porém antes da alteração do Código Florestal, os assentamentos estão submetidos à Lei Federal 11.428 de 2006, que trata das normas específicas para a conservação, proteção, regeneração e utilização da vegetação nativa da Mata Atlântica.

No âmbito dos assentamentos do Extremo Sul da Bahia, foi possível acompanhar de 2014 até 2015 uma série de intervenções para o diagnóstico participativos das áreas ambientais protegidas e, ainda, elaboração de mapas de adequação ambiental dos assentamentos que fazem parte do projeto. O processo participativo de mapeamento ambiental, descritos no Relatório Técnico “Mapeamento Ambiental dos Assentamentos do Extremo Sul da Bahia (GUSSON; SONTAG, 2015), ocorreu segundo as seguintes etapas:

1. Elaboração dos mapas preliminares: elaboração dos primeiros mapas para diálogo inicial com as famílias, utilizando bases de mapas disponibilizados, imagens de satélite e idas a campo para conferência de informações.
2. Reunião com equipe técnica do Movimento: discussão com aos técnicos e mobilizadores de cada área para socializar/estudar os mapas elaborados,

apresentar proposta metodológica, definir critérios de construção dos mapas participativos (tipos de solo, tipos de relevo, tipos de vegetação) e definir cronograma de trabalho em cada área.

3. Assembleia em cada assentamento: diálogo com o coletivo da coordenação de cada assentamento sobre o mapeamento com maior detalhamento e realização assembleia com todas as famílias, resgatando histórico do processo de ocupação e conquista destes territórios e importância da apropriação das informações discutidas para a consolidação, de fato, da participação de todos no processo de tomada de decisão.
4. Vistoria monitorada do território dos assentamentos: realizado com representantes dos Núcleo de Base e coordenadores de área e técnico do projeto, para reconhecimento dos elementos levantados em assembleia e validação dos critérios e indicadores para a elaboração de novos mapas, considerando nesta dinâmica o conhecimento empírico dos agricultores nas discussões sobre aspectos ambientais e da produção agrícola.

Este ambiente favorável ao desenvolvimento dos conceitos sobre o Código Florestal Brasileiro e a emergente situação de regulamentação ambiental dos assentamentos sendo debatido em reuniões e assembleias, podem ter influenciado para que o tema fosse relacionado entre os assuntos relevantes para a construção dos saberes agroecológicos na região.

Hoje aqui neste assentamento a gente tem espaços pra mostrar agroecologia, além da fala que é importante, na prática hoje a gente tem duas área demonstrativas [...], áreas demonstrativas de SAF, uma que tem 8 meses e uma que é mais velha que tem 2 anos e meio, e agora, temos este modelo de recuperação de APP, nossa ideia é expandir para frente (Técnico Setor de Produção MST - G)

Eu levo uma pessoa no quintal de casa (pra mostrar agroecologia), e levo numa área experimental que a gente fez, uma área coletiva. Algumas roças mesmo. Aqui do lado a gente tem uma represa que a gente já plantou vários tipos de mudas, bananeiras, a visão da gente é fechar ao redor das nascentes com a bananeira, que é um material que segura a umidade e aí a gente tem esse projeto de fechar com plantio (Agricultora MST - Z)

Portanto, pode-se afirmar que o repertório sobre proteção de nascentes e das áreas de proteção permanente está conectada com o conceito de agroecologia. Apesar de não serem áreas de produção agrícola, contribuem para o aumento dos serviços ecossistêmicos da biodiversidade, como quebra vento, polinização e manutenção da rede hídrica (PETERSEN, 2015, p. 32), e desta forma apoiam o estabelecimento do sistema agroalimentar.

## Técnicas de produção agrícola

Por mais usual que possa parecer, o termo “agricultura agroecológica” não foi encontrado na literatura consultada, contudo há diferentes correntes que discutem sobre as técnicas, ou estilos, de produção alimentar de bases ecológicas. Caporal e Costabeber (2005) realizam uma crítica ao uso inapropriado do termo que “expressam um enorme reducionismo do significado mais amplo do termo Agroecologia, mascarando sua potencialidade para apoiar processos de desenvolvimento rural sustentável” (p. 1). Portanto, no entendimento de que as técnicas de produção agrícola não devem reduzir a compreensão sobre a dimensão agroecológica dos assentamentos, as mesmas foram incorporadas neste trabalho enquanto um tema gerador, ao lado de *saúde e alimentação* e *Código Florestal*.

Como foi observado em campo, as técnicas de produção de alimentos se mostraram relevante para a construção de saber agroecológico, especialmente por que a unidade produtiva é o espaço de referência para a realização de diálogos e capacitações. Há interesse expresso pela busca de técnicas produtivas de bases sustentáveis, e ainda, pela interface proeminente entre Setor de Produção e Setor Educação do Movimento, aproximando ainda mais a dimensão educadora das práticas agrícolas (CADERNO DE CAMPO, 24/07/2015).

O foco na produção de alimentos, e como este interesse contribui para a construção de saberes, é algo que foi discutido no capítulo de Soberania Alimentar, e pode ser reforçado neste item sobre temas geradores pela fala de uma extensionista da ESALQ e de uma liderança regional do MST:

Agroecologia é uma possibilidade da gente lidar com a terra de forma diferente. E esse lidar com terra envolve muitas dimensões. Onde eu tenho trabalhado e atuado mais, e que faz mais sentido, é no sentido da produção. Quando a gente fala de produção agroecológica é produzir alimentos saudáveis, sem veneno, sem adubo químico. Alimentos que fazem bem pra nossa saúde e que não prejudique quem está produzindo e não prejudique o meio ambiente, a terra a água, enfim. Sabendo que não é só essa dimensão produtiva, a agroecologia tem muito das relações sociais envolvidas nessa produção. Quando você fala de agroecologia você não fala da exploração do homem sobre homem, não tem chefe ou patrão, tem o agricultor trabalhando com agroecologia. E o respeito também as questões culturais e outras dimensões. Mas hoje a gente tem trabalhado com foco na produção ainda precisando avançar nas outras dimensões (Pesquisador ESALQ - J).

Então a gente sempre vem tentando levar esse debate ao conjunto da nossa base, que temos que produzir de uma forma agroecológica, mas ao mesmo tempo, está preocupado com o processo de recuperação do solo que isso vai ajudar na qualidade e quantidade da produção (Liderança Regional MST - Ev).

As entrevistas junto aos agricultores e técnicos foram realizadas, em sua maioria, nos espaços de produção. Estes espaços são manifestações concretas do saber agroecológico e possuem destaque nas falas de diversos entrevistados:

Deste quando começou, desde as ligas camponesas até hoje com 31 anos do Movimento Sem Terra, que a gente vem buscando os nossos espaços e quando as pessoas olham pro Sem Terra ele logo vê a produção presente, nós somos referenciais de produção. Então a Escola tem todo esse papel de dizer, “olha, nós temos aqui a produção agroecológica, nós temos aqui um espaço de educação, que vai educar não pros formais, que também nós queremos cursos formais, mas uma educação pra formar a base (Representante do Setor de Educação do MST - N).

Não há um arranjo definido sobre as técnicas agrícolas encontradas na região de estudo, sendo impossível classificar enquanto um estilo único de agricultura. Não podemos afirmar, por exemplo, que se trata de uma área de produção biodinâmica ou natural, por exemplo, esta situação foi registrada no caderno de campo:

Os cursos de capacitações e a vivências de campo revelaram que não há uma corrente única de produção agrícola nas áreas dos assentamentos e na Escola Popular. É possível encontrar técnicas da agricultura biodinâmica (como uso do calendário lunar), orgânica (como preparados de calda bordalesa), natural (uso de microrganismos eficientes – EM) Sistemas Agroflorestais diversos, e ainda áreas que não utilizam qualquer tipo de insumos. (CADERNO DE CAMPO, 30/09/2015)

Porém, é possível compreender que, exatamente neste mosaico de técnicas e possibilidades, alinhados ao conhecimento popular, é que estão as bases e diretrizes para que a agroecologia possa se dar na prática produtiva local. Técnicos do Setor Produtivo do MST trazem esta perspectiva:

Talvez eu não saiba dar a resposta exata, mas agroecologia é primeiro respeitar a natureza e os bens que ela traz pra gente e a partir daí buscar os meios de produção, tendo como base o respeito a natureza (Técnica do Setor de Produção MST - V).

Tem a horta coletiva também, que é a horta do assentamento e hoje nós trabalhamos nela intensamente dentro da agroecologia, claro que está precisando de uns reajustes nela, mas hoje nós precisamos dar uma melhorada nela, nas formas de canteiro, no que plantar, na diversidade de coisas que temos que ter além dos produtos que vai ser cultivado da horta. Pra cruzar, por exemplo, com algumas espécies de quebra vento, ate mesmo algumas coisas pra fazer caldas de inseticidas, de repelentes, de alguns besourinhos que está na produção, então tudo isso é bem pensado (Técnico do Setor de Produção MST - L)

Os técnicos do Setor Produtivo também atuam como educadores do Movimento e realizam diversas capacitações, não somente para agricultores, mas também para educadores. Ainda, há uma expectativa de que educadores das escolas dos assentamentos, do Setor Educação, realizem plantios com estudantes, como foi observado em campo. Portanto, a

construção de saber agroecológico, neste contexto, tende a ser intersetorial, no exercício do pensamento interdisciplinar e do diálogo. Incluindo diálogos no convívio familiar:

Realmente aqui dentro de casa a gente já consegue, nem quase se fala, mas é uma língua que a gente fala. A gente debate com os técnicos do setor de produção da área pra gente estar levando e passando ainda mais informação de como a gente pode estar produzindo e sendo agroecológico (Agricultor MST - W).

(Conversa sobre agroecologia) já partindo da família, junto a outros agricultores, assentados, junto com a equipe de produção. (Agricultor MST - Ma)

Há uma diversidade de técnicas agrícolas que podem promover a produção nos Assentamentos Agroecológicos. Segundo Iamamoto (2006, p. 55) o aprofundamento relativo aos estilos de agricultura pode ser encontrado em Ehlers (1999), Pachol (1994) e em Guzman Casado, Gonzáles Molina e Sevilla Guzmán (2000).

A agroecologia tem sido confundida com técnicas de agricultura de baixo impacto ambiental. Segundo Iamamoto (2005 p. 26) “(a agricultura sustentável acaba) sendo apenas mais uma das estratégias de renovação do capitalismo, agora um capitalismo verde, frente à crise ambiental”. Porém, a maior restrição é que mesmo que as técnicas agrícolas ditas como sustentáveis realizem redução de suas externalidades, através da restrição de insumos químicos e práticas de recuperação ambiental, ela não dá respostas às questões centrais que originaram a crise social ecológica (IAMAMOTO, 2005). Pois, ao se prenderem à necessidade de substituição de insumos químicos por outros ecológicos, orgânicos ou biológicos, “não consideram a lógica capitalista de exploração dos recursos naturais e dos seres humanos como a principal responsável pela crise social e ecológica que vivemos” (IAMAMOTO, 2005, p. 55).

De forma ilustrativa, abaixo segue as principais correntes de manejo e seus respectivos fundadores ou principais referenciais:

<b>Modelo de agricultura orgânica</b>	<b>Fundador ou principais referências</b>
Biodinâmica	Rudolf Steiner
Natural	Mokiti Okada e Masanobu Fukuoka
Sistema Agroflorestal	Sem autor definido
Orgânica	Albert Howard
Biológica	Hans Peter Rusch
Regenerativa	Howard e Rodale
Permacultura	Bill Mollison

Quadro 6. Modelos de agricultura de baixo impacto ambiental. Fonte: Adaptado de Caporal (2009), Iamamoto (2005) e Dalrolt (2016).

Segundo Darolt (2016) é possível distinguir os princípios básicos e particularidades de algumas das correntes:

Movimento ou corrente	Princípios básicos	Particularidades
Agricultura Biodinâmica (ABD)	É definida como uma "ciência espiritual", ligado à antroposofia, em que a propriedade deve ser entendida como um organismo. Preconizam-se práticas que permite a interação entre animais e vegetais; respeito ao calendário astrológico biodinâmico; utilização de preparados biodinâmicos, que visam reativar as forças vitais da natureza; além de outras medidas de proteção e conservação do meio ambiente.	Na prática, o que mais diferencia a ABD das outras correntes orgânicas é a utilização de alguns preparados biodinâmicos (compostos líquidos de alta diluição, elaborados a partir de substâncias minerais, vegetais e animais) aplicados no solo, planta e composto, baseados numa perspectiva energética e em conformidade com a disposição dos astros.
Agricultura Biológica (AB)	Não apresenta vinculação religiosa. No início o modelo era baseado em aspectos socioeconômicos e políticos: autonomia do produtor e comercialização direta. A preocupação era a proteção ambiental, qualidade biológica do alimento e desenvolvimento de fontes renováveis de energia. Os princípios da AB são baseados na saúde da planta, que está ligada à saúde dos solos. Ou seja, uma planta bem nutrida, além de ficar mais resistente a doenças e pragas, fornece ao homem um alimento de maior valor biológico.	Não considerava essencial a associação da agricultura com a pecuária. Recomendam o uso de matéria orgânica, porém essa pode vir de outras fontes externas à propriedade, diferentemente do que preconizam os biodinâmicos. Segundo seus precursores, o mais importante era a integração entre as propriedades e com o conjunto das atividades socioeconômicas regionais. Este termo é mais utilizado em países europeus de origem latina (França, Itália, Portugal e Espanha). Uma propriedade "biodinâmica" ou "orgânica", é também considerada como "biológica".
Agricultura Natural (AN)	O modelo apresenta uma vinculação religiosa (Igreja Messiânica). O princípio fundamental é o de que as atividades agrícolas devem respeitar as leis da natureza, reduzindo ao mínimo possível a interferência sobre o ecossistema. Por isso, na prática não é recomendado o revolvimento do solo, nem a utilização de composto orgânico com dejetos de animais. Aliás, o uso de esterco animal é rejeitado radicalmente.	Na prática se utilizam produtos especiais para preparação de compostos orgânicos, chamados de <i>microrganismos eficientes</i> (EM). Esses produtos são comercializados e possuem fórmula e patente detidas pelo fabricante. Esse modelo está dentro das normas da agricultura orgânica.
Agricultura Orgânica (AO)	Não tem ligação a nenhum movimento religioso. Baseado na melhoria da fertilidade do solo por um processo biológico natural, pelo uso da matéria orgânica, o que é essencial à saúde das plantas. Como as outras correntes essa proposta é totalmente contrária à utilização de adubos químicos solúveis. Os princípios são, basicamente, os mesmos da agricultura biológica.	Apresenta um conjunto de normas bem definidas para produção e comercialização da produção determinadas e aceitas internacionalmente e nacionalmente. Atualmente, o nome "agricultura orgânica" é utilizado em países de origem anglo-saxã, germânica e latina. Pode ser considerado como sinônimo de agricultura biológica e engloba as práticas agrícolas da agricultura biodinâmica e natural.

Quadro 7. Movimentos e correntes de agricultura. Fonte: adaptado de Darolt (2016).

Para além da discussão sobre as modalidades ou estilos de agricultura, estão alguns princípios e fundamentos que podem apoiar o estabelecimento de Assentamentos Agroecológicos, especialmente no que diz respeito ao manejo integrado do agroecossistema.

Machado (2014, p. 196) observa que a dimensão técnica é fundamental e orienta o seguinte:

A primeira observação é não agredir o solo, não arar, não gradear, não subsolar, enfim, dispensar qualquer procedimento que movimente o solo porque, caso contrário, os pilares, as bases da agroecologia – trofobiose, ciclo etileno no solo e transmutação dos elementos à baixa energia – não se desencadeia. Respeito à biodiversidade, plantio direto, rotação de cultura, plantas companheiras, alelopatia, associação de culturas, associação criação/lavoura, controle perifocal de parasitas, cobertura morta, sobressemeadura, adubação verde são procedimentos inerentes à agroecologia.

Já segundo Altieri (2004) os elementos técnicos básicos para a estratégia agroecológica teriam a conservação e regeneração dos recursos naturais, aspectos sobre o manejo dos recursos produtivos e a implementação de elementos técnicos específicos, como segue:

#### I. Conservação e Regeneração dos Recursos Naturais

- a. Solo (controle da erosão, fertilidade e saúde das plantas)
- b. Água (captação/coleta, conservação in situ, manejo e irrigação)
- c. Germoplasma (espécies nativas de plantas e animais, espécies locais, germoplasma adaptado)
- d. Fauna e flora benéficas (inimigos naturais, polinizadores, vegetação de múltiplo uso)

#### II. Manejo dos Recursos Produtivos

##### a. Diversificação:

- temporal (isto é, rotações, sequências)
- espacial (policultivos, agroflorestas, sistemas mistos de plantio/criação de animais)
- genética (multilinhas)
- regional (isto é, zoneamento, bacias hidrográficas)

##### b. Reciclagem dos nutrientes e matéria orgânica:

- biomassa de plantas (adubo verde, resíduos das colheitas, fixação de nitrogênio)
- biomassa animal (esterco, urina, etc.)
- reutilização de nutrientes e recursos internos e externos à propriedade

- c. Regulação biótica (proteção de cultivos e saúde animal):
  - controle biológico natural (aumento dos agentes de controle natural)
  - controle biológico artificial (importação e aumento de inimigos naturais, inseticidas botânicos, produtos veterinários alternativos, etc.)

### III. Implementação de Elementos Técnicos

- a. Definição de técnicas de regeneração, conservação e manejo de recursos adequados às necessidades locais e ao contexto agroecológico e socioeconômico.
- b. O nível de implementação pode ser o da microrregião, bacia hidrográfica, unidade produtiva ou sistema de cultivo.
- c. A implementação é orientada por uma concepção holística (integrada) e, portanto, não sobrevaloriza elementos isolados.
- d. A estratégia deve estar de acordo com a racionalidade camponesa, incorporando elementos do manejo tradicional de recursos.

Seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, levando em consideração as especificidades da transição agroecológica em áreas de pasto degradado ou de plantio intensivo de eucalipto, características da maioria das áreas dos assentamentos. Porém, cabe acrescentar que segundo Altieri (p. 76, 2005), “as etapas de conversão de um sistema convencional para um sistema de bases ecológicas dependem necessariamente do aumento da biodiversidade para que a produtividade se mantenha”, e ainda descreve as seguintes etapas de transição: i) a eliminação progressiva de insumos; ii) uso eficaz de insumos; iii) substituição de insumos; iv) replanejamento do sistema.

#### **5.2.2 Dimensões metodológicas**

Neste item serão apresentados alguns dos caminhos metodológicos orientados para a construção dos saberes agroecológicos colocados pelos entrevistados, a saber: metodologias dialógicas; diversificação dos sujeitos educandos educação/campanhas; práxis, diálogos sobre a contradição entre agroecologia e agronegócio; resgate do conhecimento tradicional e valorização do saber popular. As metodologias que promovam o diálogo e a práxis destacaram-se quantitativamente na análise das entrevistas, porém, como já anunciado anteriormente, buscou-se discutir o conjunto das respostas. Estes métodos, muitas vezes, foram descritos como ideais ou como resultado das práticas já estabelecidas.

## Metodologias dialógicas

A construção do saber agroecológico que emergiu nas entrevistas de campo é caracterizada por compreensões que reconhecem e valorizam o diálogo entre diversos sujeitos como agricultores (as), pesquisadores (as) e consumidores (as). Para compor este processo dialógico, muitos dos entrevistados identificam a agroecologia como uma forma de linguagem, ou seja, com palavras e significados distintos da agricultura convencional. Ainda, trazem em seu discurso, a importância em “pregar” ou “conscientizar” ou “trabalhar a mente” para alcançá-la. Também, é importante destacar que muitos dos sujeitos, especialmente agricultores e agricultoras, mencionaram que já “faziam agroecologia” antes de conhecerem o termo.

Na revisão de literatura realizada no item “Construção de saberes agroecológicos” foram discutidas algumas abordagens de práticas educativas em que a base é o diálogo, o que vem ao encontro dos dados de campo, em especial no momento das entrevistas onde foi possível aprofundar a seguinte questão: Como se constrói o saber agroecológico? E a expressão “pelo diálogo” foi encontrada de forma recorrente.

O processo dialógico, mais especificamente no contexto do Projeto “Assentamentos Agroecológicos”, foi apresentado em diferentes contextos: em práticas entre extensionistas de ESALQ e agricultores, entre Técnicos do MST e agricultores e entre agricultores e agricultoras. Agricultores e agricultoras foram mencionados, muitas vezes, como detentores do saber popular, especialmente se compreendermos o termo segundo Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 130):

O conhecimento está baseado em teorias, postulados e leis sobre o mundo e, portanto, supõe-se que seja universal, sendo fortalecido mediante autoridade. A sabedoria, por sua vez, baseia-se na experiência concreta e em crenças compartilhadas pelos indivíduos acerca do mundo que os rodeia, sendo mantida e fortalecida mediante testemunho.

Um agricultor do MST complementa que “(...) é através do diálogo, a pessoa conversando, buscando, fazendo, que a pessoa pode estar observando também aprende e sabe bastante da agroecologia”. Desta forma, o/a agricultor/a participa ativamente aportando, com o seu conhecimento, informações e interpretações que, a partir dos problemas colocados pelas, e nas situações de trabalho popular, explicitam e fortalecem o saber popular (BRANDÃO, p.52, 2006).

De acordo com Brandão (2006, p. 14):

O saber popular é a contraposição do saber erudito, ou oficial e tornou-se, ao mesmo tempo, o domínio comunitário e o limite de todo o conhecimento daqueles que, presos ao trabalho, foram pouco a pouco submetidos a um poder separado

O autor ainda complementa que “há um processo contínuo de violência simbólica de domínios de especialistas eruditos sobre profissionais de um saber e uma prática populares (...) que traçam e retraçam fronteiras entre um domínio e outro” (BRANDÃO, 2006, p. 16). Ou seja, caso não haja apropriação crítica sobre as relações estabelecidas, a troca entre pesquisadores e agricultores pode se tornar uma relação de opressão. Nessa situação o diálogo não existe, pois há somente um interlocutor possível, no caso, o acadêmico.

No contexto das relações estabelecidas entre os extensionista da ESALQ e agricultores, foi possível perceber, através das entrevistas, a constante busca pelo diálogo:

[...] o diálogo, é uma coisa fundamental, e o diálogo de fato, pra construir você precisa ter um método pra efetivar a construção, se não é difusão, passar conhecimento, transferir de cima pra baixo, e toda essa linha de educação acrítica. (Pesquisador ESALQ - J)

A conversa com o agricultor, esse resgate inovando junto com ele e pensando soluções para a realidade dele. Mas sem negligenciar, já que a gente faz o papel de vir enquanto universidade eu acho que é importante a gente vir embaçado no que a gente está falando (Pesquisador ESALQ - J)

Ainda que a equipe de extensionistas tenha dúvidas sobre métodos e técnicas para a construção de processos dialógicos:

Diálogo é a primeira coisa, mas como dialogar? Quem somos nós da universidade com cinco anos de formado que vai discutir com o agricultor que tem 50 anos de vida na agricultura? Como que você chega? Então esse método é uma coisa muito importante de ser debatido, aperfeiçoado, fortalecido (Pesquisador ESALQ - J).

Planejar e entender o processo de diálogo, de onde você vai no diálogo, e também, pra onde esse diálogo vai levar, são duas dimensões que pra nós é algo importante, porque o agricultor já tem o conhecimento, a sabedoria. A sabedoria dele com a linguagem dele. A gente que tem que ver o que gente pode trazer e como dialogar, pra construir precisa do agricultor, porque só a universidade ela não constrói. Esse resgate do conhecimento ancestral só está nos povos tradicionais, não tem outro lugar pra você encontrar se quer resgatar isso e inovar com esse saber, se não fica vazio fica academicista e inclusive criticado pelos grandes pensadores. Pode não ter ver com movimento social, mas tem a ver com comunidade tradicional, quem constrói as referências, os processos foram construídos a partir de vivências. Pode até ser que o Gliessman tenha ido lá pra Berkeley fazer os experimentos deles, mas ele foi beber na fonte das comunidades. Então querer reinventar a roda sem considerar o conhecimento não é agroecologia, então que é importante a gente entender o que não é agroecologia também nesse processo de construção (Pesquisador ESALQ - J).

Já a relação e diálogo entre técnico do MST e agricultores parecem ser mais fluida, aparentemente por compartilharem das experiências de vida em um Movimento –

estabelecendo relações de parentescos, de compadrio ou, até mesmo, por determinação de lideranças. Esta aproximação pode ser encontrada na fala de um dos Técnicos do Movimento:

Tentar ali fazer um diálogo que é difícil um profissional fazer, onde você consiga primeiro resgatar a confiança do técnico com o agricultor. Eu me avalio como profissional que sou um simples fofoqueiro das experiências, eu levo o que Sebastião fez pra Antônio, e levo com conhecimento de causa, essa é a facilidade que eu tenho pra me relacionar com agricultor e aproveitar das experiências que eles têm e fazer disso uma ferramenta do diálogo com aqueles menos favorecidos. Não tenho dúvida que a dimensão humana é importante e a nossa escola lá fora não nos prepara pra isso. Infelizmente, só depois que eu vim entender minha dificuldade que eu fui compreender que a escola não municia a gente (Técnico Setor de Produção MST - E).

Mas esse papel da agroecologia tem que ser principalmente pela experiência popular, a gente pode dar aquele toque de qualidade pra gente juntar as experiências (Técnico Setor de Produção MST - Ro).

Segundo Sosa et. al. (2011), a relação entre camponeses é histórica e se rompeu com a chamada revolução verde:

[...] no mundo inteiro e ao longo da história, a família camponesa fez experiências com diferentes métodos de plantio e produção, para depois compartilhar de vizinho a vizinho o conhecimento resultante. Foi a modernização brutal – por meio do despojo e deslocamento do conhecimento local e tradicional que acompanharam a Revolução Verde – que gerou uma ruptura entre o conhecimento tradicional e o moderno, assim como o virtual abandono de muitas tradições importantes de cultivo. (SOSA et. al., 2011, p. 67)

Um extensionista da universidade traz esta discussão e reforça a necessidade de métodos como o “Campesino a Campesino”:

Agora ações, eu acho que isso, muito relacionado a este pôr a mão na massa, aprender fazendo, e o diálogo de agricultor com agricultor, esse intercâmbio de experiências, muitas vezes você pode falar e demonstrar algumas coisas, mas o agricultor dialoga muito melhor com o agricultor (Pesquisador ESALQ - J).

Sosa (et. al., 2011) esclarece as etapas que favorecem a relação entre agricultores para troca de experiências e conhecimentos dentro da Associação Nacional de Agricultores Pequenos (ANAP) em Cuba:

1. Começar devagar e em pequena escala. Este princípio facilita a avaliação, a reflexão e a retificação de erros, assim como diminui a magnitude dos possíveis riscos. Contribui para que os camponeses possam participar mais e administrar melhor seu trabalho na roça. Vista-me devagar que estou com pressa.

2. Limitar a introdução de tecnologias. Não é necessário introduzir muitas técnicas agroecológicas ao mesmo tempo. É mais rápido dominar uma a uma as inovações, consolidando-as e integrando-as pouco a pouco. Deve-se começar por aquelas técnicas que enfrentam e resolvem os maiores problemas produtivos e que ao mesmo tempo têm os

menores custos iniciais, são fáceis de realizar e levam de maneira mais rápida a um resultado. Depois pode-se continuar com outras técnicas mais complexas. Mais vale uma ideia na cabeça de cem, do que cem ideias na cabeça de um.

3. Obter êxito rápido e identificável. O entusiasmo é gerador de novas ideias e as vitórias obtidas são o estímulo mais eficaz. Este princípio busca ser o motor moral na construção e reconhecimento dos progressos do trabalho cotidiano. A palavra convence, mas o exemplo arrasta.

4. Experimentar em pequena escala. Experimentar não é outra coisa senão pôr à prova, comprovar, adaptar e adotar, a partir das necessidades, uma nova técnica ou solução. Graças a este princípio, o camponês transforma-se em um ativo experimentador e inovador e a roça, em permanente e rico laboratório. Permite comprovar as tecnologias que servem ou não. Este princípio afasta, definitivamente, das receitas genéricas e dos pacotes tecnológicos planejados para todos e para todos os lugares. Proporciona segurança e confiança na tecnologia. É preciso engatinhar antes de caminhar.

5. Desenvolver um efeito multiplicador. A multiplicação entre e pelos próprios camponeses dos resultados e experiências obtidas é a única forma de poder chegar à extensão e massificação deste sistema de produção, a fim de obter um impacto real no meio ambiente; e de fazer com que seus resultados favoreçam a economia. Na medida em que os camponeses se transformam em multiplicadores adquirem mais destreza na produção e na comunicação. O ensino permite conhecer um tema em profundidade; grande parte deste ensino reside no exemplo vivo, comunicado de camponês a camponês. Quando o camponês vê, ele acredita.

Há ainda quem afirme que a agroecologia possui uma forma própria de diálogo, com signos e linguagens específicas, como fica claro na fala de um agricultor do MST “a gente a todo momento fala em agroecologia, é uma língua que a gente aprendeu a falar e não tem jeito”.

Por um outro lado, esta identidade agroecológica identificada é importante para reafirmar uma contraposição ao manejo da agricultura industrial. Um agricultor do MST comenta que “pode ser que você venha falar do químico e a gente já pula fora porque a gente vai falar de agroecologia” e encerra afirmando que:

Então a gente vai passando e vai aprendendo também. Converso bastante com a minha família, irmão, amigos, na feira a gente passa a palavra também correta (Agricultor MST - D).

De forma complementar, agricultores do Movimento apontam que é importante “pregar” ou “conscientizar” ou “trabalhar a mente” para alcançar agroecologia.

[...] eu estou sempre falando, conscientizando e pregando ‘agroecologia é bom’, é bom ter respeito com a natureza e com o próprio ar que a gente respira”, tem a reciclagem de lixo e os cuidados que a gente deve ter né (Técnico do Setor de Produção MST - E)

Eu acho que na escola e que no meio que a gente vive eu acho que a gente devia pregar a agroecologia” (Técnico do Setor de Produção MST - E)

Então, esse processo que, como nós não usamos nenhum tipo de inseticida, é um processo difícil, é de trabalhar a mente do assentado, pra você estar fazendo agroecologia. (Técnico do Setor de Produção MST L)

A força de expressão “pregar” ou “trabalhar a mente” pode ter sido utilizada pela influência religiosa, especialmente evangélica, que é encontrada dentro dos acampamentos e pré assentamentos. Puderam ser observados momentos em que missionário passam de casa em casa para fazer a leitura da Bíblia. Porém, esta abordagem, aparentemente, contradiz uma construção de um saber crítico e emancipatório, por estar mais facilmente associada ao convencimento, persuasão ou mesmo, fé.

A necessidade de conscientização também é discutida, especialmente dentre os agricultores:

Então se a pessoa começar a se conscientizar que o veneno faz mal, nós já tivemos aqui várias pessoas que pelo veneno já passaram mal, não teve esse cuidado com saúde e graças a Deus a gente vem melhorando muito nisso. Eu acredito que o fundamento disso é a pessoa se conscientizar. (Agricultora MST - Aj)”

Não é toda semana, mas de mês em mês uma professora inventa uma aula pra conversar sobre o problema da agroecologia é isso é pra conscientizar os próprios alunos. (Agricultor MST - C)

Cabe destacar os depoimentos de entrevistados e entrevistadas que identificam que já faziam manejo agroecológico antes de conhecerem o termo. Esta percepção foi recorrente também entre os agricultores, agricultoras, técnica e lideranças do Movimento.

Eu fazia agroecologia aqui em casa e não conhecia. E eu falo com franqueza que eu não conhecia essa palavra, isso que você está vendo aqui (quintal agroflorestal) eu fazia por causa do tamanho do terreno, que as vezes eu pegava uma semente e colocava aqui, mas por falta de terreno e espaço maior (Agricultor MST - D)

A palavra (agroecologia) a primeira vez que eu ouvi foi lá (Escola da Família Agrícola), mas depois que a gente descobre o que é percebe que há muito tempo talvez a gente já fazia práticas agroecológicas. O meu avô o tempo inteiro ele viveu na roça e naquele tempo ele já tinha semente de feijão de porco e já soltava ao redor dos formigueiros, já plantava fazendo barreira. Fazia faixa de isolamento, quebra vento, então, isso tudo são práticas que meu avô já fazia e não tinha essa palavra (Técnica do Setor de Produção MST - V).

Desde antes de eu vir para o movimento já tinha esse hábito de manejar com agroecologia, meus avós, meus pais, nós trabalhamos na roça de cacau o dia inteiro e já tinha aquele manejo, só não tinha a palavra sensata que é agroecologia. A partir do momento que eu vim pro movimento, e já tem uns anos que eu estou no movimento, que começou na equipe técnica para aprender o significado da agroecologia, mas o manejo da agroecologia a gente já tinha conhecimento um pouco e só fizemos aperfeiçoar mais com a equipe técnica do movimento (Agricultora MST - Aj)

Eu pra ser sincero foi quando eu cheguei aqui no acampamento que já tinha meu projeto. Eu cheguei no início, já tem 8 anos que eu estou aqui. Aí eu ouvi agroecologia, o pessoal da equipe técnica do MST. E toda a vida eu trabalhei na roça, mas lá eu nunca tinha ouvido falar em agroecologia, fiquei sabendo aqui no movimento. (...) toda vida nós mexe com esse negócio. [...], nós já fazia agroecologia (Agricultor MST - Z).

Só que a gente já fazia caldas, biogel, já tínhamos um conhecimento prático e teórico da coisa. Mas era mais timidamente, não tínhamos esse “boom” que a gente está tendo. Quando nasce essa palavra a gente sente necessidade de fazer coisas diferentes, de intervenções, de criar espaços pra levar (Representante Setor Educação MST - El).

Há ainda um caso que revela a dificuldade de diálogo com os conhecimentos acumulados pelas famílias agricultoras, mas hoje já reconhece a importância desses saberes:

[...] eu até discutia com a minha mãe porque ela plantava tudo embolado e tal, e eu discutia que era ruim pra limpar e todo esse processo, o feijão iria trançar no milho, então eu achava que aquilo era feio (Técnico do Seto de Produção MST - G).

Cabe ressaltar algumas falas que afirmam que não é fácil atuar pela via agroecológica, como o depoimento de um agricultor que diz “agroecologia, pra gente, é uma palavra realmente difícil” (Agricultor MST - W).

Pregar a agroecologia é fácil, na teoria, mas na prática é um pouco difícil, mas não é um bicho de sete cabeças. Quando eu vim pro assentamento, vim sem construção na minha cabeça nenhuma de agroecologia, a três anos atrás, confesso pra você que já usei adubo pra plantar o feijão e ouvi os companheiros falar que é difícil a agroecologia e não sei o que (Agricultor MST - E)

[...] então esse nosso debate nós já estamos levando para outras áreas dos assentamentos e está muito difícil, onde são companheiros e companheiras do MST que estão ali no dia a dia mas o veneno está lá presente nas roças e quase em todos os espaços (Liderança Regional MST - El)

Os desafios para a abordagem de uma metodologia dialógica pela via agroecológica podem se mostrar maiores em relação ao manejo da agricultura industrial. Múltiplos elementos devem ser considerados nas tomadas de decisões e isto pode ser um fator de que impede padronização genéricas e descontextualizadas que facilitariam as práticas cotidianas. Ou seja, não existe fórmulas mágicas, cada caso deve ser estudado em profundidade, e não é

simples dialogar a partir de um arranjo que pede uma série de interpretações e trocas de aprendizagens sobre o meio.

### **Diversidade de sujeitos educandos**

Na entrevista semiestruturada foi possível explorar a seguinte questão: “com quem você conversa sobre agroecologia?”. Esta questão buscou identificar a rede de trocas de saberes sobre o tema que foi estabelecido no território. Dentre os entrevistados e entrevistadas não foi obtida uma única resposta, porém, tornou-se evidente que a diversidade de sujeitos que dialogam sobre agroecologia no contexto do estudo é relevante.

Uma das representantes do Setor de Educação do MST trouxe a pertinência do diálogo entre os educadores e educadoras na Escola Popular e entre diferentes gerações, com destaque ao resgate do saber popular junto à população de idosos:

Hoje eu tenho dialogado essa questão da agroecologia com os educadores que passam pela Escola Popular, uma vez que estamos acompanhando 8 escolas do MST na região. Então nossa proposta enquanto Escola Popular é dar o suporte pedagógico voltado para agroecologia, então é com quem a gente tem mais dialogado essa questão. Junto aos técnicos a gente tem tentado acompanhar algumas atividades. Também tenho dialogado no meu último trabalho que eu fiz com os idosos e também esse resgate do saber popular que eles faziam agroecologia mesmo sem saber. Nesse período tenho falado muito de agroecologia com os idosos que eu entrevistei no Jaci Rocha e esses educadores que a gente vem acompanhando das oito escolas (Representante Setor Educação - El).

Foi pertinente para os agricultores o diálogo estabelecido com a família, técnicos e demais agricultores e agricultoras do Movimento:

(converso) com as famílias, com os técnicos, inclusive no meu quintal eu converso com eles que tem que ter agroecologia (Agricultor MST - Z).

Hoje eu converso com a maioria, porque eu sou do setor de produção. A gente tem reunião, reunião não, é formação na segunda feira, então quando a gente vai pra reunião lá fora a gente vai pra passar pra eles. Ou traz na cabeça ou traz anotado pra gente fazer algum debate pra conscientizar as pessoas que não precisa estar batendo veneno pra dentro das roças (Agricultor MST - C)

Entre os extensionistas, o diálogo se dá nas relações de trabalho, com a família, amigos, Conselhos e Prefeituras:

A maioria das pessoas que eu me relaciono este diálogo está presente. Nas relações do trabalho, no dia a dia, com a equipe da Escola, equipe de campo, técnicos, equipe da Universidade. Isto está sempre presente nos espaços de estudo também, tanto que na especialização que fiz a pouco tempo tinha o tema agroecologia aplicada à agricultura familiar. Então estava lá presente no estudo e no diálogo com outros extensionistas. Atualmente no mestrado também é um diálogo constante, pois também é sobre a mesma temática com ênfase em agricultura orgânica. E eu diria

que até em casa, com meu companheiro que também trabalha nessa área da agroecologia, como também com meus pais, meus irmãos, sempre explicando alguma coisa, construindo junto, minha mãe também bastante se interessa com essa coisa de horta. (Pesquisadora ESALQ - A)

Com agricultores, militantes do MST, pessoas da universidade, atores territoriais dos processos de cooperação instituições que temos aqui, como Conselhos, Instituto Federal, Prefeitura, outros agricultores da região, alguns amigos, familiares, do círculo curto de amizades, sempre cotidianamente, sempre que dá e tal (Pesquisador ESALQ - J)

Os técnicos e técnicas do Setor Produtivo conversam, para além dos familiares, com outros técnicos e vizinhos dos acampamentos e assentamentos. Cabe esclarecer que na troca entre os vizinhos não estão contempladas as grandes fazendas silviculturais. A relação entre os acampados e assentados com as áreas de monocultivo das empresas que foram ocupadas não foram relatadas nas entrevistas como relevante para a construção de conhecimentos agroecológicos. Ainda, realizam trocas em diversos estados do país entre os próprios companheiros e companheiras do Movimento. Porém, trouxeram a importância do diálogo com os mais idosos e uma dificuldade para tratar com os jovens:

(Converso) com todos os públicos da reforma agrária, desde o mais pequenino até os mais idosos. Eu tenho um apreço muito grande com as pessoas mais idosas e na outra ponta o pessoal mirim, sem terrinha. Tenho facilidade com eles. Mas tem um público no meio aí que eu ainda tenho dificuldade de diálogo, e preciso desenvolver um método de diálogo, principalmente os jovens. [...] A gente consegue sair do Estado e trazer algumas outras experiências já praticadas por outros companheiros (Técnico Setor de Produção - Ro).

Chama atenção alta frequência em que os “diálogos com familiares” foram apresentados, aparentemente a agroecologia está conectada diretamente ao manejo do lote, do envolvimento dos núcleos familiares com a gestão das unidades produtivas. Os processos de construção de saberes agroecológicos em assentamentos e acampamentos devem levar em consideração esta característica.

Uma liderança regional trouxe a dificuldade do diálogo com pessoas de idade mais avançada que não são do campo, e a importância do diálogo nos processos de formação dos militantes, nas escolas e com pesquisadores das Universidades:

Esse debate sempre foi muito feito no MST, agora a gente sempre teve dificuldade de implementar esse debate e nossa orientação sempre foi que nós tínhamos que levar esse debate até nossas escolas é onde a gente poderia iniciar até com nível de consciência diferente, porque uma coisa é você pegar um camponês de 60 anos e passou a vida dele trabalhando de outra forma, outra coisa é você pegar as crianças a partir da escola, o jovem o adolescente e trabalhar esse tipo de formação com ele. Então a gente enquanto direção a gente vê esse debate em diversos espaços de encontro e coletivos e vê os materiais que o movimento vem reproduzindo, a nível nacional. e aí a gente da nossa regional, nós tomamos uma decisão de incorporar

esse debate e levar até as escolas; Então esse debate hoje está num nível de direção nossa onde que a gente conseguiu no nosso conjunto absorver a importância, conseguimos fazer com que nossas escolas e nossos educadores absorvessem também a importância, e a gente a mais de cinco anos vem intensificando esse debate com o conjunto da nossa militância, de base no nosso movimento. E nos últimos três anos a gente em parceria com os companheiros da Esalq que vem ajudando na assessoria técnica aqui na nossa região em sete áreas que a gente pretende fazer em toda região vem nos ajudando muito que nós tem feito muito seminário e temos pegado muitas experiências que a gente tem já com nossos produtores, todo muito tem a sua experiência da sua vida do cotidiana e isso tem no ajudado muito a evoluir nesse debate (Liderança Regional MST – E)

## **Práxis**

Considerando as dimensões metodológicas já apresentadas sobre “diálogo” e “diversidade de sujeitos educandos”, a “práxis” complementa os processos de ensino-aprendizagem que, de forma sincrônica, favorece a construção de uma agroecologia que se propõe lidar com as especificidades de um contexto. Assim, a dimensão metodológica para abordagem da agroecologia sai do campo das ideias, e dos conceitos genéricos, para uma agroecologia de contexto, que busca compreender as especificidades locais e regionais, aprendendo a aprender junto a complexidade do ambiente sócio agrobiodiverso.

Segundo Jacob, “a epistemologia da agroecologia constitui-se, no Brasil, não como uma síntese de conhecimentos de diferentes grupos sociais, nem a partir da hierarquia entre eles, mas como um campo de diálogo sobre saberes, práticas e experiências sociais concretas” (JACOB, p. 41, 2016).

Práxis é o termo utilizado pelos gregos para designar a ação propriamente dita (VÁZQUES, p. 29, 2011) e, portanto, ela é essencialmente criadora. Vázques (2011) em sua obra “Filosofia da Práxis” afirma que:

O homem é o ser que tem de estar inventando ou criando constantemente novas soluções. Uma vez encontrada a solução, não lhe basta repetir ou imitar o resolvido; em primeiro lugar porque ele mesmo cria novas necessidades que invalidam as soluções alcançadas, e, em segundo, porque a própria vida, com suas novas exigências, se encarrega de invalidá-las. Mas as soluções alcançadas têm sempre, no tempo, certa esfera de validade; daí a possibilidade e a necessidade de generalizá-las e estendê-las, isto é, de repeti-las enquanto essa validade se mantenha. O homem não vive em constante estado criador. Ele só cria por necessidade, isto é, para adaptar-se a novas situações, ou satisfazer novas necessidade. Porém, criar é para ele é a primeira e mais vital necessidade humana, porque só criando, transformando o mundo, o homem – como Hegel e Marx destacaram a partir de diferentes enfoques filosóficos – faz um mundo humano e se faz a si próprio (VÁZQUES, 2011, p. 269)

Os agricultores e agricultoras são reconhecidos pelo seu potencial experimentador, Sosa et. al. (2013, p. 11) afirmam que:

Tradicionalmente, o campesinato foi sempre um grande experimentador. Realiza com frequência pequenas experiências, seja com uma nova variedade, um novo produto biológico ou um substrato orgânico. O propósito é sempre melhorar sua produção ou buscar soluções para os problemas de seu estabelecimento.

Nesse sentido, somente aulas teóricas em sala de aula não são suficientes. Um técnico do Movimento argumenta que o laboratório do agricultor é o campo, e afirma que “Você pega um agricultor e bota numa sala de aula não vai desenvolver, a sala de aula dele, o laboratório dele, é no campo” (Representante Setor Produtivo MST - Ro). Ou seja, o desenvolvimento de experiências práticas produtivas corrobora com a construção dos saberes agroecológicos.

Agora, o segredo está é que no fundo do quintal é que você vê que o seu discurso não foi perdido, o cara não fez ainda no momento na roça dele, na roça grande, mas você chega no fundo do quintal você vê a agroecologia funcionando. Ali, é o laboratório dos assentados, você vê funcionando no fundo dos quintais, você vê o solo 100% coberto, cada coisa no seu devido lugar, não é aquela coisa bem padronizada, porque não tem dentro dos princípios da agroecologia você padronizar as coisas, mas está lá bonitinho, muito assentados falam isso também. (Técnico Setor de Produção MST = Ro)

Os quintais foram tratados no item “Espaços de aprendizagem” como um local pertinente de ensino-aprendizagem de agroecologia. Porém, o quintal aparece novamente neste capítulo, na discussão sobre as dimensões metodológicas das práticas de ensino no local de estudo, pois é onde a práxis melhor se apresenta, como a fala de agricultor do MST, “os quintais são uma escola, e a melhor forma de você trabalhar com as famílias é os quintais. Porque cada um faz o seu” (Agricultor MST - D).

Uma técnica do Movimento trouxe para reflexão que a Escola Popular deveria sistematizar e disponibilizar os saberes para formação das bases, e assim dinamizar, especialmente, a capacidade de produção de alimentos. Porém, reconhece que somente o espaço da Escola é insuficiente, e que para as práticas educadoras deveria abranger demais áreas, como os quintais:

Então a gente precisa ver a Escola fora do espaço físico que ela é. Então, a Escola pode estar lá no quintal do Seu João no Abril Vermelho. Então, eu acho que a gente pode potencializar e centralizar as informações até porque fica uma metodologia mais fácil de ser visualizada que não dá pra gente toda vez que querer falar do quintal do Seu João a gente ter que ir até lá. Mas eu acho que não dá pra gente se prender neste espaço aqui com tanta riqueza e com tanta coisa pra aprender fora daqui (Técnica Setor de Produção - V)

### **Campanhas educativas/educomunicação**

Os movimentos sociais, de forma geral, se apropriam de diferentes estratégias para elaboração de campanhas para mobilização da sociedade. Considerando a educomunicação como campo de intervenção social que visa promover o acesso democrático dos cidadãos à

produção e à difusão da informação, envolvendo a ação comunicativa no espaço educativo formal ou não formal (SOARES, 2011) podemos afirmar que muitas das campanhas educativas empreendidas pelos movimentos sociais podem ser frutos de processos educomunicativos.

Desta forma, a educomunicação vai além do direito à liberdade de expressão e da difusão de informação, englobando também as esferas de acesso aos meios de produção e compartilhamento de informação, fazendo com que o sujeito possa ir além do papel de leitor, ouvinte ou telespectador, pois devolve a ele o direito a voz, capacitando-o como produtor e difusor de seus próprios conteúdos (GATTÁS, 2015 p. 110).

O saber ambiental passa sobre as condições ecológicas da sustentabilidade e as bases sociais da democracia e da justiça, e uma construção de comunicação de saberes que colocam em tela o juízo das estratégias de poder e os efeitos da dominação que se geram através de formas de detenção, apropriação e transmissão de conhecimentos (...) é um aprender a aprender em um processo dialógico: diálogo aberto com os outros e com o mundo em vias de complexização (LEFF, 2003, p. 9).

Durante o período de atividades de campo em julho de 2015 a “Campanha Permanente Extremo Sul pela Vida: Agrotóxico Zero do MST” se encontrava em plena atividade, com a produção de cartazes, camisetas e adesivos. Muitas das místicas realizadas tinham como foco este tema da campanha, que tem como objetivo trazer para o debate o uso dos agrotóxicos e relacioná-los com doenças do trabalhador do campo e contaminação do ambiente.

E uma outra coisa, que é a questão do Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero, é porque no Movimento a gente vem com esse debate a nível nacional, não é só aqui no Extremo Sul, a gente fortalece o debate da agroecologia e do uso zero de veneno. A gente sabe que não consegue alcançar 100% com algumas regiões do país, então a gente tem muita dificuldade ainda, e aqui nós tomamos uma decisão de zerar, porque a gente encontrou um território fértil, onde que as pessoas se abriram para o debate, então tomamos essa decisão de zerar, e lançamos a campanha, a nível de direção, depois pra nossa base, pra dentro das nossas escolas, hoje é os nossos sem terrinhas que estão praticando a agroecologia nas hortas das escolas e todos os espaços que chegam então a gente está conseguindo avançar nesse debate, não tenha dúvida que a gente vai zerar qualquer tipo de químico dentro dos nossos assentamentos (Liderança Regional MST - Ev)

Então hoje não temos um espaço específico, todos são os lugares, também pela campanha nossa que é “Extremo Sul pela Vida. Agrotóxico Zero” nós estamos levando, que uma meta é divulgar e sair com nossas camisas, e aí as pessoas as vezes nos aborda na rua “nossa o que é isso, e tal?”. Você tem que dar atenção para uma pessoa pra dizer do que se trata. Então hoje assim, não tem um lugar (Representante Setor Educação MST - N).

[...] e hoje a gente tem a campanha do Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero que aí agora a gente começou a colocar em todas as camisas esse emblema da campanha e onde quer que a gente chega as pessoas ficam curiosas o que é Extremo Sul pela Vida Agrotóxico zero? E aí a gente começa a debater com as crianças e com os

vizinhos que também é muito importante nesse processo os vizinhos da gente que trabalha com esse modelo tradicional e que aí quando eles veem a gente fazendo essa mudança e um modelo de produção diferenciado eles acabam também com curiosidade e a gente acaba também com uma boa relação com a vizinhança (Técnico Setor de Produção - G)

As campanhas de comunicação no contexto de pesquisa se apresentaram enquanto frases em camisetas, adesivos e publicação em sites e blogs do Movimento. Estes materiais, conforme relatos, possibilitam a sensibilização da população para a causa agroecológica e de combate ao uso do agrotóxico, especialmente na região. Desta forma contribuem para além da construção dos saberes agroecológicos, mas sobretudo, para a emergência de uma cultura agroecológica.

**VERMELHO** PORTAL [www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)

CURTA O **VERMELHO** PORTAL [www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br) no Facebook **Clique aqui**

INICIAL ESTADOS BRASIL MÍDIA MUNDO AMÉRICA LATINA CULTURA GERAL MOVIMENTOS ECONOMIA TV RÁDIO

Movimentos

Curta Compartilhar 1 Tweetar G+1 0 Partilhar 3

7 de agosto de 2014 - 14h57

### Campanha contra os agrotóxicos fortalece os princípios da agroecologia

Refletir com atividades criativas o contexto dos assentamentos e escolas do campo, orientar sobre os riscos do uso de agrotóxicos e reafirmar as discussões acerca dos princípios da agroecologia, esses são os principais objetivos da campanha "Extremo Sul pela Vida, Agrotóxicos Zero".

Reprodução

Lançada em maio deste ano, as atividades em torno da campanha servem para defender o princípio da soberania alimentar e fortalecer o debate da agroecologia para os camponeses.

**AMIGO DO VERMELHO** Uma voz que não se cala **CLIQUE AQUI E CONTRIBUA** 2002-2015

NOTÍCIAS RELACIONADAS A: AGRONECOLOGIA

16/09/2015 **Governo busca empoderar agricultores familiares e povos tradicionais**

05/08/2015 **Oficina busca ampliar produção agroecológica e orgânica**

22/07/2015 **Jornada de Agroecologia reúne mais de 4 mil agricultores familiares**

Figura 7. Notícia campanha contra agrotóxico fortalece os princípios da agroecologia

Fonte: endereço eletrônico <http://www.vermelho.org.br/noticia/247189-8> acesso em 02/12/2015



Figura 8. Material da campanha Extremo Sul pela vida, agrotóxico zero  
 Fonte: arquivo pessoal (02/04/2015)



Figura 9. Notícia eletrônica “No extremo sul, oficina discute os impactos do agronegócio”  
 Fonte: endereço eletrônico: <http://www.vozdomovimento.org/no-extremo-sul-oficina-discute-os-impactos-dos-agrotoxicos/> acesso em 2/12/2015



Figura 10. Selo Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero MST  
Fonte: arquivo pessoal (24/07/2015)

### **A contradição entre agroecologia e agronegócio**

Segundo Jacob (2016, p. 38) “são várias as faces do agronegócio que violentam o campo brasileiro nos dias de hoje”. O estabelecimento de Assentamentos Agroecológicos no contexto do monocultivo da agricultura industrial faz que com que a região do Extremo Sul da Bahia seja território de disputas ideológicas. Lidar com esta contradição faz parte do cotidiano dos assentados e acampados, como uma agricultora aponta:

Então você deixa de se movimentar pelo agronegócio e começa a participar mais com agroecologia. Nas roças aqui mesmo você vai ver, aqui nós não batemos veneno e isso já mudou alguma coisa. Mas por causa de quê? Consciência das pessoas mesmo. [...] apesar que o agronegócio não vai gostar muito disso, porque eles precisam vender os produtos deles e nós precisamos de saúde (Agricultora MST – Aj)

Uma outra questão relevante, que ilustra esta dimensão, é sobre o uso do agrotóxico, uma agricultora chega a comparar que enquanto a agricultura industrial precisa de aumentar as vendas os agricultores e agricultoras precisam de saúde, e que é preciso conscientizar as pessoas sobre os perigos à saúde ocasionado pelos agrotóxicos.

Pra mim o fundamento disso tudo é a pessoa se conscientizar que o veneno mata, você vê que nós vamos trabalhando com cartazes, em escola mesmo estava estudando. Tem também hoje uma participação na escola do estado, então eu acho que conscientizando mais as pessoas. Apensar que o agronegócio não vai gostar muito disso, porque eles precisam vender os produtos deles e nós precisa da saúde. Então se a pessoa começar a se conscientizar que o veneno faz mal, nós já tivemos aqui várias pessoas que pelo veneno já passaram mal, não teve esse cuidado com saúde e graças a Deus a gente vem melhorando muito nisso. Eu acredito que o fundamento disso é a pessoa se conscientizar. (Agricultora MST - Aj)

E ainda, para além do uso do agrotóxico, há críticas sobre todo o pacote tecnológico da agricultura industrial, como a fala de um representante do Setor de Produção.

[...] o agronegócio hoje manda o pacote tecnológico e você chega implanta aqui, resolve por alguns dias mas acaba matando a vida do solo, matando pessoas, e você se prejudicando (L – Setor de Produção)

Assim, trazer para o diálogo as diferenças e as comparações presentes na agricultura familiar de bases agroecológica e na agricultura industrial de larga escala do agronegócio, torna-se relevante para a construção dos saberes agroecológicos.

### **Resgate do saberes tradicionais e valorização do saber popular**

As práticas agroecológicas que buscam resgatar os saberes tradicionais são facilmente encontradas na literatura (TOLEDO, 2015; LACEY, 2012 FLORIANI, N; FLORIANI, D, 2010; SOSA et. al., 2011) e no depoimento de um pesquisador da ESALQ:

A gente que tem que ver o que gente pode trazer e como dialogar, pra construir precisa do agricultor, porque só a universidade ela não constrói. Esse resgate do conhecimento ancestral só está nos povos tradicionais, não tem outro lugar pra você encontrar se quer resgatar isso e inovar com esse saber, se não fica vazio fica academicista e inclusive criticado pelos grandes pensadores (J – Pesquisador ESALQ)

O campo desta pesquisa permitiu também observar que o saber popular se torna relevante.

Mas o que a gente faz, essa parte do conhecimento, de buscar o conhecimento e o saber popular também precisa ser feito um estudo, como esse que você está fazendo, e que a gente busque também pra gente poder dar uma resposta mais concreta e mais certa do que é agroecologia (Mr – Liderança Regional)

Resgatar os saberes tradicionais, que são carregados ao longo de gerações por famílias camponesas, são úteis para deter o processo de *amnésia* em curso na espécie humana (TOLEDO, 2015). Porém as experiências concretas e as crenças compartilhadas pelos Sem Terra, mesmo que vindos de famílias mais urbanas, são ponto de partida para a compreensão do sócio agroecossistema que devem ser valorizados nas práticas de ensino-aprendizagem de agroecologia. Nesta direção um Técnico do Setor de Produção do MST afirma que “o mais importante é a experiência popular, que é o conhecimento adquirido ao longo da sua história e que faz ele criar ambientes” (Ro – Técnico do Setor de Produção).

### 5.3 Espaços de ensino-aprendizagem

A pergunta “Quais os espaços para ensino-aprendizagem de agroecologia?” foi prevista no roteiro de entrevistas, e desta forma, foi possível perceber a variedade de espaços que são percebidos pelo público entrevistado. Esta diversidade foi analisada a partir das seguintes categorias: i) Área de produção familiar; ii) Área de produção coletiva; iii) Escolas; e vi) Espaços públicos, como segue:

#### Quais os espaços para ensino-aprendizagem de agroecologia?

Conjunto de respostas	Categoria de análise
Escola Popular	Escolas
Todos os espaços por onde passar	Espaços públicos
Roça	Área de produção coletiva
Escolas dos Assentamentos	Escolas
Escolas da região	Escolas
Quintal	Área de produção familiar
Tanque de peixe	Área de produção coletiva
Horta coletiva	Área de produção coletiva
Áreas demonstrativas	Área de produção coletiva

Quadro 8. "Quais são os espaços de ensino-aprendizagem de agroecologia?"

As categorias “quintal” e “áreas demonstrativas” se destacaram quantitativamente como espaços de ensino-aprendizagem na percepção do público entrevistado, porém neste estudo buscou-se incorporar a contribuição reflexiva e exploratória da totalidade das respostas.

Kruppa (2015, p. 22) trata da necessidade de se ultrapassar os muros da escola para impedir o distanciamento da realidade:

Uma das explicações para o freio conservador da escola está em seu isolamento da realidade. Envolta pela rotina e fechada em muros, a escola não tem sensibilidade para o movimento da vida, distante dos problemas e das alternativas que a população cria para sobreviver.

Desta forma, a diversidade de espaços revelados por este resultado de pesquisa aponta para uma abordagem sobre a construção dos saberes agroecológicos conectada com seu território, que dialogue com as questões das comunidades envolvidas e não seja resultado de uma abordagem exclusivamente no espaço escolar.

### 5.3.1 Área de produção coletiva

A organização interna dos assentamentos e pré assentamentos se revela em suas práticas cotidianas, entre as tarefas nas unidades familiares e nas áreas coletivas. A inserção dos militantes se dá de acordo com a idade, sexo e a partir das demandas organizadas em assembleias. As lideranças locais e regionais estão em constante articulação para que as atividades aconteçam de forma sincrônica e complementar.

As áreas coletivas são locais para práticas comuns localizadas na Escola Popular, nos assentamentos e pré assentamentos. Dentre as áreas coletivas existem aquelas para o cultivo agroecológico coletivo. Elas se tornaram referência não somente para formação de técnicos e agricultores, mas também, para os educadores envolverem os estudantes com a temática. As entrevistas apontaram as seguintes áreas coletivas como potencial espaço de ensino-aprendizagem de agroecologia: áreas demonstrativas, hortas coletivas, tanque de peixe e roças. A partir das observações de campo realizadas pode-se trazer para discussão os seguintes apontamentos:

- *Áreas demonstrativas*: áreas experimentais, geralmente implantadas durante cursos e oficinas. A EPAAEB ou os assentamentos e acampamentos possuem mais de uma área demonstrativa, e estas, aparentemente, não possuem um propósito coordenado, ou um fio lógico que costura a dimensão educadora entre elas. Foram realizadas duas visitas em áreas demonstrativas. A da EPAAEB trazia um conjunto de experimentações, como adubação verde, túnel de guandu e café, sistemas agroflorestais e diversos consorciamentos. A outra área demonstrativa foi no assentamento São João, com diferentes áreas de consórcio e rotação de cultura. Há uma grande discussão entre a equipe técnica do projeto “Assentamentos Agroecológicos” e o MST sobre o potencial educador das áreas demonstrativas. Ao entrevistar um agricultor do Assentamento Bela Manhã foi comentado sobre uma área de experimentação para recuperação de Áreas de Proteção Ambiental, como Matas Ciliares e Reserva Legal. Uma extensionista da ESALQ traz em sua fala um exemplo prático de como se dá a área demonstrativa enquanto um espaço de ensino-aprendizagem no contexto da Escola Popular:

Disseram que a entrada da escola é o nosso cartão postal, então a gente tem que trabalhar ali, mas a equipe da escola estava devagar nesse sentido a militância da regional e disseram que eles iriam fazer esses 3 hectares de roça. Daí o que aconteceu, veio, arrumou um trator, preparou a área e fez um super plantio com milho, feijão, muda de banana, e fez um super plantio bonito. O que cresceu ali? Nada! Não por falta de vontade das pessoas, é que a terra estava muito degradada, era um pasto degradado, compactado, pisoteado. Agora, vamos plantar agroecologicamente e você não colocada nenhum adubo químico, é uma área que tem muita formiga, então assim, nada foi pra frente. Então foi muito didático porque

as pessoas viram que com a agroecologia não é só planta sem nenhum adubo químico nem nada que as coisas vão pra frente. Então a gente falou que essa área precisa de um processo de recuperação, então a gente fez um coquetel de adubo verde com algumas leguminosas e gramíneas pra produzir matéria orgânica e incrementar nitrogênio no solo, o adubo verde não cresceu como deveria, quer dizer, a terra estava mesmo muito degradada, só as espécies mais fortes que cresceram mais. Talvez a gente avalie que precisa de mais um ciclo de adubo verde antes de entrar com outras culturas. Ou se a gente for plantar alguma cultura ali tem que trazer muito aporte externo de matéria orgânica, nutriente, adubo pra aquilo andar. Então está sendo muito interessante essa área, e foi um processo super coletivo. Então eu acho que esses processos que a Escola está proporcionando pra região e pra regional do MST está sendo muito interessante. Acho que claro, tem muitos deles que podem ser potencializados, mas tem muitos que tem sido avanços. (Pesquisadora ESALQ - A).

1



2



Figura 11. Área demonstrativa de (1) SAF em pré assentamento e horticultura (2) na Escola Popular (EPAEAB)  
Fonte: arquivo pessoal (24/07/2015)

- *Horta coletiva*: geralmente para consumo da comunidade durante encontros, reuniões e demais práticas. São mantidas por meio de mutirões e os Técnicos das Áreas de Produção do Movimento se responsabilizam por elas. Os produtos das hortas coletivas também são comercializados nas Feiras da região. Dentre as Feiras, cabe o destaque para as Feiras da Reforma Agrária, com produtos dos acampamentos e assentamentos sem o uso de agrotóxico a partir do manejo agroecológico. Foi possível participar da 5ª Feira Regional da Reforma Agrária, realizada na cidade de Eunápolis, chamou a atenção sua grande movimentação, diversidade de produtos frescos, processados e artesanais, se demonstrando como importante referência de encontro entre produtores e consumidores para o escoamento da produção.



Figura 12. Exemplos de horta coletiva  
Fonte: arquivo pessoal (22/07/2015)

- *Tanque de peixe*: no assentamento “José Martí” o Técnico responsável pela produção na área tinha um projeto em andamento para implantar um tanque de peixe para consumo da própria comunidade e venda. Também foi possível observar estruturas para construção de tanque de peixes em quintais e nas áreas coletivas. Essas áreas são em sua maioria uma vitrine para as iniciativas agroecológicas.

Aqui tem algumas associações que tem o fomento da Fibria e eles tem essas relações (de vizinhança). Vieram aqui e viram o tanque de peixes que tem aqui do lado e eles já copiaram este modelo, tem essa relação. A gente fez um trabalho aqui na área de nascente e o presidente da associação veio e também contribui e a gente tem relatos e fotografias. Isso é importante pra gente. Não é só os vizinhos aqui dentro do acampamento, porque aqui dentro a gente já debate todos os dias, e é importante que você receba, que você mostre e que as coisas estejam acontecendo realmente (Representante Setor de Produção MST - G).



Figura 13. Tanque de peixe em área de pré assentamento  
Fonte: arquivo pessoal (22/07/2015)

- Roça: de todas as áreas coletivas a roça é a de maior extensão, normalmente localizadas distantes das casas, espaço essencialmente de domínio masculino, onde foi possível encontrar cultivo de urucum, mandioca, milho, cana, abóbora, amendoim e feijão. Geralmente os cultivos estão em consórcios, foi possível notar práticas de adubação verde e rotação de cultura. Na área do Assentamento São João foi possível verificar a organização para a implantação das roças e perceber que elas compõem a alimentação cotidiana no assentamento e fornecem produtos para o mercado.

E a outra coisa é que a gente tem feito muito nessa região, que além de trazer uma renda financeira pras famílias, mas que isso não é o mais importante, o mais importante é a gente usar o que a gente está fazendo pra convencer as pessoas da reforma agrária que produza alimentos saudáveis pra população, que é a reforma agrária popular. Nos últimos 5 anos, nós conseguimos fazer mais de 30 feiras nas brigadas em vários municípios na região, conseguimos fazer 5 feiras regionais agroecológicas, a última foi feira agora em julho, e essas feiras tem nos ajudado muito a cada vez mais convencer as pessoas da reforma agraria, e da importância do modelo diferenciado. Então isso tem sido um sucesso e a gente pretende continuar nessa prática porque nos ajuda muito no processo de formação da nossa base e de conscientização da população (Liderança Regional MST - Ev).



Figura 14. Produção da roça: (1) milho crioulo (2) feijão de corda (3) abóbora e batata doce (4) feijão carioquinha (5) urucum e (6) mandioca  
Fonte: arquivo pessoal (7/07/2015)

A Casa de Farinha não foi citada como uma área relevante para a formação do saber agroecológico. Porém, ela está presente em praticamente todas as áreas de assentamentos e pré assentamentos, e possui potencial educador interessante se considerarmos que o cultivo da mandioca é expressivo na região, todos os agricultores e agricultoras entrevistados possuíam alguma relação com a sua produção ou seu processamento.

A Casa de Farinha é um local onde é possível observar processos de transformação (química, física e biológica) de uma matéria prima que é essencialmente produto da agricultura familiar, considerada expressiva no ponto de vista social e econômico: a mandioca. Ainda, traz possibilidade de desenvolver raciocínio lógico e político por meio das

relações de mercado (custo, preço, ganho, perda, rendimento) além de ser relevante para a classe trabalhadora no campo por ser um alimento rústico e energético.



Figura 15. Casa de farinha (1) descasca (2) fermentação (3) torrefação  
Fonte: arquivo pessoal (22/07/2015 e 23/07/2015)

### 5.3.2 Área de produção familiar

As áreas de cultivo familiar são principalmente os quintais, roças manejadas pelas famílias e demais áreas não coletivas dentro dos pré assentamentos e acampamentos. Dentro desses espaços há possibilidade de trocas entre os membros das famílias, base nuclear do Movimento, mas são também em alguns momentos “vitrines” de experimentações.

Se eu estou dentro de casa com minhas filhas, converso com elas sobre agroecologia que é importante você deixar este legado uma vez que você quer transformação social a gente precisa dizer para os nossos filhos como que funciona e como a gente acha que tem que ser. (Representante do Setor de Educação MST - N)

As áreas de quintais podem ser chamadas de quintais agroflorestais, pela diversidade de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas capazes de serem encontradas nesses espaços para as mais diferentes finalidades. O assentamento Corte Grande foi o local visitado durante o trabalho de campo com maior expressão do uso do quintal em assentamento. Este assentamento não estava dentre as áreas escolhidas inicialmente, porém foi recomendado pela equipe do Setor Produtivo do MST exatamente por esta característica de quintal biodiverso. Nesta observação foi possível realizar registros no caderno de campo que trazem os quintais como espaços relevantes para a construção da agroecologia no contexto desta pesquisa.

[...] este lote aqui no Corte Grande tem uma casa com quintal extremamente biodiverso, paramos no meio da entrevista para contar quantas espécies diferentes tinham lá, assim, reconhecemos 36 variedades de árvores e arbustos, em sua maioria frutíferas. Algumas delas: atemóia, seriguela, pimenta do reino, pimenta de cheiro, limão, graviola, cacau, cupuaçu, coco, abiu, manga, pitáia, banana, araçá, café, amora, manjerição, hortelã, coentro, cebolinha e alface. Este quintal ainda possui criação de galinha, técnicas para compatibilizar a plantio de hortícolas com criação,

compostagem, área de produção de mudas e secagem de frutos. (CADERNO DE CAMPO, 28/07/2015)

1



2



3



4



Figura 16. Quintal biodiverso: (1) produção animal, (2) horta, (3) pimenta e banana e (4) fruta do conde. Fonte: arquivo pessoal (22/07/2015)

5)

O quintal pode ser visto enquanto um espaço de transição entre as tomadas de decisões pessoais e coletivas, pois ele é um local para testar, errar, aprender, mostrar e assim incrementar o próprio conhecimento. É neste espaço também que se realizam plantios de interesse imediato da família, como por exemplo, espécies medicinais, aromáticas, de “tirar mau olhado”, hortícolas, frutíferas, ornamentais por meio de uma diversidade de arranjos e manejo agrícola. Percebê-lo enquanto um espaço educador é valorizar os sujeitos e suas experiências por meio de suas práticas, observações e construção de teorias empíricas. Um agricultor complementa que o espaço de ensino-aprendizagem de agroecologia “primeiramente é o nosso quintal, nosso espaço que nós vivemos aqui.” (Agricultor MST - Aj).

[...] os quintais seriam o primeiro lugar (para demonstrar a agroecologia), porque ali você vai ver como se trabalha o solo, não queimando orgânico, não jogando plástico pra cima do solo, então cada planta que você vai colocando você vai vendo o desenvolvimento dela. Então ali você tem como você observar ali o que as plantas vai estar gerando ali. Então o primeiro passo é ver nos quintais. (Agricultor MST - Aj).

O quintal enquanto um espaço educador está presente nas narrativas dos agricultores, Técnicos do Setor de Produção do MST e pesquisadores ESALQ. Neste sentido, surge uma discussão sobre o espaço de ensino-aprendizagem no quintal, enquanto um local de experimentação relacionado à Escola Popular.

Além disso, o quintal é uma área que pode estar relacionada diretamente às questões de soberania alimentar das comunidades assentadas. Isso se deve essencialmente à capacidade e potencialidade de proporcionar alimentos de alta qualidade para o autoconsumo. Esta qualidade se deve pelo alimento ser utilizado fresco, sem agrotóxico, adequado à cultura local e hábitos alimentares. Ainda, pode vir incrementar a renda familiar pela venda ou troca de seus excedentes. O quintal ainda manifesta as expressões estética e de busca do bem-estar por ser local de convívio e lazer, especialmente entre as crianças.

Há uma íntima relação entre quintal e espaço de trabalho das mulheres e cuidado com as crianças. Como fruto da sociedade patriarcal, os assentamentos e pré assentamentos reproduzem ocupações diferenciadas entre os gêneros, porém, apesar disso, é notória a participação política das mulheres nos espaços de decisões e conformações de lideranças<sup>19</sup>. Mas ainda assim o trabalho da casa, do cuidado com as crianças e alimentação se deve, quase que exclusivamente, às mulheres. Neste sentido o quintal, enquanto um espaço de extensão da moradia é na sua essência um espaço de uso e trabalho feminino, este pode ser um fio condutor interessante em processos de formação. Como bem argumenta uma liderança local: “Eu já educo meus filhos nos moldes da agroecologia, desde quando ele pega uma fruta do quintal. Eu acho que a agroecologia é por aí” (Liderança Regional – Mr).

Ao mesmo tempo, os quintais podem invisibilizar as práticas existentes e ainda, isolar as famílias, especialmente os trabalhos das mulheres. O Grupo de Trabalho Mulheres da ANA<sup>20</sup> e a ActionAid Brasil<sup>21</sup> ao descreverem os quintais produtivos numa perspectiva agroecológica e de superação das desigualdades de gênero apontam uma situação na qual é preciso ter atenção:

Tonha nos conta um pouco da história de sua experiência nos “Quintais”; como foi o começo de tudo. “Essa atividade já era feita por nós, mas não era aquela coisa reconhecida. Você plantava ali, só você. Lá, ninguém tinha conhecimento...”. O trabalho nos quintais é antigo para as agricultoras. Na maioria das vezes, elas possuem a sua horta, os pequenos animais, as plantas medicinais, porém, nada disso

---

<sup>19</sup> Como exemplo de dos esforços do Movimento para contemplar as questões de gênero pode-se citar a formação das Brigadas e Núcleos de Base que necessariamente são compostas por um homem e uma mulher.

<sup>20</sup> Articulação Nacional de Agroecologia

<sup>21</sup> Organização internacional sem fins lucrativos com sede no Brasil, para maiores informações consulte <http://www.actionaid.org.br>

é visibilizado pela família nem tampouco pela comunidade, porque não é visto como atividade geradora de renda. (GRUPO DE TRABALHO MULHERES DA ANA; ACTIONAID BRASIL, 2010, p. 30)

Por fim, os quintais também são espaços de demarcação de territórios, especialmente em locais onde os lotes das famílias não estão definidos. Árvores e arbustos, muitas vezes, são marcos que delimitam os terrenos, o que faz desta área uma espécie de zona de transição entre moradias, ou ainda, de transição com bordas de matas, cultivos ou até mesmo com estradas.

### 5.3.3 Espaços públicos

Há percepções de que o local de ensino-aprendizagem de agroecologia são “todos os espaços por onde a gente passar” (Representante do Setor de Produção - G), ou seja espaços públicos e privados. Dentre os espaços públicos identificados em campo e nas respostas da pergunta sobre “com quem você conversa sobre agroecologia” pode-se realizar um destaque para: “feira”, “universidade” e “dentro do ônibus”.

E também, nós, enquanto militantes na regional, temos tomado como meta e desafio por onde a gente passar, seja lá qual for o espaço, a gente tentar dialogar com público que ali está a importância de estar inserido na agroecologia. E de que forma nós podemos fazer agroecologia. (Representante do Setor Educação do MST - E1)

As feiras são espaços educadores que ultrapassam a dimensão territorial das relações dos assentamentos e pré assentamentos para compreender os moradores da cidades e regiões vizinhas. Uma extensionista da ESALQ traz que:

[...] é o que o pessoal daqui tem feito nas feiras da reforma agrária, nas feiras tanto por brigada como as feiras regionais, levando seus produtos com o discurso que eles são sem veneno, são agroecológicos. Sem nada de certificação ainda, nem nada desses processos que temos que avançar, mas assim, dialogando assim mesmo com a sociedade. Os relatos são de que, na feira de Itamaraju vendeu tudo até as 10h da manhã. Por mais que a gente tenha feito este levantamento de mercado, não tem esse costume, tem muita pouca procura pelo alimento orgânico, pelo alimento agroecológico. Não se conhece o que é. Mas quando você diz que é um produto saudável e sem veneno você conquista a população (Pesquisadora ESALQ - A).

Há na região dois tipos de feiras para o escoamento da produção dos assentamentos. A primeira delas, e mais relevante, é a “Feira da Reforma Agrária”, onde as lideranças articulam encontros e promovem a venda de produtos dos assentamentos que pertencem à Regional Extremo Sul do MST. Os preços dos alimentos são bem acessíveis, por exemplo, na “V Feira da Reforma Agrária” em Eunápolis a alface, na banca da EPAAEP, estava sendo comercializada pelo valor de um real, sendo que no mercado local custa dois reais. O segundo tipo de feira são os pontos de gestão municipal, localizados nos centros das cidades,

especialmente em Itamaraju, Eunápolis, Teixeira de Freitas e Mucuri. Nestes dois tipos de feira é possível encontrar produtos orgânicos (sem certificação) e convencionais, além de artesanatos e venda de animais de criação.

1



2



Figura 17. V Feira Regional do Extremo Sul (1) e ponto de venda na feira da Escola Popular (2)  
Fonte: arquivo pessoal (28/07/2015)

Durante a estadia na Escola Popular, foi possível observar a organização para participação da mesma em diversas feiras na região, não somente com a venda dos produtos hortícolas produzidos na área da escola, mas também com materiais da campanha contra os agrotóxicos e transgênicos, banner explicativos sobre a Escola. Portanto, são espaços de ensino-aprendizagem de agroecologia enquanto uma ação coordenada pela Escola. Uma educadora do MST diz ainda que “a nossa proximidade com a população através das Feiras da Reforma Agrária está sendo enorme e a Escola abre as portas para quem quiser vir ver de fato o que é o Movimento Sem Terra” (Representante do Setor Educação – N).

Não há uma feira exclusivamente agroecológica permanente na região, a divulgação de que é um produto de base agroecológica se dá por informativo no próprio alimento, em algum cartaz exposto na banca ou pela orientação do vendedor. Na escala nacional também não há uma instância oficial para a criação e monitoramento das feiras agroecológicas. Bem como, as normas reguladoras de venda de produtos orgânicos sem certificação, sob domínio do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), ainda não são realidade na região dos assentamentos e pré assentamentos que fizeram parte desta pesquisa. E é bem provável que não seja uma realidade para todo Extremo Sul da Bahia, apesar de ser uma via relevante como alternativa aos meios onerosos de certificação orgânica.

O MAPA é responsável pelos Organismos de Controle Social, chamados de OCS, para fazer o monitoramento sobre a qualidade orgânica dos produtos vendidos em feiras livres,

considerando o preceito de “rastreadabilidade”, sendo uma alternativa viável aos produtores familiares às certificações orgânicas tradicionais como a Organização Internacional de Agropecuárias – OIA e Selo BCS.

Segundo Araújo (2015, p. 273) atualmente existem estudos consolidados que afirmam que “os espaços agroecológicos de comercialização possuem frágil aderência às políticas públicas instituídas e que o aparato de controle social previsto está longe de se materializar”. Porém, diante da pertinência do rendimento econômico das feiras aos assentamentos, e ainda, a possibilidade de construção de saberes agroecológicos de transformação social durante a comercialização, estas questões precisam ser enfrentadas não somente pelo MST, mas pelos consumidores e demais produtores.

As feiras, portanto, são espaços de diálogo pelo qual o alimento se torna a ponte para aproximar Movimento e sociedade, como bem aponta uma liderança regional:

[...] então você senta no barzinho, ali do lado da pessoa que está ali na cidade, e o debate flui, as pessoas perguntam “o que é essa feira? ”, então a gente faz isso. Mas as pessoas que estão lá direto comercializando elas conversam, explicam que são produtos de qualidade, da reforma agrária. Então os produtores de um modo geral conseguem fazer esse debate, está com o símbolo do MST, o boné, camisa, bandeira. A gente consegue dialogar com a população através da simbologia concreta que é a questão dos alimentos produzidos nos assentamentos de uma forma agroecológica.” (Liderança Regional do MST - Ev).

Bernardes (2014) realizou um levantamento sobre as feiras no Extremo Sul da Bahia, com foco nos municípios de Alcobaça, Prado e Itamaraju. Segundo a autora, os feirantes observaram que 51% dos consumidores procuraram por produtos denominados como “naturais” (sem aplicação de adubo e agrotóxico). Ainda, 55% dos feirantes possuíam estes produtos para comercialização. Desta forma, pode-se afirmar que a comercialização por circuitos curtos, através dos espaços da feira é relevante, este espaço torna-se também propício para construção de saberes agroecológicos no território.

Outro espaço público de relevância para a construção de saberes agroecológicos são os espaços acadêmicos. Na região dos assentamentos e pré assentamentos existem três universidades: Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Instituto Federal Baiano (IF) e o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia na Bahia (IFBA). Todas elas possuem, em alguma dimensão contato com as atividades do MST, seja por meio de participação de encontros promovidos pelo Movimento, pela frequência de militantes no seu corpo discente ou ainda, contratos e convênios para projetos em parceria. Um técnico do Setor Produtivo do MST comenta como é fundamental esta aproximação com as instituições de ensino superior.

Tivemos uma visita tem oito dias de duas alunas da Universidade que vem visitar os assentamentos e visitamos todos os quintais com elas então isso pra gente é importante, que você mostra lá fora a realidade (Representante Setor de Produção MST - G).

E ainda a gente leva tudo isso para as escolas e todos os espaços, hoje a gente tem uma relação com a Universidade de Teixeira e Federal com extensão, já fomos convidados pra lá pra fazer esse debate e fizemos uma rodada de entrevistas. Além disso hoje nós já estamos tendo algumas visitas dos estudantes que vem aqui na área pra ver se o que a gente estava falando lá é realmente verdade ou é diferente. E quando vem se sente ainda mais surpreendido do que quando a gente colocou lá (Representante Setor de Produção MST - G).

Ainda, esta dimensão educadora da relação universidade e Movimento é possível perceber até mesmo dentre os técnicos da própria ESALQ que estabelecem uma relação de aprendizado constante, em contraponto a uma postura de uma extensão universitária “bancária”:

Quem somos nós da universidade com 5 anos de formado que vai discutir com o agricultor que tem 50 anos de vida na agricultura? Como que você chega? Então esse método é uma coisa muito importante de ser debatida, aperfeiçoada, fortalecida, enfim. E dentro do diálogo como ter uma postura, porque é um grande processo de transformação, porque se você está resgatando saberes é para as pessoas poderem utilizar isso também (Pesquisador ESALQ - J)

[...] nessa tentativa de construir uma coisa científica a gente vem com cientificismo cartesiano, vai sucumbi, não vai dar certo. Não dá pra construir agroecologia cartesianamente, você precisa inovar. Esse é um princípio. Se não pode dar bem errado e muito de quem pode se prejudicar com isso são as famílias que estão lá na ponta, então é prática com muita reflexão (Pesquisador ESALQ - J)

Roseli Salete Caldart e Paulo Aentejano organizaram a obra “MST Universidade e Pesquisa” e nela trazem a discussão de que o Movimento não precisa somente aprofundar seus conhecimentos, mas incorporar nas atitudes de estudar, pesquisar e analisar uma prática militante para conseguir enfrentar os desafios da classe trabalhadora (CALDART, R. S.; ALENTEJANO, 2014). Reforçam ainda que, nesta dimensão do ensino superior, o quanto é necessário a formação de *intelectuais orgânicos*<sup>22</sup>

Momentos de crise estrutural do modo de produção, como o que atravessamos, acirram a disputa da hegemonia. Aqui nos colocamos no âmbito da reflexão sobre os desafios atuais do intelectual orgânico da classe trabalhadora, ou na contradição fundamental entre capital e trabalho, o que se vincula explicita e conscientemente ao polo do trabalho (CALDART & ALENTEJANO, 2014, p. 139).

Por fim, outro espaço público mencionado como importante foi dentro do ônibus, mencionado para demonstrar que em todos os locais é possível desenvolver relações de trocas e aprendizados.

---

<sup>22</sup> Termo tratado por Antônio Gramsci especialmente em sua obra “Os Intelectuais e a organização da cultura” (GRAMSCI, 1979)

E se eu estou dentro do ônibus e escuto alguém falando alguma coisa eu sinto a necessidade de falar sobre agroecologia. Então hoje não temos um espaço específico, todos os lugares também pela campanha nossa que é “Extremo Sul pela Vida (N – Setor Educação)

### 5.3.4 Escolas

As respostas das entrevistas trouxeram os seguintes espaços escolares como importantes para os processos de ensino-aprendizagem de agroecologia: escolas dos assentamentos, escolas da região e a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” (EPAAEB). Nesta mesma sequência de relevância. Este fato foi pouco esperado, pois a princípio entendia-se que a EPAAEB seria local de referência principal.

As “escolas dos assentamentos” são espaços dentro das áreas de assentamentos e de pré assentamentos, geralmente conduzidas por educadores militantes do MST direcionada para diferentes faixas etárias, em diferentes etapas de formação. Dalmago (2010) faz uma retrospectiva bem completa em sua tese de doutorado “A Escola no contexto das lutas do MST” e traça o sentido da escola no Movimento e todo o aspecto histórico da evolução do seu conceito. Segundo dados levantados por ela, em 2010 existiam em áreas de assentamento e acampamentos do MST cerca de duas mil escolas, destas, 250 tem educação fundamental completa e 50 escolas possuem o ensino médio. Quanto aos professores:

[...] nas escolas dos assentamentos e acampamentos atuam dez mil e mais cinco mil outros trabalhadores em Educação (como coordenação, cozinheiras, etc.). Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) o número de turmas organizadas pelo MST é de quase mil e o total de educandos em torno de 10 mil (DALMAGO, 2010, p. 21).



Figura 18. Escola do MST no pré assentamento Jaci Rocha  
Fonte: arquivo pessoal (9/07/2015)

“Escolas da região” são unidades que pertencem a rede de ensino, geralmente são Escolas do Campo, sob gestão do Estado. No contexto nacional, há aproximadamente 300 mil Sem Terras estudando em escolas públicas, da infância à Universidade, passando pela Educação de Jovens e Adultos (DALMAGO, 2010, p. 21). Ou seja, os militantes do Movimento frequentam as escolas públicas localizadas no campo, portanto, é natural que ela seja mencionada enquanto um espaço relevante para a construção de saberes agroecológicos.

Em buscas nas bases de dados do site da Secretaria do Estado de Educação da Bahia (ESCOLAS, 2016) não foi possível encontrar informações específicas sobre as Escolas do Campo, nem sobre a qualidade das escolas públicas estaduais, ou alguma análise que pudéssemos relacionar às escolas do estado com a educação de moradores de assentamentos e acampamentos.

Uma das perguntas do questionário semiestruturado aplicado tinha o intuito de levantar os espaços de ensino-aprendizagem de agroecologia. Foi curioso perceber que a maioria das respostas sobre os espaços de aprendizagens de agroecologia, não citam a Escola de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” como espaço principal. Somente uma resposta mencionou a EPAAEB como espaço de referência. Este não seria um dado esperado, desta forma, esta questão foi problematizada durante o encontro de devolutiva de pesquisa.

Nesta devolutiva foi possível trazer esta questão junto ao grupo focal e realizar pequenos grupos de trabalho para aprofundar a discussão. Abaixo foram descritas a síntese dos principais pontos levantados durante o encontro:

*Pergunta: a maioria das respostas sobre os espaços de aprendizagens de agroecologia, não citam a Escola de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” como espaço principal. Por que?*

Respostas:

1. A sociedade ainda não conhece esse modelo de Escola;
2. Processo novo para a maioria das pessoas, exceto quem trabalha aqui ou quem frequenta mais vezes;
3. A escola ainda é conhecida como fazenda Colatina;
4. A vista da escola ainda se caracteriza como “pastagem”;
5. Ação da escola ainda está limitada ao Projeto Assentamentos Agroecológicos;
6. Fora dessas áreas a Escola ainda tem pouca ação;

7. Aqui ainda não tem “cara” de Escola tem cara de casa;
8. Ainda não grandes estruturas de divulgação/placas/outdoors;
9. Subutilização do potencial de divulgação na rádio que o movimento tem proximidade;
10. Se a gente for mesmo nas áreas de atuação do projeto, muitas pessoas ainda não sabem o que é a Escola;
11. A gente sempre disse que a Escola não deve ser só um espaço físico, mas sim atuar nas áreas (proposta da educação popular);
12. Como linkar esses espaços que acontecem nas áreas (exemplo, Sim Eu Posso) com a imagem da Escola?;
13. Difícil se concretizar referência sem uma produção agroecológica na área da Escola. Acredita que após a implantação das unidades demonstrativas do produtivos, esse cenário talvez melhore;
14. Coletivo do Jaci Rocha que vem atuando semanalmente aqui, então possivelmente esse cenário já tenha passado por algumas mudanças pois a pesquisa foi em 2015;
15. Carência de identificação dos técnicos que vão até a área (uniforme e mesmo nas falas);
16. Carência de material de divulgação (vídeos, etc.);
17. Pesquisas em andamento podem ajudar também no diálogo;
18. Quando se diz que está numa reunião na Escola, normalmente se explica que é está no Assentamento Jaci Rocha e não se reforça a identidade da Escola;
19. Camisetas (uniformes) são importantes para a propaganda da Escola e ainda não existem.

Portanto, podemos encontrar que a EPAAEB ainda não se constituiu como um espaço de referência para ensino de aprendizagem de agroecologia regional, pois no ano de 2015, de uma forma geral, os sujeitos Sem Terra não haviam criado uma identidade de referência consolidada. Foi percebido a necessidade em aprimorar a divulgação da Escola Popular com placas na estrada, uniformes, camisetas e matérias em rádio e vídeo. Ainda, surgiu uma discussão de que a Escola Popular não deve se prender a seu espaço físico, que o espaço de ensino-aprendizagem de agroecologia deve ser mesmo nas áreas dos assentamentos.



Figura 19. Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”  
Fonte: arquivo pessoal (04/04/2015)

#### **5.4 Papel de uma Escola Popular de Agroecologia**

A escolha do nome “Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” foi fruto de diálogos constantes entre a equipe do PAA e lideranças do MST. No início do projeto ele se configurou como “Centro de Formação”, porém, segundo Rezende (2012, p. 49) “foram diversas as propostas de nomes”. Há entendimentos de que a passagem de “Centro de Formação” para “Escola Popular” aconteceu a partir de um processo de reflexão e amadurecimento, neste sentido, um gestor do PAA afirma:

Na minha interpretação ocorreu um processo de evolução. Ele começou quando verificamos a necessidade de ter um PPP para o Centro. E isso demonstrou que o Centro era muito pequeno e reducionista no ponto de vista metodológico e da agroecologia. Mas foi o próprio Movimento que um certo momento falou “um Centro não cabe, nós temos que chamar isso de escola”. E foi amadurecendo uma escola com o nome do Egídio Brunetto, e para nossa surpresa, pois a gente achou que eles iriam abortar a questão da agroecologia e agrofloresta, aconteceu o contrário, o Centro então se tornou a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”. Como eles fizeram com o projeto da Fiocruz, que antes tinha um nome todo pomposo e eles que falaram “vai ser saúde popular agroecológica”. Essa é uma coisa que eu não sei como chamar, é uma interiorização mesmo. (Depoimento de um gestor do PAA, Caderno de Campo, 15/02/2017)

Este fato traz consigo um direcionamento inicial sobre qual tipo de estrutura educacional seria ideal para o ensino-aprendizagem de agroecologia e, portanto, buscou-se neste item, identificar a compreensão desta identidade pelos sujeitos entrevistados.

Sobre o papel da EPAAEB foi possível identificar que coexistem duas categorias distintas de percepção, por um lado algumas narrativas apresentam um discurso de compromisso com a educação libertadora e emancipadora e, por outro lado, apresentam um papel de transmissora de conhecimentos e de qualificação técnica, conforme descrito abaixo:

<b>Qual o papel da EPAAEB?</b>	
<b>Conjunto de respostas</b>	<b>Categorias</b>
Para deter o conhecimento, mas é onde a gente busca conhecer, através dos cursos, das atividades	Espaço centralizador e disseminador de informações
Centralizar um pouco desse saber, pra daqui ser disseminado	Espaço centralizador e disseminador de informações
Onde a gente concentra e busca todas as informações que a gente precisa	Espaço centralizador e disseminador de informações
Capacitações pra poder atender as famílias	Espaço centralizador e disseminador de informações
Informar mais a gente, fazendo cursos	Espaço centralizador e disseminador de informações
Trazendo profissionais pra profissionalizar os nossos assentados	Espaço centralizador e disseminador de informações
Difusão da técnica e da tecnologia	Espaço centralizador e disseminador de informações
Qualificando os atores que vai estar disseminando e multiplicando o conhecimento, e aí você vai realizando a troca de informações, esse é o caminho	Espaço centralizador e disseminador de informações
É nosso ponto de partida, nosso ponto de chegada, é onde a gente vem dividir o conhecimento da gente com as pessoas, é onde são feitas as experiências	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Articulação do saber e buscar parcerias	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
A escola é um propulsor, um centro de irradiação, base de apoio, base de referência, lugar onde se faz, onde se ensina, discute, leva, traz e troca	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Aumenta a velocidade da troca de informação	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Conscientizar	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Integração	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Aprende como também ensina	Espaço de troca e articulador de conhecimentos
Espaço de reuniões	Espaço de troca e articulador de conhecimentos

Quadro 9. "Qual o papel da EPAAEB?"

As respostas categorizadas como “espaço centralizador e disseminador de informações<sup>23</sup>” se aproximam do conceito de educação bancária, que apresenta fórmulas e pacotes tecnológicos prontos, discutida e criticada exaustivamente por educadores como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão e Roseli Salete Caldart - conforme apresentado na

<sup>23</sup> Mesmo que o papel da escola também possa ser o de catalogar e acumular materiais a categorização proposta buscou alertar para uma possível aproximação desta compreensão para uma concepção escolar conteudista.

revisão bibliográfica. Diante disso, é provável que está enraizado na formação básica dos sujeitos entrevistados a cultura histórica de uma educação transmissora de conhecimentos, pouco dialógica e crítica. Ainda mais se levar em consideração que a maioria são provenientes de áreas rurais, onde foi possível verificar os desafios postos às Escolas do Campo, que vão desde questões estruturais (como aparelhos públicos apropriados) até a formação de educadores.

Porém, a visão de uma escola como um espaço de trocas e articuladora de conhecimentos também foi anunciada, de forma menos expressiva que a visão anterior, porém de modo relevante. Pode ser que o maior desafio para a construção dos saberes agroecológicos que uma Escola Popular precise enfrentar seja o de investir no modelo de ensino-aprendizagem que contemple a dimensão estruturante da educação crítica da EP, com a visão complexa, conjuntural e estratégica que a agroecologia remete.

Ainda, é preciso deixar em evidência o papel do Projeto Político Pedagógico (PPP), que pode ser uma ferramenta provocativa com a finalidade de fomentar a autocrítica, autogestão e autoanálise sobre os próprios caminhos escolhidos pela Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”. Porém, segundo uma pesquisadora da ESALQ:

[...] a elaboração de um PPP, teve uma primeira versão, que não foi sequer debatida coletivamente. Ela foi escrita por muitas mãos, juntou-se os pedaços e pronto, querem um documento: temos um documento. Mas, não é um documento que reflete nem a prática que a Escola já tem. Tem avanços pontuais nessa atuação da equipe, pessoas se destacam mais que outras, mas acho que tinha que ser uma unidade maior de compreensão de concepção. Qual é a concepção de agroecologia dessa Escola que se diz agroecologia e agrofloresta? É diferente você dizer que é uma agroecologia agroflorestal, tem um porque você ter o agrofloresta no nome da Escola, não é um simples complemento. É você trazer uma porção de outras questões que enfatizam como que é essa agroecologia. Então, se essa equipe não tem clareza disso não vai estar construindo isso, eu acho que falta isso ainda, o que é um desafio bem grande (Pesquisadora ESALQ – A).

O depoimento acima foi realizado no ano de 2014, dois anos após a construção da primeira versão do Projeto Político Pedagógico da Escola Popular. Apesar de revelar a falta de apropriação desta ferramenta para incrementar o olhar crítico sobre a EPEAAB, seu processo de construção foi importante para aproximação da equipe gestora da Escola Popular (composta por membros da ESALQ e MST) e ainda, contribuiu para o amadurecimento da sua concepção. O histórico de formação do PPP, levantado por Rezende (2012), indica que aconteceram processos participativos durante os anos de 2011 e 2012 entre a equipe e parceiros. Por exemplo, para a construção da visão, missão e objetivos da Escola, foram realizados seminários, encontros e reuniões específicas, na qual a autora observa que “gastou-

se muito tempo nas idas e vindas da elaboração do documento, na necessidade de descobrir os caminhos de diálogo. Apesar da demora, em alguns casos, foi positivo o fortalecimento das relações” (REZENDE, 2012, p. 48).

Ainda, foi elaborado pela equipe da EPEAAB um processo de autoformação, sistematizado por Berthet (2011), na qual era previsto encontros temáticos e reuniões técnicas para desenvolver uma metodologia de aprendizagem a partir dos seguintes princípios pedagógicos:

- Diálogo e participação;
- Flexibilidade na condução e no conteúdo da proposta educativa;
- Práxis;
- Matizes pedagógicas: Pedagogia da Organização Coletiva; Pedagogia da Luta Social; Educação Popular; Pedagogia da Terra; Pedagogia da Cultura e Pedagogia da História.

Este documento traz à tona alguns dos percursos trilhados que ilustram o compromisso e adensamento pedagógico para a consolidação da EPEAAB. Pelas observações do Caderno de Campo também é possível afirmar que há esforços contínuos para que se possa materializar um espaço de interesse das classes populares com relação a agroecologia e agrofloresta.

A análise das entrevistas trouxe que a Escola Popular também foi idealizada para ser um espaço de referência do Movimento, tanto para as famílias assentadas e acampadas quanto para a sociedade. Entendida, por exemplo, enquanto um “cartão postal”, por uma pesquisadora (A), ou um local de “ver para crer”, como apontado por um técnico do Movimento (Ro). Existe ainda, uma grande expectativa para que as ações da EPAAEB sejam divulgadas e impulsionem a agroecologia militante, contra-hegemônica e de interesse dos agricultores familiares, como afirma uma das entrevistadas: “A Escola é um instrumento de luta, a gente discute muito agroecologia como contraponto ao modelo” (Técnica do Setor de Produção - V).

O acolhimento das múltiplas demandas pela Escola, como seminários, congressos, encontros e capacitações técnicas, é um fator relevante, que vem dialogando e se aproximando com diferentes setores da sociedade, público rural e urbano, extensionistas rurais, agricultores, agricultoras, professores e professoras. E, mesmo em construção, é capaz de atender demandas locais e nacionais do Movimento. Sendo assim a Escola Popular também se apresenta como um espaço articulador de diferentes atores sociais, conferindo visibilidade e mobilização política do MST.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como intuito compreender o processo de construção dos saberes agroecológicos com vista ao estabelecimento de comunidades de bases sustentáveis. Para isso, teve como fenômeno de estudo as relações estabelecidas no âmbito do Projeto “Assentamentos Agroecológicos” (PAA), fruto da parceria entre ESALQ e MST. Teve como foco as narrativas de assentados/as, acampados/as e extensionistas no Extremo Sul da Bahia, mais especificamente aqueles/as inseridos/as no contexto da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto”. Buscou recursos analíticos e fundamentação teórica nas Ciências Agrárias, Educação e Sociologia, que pudessem dialogar com a construção de assentamentos agroecológicos por meio da aproximação entre a academia e movimentos sociais do campo, referenciados em uma ciência contra-hegemônica e descolonial. Almejou, desta forma, aproximar o enfoque agroecológico às propostas de luta do MST e às estratégias educacionais direcionadas ao empoderamento e emancipação popular.

Os saberes agroecológicos foram compreendidos neste trabalho como uma construção de conhecimentos capazes de superar a racionalidade econômica e instrumental da agronomia moderna. Teve como premissa o envolvimento dos sujeitos inseridos nas realidades concretas dos territórios, em processos que promoveram dinâmicas interacionais radicalmente inclusivas (como a participação de jovens, mulheres e idosos). Identificou-se que essa forma de compreensão se reflete nas práticas educadoras contextualizadas no tempo, no espaço e na cultura da comunidade, já que se trata de um processo dialético e dinâmico dependente de como são construídas as relações no território

Embora os conhecimentos emergjam, em grande parte, das relações sociais estabelecidas, não é possível ignorar os campos técnicos e acadêmicos que podem otimizar e imprimir qualidade às práticas locais. Contudo, esta pesquisa apontou a necessidade de pautar os processos de interlocução por estratégias não opressoras, que tenham como fundamento contribuições da Educação Popular, Ecologia de Saberes e Diálogos de Saberes. Cabe acrescentar que as bases e fundamentos da Educação do Campo e da Educação Ambiental não foram abordadas diretamente mas poderiam acrescentar à discussão.

Os resultados alcançados permitiram dialogar sobre a centralidade das abordagens da soberania alimentar, do engajamento e militância em movimentos sociais e de aspectos subjetivos - como sonho, utopia e legado - na compreensão do conceito de agroecologia. Ainda, foi possível identificar a importância da diversidade dos espaços de ensino-

aprendizagem e os temas geradores relevantes para o território de análise. De forma complementar, foi realizada análise sobre as dimensões metodológicas apontadas pelos participantes da pesquisa que são importantes para os processos educacionais. Por fim, foram discutidas duas percepções a respeito do papel da Escola Popular: uma alinhada com a educação libertadora e emancipadora, e outra, transmissora de conhecimentos e de qualificação técnica.

Ainda que se perceba dificuldades para avanços na concepção de novos paradigmas na educação e no modo de produção agrícola, tendo visto especialmente o histórico de ocupação do Extremo Sul da Bahia, a iniciativa do PAA apresenta alguns caminhos possíveis, situados nas experiências e desafios locais e articulados com diferentes sujeitos protagonistas na construção dos saberes agroecológicos.

Ademais, tornou-se relevante para a discussão do fenômeno de pesquisa a necessidade de revelar as subjetividades sem renegá-las ou diluí-las a um plano menor. Para que isso seja possível, é oportuno trazer à tona a vida em cooperação, o respeito mútuo entre os seres humanos e não humanos e tantas outras características não objetivas por vezes culturalmente dormentes. O sistema hegemônico de produção da agricultura moderna possui suas próprias subjetividades que estão naturalizadas, neste trabalho foram ressaltadas subjetividades que poderiam alimentar uma visão contra-hegemônica do sistema de produção agrícola.

Desta forma, para estas considerações finais, foi possível tecer a compreensão sobre a racionalidade agroecológica a partir do contexto histórico, econômico, social e ambiental do território, tendo como fio condutor da análise três perspectivas: i) da universidade; ii) da luta pela terra e; iii) da formação de uma Escola Popular de Agroecologia.

### **Saberes agroecológicos na universidade**

A construção dos saberes agroecológicos, analisada por esta pesquisa, revelou a necessidade de rever o papel do ensino superior das ciências agrárias. É significativo o estabelecimento de estratégias como a abertura do espaço universitário para a diversidade de lutas, etnias e demais saberes cultural e socialmente construídos. A concepção da Ecologia de Saberes pode apoiar nesta direção ao sustentar o desenvolvimento de processos educadores que possam acolher os saberes historicamente suprimidos (SANTOS, 2010). O que pode trazer o frescor necessário para o exercício dos modos de ensino-aprendizagem assentados nos diálogos e experiências concretas, uma vez que as contribuições dos processos de

construção dos saberes agroecológicos não podem se dar simplesmente por sua descrição, mas sobretudo por sua práxis.

O PAA, enquanto projeto de extensão universitária, integra um dos tripés da universidade (que em seu conjunto tratam do ensino, da pesquisa e da extensão). Seria de grande valia tendo em vista a concepção contra-hegemônica de universidade, dar-se maior enfoque às práticas de extensão no interior da universidade. Pouco visíveis, os projetos de extensão acabam subjugados diante da necessidade de retornos considerados mais legítimos, mas que nem sempre são os mais adequados para alcançar as comunidades, como as publicações de artigos em revistas internacionais.

Cabe uma ressalva sobre a questão do financiamento de empresas privadas aos projetos de extensão universitária. Neste caso, pode ser relatado que a existência de um Núcleo de Extensão (NACE PTECA) que acolhe o PAA e outros projetos, através da articulação de um conjunto de professores que compõem seu Conselho Deliberativo parece ser uma boa prática para o desenvolvimento de propostas que buscam captar recursos privados com o compromisso de interesse público e retorno social.

A crítica realizada ao longo do trabalho à ciência moderna, e especialmente à agronomia moderna, pode ser sintetizada pela sua busca de estabilidade e objetividade, bem como na promoção de uma racionalidade exclusivamente econômica e instrumental. Estes fatores negligenciam com as questões das Ciências Sociais e Naturais, pois como visto, esses estão imersos no paradigma da complexidade. Neste sentido, a interdisciplinaridade, tão necessária para a construção de saberes complexos, é outro desafio a ser enfrentado pela academia, pois, torna-se relevante apoiar processos formadores que desenvolvam a habilidade em articular as diferentes dimensões requeridas pelo enfoque agroecológico.

Diante disso, o PAA pode ser considerado uma iniciativa que buscou, por meio da extensão universitária, enfrentar as questões apontadas. Porém, para sua plenitude ser alcançada sob o ponto de vista acadêmico, necessita incidir com maior ênfase na universidade. Pois, apesar do Projeto favorecer a realização de estágios de graduação e pesquisas de pós-graduação, como esta em questão, seu campo temático ainda é “silenciado” pela universidade (JACOB, 2016). Caso contrário, será somente mais um projeto com começo, meio e fim nele próprio.

### **Saberes agroecológicos na luta pela terra**

É especialmente relevante, no contexto da luta pela terra do Brasil, a contribuição teórica, científica e prática do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Sua atuação

alerta para a gravidade da situação da reforma agrária e para a dura realidade de muitos militantes que enfrentam cotidianamente o cenário de opressão da agricultura industrial. A resistência protagonizada pelo Movimento aponta para uma necessária transformação social na agricultura atual.

A adoção da bandeira agroecológica pelo MST é um fato histórico relevante e imprime à construção de saberes agroecológicos um contorno específico. O Movimento traz vida ao conceito, ou seja, a agroecologia está presente nos discursos, nas formações e nas propostas políticas; ele ainda apoia a capilarização da agroecologia junto à sociedade, isso acontece de forma mais pronunciada quando suas campanhas alcançam os espaços públicos (feiras, universidades, sites eletrônicos). Dito isto, cabe retomar que a campanha “Extremo Sul pela Vida - Agrotóxico Zero” mostrou-se significativa, no contexto da pesquisa, para formação, não somente dos saberes agroecológicos, mas da cultura agroecológica.

A Via Campesina teve papel fundamental na introdução dos conceitos de agroecologia, Diálogos de Saberes e Soberania Alimentar no âmbito do MST. Esta referência internacional contribui para defender os interesses dos agricultores e agricultoras familiares, articulando lutas e conferindo uma dinâmica potencializadora para o desenvolvimento dos saberes agroecológicos, pois estes acabam influenciando e sendo influenciados por diferentes instituições e organizações, o que favorece a criação de uma rede de aprendizagem.

### **Saberes agroecológicos em uma Escola Popular**

A Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” tem potencial relevante de atuação no território geográfico (Extremo Sul da Bahia) e temático (agroecologia e agrofloresta). Ainda, por ser uma Escola de compromisso popular, induz um debate epistemológico necessário acerca dos processos de descentralização e descolonização da construção de conhecimentos.

Existe grande expectativa por parte dos militantes do MST e gestores do PAA para sua plena atuação, que vão desde sua potencial articulação política, vitrine de boas experiências agroecológicas e até de ação orgânica ao próprio Movimento. O PPP da Escola desempenha ainda um papel pouco aparente, porém, pode vir a ser um documento de referência ao aprofundamento das questões sobre objetivos, metas e marcos (situacionais, referenciais e de gestão) construídos coletivamente.

Ainda, foi identificada a diversidade de espaços de ensino-aprendizagem no território em foco, o que apoia a compreensão de que a atuação da Escola Popular para a construção de

saberes no campo da agroecologia deve se dar para além de seus muros. Bem como, a diversidade de sujeitos educandos, favorecendo a troca de experiência entre jovens, idosos, mulheres, agricultores, consumidores, entre outros, se materializou enquanto característica importante para a construção de conhecimentos.

Distintas compreensões sobre o papel da Escola Popular foram explicitadas pelos sujeitos entrevistados. Porém, ao investir no modelo de ensino-aprendizagem que contemple dimensões críticas, complexas, conjunturais e estratégicas a Escola pode fortalecer-se ainda mais. Nesta direção a educação popular, ecologia de saberes e diálogo de saberes podem ser referenciais de interesse.

Para além dessas três dimensões de análise, algumas questões apontam para estudos futuros e podem complementar as discussões propostas pela presente pesquisa. Quais procedimentos políticos e educacionais propiciariam o desenvolvimento das dimensões metodológicas e dos temas geradores levantados por este estudo? Como a universidade poderia melhor utilizar os acúmulos alcançados pelos projetos de extensão em suas práticas cotidianas? Como a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta “Egídio Brunetto” do MST pode proporcionar continuidade às ações de formação e qual o seu papel frente às mudanças políticas que o país enfrenta? Como se dá a construção de saberes agroecológicos em espaços urbanos com vistas ao estabelecimento de cidades mais sustentáveis?

Tornou-se mais claro que a agroecologia é um saber em construção pois representa os anseios de transição para sociedades mais sustentáveis e justas socialmente. Ao materializar-se enquanto proposta política e científica, seus esforços para superação da escassez e degradação ambiental se transformarão em caminhos para formas de existência mais plenas da humanidade em direção ao Bem Viver.

Não seria possível finalizar sem deixar de considerar a memória do Prof. Paulo Kageyama, que sem sua constante busca por transformações da ciência e da sociedade este trabalho não teria sido possível. Portanto, cabe reproduzir as palavras pronunciadas por Melgarejo (2016) na cerimônia de despedida e homenagem a este referencial na luta por uma ciência cidadã.

Pensem nesta pessoa dizendo, com calma, gentileza e cuidados, que cabe aos cientistas assumir o papel responsável de levar para a sociedade as informações corretas. De que a biodiversidade e a agroecologia têm respostas melhores para estes e outros problemas. E demonstrar, com humildade, que suas afirmativas se apoiam em mais de 20 anos de pesquisa participativa construída com agricultores assentados graças à luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em áreas recuperadas de latifúndios improdutivos, no centro-sul do Brasil. Nosso líder na luta por uma ciência cidadã, Paulo Kageyama.

Pensem numa pessoa forte, com disposição para enfrentar a todos em defesa de cada um, apontando a importância da solidariedade como fundamento insubstituível, orientador de qualquer ato consciente, da vida, da pesquisa e do ensino, em suas múltiplas possibilidades. Pensem em uma pessoa disposta a defender uma ideia, contra todos e com ela abraçar as causas dos sem-nada, contra os que têm tudo, e que perto do final, mesmo quando muitos se afastavam, permanecia ali, entre eles, lutador. Nosso irmão, Paulo Kageyama.

Pensem em um homem que deixa rastro e lembranças por onde passou e passará. Pensem em um bom exemplo a ser seguido. Pensem em Paulo Kageyama, que se foi e ainda assim estará sempre entre nós, ajudando na construção de um futuro mais justo para todos. Pensem em Paulo Kageyama, presente.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, M. M. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. VI ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. Brasília/DF, 2013
- ACTIONAID BRASIL; GRUPO DE TRABALHO MULHERES DA ANA (Org.) *Mulheres e Agroecologia: Sistematizações de experiências de mulheres agricultoras*. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 247 p., 2010
- ALTIERI, M.. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 5ª edição, 120p, 2005
- \_\_\_\_\_. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 4ª edição, 120 p., 2004
- \_\_\_\_\_; NICHOLS, C. *Agroecología: teoría e práctica para una agricultura sustentable*. México: Ed. Rede de Formación Ambiental para América Latina y el Caribe, 2000.
- \_\_\_\_\_; HECHT, S., LIEBMAN, M., MAGDOFF, R., NORGAARD, R., SIKOR, T. O. *Agroecologia: bases científicas para una agricultura sustentable*. Montevideo: Nordan–Comunidad, 325p., 1999
- ALMEIDA, T. D.; MOREAU, A. M. S. S., MOREAU, M. S., PIRES, M. D. M., FONTES, E. D. O., GÓES, L. M. Reorganização socioeconômica no extremo sul da Bahia decorrente da introdução da cultura do eucalipto. *Revista Sociedade & Natureza*, v. 20, n. 2, p. 5-18, 2008.
- ANTIGO LATIFÚNDIO DE EUCALIPTO VIRA ASSENTAMENTO AGROECOLÓGICO. MST. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/04/30/antigo-latifundio-de-eucalipto-vira-assentamento-agroecologico.html>> Acesso em 21 julho de 2016
- ARAÚJO, M.; ROCHA, R.. A Mata Atlântica do sul da Bahia: situação atual, ações e perspectivas. *Reserva da Biosfera da Mata Atlântica*. Caderno 8. São Paulo, 1998.
- ARAÚJO, T. P.; LIMA, R. A.; MACAMBIRA, J. *Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar*. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho: Núcleo de Economia Solidária da Universidade Federal de Pernambuco, 280 p., 2015

- ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSAJ. G. Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar; p. 29-41, 1998
- ARENDT, H. A condição humana. Tradução: Roberto Rapozo. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 403p., 2014
- AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Agroecologia e promoção da saúde no Brasil. *Rev panam salud publica*, v. 31, n. 4, p. 290-295, 2012
- \_\_\_\_\_. Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersectorial. *Saúde e Sociedade* v.20, n.3, p.715-729, 2011
- BAHIA, Governo do Estado. Lei Estadual 12.636 de 10 de janeiro de 2013. Dispõe sobre os limites dos municípios que integram o Território de Identidade do Extremo Sul. Disponível em <[http://limites.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/07\\_TI\\_Extremo\\_Sul.pdf](http://limites.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/07_TI_Extremo_Sul.pdf)>
- BAUMAN, Z. Vida líquida. Trad. de C.A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 212 p., 2007.
- BASTOS, L. C., BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA*, nº 31, p. 97-126, 2015
- BERTHET, G. *Agroecologia e Educação Popular: Contribuindo na elaboração de um método político pedagógico para a transição agroecológica de assentamentos da Reforma Agrária*. 131p. Dissertação (Mestrado Agricultura, Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente). Institut Supérieur d'Agriculture Rhône-Alpes, Lyon, França, 131 p. 2012
- \_\_\_\_\_. Processo de formação da equipe: proposta metodológica. Projeto Assentamentos Produtivos Agroecológicos. Itamaraju, Bahia, 41p. 2011
- BERNARDES, M. C. N. *Estudo de mercado: As feiras livres de Itamaraju, Prado e Alcobaça no Extremo Sul da Bahia*. Relatório do estágio (Estágio Profissionalizante em Engenharia Agrônômica. Departamento de Ciências Florestais). Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" Piracicaba, São Paulo, 78p., 2014
- BEZERRA NETO, Luiz. As propostas do Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra MST para a Educação no Campo: Há Necessidade de uma formação específica? *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos: UFSCar, v. 4, p. 2-21, 2010.
- BOFF, L. Crítica ao modelo padrão de sustentabilidade. Disponível em <https://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/29/critica-ao-modelo-padrao-de-sustentabilidade>. Acesso em 17 de setembro de 2016

- \_\_\_\_\_. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sexante, 319 p, 2004
- BOGO, A. *Lições da luta pela Terra*. Salvador: Memorial das Letras, 160p., 1999
- BONZI, R. S. Meio século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 28, p. 207-215, jul./dez. 2013
- BORGES, J. L. "O MST e a Transição Agroecológica." *Revista Brasileira de Agroecologia* v. 4, 2009
- BRASIL. Lei 12.651 de 25 maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm)> Acesso em 21 agosto de 2016
- \_\_\_\_\_. *O corredor central da Mata Atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Conservação Internacional, 2006
- \_\_\_\_\_. Programa nacional de Educação Ambiental – ProNEA/Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. 3ª edição. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005
- BRANDÃO, C. R. *O que é Educação Popular*. Ed. Brasiliense, 116 p. 2006.
- \_\_\_\_\_. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. Brasil: Cortez, 317p, 2003
- \_\_\_\_\_; DE ANDRADE, J. E. *O que é método Paulo Freire*. Editora Brasiliense, p. 68, 1982.
- CALDART, R. S. *A escola do campo em movimento*. Coletivo Nacional de Educação do MST e Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) Brasil. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000a
- \_\_\_\_\_. *A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo*. ANPED, 2000b .
- \_\_\_\_\_; ALENTEJANO, P. (Orgs.). *MST Universidade e pesquisa*. São Paulo: Expressão Popular, 264p., 2014 ´
- \_\_\_\_\_; PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. *Dicionário da Educação do Campo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 788p., 2012

- CAMPALINI, M; PROCHONOW, M; ARTAZA, O. (Org). 10 anos de diálogo florestal: a experiência do fórum florestal do Sul e Extremo Sul da Bahia. Atalanta, SC : APREMAVI, 78p., 2015
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002
- \_\_\_\_\_. *Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis*. Acesso em 11 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.planetaorganico.com.br/trabCaporalCostabeber.htm>, 10p., 2005.
- CARLI, C. O discurso político da agroecologia no MST: o caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás/Pará. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 100, p. 3-13, 2013
- CARNEIRO, F. F. et al. *Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV. São Paulo: Expressão Popular. 628p. 2015.
- CARNEIRO, R. A. F. A indústria de papel e celulose no Extremo Sul: estágio atual e perspectivas. *Bahia: Análise e Dados, Salvador, CEI*, v.4, n.2/3, p.206-217, dez 1994.
- CARSON, R. L. *Primavera Silenciosa*. Edições Melhoramento. 2ª Ed. 305p., 1962
- CARVALHO, I. C. M.; Subjetividade. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Coord). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Volume 3. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, p. 300-304, 2013.
- CERVERA, J. P.; FRANCO, P. V. Manual para o uso não sexista da linguagem. Trad. Beatriz Canabrava. Montevideo: REPEM, 2006. Disponível em <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>>
- COELHO, V. P.; SILVEIRA, C. A. Agroecologia e a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, legitimando modelos de agricultura e de desenvolvimento rural? *Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Porto Alegre, p. 1-20, 2009
- CORREA, C. *El MST en la marcha de la Agroecología. Una aproximación histórica a la construcción de la Agroecología en MST*. Dissertação de Mestrado em Agroecologia, Universidade Internacional da Andalucia e Universidade de Córdoba, Espanha, 2007.
- COTRIM, D. S. O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Porto Alegre, 244p., 2013

- COUTO, E. A. Diagnóstico estratégico do Sul da Bahia. In: *Revista eletrônica Cetesb*. Itamaraju, 2006.
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v.1, n. 4, 2000, p. 50-60.
- D'AGOSTINI, A. *A educação do MST no contexto educacional brasileiro*. Diss. Tese (Doutorado). UFBA. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.
- DALMAGO, S. L. *A escola no contexto de lutas do MST*. 24 mai 2010, 311p. Tese (Doutorado em Educação, na linha de pesquisa Trabalho e Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2010
- DESMARAIS, A. A. The Vía Campesina: peasants resisting globalization. Tese (Doutorado em Filosofia) - Department of Geography: University of Calgary, Alberta, 315 p., 2003.
- DEMBO, M. H. *Aplicação da psicologia educacional em sala de aula*. 3ed. Nova York: Longan, 210p. 1988
- DIAS, C. A. *Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. Informação & Sociedade: Estudos, v. 10, n. 2, 2000.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa Volume 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 94p., 1995
- DUMONT, R. A utopia ou a morte. Tradução de Mamede de Sousa Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 164p, 1975
- EHLERS, E. *Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. 2 ed. Guaíba: Agropecuária, 157 p., 1.999
- EMMANUELA, K. (org.). Programa Ambiental do MST para a reforma agrária: elementos para sua construção. *Agrobiodiversidade e diversidade cultural*. Série Biodiversidade, 20. Brasília, MMA/SBF, 2006
- ESCOLAS. Secretaria de Educação do Governo do Estado da Bahia. Disponível em < <http://escolas.educacao.ba.gov.br/escolas> >. Acesso em: agosto de 2016
- EPAAEB. ESCOLA POPULAR DE AGROECOLOGIA E AGROFLORESTA EGÍDIO BRUNETTO. Projeto Político Pedagógico. Versão 1. 2014, 45p
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- FERNANDES, B. M. *Brasil: 500 anos de luta pela terra*, 1999. Disponível em <<http://www.culturavozes.com.br/revistas/0293.html>>
- \_\_\_\_\_ *O MST, sua genealogia e a luta pela reforma agrária no Brasil*. The Landless Voices Web Archive, 2002. Disponível em< <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.Phtml>>

- FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 152p., 1973.
- FERREIRA, S. R. B. *Da fartura à escassez: a agroindústria de celulose e o fim dos territórios comunais no Extremo Norte do Espírito Santo*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana para a obtenção do título de mestre. Univesidade de São Paulo, São Paulo, 168p., 2002
- FIGUEIREDO, J. BA. Colonialidade e descolonialidade: uma perspectiva eco-relacional. *Entrelugares: revista sociopoética e abordagens afins*, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 5-20, 2010.
- FIGUEIREDO, M. A. C. Dialogando com Freire e Boaventura sobre emancipação humana, multiculturalismo e educação popular. *V Colóquio Internacional Paulo Freire*, p 19-22, 2005
- FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Zahar Editores, 154p., 1973.
- FLORIANI, N; FLORIANI, D. Saber Ambiental Complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. *Revista Brasileira de Agroecologia*, Porto Alegre, p. 3-23, 2010
- FOUCALT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANK, A. G.; FUENTES, M. *Dez teses acerca dos movimentos sociais*. Tradução Suely Bastos. *Revista Lua Nova*. São Paulo, nº 17, p. 19-48, 1989.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 54p. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 333p. 2014
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 107p. 1987
- GANCHO, C. V; LOPES, H. Q. F. ; DE TOLEDO, V. V. *A posse da terra*. Editora Ática, 1991.
- GASPARIN, G. Lutar Construir Reforma Agrária Popular! Desafio do MST para o próximo período. *Jornal dos Trabalhadores Sem Terra*, nov 2013, p. 3-5. Entrevista concedida à Mayrá Lima
- GATTÁS. C. L. M. E. *Novas mediações na interface entre educação e comunicação. A educomunicação como proposta de uma educação ambiental transformadora*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. 212p. 2015

- GERMER, C. O desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro e a reforma agrária. In: STÉDILE, J. P. (org.). *A questão agrária hoje*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- GIL, A.; C.; *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 220p., 2008.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible*. Turrialba: CATIE, 359 p., 2002
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Revista Paidéia*, n. 12 p. 149-161, 2003
- GOLDENBERG, M. *A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 4ª edição, 107p. 2000.
- GONZÁLES, M; SEVILLA GUZMÁN. E. Una propuesta de diálogo entre socialismo y ecología: el neopopulismo ecológico. *Ecología Política*, Barcelona nº 3, p. 121-135, 1992
- GUSSON, E.; SONTAG, V. E. *Mapeamento Ambiental dos Assentamentos Agroecológicos do Extremo Sul da Bahia. Relatório Técnico*. Trabalho não publicado. 68 p. 2015
- GUTERRES, I. *Agroecologia Militante: Contribuições de Enio Guterres*. São Paulo: Expressão Popular, 2006
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a  
\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HAGUETTE, T.M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. São Paulo: Vozes, 1999.
- HARDT, M., NEGRI, A. *Declaração: isto não é um manifesto*. Rio de Janeiro: n-1 edições, 148p., 2014
- IAMAMOTO, A. T. V. *Agroecologia e desenvolvimento rural*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo-USP, 80p., 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos agropecuários: silvicultura. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- IZIQUÉ, C. O Brasil rural não é só agrícola. *Pesquisa FAPESP*. Especial 50 anos FAPESP. Dinâmica da Economia, p.202-207, 2012
- JACOB, L. B. *Agroecologia na universidade: entre vozes e silenciamentos*. Curitiba: Apuris, 209 p., 2016
- JACOBI, P. R.; TRISTÃO, M.; FRANCO, M. I.G. C.; A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. *Cadernos CEDES*, v.29, n.77, p.63-79, 2009
- JORNAL GRANDE BAHIA. Na Bahia, fazenda Colatina vira assentamento do Incra e deputado aponta avanço do governo. Bahia, 26 dez. 2014. Disponível em <

<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2014/12/na-bahia-fazenda-colatina-vira-assentamento-do-incra-e-deputado-aponta-avanco-do-governo.html>>

- KAWAKAMI, A. Y.; RIBAS, C. E. D. C. Projeto de desenvolvimento sustentável - PDS e Novas formas de Assentamentos: uma sistematização do caso do Assentamento Professor Luiz David de Macedo. *Revista Cadernos de Agroecologia*, V. 8, N. 1, , Apiaí/São Paulo, 2013
- KOLLING, E. J; VARGAS, M. C.; CALDART, R.S. MST e educação. In: CALDART, R.S; PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. *Dicionário da Educação do Campo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, p. 502-509, 2012
- KRUPPA, S. M. P. Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano. In: KRUPPA, S. M. P. (org.) *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: INEP, p.21-30, 2005
- LACEY, H. Pluralismo metodológico, incomensurabilidade e o status científico do conhecimento Tradicional. *Scientiae Studia*. Volume 10, Issue 3. 425-454, 2012. Disponível em: <http://works.swarthmore.edu/fac-philosophy/187>
- LANDER, E. A. *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. Disponível em <[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tonico/2s2012/Texto\\_1.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tonico/2s2012/Texto_1.pdf)>
- \_\_\_\_\_ (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. 1ª. ed. Buenos Aires,: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005. In: FIGUEIREDO, João BA. *Colonialidade e descolonialidade: uma perspectiva eco-relacional*. Entrelugares: revista sociopoética e abordagens afins, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 5-20, 2010
- LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Agroecologia e Desenvolvimento Rural.Sustentável*, Porto Alegre, v.3, n.1, 2002
- \_\_\_\_\_. *Complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 342 p., 2003

- \_\_\_\_\_. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. *Educação & Realidade*. p. 17-24, 2009. Disponível em <file:///C:/Users/NACE%20PTECA/Desktop/mestrado/Livro%20LEFF%20dialogos%20de%20saberes.pdf>
- LIMA, M.A.D.S; ALMEIDA, M.C.P.; CRISTIANE, C. L. A utilização da observação participante e da entrevista semi estruturada na pesquisa em enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto Alegre, v. 20 p. 130-142, 1999
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 99 p., 1986
- MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. *Revista Educação em Perspectiva*, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011
- MAB. Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. *A Mata Atlântica no Estado da Bahia*. Disponível em [http://www.rbma.org.br/rbma/rbma\\_fase\\_vi\\_06\\_estados\\_ba.asp](http://www.rbma.org.br/rbma/rbma_fase_vi_06_estados_ba.asp)
- MACHADO, L. C. P; FILHO, L. C. P. M. *A Dialética da Agroecologia. Contribuições para um mundo com alimentos sem veneno*. Expressão Popular, São Paulo, 2014
- MARTÍNEZ-TORRES, M. E.; ROSSET, P. M. Rural social movements and agroecology: context, theory, and process. *Ecology and Society*, 2012. Disponível em <<http://www.ecologyandsociety.org/vol17/iss3/art17/>>
- \_\_\_\_\_. Diálogo de saberes in *La Vía Campesina: food sovereignty and agroecology*. *Journal of Peasant Studies*, 2014.
- MELGAREJO, L. Homenagem ao Paulo Kageyama: lutador da agroecologia. Brasil de Fato. 2016. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/17/homenagem-a-paulo-kageyama-lutador-da-agroecologia/> acesso em 30/01/2016
- MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 109p., 1994.
- MIRANDA, A. *A influência do agronegócio no assentamento Ireno Alves dos Santos, região centro do PR: limites e possibilidades para a implementação da agroecologia*. 2014. 102 p. Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Agrárias. Florianópolis, SC, 2014
- MST. *MST Lutas e Conquistas. Reforma Agrária: por justiça social e soberania popular*. Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, 2ª Edição, 2010. Disponível em: <http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf> acesso em 12/10/2015

- \_\_\_\_\_. Vamos trazer para o presente o sonho do futuro. s/l, 19 de março de 2014.  
Disponível em <http://www.mst.org.br/node/15865> acesso em 12/10/2015
- MORE, T. A Utopia. Tradução Maria Isabel Gonçalves Tomas. 2ª Edição. São Paulo: Martin Claret, 125p, 2008
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand. 350p., 2005
- NEPOMUCENO, T. C. *Educação ambiental & espiritualidade laica. Horizontes de um diálogo iniciático*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação. 348 p. 2015
- NETO, C. C.; CANAVESI, F. Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à “reforma agrária agroecológica” no Brasil?. In ALIMONDA, Héctor. *Ecologia Política: Naturaleza, sociedad y utopia*. Buenos Aires: Clacso, 2003. Disponível em <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/ecologia/neto.pdf>>
- NETO, S. P. G. C.; SILVA, S.B.M. “Eucaliptização: um processo de especialização do Extremo Sul da Bahia?”. *Campo-território: Revista de geografia agrária*, v. 3, n. 6, 2008
- NIEMEYER, C. B. Via Campesina: uma análise sobre sua gênese e processo de consolidação. *Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. UFSC, Florianópolis. p. 157-178, 2007
- \_\_\_\_\_. Soberania Alimentar: a resposta camponesa à agricultura transgênica. *Anais da XII Conferência anual IACR the International Association for Critical Realism* p. 202-217, 2009.
- NORDER, L. A.; LAMINE, C.; BELLON, S.; BRANDENBURG, A. Agroecologia: polissemia, pluralismo e controvérsias. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo v. 19, nº 3, p. 1-20, 2016
- NORGAAD, R. B.; SOKOR, T. O. Metodología y práctica de la agroecología. In: ALTIERI, M. A; HECHT, S.; LIEBMAN, M.; MAGDOFF, R.; NORGAAD, R.; SIKOR, T. O. *Agroecologia: Bases científicas para una agricultura sustentable*. Montevideo: Nordan–Comunidad, 1999, p. 31-46
- NÚCLEO DE APOIO À CULTURA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL. Produção com Conservação: A Agricultura Familiar Cultivando a Agrobiodiversidade no Extremo Sul da Bahia. *Projeto*. Piracicaba, jun. 2011
- OBREGÓN, A. Q. “Bem viver”: entre o “desenvolvimento” e a “des/colonialidade” do poder. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 37, n. 01, p. 46-57, 2013.
- \_\_\_\_\_. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B., S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

- OLIVEIRA, A. U. O MST como movimento socioterritorial moderno”. *Revista USP*, São Paulo: USP, nº 64, 2005
- \_\_\_\_\_. A questão fundiária ainda não está resolvida. Entrevista concedida para Carta Capital. Publicado em 10/01/2011. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/politica/15-das-terras-no-brasil-sao-de-pessoas-sem-documentos-entrevista-com-ariovaldo-umbelino>>
- PACHECO, M. E. L. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. *Agriculturas. Experiências em Agroecologia*, v. 6, n. 4, 209p., 2009.
- PASCHOAL, A. D. *Produção orgânica de alimentos: agricultura sustentável para os séculos XX e XXI*. Piracicaba: Paschoal, 191 p., 1994
- PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, E. P. *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 204 p., 1999
- PEREIRA, K., A. Educação no campo e rede de movimentos no sudeste do Pará: agroecologia e cooperativismo na relação entre trabalho e educação. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação, 302 p., 2015
- PETRAGLIA, I. C.. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 117 p.
- PETERSEN, P. Um novo grito contra o silêncio. In: CARNEIRO, F. F. et al. *Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV. São Paulo: Expressão Popular, p. 27-36 . 2015.
- PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista Saúde Pública*, 29 (40), p. 318-325, 1998
- PNUD. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br>
- PORTUGAL, S. *A educação ambiental na escola pública: uma contribuição ao processo de construção participativa de uma cultura emancipatória*. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Brasília. Brasília, 187 p., 2008
- PRIMAVESI, A. Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais. NBL Editora, 552p., 2002.
- PRONEA. Programa Nacional de Educação Ambiental. Documento em Consulta Nacional. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. Brasília, 51p. 2003

- RELATÓRIO DE ATIVIDADES. Projeto Assentamentos Sustentáveis: Desenvolvimento Agroflorestal Cultivando a Agrobiodiversidade no Extremo Sul da Bahia. Bahia, 18p. 2013
- REZENDE, A. P. C. *ESALQ e MST no processo de construção de um Centro de Formação, Educação e Pesquisa em Agroecologia e Sistemas Agroflorestais no extremo sul da Bahia*. Relatório de estágio. (Estágio Profissionalizante em Engenharia Florestal. Departamento de Ciências Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, São Paulo, 78p., 2012
- RIBEIRO, S. M. *Agricultura urbana agroecológica sob o olhar da promoção da saúde: a experiência do projeto Colhendo Sustentabilidade em Embu da Artes, São Paulo*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública para obtenção do título de Mestre em Ciências, 241p., 2013
- SAMPAIO JR, P. A. Notas críticas sobre a atualidade e os desafios da questão agrária. In: *A questão agrária no Brasil: debate sobre a situação e perspectivas da reforma agrária na década de 2000*. João Pedro Stédile (Org.). São Paulo: Expressão Popular, 2013, 242p.
- SANTOS, B. D. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 324p. 2006
- \_\_\_\_\_. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. *Revista crítica de ciências sociais*, n. 63, 2002a.
- \_\_\_\_\_. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Vol. 2. Editora Record, 2002b
- SANTOS, B. D. S. ; MENESES, M. P. Epistemologias do sul. In: *Epistemologias do Sul*. Cortez, 2010.
- SANTOS, C. S.; SILVA, J. L. C. *Os impactos do plantio de eucalipto e da produção de celulose em comunidades tradicionais no extremo sul baiano*. 2004 Disponível em [http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/papers/GT17/gt17\\_jose\\_caetano.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro/segundo/papers/GT17/gt17_jose_caetano.pdf)
- SCHLINDWEIN, S. L.; PINHEIRO, S.; MARTINS, S. R. A epistemologia da Agroecologia e suas implicações práticas para o desenvolvimento rural: uma proposta metodológica. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 2, n. 2, 2007.
- SEI. SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Dez anos de economia baiana. Salvador, 2002.
- \_\_\_\_\_. Núcleos Regionais de Educação, 2016. Disponível em [http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/nucleos\\_regionais\\_educacao\\_2016.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/nucleos_regionais_educacao_2016.pdf) acesso em 14/11/2016

- SEMERARO, G. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Ideias & letras, 2006.
- SEPLAN. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA BAHIA. Territórios de Identidade. Mapa, 2013. Disponível no site: <http://www.seplan.ba.gov.br/territorios-de-identidade/mapa> acesso em 16/04/2015
- SEVILLA-GUZMÁN, E. S. Agroecologia como estratégia metodológica de transformação social. *Reforma Agrária e Meio Ambiente*, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 2, 2001.
- SHIVA, V. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Ed. Gaia, 326 p., 2003.
- \_\_\_\_\_. Vivemos uma “ordem de guerra contra a terra”. Entrevista concedida para o IHU On Line em 25 de agosto de 2016. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2016/08/25/vandana-shiva-vivemos-uma-ordem-de-guerra-contra-a-terra.html>>
- SOARES, I. O. *Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina*. In: LIMA, J. C. MARQUES DE MELO, J. (Org.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil*. Brasília: IPEA, vol. 4, pg. 169-202, 2011
- SORRENTINO, M.; MORAES, F.C.; SILVA, L. F.; RAYMUNDO, M.H.A.; PORTUGAL, S.; CAPELLO, A. P. Alfabetização Agroecológica Ambientalista: interpretando e transformando o socioambiente local e global. In *Como construir políticas públicas de educação ambiental para sociedades sustentáveis?* São Carlos (SP): Diagrama Editorial, p. 172-191, 2015
- SOSA, B.; JAIME, A., M. R.. LOZANO, ROSSET, M. R. *Revolução Agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba*. Brasil: Asociación Nacional de Agricultores Pequeños y La Vía Campesina. 152 p. 2011
- SOUSA, R. M. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE*. Número 18, p. 234-259, 2012
- TARDIN, J.M. *Diálogo de saberes no encontro de culturas*. Lapa, 2006
- THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: C. R. Brandão (Org.), *Repensando a Pesquisa Participante*, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TOLEDO, V. M.; BARREIRA-BASSOLS, N. *A memória biocultural: a importância ecológica dos saberes tradicionais*. São Paulo: Expressão Popular, 271 p. 2015

\_\_\_\_\_. A agroecologia é uma revolução epistemológica. *Agriculturas*, v. 13, março 2016 p. 42-45

TONÁ, N. *Elementos de Reflexão sobre o “Diálogo de Saberes” nas experiências formativas dos movimentos sociais no Paraná*. 2008. 21 f. Monografia (Curso de Extensão Teorias Pedagógicas e Produção do Conhecimento) - Escola Nacional Florestan Fernandes/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Guararema-SP. 2008

\_\_\_\_\_. GUHUR, D. M. P. O Diálogo de Saberes, na Promoção da Agroecologia na Base dos Movimentos Sociais Populares. *Cadernos de Agroecologia*, v.4 , 2009

TRATADO de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. Disponível em: <[http://tratadoeducacaoambiental.net/Jornada/docs/Jornada\\_POR.pdf](http://tratadoeducacaoambiental.net/Jornada/docs/Jornada_POR.pdf)>. Acesso em: 2 set. 2016

UDRY, M. C.; ARAÚJO, M. Agroecologia e desenvolvimento sustentável. *Revista de Política Agrícola*, v. 21, n. 1, 2012.

VAZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2ª edição, 448p., 2011

ZANONI, M.; FERMENT, G. (org.). *Transgênico para quem? Agricultura, Ciência e Sociedade*. Brasília: MDA, 538 p., 2011

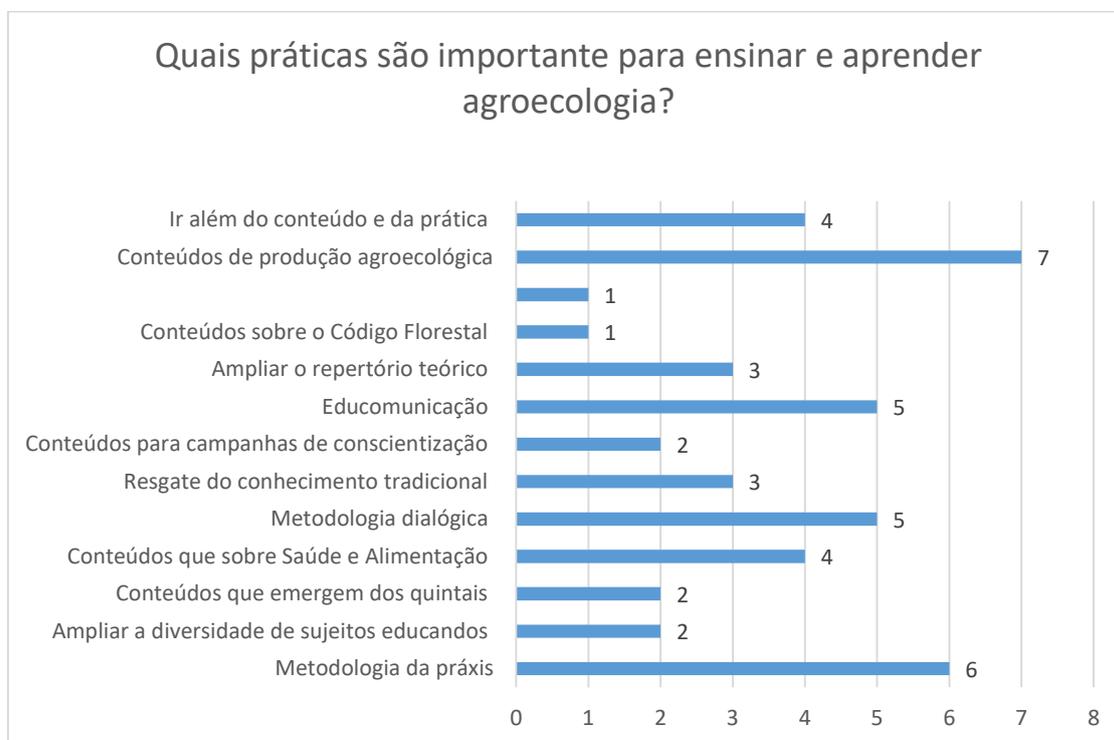
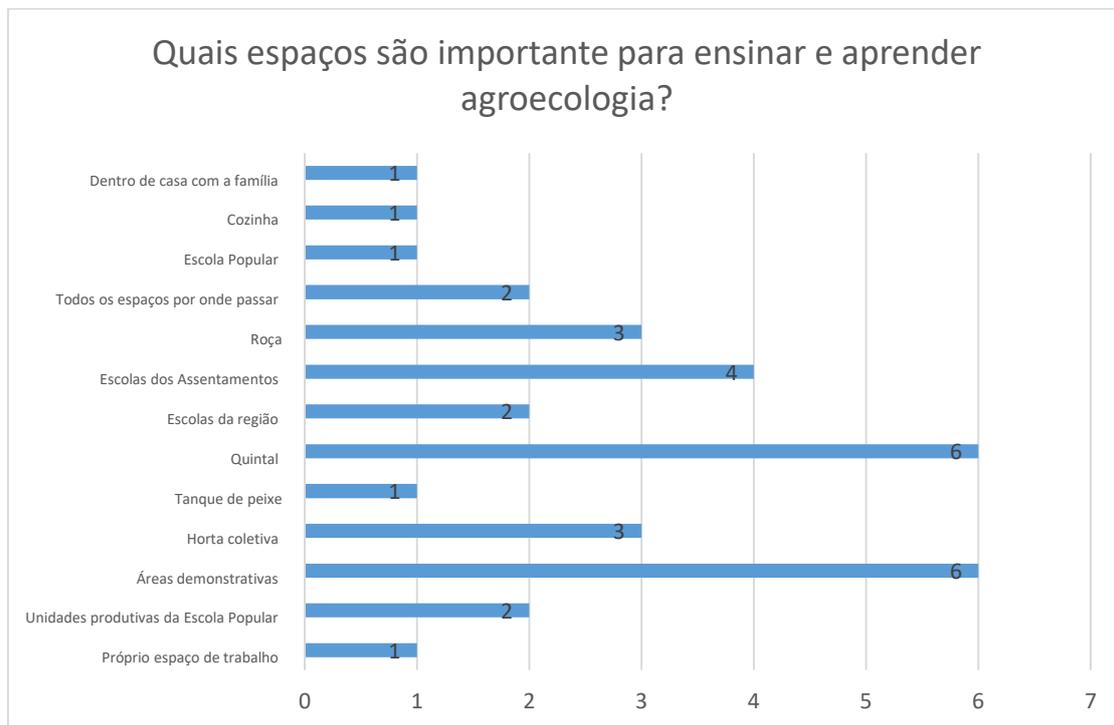
## ANEXOS

### **Anexo 1 – Termo de consentimento para entrevista**

Modelo utilizado e registrado em arquivo áudio (encontra-se armazenado para consulta com a pesquisadora):

*Eu, Fernanda Correa de Moraes, pesquisadora da Escola Superior “Luiz de Queiroz”, venho solicitar autorização para realizar entrevista com \_\_\_\_\_ para o projeto de pesquisa com o título “Agroecologia: saberes em construção” que tem como objetivo contribuir para a compreensão da construção do conhecimento agroecológico para o estabelecimento de comunidades rurais de bases sustentáveis. O Senhor/Senhora autoriza esta entrevista?*

## Anexo 2 – Tabelas de apoio



### Anexo 3 - Transcrição das entrevistas

#### 1. D – agricultor (28/07/2015)

Eu: Você autoriza essa entrevista e gravação?

D: Sem problema, pode perguntar que a gente vai respondendo o máximo possível

Eu: Pra você o que é agroecologia?

D: Bom, agroecologia eu acho assim, muito bom para as famílias, pelo trabalho que a gente vai fazendo e a gente vai tendo experiência pra saúde. A agroecologia que eu acho é, precisa trabalhar de forma orgânica, de forma preventiva, não deixando o ambiente poluído, plantando consorciado. Agroecologia tudo é de bom de experiência, e também de forma bem trabalhada com a preservação do solo e plantar consorciado pra que você tenha uma renda sem agredir a natureza, isso pra mim já é um ponto de agroecologia. Não comparando com a Mata Atlântica, mas a experiência com agroecologia no fundo dos quintais, aqui dá pra você ver, que sem a experiência de agroecologia que eu tinha, logo no início que eu não tinha esse conhecimento, dá pra você ver que já tem um pouco de agroecologia, ou seja de planta diversificada, se você for andar por aqui pertinho já tem uns 10 tipos de plantas, então aqui já é um pouco de agroecologia, sem agredir a natureza, isso que é importante, você não estar usando o químico, de forma orgânica, sem o agrotóxico, sem prejudicar a saúde, e o meio ambiente. Então isso pra mim é um pouco de agroecologia.

Eu: Lá no carro o senhor estava falando da parte econômica.

D: Por exemplo, se eu planto 1 ha de café orgânico hoje, você vai andar aí, você vai gastar aí uns 10 mil reais por ano, aí o ano seguinte, vou colocar uns 10 mil mais pra poder tirar 20 mil. O que adiantou eu colocar 10mil a mais se eu gastei pra ganhar 20. Pra mim isso não importa, eu só gasto os 10 mil iniciais e manter minha saúde preservada, porque vou gastar mais 10 mil pra ter retorno de 20. Mas eu vou gastar mais com a minha saúde. Então pra mim não importa, gastar mais 10 mil pra ganhar 20, o que importa é a minha saúde e da minha família, e ter aqueles 10 mil iniciais que eu não gastei mais nenhum centavo do meu bolso. Não falando do impacto que vai acontecer no solo né. Do químico, do agrotóxico que a gente vai estar poluindo o ambiente, não falando da embalagem, que a gente tem que estar devolvendo para as lojas e a gente vai estar poluindo o meio ambiente. Pra mim isso é prejudicial. E traz mais economia no bolso e pra família também.

Eu: Outra coisa que você tinha dito, era que o seu pensamento sobre o químico não se deu só pelo agrotóxico, mas no uso do sazón, do refrigerante, você acha que sua alimentação é agroecológica?

D: Um pouco, ainda não é 100% porque eu pretendo melhorar ainda. Assim que eu pegar o meu local vou mudar toda minha alimentação que já vem começando a mudar desde 2013, quando eu participei de um curso no Pau Brasil, onde eu aprendi muita coisa com a equipe técnica, então lá foi colocado que o sazón é prejudicial, ele tira o paladar e causa câncer, então uma das coisas também é o sazón, todo tipo de tempero arisco, refrigerante, conservantes é prejudicial a saúde, então isso eu estou evitando. Porque eu pretendo ter incluído minha família nesse projeto, porque a gente tem a ver 100% com a comida de qualidade, isso pra mim é importante, tá passando para os amigos, pra família, não dá pra saber uma coisa só pra gente e não passar para os amigos, para os parentes, pra sociedade inteira.

Eu: E você acha que isso é agroecologia, não só o produtivo?

D: Eu acho que sim, porque agroecologia não é só você fazer lá no meio da área de terreno, você tem que trazer também pra dentro de casa, agroecologia pertence a casa. Porque o químico que é feito lá em cima do solo, que é plantado lá, você está trazendo pra dentro de casa, então você evitando trazer pra dentro de casa você está fazendo agroecologia pra dentro de sua própria casa, então isso pra mim é muito importante também.

Eu: E quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

D: Eu fazia agroecologia aqui em casa e eu não conhecia. E eu falo com franqueza, que eu não conhecia essa palavra agroecologia, isso que você está vendo aqui eu fazia por causa de tamanho de terreno, que as vezes eu pegava uma semente e colocava aqui mas por falta de terreno e espaço maior, talvez não tinha hoje esse fundinho que você tá vendo aqui, de plantas diferentes, plantas de 20 anos, 16, 15 anos e a diversidade. Então, não fugindo da pergunta, agroecologia eu ouvi essa palavra na Escola Popular Egidio Bruneto, que é um espaço muito bom, lá eu aprendi muitas coisas, e pretendo aprender muito mais com a equipe da Escola Popular. Eu ouvi essa palavra em 2013, quando eu fazia parte de um projeto de agroecologia, da equipe da Escola Popular, lá eu ouvi de fato, a palavra agroecologia, lá que eu tive esse conhecimento;

Eu: Mas aí você lembrou, ou reconheceu, que muitas coisas você já fazia?

D: Eu fazia antes de conhecer o termo, lá quando eles falavam de agroecologia, quando falava em plantar consorciado eu falava, poxa eu já vinha fazendo isso lá no Corte Grande e não conhecia a palavra certa. Era uma coisa que eu já vinha fazendo lá no Assentamento Nossa Senhora do Rosário, que é o Corte Grande hoje. Então a gente passa a conhecer através das palavras dos amigos também, as vezes a gente vê algumas coisas também e a gente passa a conhecer bastante.

Eu: E como é que a gente forma esse conhecimento?

D: Eu acho que é através do diálogo, a pessoa conversando, buscando, fazendo, eu acho que a pessoa estar observando também a pessoa aprende e sabe bastante da agroecologia.

Eu: No diálogo e na experiência! E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

D: Olha, de 2013 pra cá, antes eu não conversava, mas hoje eu converso bastante com o meninos da Escola, Ana Paula, João, Ronaldinho, é uma pessoa que sempre está passando as experiências, e junto na Escola nas reuniões, encontros, seminários. É bastante falado a agroecologia. Então a gente vai passando e vai aprendendo também. Converso bastante com a minha família, irmão, amigos, na feira a gente passa a palavra também correta. Na feira, por exemplo, antes de eu ir lá pra Colatina, que é o Jaci Rocha, eu vendia abacaxi na feira, aí as vezes eu parei de plantas abacaxi por causa da broca, e lá teve uma vez que eu levei um abacaxi com uma broquinha, aí o freguês falou, rapaz por que você não bate um veneno nesse abacaxi? Aí eu peguei o abacaxi, olhei pra ele e falei, pra quê que eu vou bater um veneno aqui pra tirar a doença do abacaxi e colocar a doença em você? Isso pra mim não funciona. Eu vendo minha mercadoria, nem que seja com o preço menor um pouquinho, mas é uma mercadoria de boa qualidade. Mercadoria que não vai trazer danos pra saúde da pessoa, coloquei pra ele isso.

Eu: E qual espaço que é importante pra aprender agroecologia?

D: Eu acho que seria um espaço pra agroecologia é fazendo, na prática, porque você praticando você está aprendendo, não só aprendendo, mas ensinando. Agora fazendo mesmo, você aprende só na prática.

Eu: E você acha que os quintais pode ser um espaço?

D: Pelo o que eu estou vendo aqui no meu quintal, os quintais seriam o primeiro lugar, porque ali você vai ver como se trabalhar o solo, não queimando orgânico, não jogando plástico pra cima do solo, então cada planta que você vai colocando, você vai ver que está dando certo o desenvolvimento da planta. Então ali você tem como você observar ali o que as plantas vai estar gerando ali. Então o primeiro passo é ver nos quintais.

Eu: Dá pra ver a fertilização orgânica, diversidade, solo, o que mais?

D: Não só a parte do solo, como consorciar, tamanho diferente, qual planta que dá fruto abaixo da outra, qual planta que dá mais rápido, qual que não compete, isso tudo a gente pode estar fazendo a diferença nos quintais.

Eu: E a integração animal? A gente está aqui no quintal e tem muita galinha!

D: Não foi de propósito, as galinhas aqui em casa. Porque por exemplo, eu trabalho com tapioca, todas as cascas de mandioca eu jogo ali, então a galinha pra mim é dos maior preparador de composto orgânico pra mim. Porque eu trago aqui, se a gente for fazer o composto na medida correta é 90 dias,

aqui com 30, 60 dias está pronto. Porque as galinhas, além de estar esterçando junto com o composto, ela está ali fazendo o trabalho de mistura pra mim. Ali você vai ver mais tarde numa roça que eu plantei ali, 15 dias atrás, foi tudo composto feito pelos pés das galinhas, são as minhas funcionárias. Isso pra mim eu acho muito importante, consorciar as plantas com criação de galinha.

Eu: E ela ainda come as larvas...

D: Apesar delas comerem as isquinhas que fazem bem pra gente, mas elas controlam.

Eu: O que você acha que é o papel da Escola Egídio Bruneto?

D: Pra mim eu acho muito importante, porque ali foi gerado o projeto de agroecologia, ali que eu fui passar a conhecer a agroecologia. E eu acho muito importante a integração que tem ali com equipe junto com o assentamento, então ali não só aprende como também ensina, a gente não parava de ir numa troca de palavras que ajuda muito, a Escola foi pra mim de grande importância, eu gostei muito.

Eu: Então o papel dela é fazer troca de experiência, ter uma equipe pra centralizar a informação e divulgar?

D: Eu acho que ela está fazendo um papel muito bom, muito bem feito, eu acho que vai fazer muito além do que está fazendo ainda. Pela potência, pela capacidade que tem a Escola.

Eu: Deixo a palavra aberta se você quiser complementar alguma coisa.

D: Em primeiro eu tenho que agradecer você por essa entrevista, que veio entrevistar eu que nunca deu entrevista pra uma pessoa igual a você. Aí eu agradeço sua presença aqui no meu quintal, que você vai passar a conhecer muito mais coisa que vai ver. E agradecer o espaço da Escola, agradecer toda minha família que vem me dando o apoio e agradecer meus companheiros, e eu peço assim, que a agroecologia não pare por aqui, que vai muito além, que pegue o nível baiano, nível nacional, que abrange o Brasil inteiro, porque a gente precisa de agroecologia, a gente precisa de orgânico, a gente precisa de saúde, a gente precisa de muitas coisas boas para os nossos filhos e nossos netos. Então a gente não pretende deixar um rastro de veneno. A gente quer deixar um rastro de agroecologia e boa saúde, isso que eu peço para todos os brasileiros, sempre que eu falo para os meus amigos, bora fazer agroecologia, bora tratar de forma orgânica, é bom pra gente, pra saúde, bom pro bolso, isso pra mim é muito importante. Se precisar outra vez a gente está por aqui ou lá no Jaci.

Eu: Eu que agradeço!

## **2. N (Representante Setor Educação) - 11/07/2015)**

Eu: Você me permite esta entrevista e esta gravação?

N: Sim

Eu: O que é agroecologia pra você?

N: Agroecologia é uma forma saudável de se produzir, se comer, principalmente saúde. E saúde não se entende só como doença, mas como toda uma estrutura: física, mental, bem estar como um todo. Então a agroecologia entra muito forte nisso tudo. Porque no momento que você começa a trabalhar agroecologia você começa a poupar o sistema como um todo desde os nossos animais, nossos insetos, de suma importância essa cadeia toda. Então, no momento em que a gente pensa numa agroecologia a gente pensa numa vida saudável, numa forma diferenciada de viver e de se colocar no mundo como um todo. Porque hoje nós estamos sobrecarregados de agrotóxicos e se a gente não pensar enquanto movimento social em uma forma diferente de buscar, na verdade, de intervir em todo o ecossistema, tem que ter agroecologia. A agroecologia vai nos permitir que a gente produza uma forma diferenciada de produção que é tudo junto, vamos trabalhar com o que a gente tem extraindo do solo sem precisar criar formas para combater e para afastar algum tipo de praga. Então, pra mim agroecologia é vida, uma forma diferenciada de pensar a vida e de cuidar da saúde de um modo geral.

Eu: E quando você ouviu a primeira vez esta palavra? Você lembra?

N: A primeira vez que eu ouvi sobre o termo agroecologia foi no MST, primeiro porque estou no movimento já algum tempo e desde muito cedo. Com 17 anos eu já estava militante atuando na militância do MST e aí o MST sempre trouxe, há 13 anos atrás, mais timidamente este termo, a gente ouvia falar quando íamos nos cursos formais de produção. Tivemos a oportunidade de fazermos curso pelo FAT, que dava capacitação para o agricultor e eles sempre diziam da agroecologia. Só que a gente já fazia caldas, biogel, já tínhamos um conhecimento prático e teórico da coisa. Mas era mais timidamente, não tínhamos este boom que a gente está tendo. Quando nasce esta palavra a gente sente necessidade de fazer coisas diferentes, de intervenções, de criar espaços para levar. Então a primeira vez que eu ouvi este termo agroecologia tem uns 13 anos, dentro de uma palestra do Movimento Sem Terra. Antes desse movimento eu convivia numa região do Espírito Santos com a monocultura da cultura de cana e café. Então você imagina que agroecologia essa indivíduo vai ouvir. Nunca vai ouvir! Nossas escolas nós estamos com a vitória de poder implementar no currículo, mas antes ninguém nem sabia.

Eu: E hoje com quem você conversa sobre a agroecologia? A gente está no Seminário de Saúde e a gente está falando de agroecologia, você consegue identificar os espaços e as pessoas que você conversa sobre agroecologia?

N: Sim, hoje como a gente está priorizando a agroecologia, vamos dizer assim, priorizando a implantação da agroecologia, todos os espaços que a gente está indo a gente está conversando sobre agroecologia. Se a gente vai pra produção, que já tem a característica da agroecologia a gente fala de agroecologia, na educação já estamos conseguindo implantar no currículo das crianças agroecologia. Se eu estou dentro de casa com minhas filhas, converso com elas sobre agroecologia que é importante você deixar este legado uma vez que você quer transformação social a gente precisa dizer para os nossos filhos como que funciona e como a gente acha que tem que ser. E se eu estou dentro do ônibus e escuto alguém falando alguma coisa eu sinto a necessidade de falar sobre agroecologia. Então hoje não temos um espaço específico, todos os lugares também pela campanha nossa que é “Extremo Sul pela Vida. Agrotóxico Zero” nós estamos levando, que uma meta é divulgar e sair com nossas camisas, e aí as pessoas as vezes nos aborda na rua “nossa o que é isso, e tal?”. Você tem que dar atenção para uma pessoa pra dizer do que se trata. Então hoje assim, não tem um lugar.

Eu: E você é do Setor de Gênero, como você consegue aproximar a agroecologia com a questão de gênero?

N: Hoje nós estamos com um trabalho que também é difícil, nós já temos algum tempo que estamos discutindo a questão de gênero. Mas discutindo muito em termos de homem e mulher. E qual a nossa metodologia hoje com o Setor da Regional? É discutir o gênero família, os novos arranjos familiares, que são os gays que estão aí, as lésbicas, as mães e pais solteiros. Então, como discutir esta questão de gênero e agroecologia? Na autonomia financeira. Porque as mulheres hoje, qual é o tabu que as mulheres não quebrou ainda? Foi ser autônoma financeiramente. No dia em que todas as mulheres, eu creio nisso piamente, forem autônomas financeiramente nós vamos dar uma banana pros caras e então vamos pegar e vamos pra luta. Eu sou referência sobre isso, com muito orgulho, no PNAE e no PAA. Eu consigo produzir hortaliça e entregar semanalmente e sustentar minhas filhas, porque eu estou dentro de um arranjo familiar. Sou separada, tenho três filhas pequenas, sou sozinha e a gente sabe que hoje a pensão os caras vão dar o que a lei estipular e que pela necessidade de três crianças de 11, 7 e 4 anos não dá, é uma pensão de miséria, então eu preciso fazer alguma coisa, e essa uma coisa é produzir. Então para ser referência para alguém, para dizer “você precisa ser autônoma”, eu tenho que ser autônoma primeiro. Como é que eu vou dizer pra você, “faça isso”, e eu nunca fiz e nem tive essa experiência? Então, nós estamos conseguindo agora levar isso para as mulheres e dizer pra elas, não precisa ser diretamente o que eu faço, uma horta, que eu consigo introduzir minha família nesse conceito, mas você pode fazer biju, biscoito, e agroecologia está nisso tudo porque, da onde que vem o biju? Vem da mandioca que você precisa plantar, precisa extrair a goma pra poder fazer o biju, o biscoito da mesma forma, o pão da mesma forma. Então quando você faz tudo isso está ligado à agroecologia. Porque se você não produzir agroecologicamente como é que vai sair esse produto? Não vai ser um produto de qualidade. Então é um produto acabado mas é um produto de qualidade, porque

já vem da base você fazendo. Então a gente de gênero hoje está com esse conceito, inclusive nós estamos levando uma discussão muito forte, e o Extremo Sul tem essa característica que é da inserção dos gays e lésbicas nas nossas instâncias, porque eles são retraídos, marginalizados e recriminados e eles se fecham, no momento que eles se fecham e sabem fazer coisas incríveis que eu falo, gente você nasceu, eu não chamo de deficiência, que muitos acham que quem é gay e quem é lésbica nasceu com deficiência, eu já falo “você nasceu diferenciado mesmo” porque eles desenvolvem tantas coisas que muitos machões não conseguem fazer nunca! Então, eles também tem esse referencial de produção, que é referencial de organização e tudo isso a agroecologia está presente.

Eu: E a agroecologia trabalha com a diversidade e se a gente trabalha com a diversidade de gênero tem tudo a ver, né?

N: Isso!

Eu: E no seu papel dentro do Movimento, nas suas ações diárias, qual o papel da Escola Popular? O que isso fortalece a Escola ou o que a Escola te fortaleceu? Queira entender o papel da Escola nisso tudo..

N: A Escola, qual é o papel maior, nós hoje conseguimos construir uma equipe, politicamente dizendo, porque as pessoas acham que a política é só partidária e a gente sabe que não é, é de instrução. Porque assim, hoje nós estamos aqui na Escola com um Seminário de Gênero, de Saúde e que aí o gênero vem se somar com a saúde, que a gente acha que tem muito a ver. E a Escola ela instrui, ela diz, vamos seguir essa linha por aqui, vamos sentar junto e organizar, entendeu? E o espaço, qual a visibilidade que a gente está dando hoje? Porque se esse encontro fosse em um assentamento e acampamento, ele iria acontecer, mas não com a mesma visibilidade que ele tem hoje. Porque hoje nós temos uma escola que é respeitada e que fala-se dela aos quatro canto, por este novo jeito. Deste quando começou, desde as ligas camponesas até hoje com 31 anos do Movimento Sem Terra, que a gente vem buscando os nossos espaços e quando as pessoas olham pro Sem Terra ele logo vê a produção presente, nós somos referenciais de produção. Então a Escola tem todo esse papel de dizer, “olha, nós temos aqui a produção agroecológica, nós temos aqui um espaço de educação, que vai educar não pros formais, que também nós queremos cursos formais, mas uma educação pra formar a base”. Nossa base hoje está sendo formada aqui nessa Escola, então é um espaço que antes a gente não tinha, nós tivemos que criar, que mobilizar, que matar, que morrer, pra isso tudo estar acontecendo aqui hoje, então a Escola tem esse papel aqui hoje de dar visibilidade, o que a mídia antes falava de nós hoje a Escola e nossas feiras da Reforma Agrária, que é muito importante a gente dizer isso, a nossa proximidade com a população através das Feiras da Reforma Agrária está sendo enorme e a Escola abre as portas para quem quiser vir ver de fato o que é o Movimento Sem Terra. Essa visibilidade que antes a Globo e a Record e outros meios de comunicação hipócritas vem contar pra gente hoje a sociedade está tendo a oportunidade de acessar a gente, antes eles não tinham, porque, eles passavam na frente de um acampamento e já nos viam como baderneiros, como ladrões, que iriam matar quem passasse na portaria. Quando eles chegam numa escola como essa aqui hoje que recebe um Governador, que recebe pessoas de todos os meios sociais, seja de Universidades estaduais ou federais, seja escola municipais e estaduais, tem pessoas que vem de fora para ver esse novo jeito de olhar diferenciado, então as pessoas dizem “pô cara, não sabia que o Movimento Sem Terra era isso”. Então as nossas feiras vieram e deram esse chacoalhamento na sociedade e a Escola veio fez esse remate olha, a visibilidade é essa, nós estamos aqui, somos desse jeito, somos pessoa de pé no chão, e não temos nenhum tipo de máscara. Nós não temos máscara. Nós somos um movimento social que tem erros, porque ninguém é perfeito, e temos acertos e queremos cada dia mais que essa construção social vai se dando. E que eu possa viver para ver um dia a sonhada revolução, mas com certeza, nós iremos deixar um legado aqui que vai dar um diferencial e um sentido novo para a nova geração.

### **3. E (Técnico do Setor de Produção – 11/07/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

E: Sim

Eu: Como a gente estava falando, eu queria saber o que é agroecologia pra você.

E: Eu passei a conhecer um pouco da agroecologia aqui na Escola, mas a muitos anos atrás a gente já trabalhava com agroecologia e não sabia, né? Minha família é de agricultores, de muitos anos, longos anos mesmo, eu estou fazendo parte agora, mas a agroecologia, minha concepção é assim, o uso do não veneno, como antigamente, respeito com a natureza, o respeito com a própria terra que a gente deve plantar e colher bons frutos saudáveis, para que amanhã ou depois os nossos filhos, e até mesmo nós hoje não ter problemas, alterações, doenças com o uso do veneno. Conscientização, né?

Eu: Quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

E: A palavra agroecologia, pela primeira vez, é assim, quando a gente está na escola a gente não dá muito ouvido para o que os professores dizem e o que as pessoas falam mas a concepção da agroecologia eu aprendi mesmo aqui na Escola. Dentro do movimento na Escola.

Eu: É recente então? Tem uns 3 ou 4 anos?

E: É, só assim eu me dei conta que já era aquilo que muitos faziam a muitos anos atrás.

Eu: Só deu um nome para algo que as pessoas já faziam?

E: Isso!

Eu: E com quais pessoas você conversa hoje sobre agroecologia?

E: Olha, com quase todas as pessoas, pessoas que faz parte do trabalho produtivo, os agricultores moram no meu assentamento eu estou sempre falando, conscientizando e pregando “a agroecologia é bom”, “é bom ter respeito com a natureza”, “com o próprio ar que a gente respira”, a reciclagem dos lixos, os cuidados que a gente deve ter né

Eu: Com sua família? Com o pessoal da brigada?

E: Assim, com o pessoal da Brigada em si ainda não, mas é no dia a dia da gente.

Eu: Em qual espaço e prática é importante para ensinar e aprender agroecologia? Hoje se você fosse ensinar agroecologia você iria mostrar o que para as pessoas?

E: O próprio espaço que eu trabalho, a função de cada pessoa dentro da escola, principalmente na Escola Popular, você vê ali a horta, se você vê os bons frutos sem o uso do agrotóxico sem o veneno, o único adubo que a gente usa aqui assim, a não ser o orgânico é a água que faz bem pra planta. Então eu acho que nas escolas, nos meios sociais cabe falar um pouco da agroecologia, que com o passar do tempo nós vamos ver aí. O que minha vó falava eu vejo hoje, o avanço das máquinas, o avanço da tecnologia está demais. Você vê aí hoje o uso do próprio avião pra bater o veneno e esses venenos vai estar atingindo a gente. Então, eu acho que nas escolas e no meio que a gente vive eu acho que a gente devia pregar a agroecologia.

Eu: E você acha que a prática deve ser dentro da escola? Ou no meio em que vocês vivem e nas práticas produtivas que vocês estão fazendo?

E: Também na prática produtiva. Assim, quando a gente faz algo pra gente mesmo, é bom a gente fazer a prática e estar mostrando para as pessoas. Sem uso de veneno, que dessa forma que a gente deve tratar a natureza.

Eu: E você acha que as feiras é também um lugar em que se ensina e aprende agroecologia?

E: As vezes, não é muito comum nas feiras. Tivemos a feira agroecologia agora em abril em Itamaraju, os assentamentos que participaram, a maioria é agroecológico e tudo orgânico. Então algumas pessoas já tinham noção de orgânico e agroecologia e fica muito mais fácil pra vender os produtos. As vezes a pessoa deixa de ir no mercado pra ir comprar das nossas mãos.

Eu: É um conceito muito maior do que ir lá em plantar né? São muitas coisas

E: Eu acho um pouco de tudo isso, a produção do nosso cotidiano, daqui uns 20 anos, se a gente não tomar cuidado com o veneno, com o meio ambiente, pode haver um caos e hoje você já vê que a cidade de Prado está em calamidade. O pessoal começou a jogar o veneno no eucalipto e as pragas fugiram do eucalipto pra cidade, onde não tem o veneno e estão deixando os ovos. E será que essa

mariposa não vai atingir as nossas lavouras? Será que o nosso vizinho está cuidando da gente do lado de cá?

Eu: É bom ter um estoque de nim, vocês têm plantado né?

E: Temos sim, uns 18 pés adultos.

Eu: Em que medida a Escola Popular tem contribuído? De que forma você enxerga este espaço?

E: Eu vejo a Escola como um indutor de conhecimento. Se a gente pega a agroecologia aqui, os agricultores realmente vão pregar lá na frente. A conscientização é nossa, da forma como foi plantado, da forma como está sendo plantado, que medidas tomamos com aquela praga, como a agente combate o inseto, como fortalecer aquela planta sem o uso do agrotóxico. Então a conscientização já sai daqui, aqui é o modelo. A gente planta aqui e os agricultores levam para as áreas, até mesmo na prática, por aqui passam alguns agricultores, alunos, professores.

Eu: E você fazem bastante encontros aqui?

E: Bastante. Assim, nos últimos meses, um mês mais ou menos atrás passaram duas escolas e gostaram muito.

Eu: Escola do Movimento ou da cidade?

E: Escola do Movimento, e até mesmo levar para as escolas da cidade. Estar visitando escolas e mostrando como é que a gente faz aqui. Que nada aqui é abuso de remédios e venenos, isso é bem gratificante.

Eu: Eu acho que no ponto de vista produtivo é muito mais fácil fazer o pacote tecnológico, e que a transição agroecológica não é tão simples assim, tem muitos desafios você sair de um sistema desequilibrado para um equilibrado. Como você vê esse desafio, não dá vontade de desistir?

E: Não! A palavra desistir na minha concepção não existe. Porque, se a gente defende algo que é pro futuro da gente, pra amanhã ou depois. Eu acho que desistir agora é largar o trabalho pelo caminho, ou nem ter começado o trabalho. Pregar a agroecologia é fácil, na teoria, mas na prática é um pouco difícil, mas não é um bicho de sete cabeças. Quando eu vim pro assentamento, vim sem construção na minha cabeça nenhuma de agroecologia, a três anos atrás, confesso pra você que já usei adubo pra plantar o feijão e ouvi os companheiros falar que é difícil a agroecologia e não sei o que. Hoje o nosso assentamento diferenciou muito, assim, quando você, igual quando essa escola viu uma horta sem adubo nenhum, sem veneno nenhum, já é outra concepção de como plantar. Eu aprendi que tem que usar a matéria morta, aprendi que tem que usar a adubação orgânica, lá eu aprendi que tem que manter o solo úmido, como manter isso aí sem o uso do veneno. Será que eu vou ter um bom motivo na próxima colheita? Então essa prática transforma você. Eu não conhecia a Escola, depois de uns três meses que eu frequentei a escola através de cursos, de encontros, de mutirões, que a gente sempre faz na segunda feira, comecei a gostar do trabalho bonito que a Escola faz. Eu sou coordenador da juventude da brigada, e incentivo as crianças e os adolescentes que, tem uma horta no Antônio Araujo que a gente deu uma parada por falta de tempo, mas os meninos já tem uma outra ideia do que é agroecologia e já praticam isso e já usufruem daqueles bens. Muitos falam que não vai dar certo, será que vai ficar bonito, será que o veneno não é o mais melhor. Lá os meninos já fizeram a colheita e já levaram pra feira. O nosso trabalho agora é fazer um (inaudível) com uma frase bem bonita e estar indo na feira mostrando o que é agroecologia.

Eu: Você queria deixar alguma mensagem final? Complementar alguma coisa?

E: Olha eu queria só te pedir desculpas pelo pouco conhecimento. Mas a gente tem que plantar bons frutos, se a gente não plantar bons frutos amanhã podem vir as doenças, pode vir os problemas mais graves, doenças de difícil a cura e a gente as vezes nem sabe o porque está acontecendo aquilo. Mas através do nosso viver, através da limpeza, da higiene dentro de casa então você tem que fazer, se auto avaliar se vc está fazendo certo e fazer na pratica a aí expandir. Usar o veneno e o agrotóxico é fácil, com cinco reais você compra um comprimidinho pra matar a formiga, será que é certo, será que você está trazendo uma mal para sua vida e para a vida de outras pessoas. Os produtos agrotóxicos estão aí no mercado e agora cabe você conscientizar que você não deve utilizar aquilo. Já acontece nas práticas

aqui ao nosso redor, de fazenda café norte, a própria Suzano e a própria Veracel você que eles não trabalham sem veneno em hipótese alguma, estão sempre usando. Aí então teve um encontro sobre o posto de informação e comunicação e lá tinha uma, e lá é próximo, vizinho em nosso assentamento, e tinha uma roça de milho que estava batendo, tinha um avião que estava batendo veneno nessa roça de milho próximo da gente e vento tocou tudo de lá pra cá. Como o barracão é aberto e amplo aí começamos a inalar aquela química, que a gente não percebe. Dentro de 5 horas de relógio, 40 pessoas passaram a dar desenteria, e a gente sem saber “será que isso?” “será que é aquilo?” e aí pergunta de pessoas com pessoas de mais conhecimento, médico e tal e a gente chegou a conclusão que foi o veneno.

Eu: E aí, o que se faz numa hora dessas?

E: Será que se a gente conscientizar o vizinho ele vai parar de botar veneno? Com certeza não! Porque ele pensa no dinheiro, no lucro. Se ele não bater o veneno ele acha que não vai produzir. E ele está matando outras pessoas, que trabalham pra ele, por obrigação, pro salário pra sustentar a família ele está ali a todo momento fazendo suas bombinhas no café, na pimenta do reino, e assim vai.

Eu: O desafio é grande!

#### **4. V (Técnica do Setor de Produção - 12/07/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

V: Sim

Eu: O que pra você é de verdade a agroecologia?

V: Talvez eu não saiba dar a resposta exata, mas agroecologia é primeiro respeitar a natureza e os bens que ela traz pra gente e a partir daí buscar os meios de produção, tendo como base o respeito a natureza. Isso pra mim é o geral, mas não dá pra falar da natureza e esquecer os que fazem a agroecologia, que de certa forma pra mim é a comunidade, então não se faz uma agroecologia em uma comunidade isolada. Pra mim, o respeito com as pessoas e com quem vivem ali tem que existir, então talvez seja um olha muito mais social das coisas, mas pra mim fazer agroecologia e pra mim ter má convivência com as pessoas que estão ali o tempo inteiro junto, então pra mim é meio contraditório.

Eu: Então tem a partir produtiva, a parte social, a parte de organização comunitária.

V: É, porque eu posso criar agroecologia no meu lote, ser uma má pessoa e não respeitar o outro, entendeu? Então pra mim é agroecologia é cuidar da natureza mas também respeitar a natureza do outro. Não a natureza, natureza, mas sei lá.. acredito muito na vida em comunhão, sabe?

Eu: E quando foi a primeira vez que vc ouviu a palavra?

V: A palavra lembro, foi na escola da família agrícola, minhas irmãs eram alunas de ensino fundamental dois, na colônia que fica no município de Itaitê é uma escola que tem lá.

Eu: Federal, municipal?

V: As Escolas da Família Agrícola são formadas por associações. Recebem doações ou fazem termos de parcerias com Prefeituras, são escolas do campo que não são particulares ou municipais elas são autônomas e dependem muito de associações e parcerias com entidades.

Eu: Então você já é de família de agricultores. Suas irmãs faziam parte dessa escola e você..

V: Isso, elas eram alunas lá e eles tinham alguns dias de noite que eles faziam serão, que é como eles chamavam. Eles discutiam alguns temas específicos, e aí neste dia que discutiu o tema de agroecologia chamou os pais dos alunos também e aí como eu era irmã delas eu participei.

Eu: E você não frequentava essa escola? ]

V: Não. Quando a escola abriu eu já estava fazendo a sétima série. A palavra, a primeira vez que eu ouvi foi lá, mas acho que depois que a gente descobre o que é que é a gente percebe que há muito tempo talvez a gente já fazia práticas agroecológicas. O meu avô, o tempo inteiro ele viveu na roça e naquele tempo ele já tinha semente de feijão de porco e já soltava ao redor dos formigueiros, já

plantava fazendo barreira. Fazia faixa de isolamento, quebra vento, então, isso tudo são práticas que meu avô já fazia e não tinha essa palavra.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

V: Eu converso com todas as pessoas do meu meio social. Que no caso é no meu acampamento e aqui na Escola. Eu terminei um curso de especialização e um dos eixos do curso era a agroecologia e a gente também acabou discutindo muito sobre isso tanto na sala como nos corredores pois tinha gente de todos os lugares.

Eu: Curso de especialização onde?

V: Na Unicamp. Era um curso de especialização em agroecologia e educação do campo.

Eu: Pra extensionistas?

V: Era. Então, geralmente no meu meio social, com as pessoas, com a família também. Minha família inteira é da roça, da agricultura. Então, há pouco tempo eu fui na chapada da Diamantina onde minha família é assentada e meu cunhado, no início do ano ele estava com uma roça de milho. E ele estava dizendo que não iria ter jeito, que ele iria ter que bater algumas coisas, porque a roça estava ficando muito cara e ele estava com medo de arriscar fazer agroecologia e perder a roça. Ainda não se tem tecnologia suficiente que faça você produzir de início, no caso era consórcio de feijão e milho. Ele pegou a área e já estava começando de forma agroecológica só que aí ele estava dizendo que iria usar outros insumos. E quando eu cheguei agora lá em junho ele tinha ido pra roça e numa das aplicações que ele fez ele não usou máscara nem nada e se lascou. E aí ele voltou atrás. Porque assim, as vezes a pessoa aprende da pior forma. E eu já sei que nem que eu perca minha roça mas é melhor eu garantir minha saúde.

Eu: Quais espaços e práticas são importantes pra ensinar e aprender agroecologia?

V: Eu acho que não dá pra falar de agroecologia sem buscar a integração animal e vegetal, apesar de toda complexidade que é, mas é que eu acho que não dá pra falar de agroecologia e buscar os insumos fora da propriedade. Então, tem que buscar a autonomia da propriedade que é desse jeito que você vai buscar a sustentabilidade. Eu acho que o primeiro passo seria ver quais as formas de integração que seria possível. Então, isso seria o principal. Sem dúvida tudo deve ser área demonstrativa. Isso de que tem que ter uma área demonstrativa eu tenho minhas dúvidas, eu acho que a gente que, claro ter unidades de referência, fala uma coisa que eu penso muito sobre, é que as vezes a resposta que a gente está procurando pode não ser encontrada aqui na Escola e pode ser encontrada nas áreas das tantas famílias assentadas. Numa das discussões na Escola é não centralizar as informações, ou seja, que tudo seja aqui. Então a gente precisa ver a Escola fora do espaço físico que ela é. Então, a Escola pode estar lá no quintal do Seu João no Abril Vermelho. Então, eu acho que a gente pode potencializar e centralizar as informações até porque fica uma metodologia mais fácil de ser visualizada que não dá pra gente toda vez que querer falar do quintal do Seu João a gente ter que ir até lá. Mas eu acho que não dá pra gente se prender neste espaço aqui com tanta riqueza e com tanta coisa pra aprender fora daqui.

Eu: Essa integração animal vegetal, contato comunitário e a sabedoria popular, o que mais?

V: Como escola a gente tem que buscar mais cursos e especializações. A gente tem que formar. Tanto trazer as pessoas pra cá, pra poder se formar no espaço mas também com outras pessoas. E acho que essa coisa que aprender fazendo tem que ser uma das metodologias para serem potencializadas. Na prática é que sai os temas e as dúvidas. Fazer o negócio acontecer a gente cria as dúvidas.

Eu: Qual o papel da Escola nisso tudo?

V: Eu acho que a Escola tem que fazer a articulação do saber e buscar parcerias e tentar centralizar um pouco desse saber, pra daqui ser disseminado. Eu acho fazer articulação, ver parcerias, qual seriam as práticas e parcerias isso é muito bom. Você começa a ter mais clareza quando tem uma equipe para ajudar. A Escola é um instrumento de luta, a gente discute muito agroecologia como contraponto ao modelo. Então, uma escola é sem dúvida um instrumento de luta. Mas a gente tem que buscar esse meio de produção e todas as tecnologias possíveis que garantam a alimentação saudável de um modo

geral. Estamos aí de forma militante para garantir a vida dessa Escola e ela está mudando devagar é só acreditar no que faz e seguir adiante.

Eu: Você está no movimento desde quando?

V: Quando meu pai entrou no movimento eu tinha 9 anos de idade. E comecei sendo uma sem terrinha, depois participando do grupo de jovens e aí num primeiro momento mais interno ajudando nas atividades do assentamento e depois fui contribuir na brigada depois comecei fazer agronomia por indicação do movimento, através do Pronera e depois disso a gente acabou pegando outras missões no setor de produção, e depois o pessoal do movimento viu que eu poderia estar contribuindo com a militância aqui na Escola e já tem um ano e meio que estou aqui. Mas minha família é da região da chapada da Diamantina.

Eu: Queria deixar registrado que desde o dia que cheguei está uma infestação de mariposa aqui na Escola, essa mariposa é uma praga do Eucalipto, então por mais que tenha a terra ocupada e a realização de assentamentos agroecológicos aqui o redor é muito desequilibrado, e eu fico imaginado o que vai ser se cada uma dessa mariposa se reproduzir de como isso vai gerar um impacto. Isso é algo que me chamou muita atenção.

V: Essa questão da mariposa também me preocupa, e é em toda região. Fui ontem em Itamaraju e estava deste jeito. Outras pessoas foram em Teixeira e estava do mesmo jeito. Ainda é uma praga do eucalipto mas com certeza ela vai se adaptando onde encontrar alimento para ela. Então essas lagartas com certeza irão vir com tudo aí. E por isso que a gente discute a agroecologia necessária não é só no meu lote e no meu assentamento. O vizinho lá está acabando com tudo e isso implica consequências pra quem está na área.

Eu: Ontem estávamos no Antônio Araújo e o pessoal estava contando da pulverização por aviões que passam por cima das comunidades, tem gente com olho irritado, nariz irritado. E poxa né, pulverização de avião por cima das pessoas em pleno 2014, isso é uma bandeira de luta e que vivenciando esta questão da mariposa a gente vê que não é simples.

5. W (Agricultor - 12/07/2015)

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

W: Sim

Eu: Pra você o que é agroecologia?

W: Agroecologia pra mim é uma maneira de como lidar com a terra. Aprender a lidar com a terra e a transformação que a gente passa pelo processo e que ela vem desde quando a gente começa a lidar com o solo e fazer uma técnica de trazer a realidade do solo para o dia a dia.

Eu: Uma técnica de produção?

W: Isso

Eu: E você acha que essa técnica está no meio produtivo ou ela tem que estar em outras discussões, como político, econômico..

W: Eu creio que hoje a agroecologia ela ainda está muito pouco. Ela tem que estar mais em outros meios, ela não vem só da agricultura, ela vem da educação e de várias outras coisas. E isso tem que ser debatido cada dia que passa em outros meios e outras repartições e acho que agroecologia tem que melhor debatida hoje no ponto em que nós está.

Eu: Com a educação também?

W: Isso

Eu: E quando você ouviu esta palavra pela primeira vez? Você lembra?

W: Isso deve ter uns 3 anos, quando perguntou o que era agroecologia pra gente é uma palavra realmente difícil. O que é agroecologia pra você? Deve ter uns 3 anos.

Eu: No MST?

W: No MST. E aí quando o projeto começou nas 7 áreas foi quando eu ouvi a palavra agroecologia. Agroecologia realmente a gente ouvi você ouvi, mas realmente conhecer foi a partir de 3 anos.

Eu: E você está no movimento desde quando?

W: Desde 93.

Eu: Desde muito tempo.

W: Eu tinha 10 anos.

Eu: E aqui no José Martí você está desde quando?

W: Eu coordenava outro assentamento e tem 3 meses que estou aqui. Mas outro assentamento agroecológico também.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

W: Hoje dentro dos assentamentos é comum você falar de agroecologia. Mas eu acho que não pode estar só dentro dos assentamentos da gente. Tem hora que a gente recebe visita das Universidades pra gente falar da agroecologia, já fomos duas vezes na Universidade.

Eu: Quais que foram as Universidades?

W: UESB. E a gente vai e a gente conseguiu no currículo de Alcobaça Implantar a matéria Agroecologia e pra gente já é uma vantagem. A gente não fala só de agroecologia dentro dos assentamentos como também nas feiras livres. A gente já coloca lá e divulga que é um produto agroecológico. A gente a todo momento fala em agroecologia, é uma língua que a gente aprendeu a falar e não tem jeito. Pode ser que você venha falar do químico e a gente já pula fora porque a gente vai falar de agroecologia.

Eu: E no seu dia a dia? Você fala com sua família?

W: Realmente aqui dentro de casa a gente já consegue, nem quase se fala, mas é uma língua que a gente fala. A gente debate com os técnicos do setor de produção da área pra gente estar levando e passando ainda mais informação de como a gente pode estar produzindo e sendo agroecológico.

Eu: Que tipo de espaço e de coisas que é essencial pra aprender agroecologia? Se alguém chegar aqui e nunca tinha ouvido dizer o que você vai mostrar pra ela?

W: A primeira coisa que eu vou levar ele é na horta coletiva, que é tudo produto orgânico. A gente tem a maior riqueza e felicidade quando você chega numa horta e mostra que aquilo ali é agroecológico, você chega num tanque de peixe como aquele dali que você tem uma rama de batata doce e mostra que aquilo é agroecológico, desde a carne do frango, da verdura e do feijão, essa é a maior riqueza que a gente tem pra mostrar quando as pessoas visitam a gente. Tivemos uma visita tem 8 dias de duas alunas da Universidade que vem visitar os assentamentos e visitamos todos os quintais então isso pra gente é importante, que você mostra lá fora a realidade.

Eu: Os quintais você acha que é uma boa coisa pra mostrar?

W: Com certeza. É quando a gente sai do acampamento pra realidade que vai ser a terra. Os quintais é uma escola e é a melhor forma de você trabalhar com as famílias é os quintais. Porque cada um faz o seu.

Eu: E você falou do peixe, você acha que a integração animal vegetal também é um assunto importante?

W: É importante mas é difícil quando você passa pro animal, mas aí quando você vê debatendo na televisão as quantidades de doenças que vem aumentando dia a dia te influencia a você fazer e criar agroecológico. A maneira de você fazer e descobrir como você faz agroecológico é essa coisa que a gente precisa estar estudando, criando e passando para as famílias.

Eu: E como você vê a Escola Popular nisso tudo? Qual é o papel da Escola?

W: A Escola pra gente é uma pergunta que a gente fala com a maior tranquilidade, eu penso que a Escola Popular chegou pra ser um meio de campo onde a gente concentra e busca todas as informações que a gente precisa. Todas as dúvidas a gente tira na Escola. Tem um centro de formação ali que a gente trouxe, é um local onde que a gente faz reuniões, tira nossas dúvidas, e pra gente a Escola chegou no momento certo e na hora certa.

Eu: Se você quiser deixar uma mensagem, alguma coisa que você queira falar?

W: O agronegócio a gente sempre debate e sempre costuma falar, mas o agronegócio produz no químico mas nunca leva o químico pra mesa deles. Eu deixaria que eles consumissem todo químico. Que eles pegam o produto e passa todo o veneno pro produto e manda e exporta e faz tudo o que eles tem que fazer. Mas usar aquilo ali eles não usam, realmente eles só fazem aquilo pra exportar, e realmente fica difícil pra população brasileira. E a gente aqui como agricultor agroecológicos estamos pensando no futuro e pensando na saúde de cada cidadão brasileiro a gente corre e busca e está cada vez mais falando na agroecologia não só buscando estar na mesa da nossa família, mas na mesa de todo cidadão brasileiro.

6. G (Técnico do Setor de Produção – 12/07/2015)

Eu: Você autoriza essa entrevista?

G: Se não for prejudicar a gente eu autorizo.

Eu: A proposta não é prejudicar e sim contribuir com a discussão de vocês também.

G: Então não tem nada de mais porque as coisas que nós vamos tratar aqui são coisas com a sinceridade.

Eu: Isso, e dentro da sinceridade o que é agroecologia pra você? O que essa palavra mexe em você?

G: O pouco tempo que essa palavra vem aprofundando no conhecimento, no conhecimento técnico é que agroecologia pra mim neste momento é pra além de você trabalhar melhorando a qualidade de vida das pessoas e você melhorar a qualidade de vida também do solo e aí a gente vai abranger todas as plantas, o vegetal, o animal, acho que pra mim é a relação, a interação de plantas com animais e com todas as vidas que existem no planeta, então acho que a agroecologia é você tratar com mais responsabilidade e com mais cuidado. Trabalhar neste processo da agroecologia é você fazer a transição do químico e do orgânico. Eu acho que o pouco que eu também conheço porque eu também estou amadurecendo neste conceito da agroecologia que pra mim é novo, acho que é isso, a interação de todas as espécies, e as famílias também é importante neste processo, pois se não tiver esse conhecimento e não transmitir, se não debater dentro de casa e não debater nos espaços a gente não vai saber o que é agroecologia então eu acho que agora então é o mais importante e pra gente se dedicar mais e mostrar mais pra essas famílias como é que está sendo essas mudanças. Eu acho que agroecologia é isso, essa interação.

Eu: E você lembra quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

G: Em 2006 foi quando eu ouvi, mas a gente ainda estava com a cabeça. Quando a gente fez um curso pelo MST dentro do Pda, programa de desenvolvimento agrário em que a gente ainda estava pensando como seria a proposta pra trazer pra organização e que fui indicado pra participar desse curso de 30 dias, e lá eu ouvi falar de agroecologia, mas eu ainda não estava maduro na organização. Eu era muito novo. E deli pra cá a gente veio estudando em escolas tradicionais e eu não mais ouvia falar de agroecologia e agora nesses últimos 3 anos que a gente vem estudando agroecologia com mais seriedade, que agora a gente está numa equipe responsável por este processo de transição no Extremo Sul, com as famílias que ainda trabalham no modelo tradicional, por isso que a gente vem se aprofundando. Eu falo que este debate ainda é novo e eu falo que eu também estou bem verde nesta questão da agroecologia, mas o pouco que a gente vem aí sentando com outras pessoas mais experientes, com outras pessoas que tem mais prática sempre a gente está inovando ainda mais o conhecimento.

Eu: E antes de 2006 você já era agricultor?

G: Sim.

Eu: E você acha que o que você fazia antes já tinha agroecologia? Que a agroecologia só veio dar um nome novo para algo que você já fazia?

G: Não, eu acho que eu não trabalhava. Meus pais sim, porque eu até discutia com a minha mãe porque ela plantava tudo embolado e tal, e eu discutia que era ruim pra limpar e todo esse processo, o feijão iria trançar no milho, então eu achava que aquilo era feio. Então, eu plantava cultura diversificada porém era tudo monocultivo, com cada espécie no seu lugar e tudo era organizado. E trabalhava com químico também. Minha visão hoje é totalmente diferente do que era a 10 anos atrás, até 6 anos atrás era diferente do conceito que trabalho que eu tenho com o solo, com as plantas.

Eu: Mas esse conceito da sua mãe também ajuda a formar o conceito, o que você acha? Esse embolado tem sentido, não?

G: Com certeza, não tem nada melhor do que a gente que é técnico e responsável por assentamentos e por agroecologia se você não resgatar o conhecimento das pessoas, então não tem nada melhor do que você pegar essas pessoas mais velhas que tem todo conhecimento e toda prática com agricultura, não tem nada melhor do que você fazer um trabalho com eles. Eles sim são agroecológicos. Só precisa a gente fazer uma troca de conhecimentos e mudar um pouco da concepção que eles tinham antes que veio com o agrotóxico que veio nestes últimos 30 anos abrangendo a região da gente, aqui no Extremo Sul principalmente e que facilitou, e acho que facilitam no manejo e todo processo, mas se você trabalhar diariamente com eles a gente consegue como a gente conseguiu nesse assentamento aqui, que hoje de 80 famílias que a gente tem no assentamento, que era 100% uso de agrotóxico e hoje a gente não tem mais nem 1% de pessoas que trabalham mais nesse modelo. Então eu acho que são pessoas bem maduras, pessoas vitais e que a gente consegue, vai devagar e vai modificando o processo e eles vão entendendo o processo. Porque pra nós isso que é o importante, eles entenderem o porque dessa transição da agroecologia, pra entender que eles precisam ter uma alimentação saudável, precisam ter uma vida digna, e precisam ter uma sustentabilidade ainda maior, e libertar do mercado e dos insumos externos.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

G: Pra mim foi muito importante ter adquirido esse conhecimento da agroecologia, eu era uma das pessoas que usava agrotóxico praticamente 12 a 13 horas na minha vida, sem nenhum EPI, sem nenhum cuidado, era tudo na ignorância mesmo, trabalhando pro fazendeiro latifundiário, eu levava o tempo todo trabalhando de todo jeito, e se eu tivesse esse conhecimento que eu estou tendo hoje eu não iria nem querer saber mais disso aí.

Eu: Legal, e com quem você conversa sobre agroecologia?

G: Principalmente com a minha família, hoje pra gente fazer primeiro a gente tem que mudar nós mesmos e a família é muito importante nesse processo pra poder falar a mesma língua e além da família a gente trabalha com não só a região mas em todo Estado na linha de debate a gente tem espaços na direção de brigada, de assentamento, de direção regional, e todos esses espaços pra gente estar abrangendo. E ainda a gente leva tudo isso para as escolas e todos os espaços, hoje a gente tem uma relação com a Universidade de Teixeira e Federal com extensão, já fomos convidados pra lá pra fazer esse debate e fizemos uma rodada de entrevistas. Além disso hoje nós já estamos tendo algumas visitas dos estudantes que vem aqui na área pra ver se o que a gente estava falando lá é realmente verdade ou é diferente. E quando vem se sente ainda mais surpreendido do que quando a gente colocou lá. Eu acho que é importante esse debate eu acho que é importante esse debate com as crianças na escola, a escola do assentamento as escolas fora, em todos os espaços que a gente anda e que a gente carrega a bandeira e hoje a gente tem a campanha do Extremo Sul pela Vida Agrotóxico Zero que aí agora a gente começou a colocar em todas as camisas esse emblema da campanha e onde quer que a gente chega as pessoas ficam curiosas o que é Extremo Sul pela Vida Agrotóxico zero? E aí a gente começa a debater com as crianças e com os vizinhos que também é muito importante nesse processo os vizinhos da gente que trabalha com esse modelo tradicional e que aí quando eles veem a gente fazendo essa mudança e um modelo de produção diferenciado eles acabam também com curiosidade e a gente acaba também com uma boa relação com a vizinhança.

Eu: Vizinho do acampamento ou seu vizinho dentro do acampamento?

G: Não, vizinho do assentamento. Aqui tem algumas associações que tem o fomento da Fibria e eles tem essas relações. Vieram aqui e viram o tanque de peixes que tem aqui do lado e eles já copiaram este modelo, tem essa relação. A gente fez um trabalho aqui na área de nascente e o presidente da associação veio e também contribui e a gente tem relatos e fotografias. Isso é importante pra gente. Não é só os vizinhos aqui dentro do acampamento, porque aqui dentro a gente já debate todos os dias, e é importante que você receba, que você mostre e que as coisas estejam acontecendo realmente.

Eu: Quais espaços e práticas são importante para ensinar e aprender agroecologia? Quando as pessoas chegam aqui o que você mostra para elas?

G: Hoje aqui neste assentamento a gente tem espaços pra mostrar agroecologia, além da fala que é importante na prática hoje a gente tem duas área demonstrativas, que a gente leva as pessoas e mostra que você não precisa usar os produtos externos pra produzir alimentos. Áreas demonstrativas de SAF, uma que tem 8 meses e uma que é mais velha que tem 2 anos e meio e agora temos este modelo de recuperação de APP e nossa ideia é expandir para frente. Temos também uma horta que nós plantamos sem usar nada de produto externo, usamos composto e caldas naturais que nós mesmos fizemos. Acho que esses são espaços pra gente levar as pessoas pra mostrar que as coisas podem acontecer no espaço mesmo pequeno, que dá pra gente tirar várias coisas consorciadas. Além de tudo consorciadas com flores, com crotalária. Você vê a que as pessoas saem daqui maravilhadas com tantas coisas que tem pra mostrar. Então eu acho que não somos assentamentos mais velhos e que estamos batalhando pra chegada da agroecologia. Mas essas áreas novas aqui, essa aqui tem 5 anos de assentamento está sendo fácil pra trazer as pessoas, pra motivar. Além de tudo é a escola também, a escola que nos temos aqui dentro do assentamento que a gente vai, a gente leva um trabalho com as crianças, debate com elas e vai falando um pouco sobre agroecologia e aí os pais são muito fundamentais nesse papel, e os educadores que a gente tem é importante que eles saem todo mês pra planejar. Hoje a gente tem uma matéria sobre agroecologia que nós conseguimos na região, então pra nós amadurece ainda mais ainda quando você trabalha com as crianças pra sair da escola e voltar a lidar com o campo também então com esse método que os pais não teve, que os alunos não tiverem então pra gente isso é fundamental.

Eu: No seu quintal tem um tanque de peixes, você acha que os quintais são importante para demonstrar o trabalho com agroecologia?

G: Sim, vários quintais dá pra você ir e ver que com esse método com pouco tempo que a gente vem trazendo e aprofundando em agroecologia talvez essa palavra agroecologia seja difícil pra eles falarem, essa pessoas mais idosas mas eles fazem agroecologia de tal forma que as vezes surpreende. A gente dá uma rodada e uma visitada e vemos que eles estão colocando em prática o que estão aprendendo. É sempre uma troca de conhecimento.

Eu: Qual o papel da Escola Popular?

G: Isso rende muito pra escola, porque é um espaço onde se busca muito mais capacitações pra poder atender as famílias. E a Escola é primordial também porque é o espaço de todas as famílias irem para poder ver como funciona então, ali é um espaço de reuniões de todas as famílias. E aqui a gente tem um papel importante porque essas áreas demonstrativas, que são essas áreas hoje dentro do projeto de assentamentos renováveis que são os assentamentos que a gente trabalha hoje com nucleação e que todo esses núcleos hoje vai ter um hectare de Saf, então eu acho que a Escola contribui muito hoje pela equipe, pela equipe que buscam outros projetos e que estão ali no dia a dia que tem gente aqui do campo monta os projetos com as famílias e leva pra outra equipe mais preparada. Então a Escola além de tudo, pra todas essas áreas aqui a Escola é fundamental. E aí não sei se eu estou meio fora. Mas hoje a gente tem um planejamento de cada trinta dias um assentamento vai lá pra poder contribuir no espaço da Escola, desde limpeza, trabalho na área demonstrativa, da horta, então todos esses espaços que a gente tem lá cada assentamento leva pra lá 10 pessoas e sempre a gente procura mandar pra lá as pessoas que nunca foram, porque tem gente que ainda não conhece a Escola e é importante que vai. Lá eles apresentam a Escola, fala qual o objetivo, e pra gente é muito bom. Esta é a contribuição que a gente dá pra Escola, além de tudo os cursos, quando eles vão pra lá eles podem ver que existe a mesma área quando volta pra cá eles voltam com outra visão, e volta reforçando, então a Escola tem esses

papel, de ir, eles participarem e ver como que é e volta pra cá e traz os elementos novos que aprendeu. Porque todo encontro que eles vão a capacitação é diferente e eles voltam sendo um outro reprodutor desse conhecimento da agroecologia pra gente

Eu: Você quer deixar algum depoimento ou uma fala?

G: Esse espaço a gente aproveita pra chamar as pessoas que ainda estão fechadas pra essa visão agroecológica pra poder contribuir pra vir pra somar e multiplicar mais esse conhecimento junto com as pessoas que estão buscando essa melhoria de vida, e que hoje nós estamos vendo que o clima já está diferenciado, a região hoje já tem essa diferença e a gente chama essas pessoas para acordar, pra vir pra esse processo da agroecologia porque não vai de forma alguma se sentir mal no futuro. Então a gente aproveita esse espaço pra chamar a sociedade para vir junto com a gente nesse debate pra reforçar esse campanha na região do Extremo Sul que é a mais afetada pelo cultivo eucalipto, que vem prejudicando e aparecendo tanto tipo de praga que você não sabe de onde veio e a gente sabe que tem estudos que comprovam que é esta questão do monocultivo e aí hoje vem degradando muito mais a nossa região e a gente acaba que não existe mais a fauna e a flora na nossa região. Então, eu acho que é importante que a Universidade e as escolas abrem estes espaços pra poder trabalhar a agroecologia que vai ser o futuro da nação e das pessoas esse processo.

Eu: Queria registrar que enquanto estou aqui tem muita mariposa branca, e ela é praga do eucalipto está ocorrendo vários relatos de pulverização de agrotóxico nos talhões de eucalipto e os assentamentos que são livre do agrotóxico elas acabam fugindo para cá. A cidade de Prado, hoje eu vi uma notícia que está infestada e começaram a pulverizar inseticida dentro da cidade é uma disputa muito importante, porque não adianta eles estarem livre de agrotóxico e os seus vizinhos, e tem muito eucalipto aqui, estão causando um impacto enorme. E eu penso que por mais que eles busquem o equilíbrio das áreas deles se lá eles também não mudarem sofrerão os impactos como o provável problema de lagartas que poderão ter aqui.

G: A gente não pode nem aceder a luz, este horário a gente tem que apagar tudo. Essa semana até que diminuiu um pouco mas se você acender a luz aqui daqui a pouco está tudo forrado e ela solta larvas com muita facilidade.

Eu: Muito obrigada.

7. Aj (Agricultora - 13/07/2015)

Eu: Tudo bem a gente fazer esta entrevista e eu gravar?

Aj: Sim.

Eu: O que é a agroecologia pra você?

Aj: Pra mim hoje é tudo. Porque quando você vem do campo, quando você nasce na roça já tem aquela vida dura dos nosso avós e dos nossos pais, pra nós eu acho que é tudo. Desde antes de eu vir para o movimento já tinha esse hábito de manejar com agroecologia, meus avós, meus pais, nós trabalhamos em roça de cacau o dia inteiro e já tinha aquele manejo, só não tinha a palavra sensata que é agroecologia. A partir do momento que eu vim para o movimento, e já tem 5 anos que eu estou no movimento, que começou na equipe técnica para aprender o significado da agroecologia, mas o manejo da agroecologia a gente já tinha conhecimento um pouco e só fizemos aperfeiçoar mais com a equipe técnica do movimento.

Eu: Você ouviu a palavra agroecologia pela primeira vez aqui dentro do movimento?

Aj: Aqui dentro do movimento. Quando eu estudava a gente também falava de agroecologia só que não ensinava o significado daquilo. Mas hoje mesmo eu me aperfeiçoar mais aqui no movimento.

Eu: E quando você diz que agroecologia é tudo, você consegue me dizer porquê?

Aj: Tudo porque hoje no mundo que nós vivemos tudo o que a gente vai comer é com agrotóxico, nossa alimentação não é 100%, eu não digo ne 50% saudável, porque hoje você o sistema da nossa alimentação e tanta doença que vem aparecendo e pra mim é muito fundamental você comer uma alimentação saudável. Nós não usa agrotóxico, nós não usa veneno, nós não usa nada disso, então,

uma alimentação saudável ela torna nossa vida da gente muito mais saudável, então pra mim isso é um fundamento muito especial pra nossa vida.

Eu: E como você acha que a gente forma esse conhecimento?

Aj: Depende do conhecimento que ele tem também, é no dia a dia. Porque quando nós do movimento começa a ter conhecimento a gente começa a ter consciência daquilo que você realmente está fazendo. Então você deixa de se movimentar pelo agronegócio e começa a participar mais com agroecologia. Nas roças aqui mesmo você vai ver. Nas roças aqui nós não batemos veneno e isso já mudou alguma coisa. Mas por causa de que? Consciência das pessoas mesmo. Pra mim o fundamento disso tudo é a pessoa se conscientizar que o veneno mata, você vê que nós vamos trabalhando com cartazes, em escola mesmo estava estudando. Tem também hoje uma participação na escola do estado, então eu acho que conscientizando mais as pessoas. Apensar que o agronegócio não vai gostar muito disso, porque eles precisam vender os produtos deles e nós precisa da saúde. Então se a pessoa começar a se conscientizar que o veneno faz mal, nós já tivemos aqui várias pessoas que pelo veneno já passaram mal, não teve esse cuidado com saúde e graças a Deus a gente vem melhorando muito nisso. Eu acredito que o fundamento disso é a pessoa se conscientizar.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

Aj: Nós aqui praticamente com quase todo mundo. Nós vivemos com isso, nós trabalhamos com agroecologia, na escola, inclusive eu gosto muito de ir na feira e as vezes você vai comprar uma verdura, e praticamente aqui tudo o que você planta você colhe, mas as vezes você vê uma coisa bonita e eu não compro isso aí, porque eu sei que ali está o fundamento de tudo, que é a boniteza que é uma coisa que é plantada com adubo químico, ali está cheio de químico, eu lá escolho as coisas que é pequena e que eu vejo que é natural. Onde que a gente for é bom a gente estar conversando.

Eu: quais espaços e práticas são importantes para ensinar e aprender agroecologia?

Aj: Primeiramente o nosso quintal, nosso espaço que nós vivemos aqui. E na escola também você pode estar falando, que já tem na escola a matéria que chama agroecologia. E foi uma coisa que me ajudou muito, eu fiquei muito feliz quando eu comecei estudar o terceiro ano que eu vi a matéria agroecologia e pra mim aquilo era tudo e tem coisas que eu não precisei estudar porque já eram coisas que eu já vinha trabalhando no meu dia a dia e muitas pessoas pode estar falando “eu moro na cidade e não sei o que significa isso” aí você vai ficar conversando com as pessoas também, ensinado o nosso objetivo e o que significa isso pra nós.

Eu: E qual o papel da Escola Popular?

Aj: É de nós estar passando nosso conhecimento pra lá e eles passarem o conhecimento pra nós. Nós temos atravessando tudo isso já, nesses 5 anos no movimento, que ali é basicamente mais que uma escola é o centro de tudo. E muita das vezes a gente tem o conhecimento e eu não passo pra você porque você tem outro conhecimento, as vezes pode ser o mesmo conhecimento mas o manejo é diferente e eu acho que a escola é pra gente ensinar e aprender junto com as pessoas. Porque ali como é Escola Popular e do movimento então eu tenho muita gratidão por ter participado e ainda participo graças a Deus. Estive na equipe técnica durante dois anos e também na equipe de agroecologia então eu aprendi muito e tem muita coisa. Quando eu fui chegar na escola Estadual eu já sabia porque já tinha aprendido na Escola Popular, então isso significou muito pra mim. Então é um contato que a gente tem, nós aprender e nós ensinar, essa é a oportunidade pra gente, pra gente poder aprender e ensinar cada vez mais.

Eu: Deixo uma palavra aberta se você quiser deixar alguma coisa a mais.

Aj: Falo pra você que primeiramente eu agradeço a Deus por nós ter saúde, sem saúde a gente não é nada e você trabalhando com agroecologia você tem hoje tudo nas mãos pra poder começar a mudar seu ritmo de vida, sua alimentação, tem livros ensinando remédios através de plantas, então a gente se manter com as drogas, que os remédios são drogas é difícil. Então o manejo mesmo da agroecologia e dos estudos que a gente vem fazendo acho que é muito importante para nossa vida e pra nossa saúde.

Eu: Obrigada!

8. Ma (Agricultor - 13/07/2015)

Eu: Mario você aceita fazer essa entrevista?

Ma: Sim.

Eu: O que é agroecologia pra você?

Ma: Agroecologia pra mim é uma forma de conhecimento. A gente vem trabalhando aqui dessa forma, com agroecologia contra o veneno, tanto que a gente adota o coletivo como uma forma de conhecimento também, pra gente trabalhar junto na agroecologia.

Eu: E o que mais?

Ma: Também está incluída a família. Mais ainda a família está relacionada com agroecologia, é a saúde.

Eu: E quando você ouviu a palavra pela primeira vez?

Ma: Aqui mesmo no assentamento, faz uns três anos pra cá. Estou no movimento vai fazer 5 anos.

Eu: Você é daqui de Teixeira mesmo?

Ma: Sim, de Teixeira.

Eu: Você lembra como você ouviu a palavra?

Ma: Como nós temos um técnico muito animado em fazer isso com a gente então a gente tem a engrenagem. Ele participa muito com a gente, ensina a gente ele dá semente pra gente plantar. Ele é realmente capacitado para isso.

Eu: E como você acha que forma o conhecimento da agroecologia?

Ma: Aí já vem a com a união de todos assentados e acampados. Só assim para que ocorra a agroecologia, com união.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

Ma: Já partindo da família, junto a outros agricultores, assentados, junto com a equipe de produção.

Eu: E na feira?

Ma: Realmente eu nunca participei de feira, nós estamos em um processo de agroecologia que eu já estou tendo o conhecimento do futuro, no futuro o caso é quando a gente vai estar assentado. Então, quando a gente for pra uma área maior já temos o conhecimento de como plantar como usufruir daquilo. Eu crio galinha, eu tenho horta, estou cavando um tanque para peixe tudo isso estou fazendo aqui.

Eu: Quais espaços e práticas são importante pra agroecologia?

Ma: Tentar colocar na mente de cada um que vive aqui que o veneno está extinto. A gente só trabalha com adubo feito na base da gente mesmo. Eu iria mostrar simplesmente o que eu planto, que não tem um pingão de veneno, tudo adubo orgânico.

Eu: Qual o papel da Escola Popular?

Ma: Ela pode informar mais a gente, fazendo cursos, como já vem fazendo. Até pouco tempo atrás eu participei de um congresso, tem mais ou menos uns 2 meses atrás. A Escola significa mais conhecimento, porque de repente estou aqui e vou passar na escola 2 ou 3 dias, eu vou satisfeito porque eu sei que lá eu vou exercer funções de conhecimento mesmo, porque lá a gente sai nas áreas debatendo e tudo isso ampliar nosso conhecimento. E a gente mesmo que vai pra lá possa trazer o conhecimento pra cá.

Eu: Deixo uma palavra aberta, quer deixar registrado mais alguma coisa?

Ma: Parabéns a todos dessa Escola, dos assentamentos, da esalq, porque não é a primeira vez que vem gente de lá, estão de parabéns pelo acompanhamento.

9. Li (Agricultor - 13/07/2015)

Eu: O Sr. autoriza essa entrevista?

Li: Sim.

Eu: O que é agroecologia pra você?

Z: Agroecologia eu creio que é um meio de floresta, de pomar de várias coisas. Isso aí é desde que a pessoa está no campo ela tem que fazer agroecologia, plantar sem um químico e produzir o alimento da gente mesmo.

Eu: O que mais que ela significa?

Li: Significa tudo em si. A união, a gente tem que falar aqui pros assentados que a agroecologia existe e tem que seguir em frente na agroecologia.

Eu: quando o Sr ouviu essa palavra pela primeira vez?

Li: Olha, eu pra ser sincero foi quando cheguei aqui no acampamento que já tinha o projeto. Eu cheguei no início, já tem 8 anos que estou aqui. Aí que eu ouvi agroecologia, o pessoal da equipe técnica do MST. E toda a vida eu trabalhei na roça mas lá eu nunca tinha ouvido falar em agroecologia, fiquei sabendo aqui no movimento.

Eu: Mas o Sr. acha que mesmo sem ouvir a palavra já fazia agroecologia?

Li: Sim, porque existia fogo, o negócio de queimada e veneno e pessoa ir limpar um terreno tirava tudo e plantava na terra pura. E isso não existe mais hoje. E hoje eu vejo que a planta tem que ter a cobertura. Então tudo isso aí.

Eu: E com qual pessoa você conversa sobre agroecologia?

Li: Com a comunidade inteira, inclusive o técnico aqui nós vamos ter uma reunião e a gente bate muito nessa técnica que é agroecologia. Com a família, com os técnico. Inclusive, no meu quintal eu converso com eles que tem que ter agroecologia.

Eu: O Sr faz feira?

Z: Não, o sustendo é daqui de dentro.

Eu: Tem escola aqui?

Li: Tem sim, a gente fala de agroecologia com os professore e com os alunos. E os professores já partem pro campo também, nas áreas de horta e já leva também os alunos para estar incentivando ali nas áreas de horta.

Eu: E qual espaço é importante para ensinar agroecologia?

Li: Eu levo uma pessoa no quintal de casa, e levo numa área experimental que a gente fez, uma área coletiva. Algumas roças mesmo. Aqui do lado a gente tem uma represa que gente já plantou vários tipos de mudas, bananeiras, a visão da gente é fechar ao redor das nascentes com a bananeira, que é um material que segura a umidade e aí a gente tem esse projeto de fechar com plantio

Eu: Qual o papel da Escola Popular?

Li: Eu vejo com um olhar bem diferenciado, é um ponto de apoio e acredito que ali é um local que a pessoa não pode manter uma distância dela. A gente contribui com vários trabalhos na Escola, por exemplo, nas áreas demonstrativas que é o coletivo, o coletivo da escola vai aqui 10 pessoas ou 5 a de quinze em quinze dias, tem o planejamento das áreas, hoje é segunda feira por exemplo o BM vai com 10 pessoas aí na outra segunda feira é outro que vai e tem esse planejamento. E toda vez vai um pessoal diferenciado, vamos supor, nessa segunda feira vai eu e na outra segunda já vai outro. Então aqui repassa todos pra gente conhecer a gente explica o que é o coletivo da escola. O coletivo da escola é pra seguir em frente junto com a gente.

Eu: E como a escola contribui?

Li: É só a gente precisar eles estão juntos.

Eu: Queria deixar a palavra aberta

Li: Não é o seguinte, eu quero dizer que o nosso outro companheiro está na mata colhendo semente e eu só queria agradecer e dizer pra você que se sinte em casa e depois nós procuramos as outras pessoas que vão ser entrevistados. Mas eu tenho mais só pra agradecer. Muito obrigado.

Eu: Eu que agradeço.

#### **10. L (Técnico do Setor de produção -13/07/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

L: Sim

Eu: O que é agroecologia pra você?

L: É o homem trabalhando a agricultura respeitando os princípios da natureza. É o que nós fazemos aqui no bela Manhã, eu cheguei aqui tem 2 anos e 8 meses já tinha iniciado esse processo de agroecologia e sem agrotóxico, e como eu já peguei o barco andando só fui me adequando pra gente passar de uma forma simples e bastante compreensiva para essas 120 famílias que hoje estão aí nesse assentamento.

Eu: Além do produtivo tem algo mais?

L: Sim, por exemplo primeiro é um trabalho muito difícil, você tem que trabalhar não com a pratica, você trabalha a agroecologia na mente do ser humano que é o mais difícil, é você conscientizar a pessoa sair desse modelo tradicional de monocultivo do agronegócio pra trazer uma coisa que você consegue fazer, que é você trabalhar a diversidade de cultura, é você trabalhar os meio de combater as pragas e doenças que o agronegócio hoje manda o pacote tecnológico e você chega implanta aqui, resolve por alguns dias mas acaba matando a vida do solo, matando pessoas, e você se prejudicando. Então esse processo que, como nós não usamos nenhum tipo de inseticida, é um processo difícil, é de trabalhar a mente do assentado, pra você estar fazendo agroecologia.

Eu: Onde você ouviu essa palavra pela primeira vez?

L: Dentro do assentamento Terra Vista, no MST, no município de Arataca onde eu fui estudar pra fazer o curso técnico.

Eu: É numa escola?

L: Na escola Milton Santos.

Eu: E que ano foi?

L: 2005

Eu: E que disse essa palavra?

L: Quem fez esse debate foi o companheiro J. e na época ele era o presidente do assentamento. Ele foi fazer uma palestra de abertura para todos os alunos que tinham acabado de chegar e o Assentamento lá é agroecológico, 100% agroecológico. De fora você nem vê as casas só as copas das árvores, quem conhece sabe que tem casa, quem não sabe acha que é uma floresta.

Eu: Então além dele dizer você pôde ver no Assentamento a agroecologia.

L: Exato. Eles estavam no começo da agroecologia, o debate era forte mas eles estavam no começo. Nós no curso começamos com 50 pessoas estudando e nós tínhamos 1 dia da semana de prática para ir plantar. E hoje está um Assentamento muito bonito.

Eu: E quando você entrou no movimento?

L: Minha família entrou pro movimento eu tinha 8 anos de idade, e nós fomos pro assentamento 45. Meu avô comprou essa terra, nós não somos arrendatários, nós fomos compradores de lote pra sair da garra do fazendeiro e a partir daí estou até hoje no movimento.

Eu: E você nasceu onde?

L: Eu nasci aqui mesmo, no município de Alcobaça.

Eu: Como se forma esse conhecimento da agroecologia?

L: Eu acho que se constrói agroecologia primeiro você pesquisando bastante porque é uma coisa muito complexa e você não pode ter dúvida no que você vai fazer e você tem que ter uma espécie de certeza. E eu acho que a gente constrói dentro da prática, tem que juntar a pesquisa com a prática e vai lá e faz.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

L: Hoje eu falo muito mais com a equipe do projeto, são as pessoas que eu tenho mais afinidade pra tirar as minhas dúvidas e ir colher algum conhecimento deles. Da família tem minha irmã que é agrônoma também, foi formada no mesmo colégio que eu e tem todo esse processo.

Eu: Vocês fazem feira?

L: Sim, nós fazemos a feira da reforma agrária junto aos assentamentos dessa região toda e vamos nas cidades pra falar, lá tem os agrônomos das Prefeituras que aparecem nas feiras e que trabalham mais com o agronegócio mas a mente deles não é aquilo. Ele está trabalhando porque tem que manter uma família, mas a mente dele é mais voltada pra nossa realidade, pra trabalhar a agroecologia e isso é muito interessante, que a gente vai trocando nossos conhecimentos. Nós colocamos nossos produtos falamos nossas opiniões em relação ao desemprego, a forma que a gente faz pra combater os insetos, qualidade de produção.

Eu: E nas escolas? Tem escola aqui?

L: Sim, nós estamos com um trabalho com as crianças de 7 aos 12 anos e nós temos um espaço que é a horta deles e esse debate nós fazemos diretamente dentro da sala de aula com eles e com os professores. Isso por convite dos professores, nós vamos lá e passamos filme sobre agroecologia e fazemos um debate até o meio dia e de tarde vamos fazer uma prática com eles. Sempre com a prática e o alimento da horta é que vamos fazer a merenda deles. A partir dali nós falamos da importância de não usar o veneno, qual a importância daquela planta estar saudável, porque quem vai comer é eles, então eles tem que comer um produto de primeira qualidade. Não pode chegar lá e comprar um tomate só porque ele é grandão, o que nós produzimos aqui é menor, mas ele grande em massa e também em veneno, o nosso pequeno em massa e no tamanho mas muito grande na saúde.

Eu: Quais são as estruturas e práticas pra ensinar agroecologia?

L: Hoje no momento nós levamos as pessoas na área demonstrativa, nós temos uma área que iniciou há três anos atrás assim que começou o projeto, que foi como meta nas seis áreas, pra gente fazer uma espécie de área demonstrativa. Claro que até então todos os técnicos estavam também num processo de aprendizado, pra se adaptar ao trabalho e aí o pessoal da Escola e da Esalq veio pra dentro junto com a gente e fizemos um formato, um modelo de saf, que não foi um único, tem área que já é diferente. E aí nós temos ali em cima uma área que hoje está bonita e você chega hoje e faz uma apresentação muito interessante dela pra o que era antes pra como ela está hoje. A diversidade de culturas que está ali dentro, as formas que foi pensada pra plantar e foi plantada, então isso dá uma diferença. Se chegar alguém hoje eu levaria ali.

Eu: Legal, mais algum lugar que daria pra ensinar?

L: Tem a horta coletiva também, que é a horta do assentamento e hoje nós trabalhamos nela intensamente dentro da agroecologia, claro que está precisando de uns ajustes nela, mas hoje nós precisamos dar uma melhorada nela, nas formas de canteiro, no que plantar, na diversidade de coisas que temos que ter além dos produtos que vai ser cultivado da horta. Pra cruzar, por exemplo, com algumas espécie de quebra vento, ate mesmo algumas coisas pra fazer caldas de inseticidas, de repelentes, de alguns bizourinhos que está na produção, então tudo isso é bem pensado. Os fundos de

quintais dos acampados, porque a gente falar de agroecologia é bom, a gente ensinar como fazer também é bom, mas aí você não vê no dia a dia ele fazendo. Agora, o segredo está é que no fundo do quintal é que você vê que o seu discurso não foi perdido, o cara não fez ainda no momento na roça dele, na roça grande, mas você chega no fundo do quintal você vê a agroecologia funcionando ali, é o laboratório dos assentados, você vê funcionando no fundo dos quintais, você vê o solo 100% coberto, cada coisa no seu devido lugar, não é aquela coisa bem padronizada, porque não tem dentro dos princípios da agroecologia você padronizar as coisas, mas está lá bonitinho, muito assentados falam isso também.

Eu: Qual o papel da Escola Popular?

L: eu acredito que a Escola é realmente uma Escola. Ela está cumprindo com o seu papel, pra mim o papel dela é formar pessoas, qualificar meu trabalho com oficinas, levar os acampados pra eles também participarem. Que nem nós fizemos ali o curso de bioconstrução e participou bastante pessoas aqui do Bela Manhã e fizeram esse curso e a prática, e fizemos duas etapas de um curso de agroecologia pra falar só sobre agroecologia. Então pra mim a Escola está cumprindo o seu papel está trazendo profissionais pra profissionalizar os nossos assentados, qualificar os nossos assentados pra quando ele chegar no seu lote ele saber fazer alguma coisa.

Eu: Deixo uma palavra aberta se você quer deixar algum depoimento.

L: Eu acredito que dentro da agroecologia nós temos inúmeras dificuldades com as pessoas e nós lutamos com um sistema muito forte que é o agronegócio. Não é fácil trabalhar agroecologia onde 80% das pessoas trabalham no meio da agricultura convencional. Um assentamento desse voltado de eucalipto, veneno batendo nele de avião, então seu produto aqui não vai ter nenhum significado de agroecologia e eu penso assim, que as pessoas se conscientize, trabalhe suas mentes, essas grandes empresas, esse povo mesmo, e vê não só eles é importante. Importante somos nós pequenos agricultores que levamos alimento pra cidade e que nós precisamos ter uma vida digna com bastante saúde pro nossos filhos, nossa famílias, nossos amigos,

Eu: Muito obrigada.

## **11. El (Represente do Setor de Educação - 14/01/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

El: Sim.

Eu: Me explica o que você entende por agroecologia.

El: A agroecologia pra mim tem se tornando uma palavra do nosso dia a dia com bastante ênfase e vejo como uma forma diferente de produzir diferente do convencional. Uma produção voltada livre do veneno, uma produção voltada para um ambiente limpo, mas confiável, uma produção onde a gente acaba atrelando a produção orgânica à agroecologia, quando a gente fala da produção de alimentos saudáveis, de alimentos livre de veneno.

Eu: E quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

El: Pela primeira vez aqui na Escola Popular num seminário que estive aqui em 2012. Era um seminário onde falava do objetivo da Escola Popular, que era trabalhar pra um processo formativo voltado para a matriz agroecológica. Então foi aqui. Posterior a isso tive a oportunidade de fazer a especialização “Educação do Campo e Agroecologia” que muito tem me ajudado a entender melhor a questão da agroecologia.

Eu: Quando você entrou no movimento?

El: Em 2003, desse ano pra cá que eu tenho vivência no campo, mas antes era na cidade.

Eu: E aqui na Escola desde 2012?

El: Isso.

Eu: E com quem você conversa sobre agroecologia?

El: Hoje eu tenho dialogado essa questão da agroecologia com os educadores que passam pela Escola Popular, uma vez que estamos acompanhando 8 escolas do MST na região. Então nossa proposta enquanto Escola Popular é dar o suporte pedagógico voltado para agroecologia, então é com quem a gente tem mais dialogado essa questão. Junto aos técnicos a gente tem tentado acompanhar algumas atividades. Também tenho dialogado no meu último trabalho que eu fiz com os idosos e também esse resgate do saber popular que eles faziam agroecologia mesmo sem saber. Nesse período tenho falado muito de agroecologia com os idosos que eu entrevistei no Jaci Rocha e esses educadores que a gente vem acompanhando das 8 escolas.

Eu: Quais espaços e práticas são importante pra gente ensinar e aprender agroecologia?

El: A gente costuma dizer que na agroecologia não existe uma receita pronta, ela se faz no dia a dia através de vários aspectos que a gente pode observar, e eu falo agora mais voltado pra Escola Popular porque fora disso a gente percebe principalmente na nossa região que é muito contraditório a gente falar de agroecologia nesses outros espaços uma vez que a gente está cercado pelo monocultivo de eucalipto e outros monocultivos que a gente tem na região. Mas a gente muito fala dessa questão e eu sempre faço a relação de atrelar a agroecologia à produção orgânica de que os dois são importante e a gente precisa estar dialogando então no espaço da escola popular a gente tem as unidades produtivas que a gente consegue levar o público que vem e a gente consegue explicar melhor a agroecologia. Falamos também da agroecologia no espaço da cozinha, quando a gente fala que a Escola é voltada para uma matriz agroecológica então a nossa alimentação também precisa ser vista no viés de uma alimentação saudável, de uma alimentação orgânica, a gente acaba também nesse espaço discutindo. E também, nós enquanto militantes na regional nós temos tomado como meta e desafio por onde a gente passar, seja lá qualquer espaço a gente tentar dialogar com público que ali está a importância de estar inserido na agroecologia e de que forma nós podemos fazer agroecologia.

Eu: Em qual o papel da Escola Popular, sua fala é sempre como referência a Escola, mas dentro do movimento qual é o ideal dessa Escola?

El: Bom, como eu disse, o objetivo geral da escola é pensar processo formadores voltado pra essa matriz agroecológica para os movimentos sociais da região, que não é só do MST, a gente precisa trazer outros públicos da Escola. Disseminar a agroecologia os técnicos e os agrônomos que aqui estão tem esse papel fundamental de não só nas 7 áreas do projeto, mas a Regional é muito grande. Então a gente passou 3 anos voltado para essas 3 áreas e 2015 pra nós o desafio é ampliar, então esse nosso debate nós já estamos levando para outras áreas dos assentamentos e está muito difícil, onde são companheiros e companheiras do MST que estão ali no dia a dia mas o veneno está lá presente nas roças e quase em todos os espaços. Então o papel da escola é tentar dialogar com a sociedade, com os movimentos sociais a importância de fazer agroecologia e de viver a agroecologia.

Eu: A Escola reforça a identidade do MST, a gente percebe a decisão política do uso do termo. E deixo uma palavra aberta para você complementar.

El: O que eu gostaria de deixar é que primeiro te parabenizar, e que você e outras pessoas sigam essa linha de mostrar o que é a agroecologia, de mostrar o papel da Escola, uma vez que a gente também vem dentro de uma reflexão dentro do movimento de que a palavra agroecologia tem caído na graça do povo, e a gente tem refletido como esse outro grupo da sociedade está necessitando e discutindo em vários espaços a questão da agroecologia. A gente reflete que pra nós a gente tem discutido a agroecologia no sentido de que é o melhor para o campo, se falando da terra, se falando da saúde humana, mas pra eles qual o sentido da agroecologia? Eu venho falando da produção orgânica e a gente sabe que produzir agroecologicamente é algo trabalhoso, não rende muito e porque esse outro público que eu não sei agora conceituar, porque o interesse deles? Então é muito importante vocês estarem pesquisando o saber da agroecologia, o viver da agroecologia e como fazer porque quais os benefícios que a agroecologia traz pro homem do campo, principalmente para a classe trabalhadora, porque o tempo todo na vida só levou o de menos.

## **12. Z (Agricultora - 29/07/2015)**

Eu: A senhora autoriza que eu faça essa entrevista e gravação?

Z: Sim

Eu: O que é agroecologia pra senhora?

Z: Agroecologia é mexer nas plantas, nós nunca mexemos produto de veneno. É só mesmo o composto, que eles passaram pra gente. Toda vida nós mexe com esses negócios.

Eu: Antes de virem falar sobre veneno a senhora já sabia fazer sem veneno?

Z: Já sabia, nós já fazia agroecologia.

Eu: Por que?

Z: É porque o veneno come o tecido da gente e agroecologia é saúde. O veneno mata a gente.

Eu: Então agroecologia é?

Z: É a saúde.

Eu: E quando a senhora ouviu a palavra agroecologia pela primeira vez?

Z: Pela primeira vez... aí eu já fui trabalhando naquele ramo que eles diziam assim, e foram explicando pra gente.

Eu: Dentro do MST?

Z: Isso mesmo.

Eu: Quanto tempo que a Senhora está no movimento?

Z: Já inteirou 5 anos, vai passar pro 6

Eu: E foi nesse tempo que a senhora conheceu a palavra agroecologia?

Z: Nesse tempo

Eu: E antes do MST trabalhava na roça?

Z: Nasci e me criei na roça. Mas eu não sabia das coisas que eles faziam. De primeiro, lá em Minas que a gente morava, nós matava a formiguinha com Mirex. Mas agora nós não pode matar mais. Agora nós planta o feijão de porco pra poder combater elas do jeito natural.

Eu: Antes do MST tinha veneno então? Depois que veio pra cá parou de usar veneno?

Z: Parou de usar o veneno. É.

Eu: Como é a gente faz agroecologia?

Z: Com feijão de porco, a crotalaria, solo é importante, nós faz o composto. Eu já tenho um composto pronto no fundo do quintal, que é pra quando eu for plantar a cebola, o coentro eu já tiro um pouco dali e misturo na terra, e ali mesmo eu já faço o adubo. Eu não compro adubo nem nada.

Eu: Que bom não ter gasto com insumo né?

Z: É, e eu não tenho que ir pra rua comprar insumo. É bom demais moça, nós estamos trabalhando assim.

Eu: Se alguém chegar aqui na porta e pedir pra mostrar a agroecologia o que a Senhora vai mostrar? Que espaço?

Z: Eu vou mostrar o composto. Tem também uma técnica, que a Josi está fazendo, que é de arroz com a garapa da cana, depois eu vou mostrar, é como uma calda. Depois a minha nora explica direitinho porque nem tudo entra mais na minha cabeça, sabe?

Eu: Mas a Senhora está explicando muito bem!

Z: Tá bom. E aí, meus coentrinhos, e minha horta é tudo feito com a bosta do boi e da casca da mandioca, e dá um adubo preto bom, e aí nós vai fazendo a mistura na terra.

Eu: E a Escola Popular Egídio Bruneto, a Senhora conhece?

Z: Não sei. Ah, lá na Colatina, eu fui lá fazer um negócio na escola... Foi bom demais. Eu estou com 68 anos, dizem que papagaio velho não fala.

Eu: Claro que fala, e tudo o que a Senhora falou é muito importante. Muito obrigada.

Z: Você me desculpe se falei alguma coisa errada.

### 13. C (Agricultor - 29/07/2015)

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

C: Autorizo.

Eu: O que é agroecologia pra você?

C: Eu acho que agroecologia é a gente trabalhar sem produto químico, eu mesmo tiro por mim, eu já trabalho neste sentido. Uma época eu combati com veneno, hoje não. A maioria de nós aqui, 99% está seguindo um padrão só, não usamos produto químico. Porque hoje nós não temos água no solo, então nós trabalhamos no tempo da chuva, aí vem esse tempo agora, de julho, já dá pra gente plantar o milho, o feijão, abóbora, ainda dá pra plantar alguma mandioca. A gente trabalha em cima disso aí, dos tempos certos pra gente trabalhar, pra não atingir com produto químico dentro das roças. A gente está conscientizando. E sempre tem as palestras do MST que sempre está passando pra gente, sobre agroecologia. Eu acho um bom sentido que eles passam pra gente. A gente sai pra reunião fora e volta pra passar para os próprios colegas dentro do acampamento, então, eu mesmo, no meu setor, que eu trabalho no setor de produção, e eu digo assim, quando a gente tem uma aula lá fora, não é aula, mas vocês está numa reunião, tendo uma orientação de alguns membros nossos, ou alguns palestrantes, que nem a gente, então a gente tenta puxar o máximo possível pra gente chegar dentro do acampamento e poder passar para os próprios colegas, e pra conscientizar as pessoas e trabalhar sem produto químico.

Eu: Então é sem produto químico principalmente. Pra saúde?

C: Com certeza

Eu: E divulgar, conversar com os colegas.

C: Isso.

Eu: Quando você ouviu essa palavra agroecologia pela primeira vez?

C: Não foi aqui dentro. Perdão, foi aqui dentro do acampamento. Foi pela companheira Liu, hoje ela está no setor no Baixo Sul. Foi ela que trouxe pra nós, aí depois dela a gente teve essas outras palestras na Colatina, sempre teve aqui, nos outros acampamentos. Então, a gente foi pegando a prática, mais ou menos, pra quando a gente for pro lote a gente ter a consciência de não usar o roundup. Se você tivesse um tempinho pra ir ali na minha roça você iria ver que show de horta eu tenho lá hoje. Olha, eu tenho feijão, milho, abóbora, e não coloquei nenhum produto químico e nem adubo nenhum, pra você ver como a terra daqui já ajuda e aquilo que eu te falei do tempo da chuva.

Eu: Ah, vamos lá ver sua horta depois. E como que forma esse conhecimento, como é que pega a prática da agroecologia?

C: Eu digo assim, que nem a gente que não tinha muita prática de como trabalhar com agroecologia, as reunião que a gente assiste vai pegando as práticas, quanto eu cheguei aqui, antes eu morava na rua, eu não sabia nem o que era roça. Eu passei a gostar da roça foi quando eu vim pra aqui.

Eu: E quanto tempo você está aqui:

C: Hoje eu já fiz um período de 6 anos. Mas o período que eu mexi com roça mesmo tem 6 pra 7 anos, e sem uso de veneno.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

C: Hoje eu converso com a maioria, porque eu sou do setor de produção. A gente tem reunião, reunião não, é formação na segunda feira, então quando a gente vai pra reunião lá fora a gente vai pra passar pra eles. Ou traz na cabeça ou traz anotado pra gente fazer algum debate pra conscientizar as pessoas que não precisa estar batendo veneno pra dentro das roças.

Eu: Você conversa lá na Escola Popular também?

C: Com certeza

Eu: Com os técnicos, além da Liu, quem está vindo aqui na área hoje?

C: Tem um técnico muito bom, o Rafael. A gente já passou com vários técnicos aqui.

Agora mesmo é ele que está aqui com a gente, é um bom técnico o Rafael.

Eu: E a feira?

C: A feira, sempre tem as feiras que a gente faz. A gente leva os nossos produtos pra feira também

Eu: E lá conversa sobre agroecologia também?

C: Conversa também, com certeza. Agroecologia hoje está em primeiro lugar.

Eu: e nas escolas daqui?

C: Também. O mesmo debate. Aqui as professoras conversa com a gente, elas pedem orientações e elas levam pra escola. Não é toda semana, mas de mês em mês uma professora inventa uma aula pra conversar sobre o problema da agroecologia e isso é pra conscientizar os próprios alunos.

Eu: Vc já foi falar lá na escola?

C: Eu estudo de noite.

Eu: Faz EJA?

C: Faço.

EU: E lá na EJA fala de agroecologia?

C: Fala sim, com toda certeza.

Eu: Quais espaços são importantes para ensinar agroecologia?

C: Eu, pra mim, se você for na minha horta já é um bom passo. Na minha roça também, e na dos meus colegas.

Eu: E você mostraria o que na sua roça?

C: Na roça tem o milho, feijão, abóbora plantada;

Eu: Tudo consórcio?

C: Tudo consórcio. Tem um pouco de corante também.

Eu: Tem adubo verde?

C: Hoje eu tenho adubo verde, porque eu não capinei 100% do milho, pra não desbasta e deixar o solo todo limpo. Tá um milho muito bonito.

Eu: E o composto?

C: A gente faz, com a raspa da mandioca.

Eu: E o círculo da bananeira?

C: Está dando bem o círculo da bananeira por aqui.

Eu: Você já foi na Escola Egídio?

C: Já.

Eu: Qual a função dessa escola?

C: Eu acho que lá tem muita orientação pra gente. Hoje você vem com uma cabeça, de quando você vem lá de fora, e quando começa a participar das coisas do MST e você vai pra Escola. Você está no meio de 20, 30 até 100 pessoas, você tem muitas coisas que os técnicos falam e faz a gente pensar e incentivar aquilo que eles estão falando. Eu mesmo gosto é de desafio e eu quero ver! Talvez o técnico falou lá na Escola aí o que eu faço? Eu vou fazer pra ver se dá certo. É que nem eu tive na Fazendinha, que eu gostei muito, tem muita prática pra gente aprender. Lá na fazendinha tem muito talhão, tipo assim, aqui tem uma espécie de milho, lá feijão, lá tá o andu, plantado tudo em ordem, então eu mesmo tenho a orientação pra passar para os colegas. Só que o problema é que você faz uma cerca hoje, que você tem condições de fazer o mourão plantando a própria árvore nativa, é isso que a gente tem que aprender. Que nem eu falei, daqui de vocês só eu lá fui, daí eu converso com os colegas. Eu tento ensinar o que eu vi. Só que eu falo, no meu lote eu vou fazer, e acaba dando certo porque a gente foi lá e viu.

Eu: Então você acha que a agroecologia se dá na experiência? Na prática? Você vê como funciona e faz sua prática?

C: Tudo, se você não fizer a prática não tem como levar o projeto pra frente.

Eu: Então pra ensinar agroecologia tem que fazer a prática?

C: Tem que fazer a prática. Se eu vê só no papel e não for fazer como é que você vai dizer “eu fiz e deu certo”? Não tem como. Então tem que pegar a prática, agroecologia é isso

Eu: E lá na sua roça, como é?

C: Eu tiro meu sustento dela, é como eu vivo aqui dentro. Tem muita gente aqui que me pede pra apanhar café. Eu não, eu trabalho pra mim mesmo. Agora mesmo lá em casa tem 21 sacos de farinha feitos. Daqui de dentro da terra.

Eu: E lá na cidade?

C: Na cidade eu vendo. A pessoa hoje que quer um lote pra trabalhar ele tem que ter amor a terra, eu sempre falo para os colegas. Que tem colega aqui que tem amor a terra, a gente vê o esforço daquela pessoa. O que eu quero dizer é isso, a pessoa que não sabe trabalhar, passa conviver com a terra, de dentro da terra, se ele for mexer com uma horta ele convive e não precisa estar saindo pra ir trabalhar para os outros. É isso que eu digo, dedicação com a terra, graças a Deus tem 2 anos que eu não trabalho pra ninguém e não estou passando aperto. Eu tenho minhas roças lá, tenho milho, tenho mandioca nova, mandioca madura..

Eu: Vamos ver então sua roça? Obrigada pela entrevista.

C: Chegando lá é que você vai gostar!

#### **14. A (universidade -13/07/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

A: Sim

Eu: O que é agroecologia pra você? O que esta palavra representa?

A: Agroecologia é uma possibilidade da gente lidar com a terra de forma diferente. E esse lidar com terra envolve muitas dimensões. Onde eu tenho trabalhado e atuado mais, e que faz mais sentido, é no sentido da produção. Quando a gente fala de produção agroecológica é produzir alimentos saudáveis, sem veneno, sem adubo químico. Alimentos que fazem bem pra nossa saúde e que não prejudique quem está produzindo e não prejudique o meio ambiente, a terra a água, enfim. Sabendo que não é só essa dimensão produtiva, a agroecologia tem muito das relações sociais envolvidas nessa produção. Quando você fala de agroecologia você não fala da exploração do homem sobre homem, não tem chefe ou patrão, tem o agricultor trabalhando com agroecologia. E o respeito também as questões culturais e outras dimensões. Mas hoje a gente tem trabalhado com foco na produção ainda precisando avançar nas outras dimensões.

Eu: Então tem saúde, organização comunitária, alimentação, técnica de produção, tecnologias..

A: do meio ambiente, do não uso aos agrotóxicos. E com relação as relações sociais não é só da organização, mas da não exploração também. Muitas vezes você conhece uma experiência agroecológica de um sitio que produz hortaliças orgânicas, mas as relações de trabalho não se encaixariam na visão agroecológica de relações de trabalho. Tem um patrão, um agrônomo que é detentor da técnica que faz relações de parceria com agricultores, mas uma parceira que um ganha mais que os outros. Então não é justo. Então o justo tem que estar dentro dessas relações de trabalho e dentro das relações sociais.

Eu: E quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

A: Olha não vou lembrar exatamente. Mas me lembro dessa palavra no contexto da ABEF, da Associação dos Estudantes de Engenharia Florestal, que eu fiz parte durante toda minha graduação, ou seja, de 2006 em diante, e foi o que me trouxe pra esse caminho. Foi o que me levou a ver na Eng. Florestal a possibilidade de trabalhar com outra coisa que não a produção de eucalipto, ou monocultura. Então no começo da minha graduação eu tive contato com essa associação, participando de congressos e atividades e me envolvi bastante. Fiz parte do núcleo de agroecologia da associação por 2 anos, então comecei a ouvir falar sobre agroecologia na graduação pela ABEF, mas fui trabalhar de fato com questões da agroecologia aqui na Bahia. Antes era uma coisa mais teórica de discussão, pesquisa, mas não diretamente relacionada com agroecologia. Fui vivenciar ela aqui.

Eu: Que foi a partir de 2012?

A: Vim fazer estágio em 2012 e fui contratada na equipe em julho de 2012.

Eu: E com quem você conversa sobre agroecologia? Pensando que é no diálogo e na prática que a gente desenvolve alguns conceitos.

A: A maioria das pessoas que eu me relaciono este diálogo está presente. Nas relações do trabalho, no dia a dia, com a equipe da Escola, equipe de campo, técnicos, equipe da Universidade. Isto está sempre presente nos espaços de estudo também, tanto que na especialização que fiz a pouco tempo tinha o tema agroecologia aplicada à agricultura familiar. Então estava lá presente no estudo e no diálogo com outros extensionistas. Atualmente no mestrado também é um diálogo constante, pois também é sobre a mesma temática com ênfase em agricultura orgânica. E eu diria que até em casa, com meu companheiro que também trabalha nessa área da agroecologia, como também com meus pais, meus irmãos, sempre explicando alguma coisa, construindo junto, minha mãe também bastante se interessa com essa coisa de horta.

Eu: Ela foi agricultora ou tem alguma relação com o campo?

A: Não, ela tem um sitio pequeno, que tem uma horta que ela produz, e tinha um caseiro que jogava roudup, aí ela fez ele parar. Então tem uma coisa em casa que a gente vai construindo. Meu irmão mais velho que mora em apartamento eu dei um minhocário pra ele, que produz adubo e leva pra horta da minha mão. Eles têm uma pegada um pouquinho agroecológica também. Eu diria que é isso, no trabalho, em casa e nos espaços de estudo.

Eu: Quais espaços e quais as práticas são importantes pra ensinar e aprender agroecologia. Pensando em um ideal de formação, o que não pode faltar quando a gente pensa nesse conceito?

A: Não se prendendo a experiência daqui:

Eu: Não, pode ser mais amplo.

A: Estruturas, eu acho que depende muito do local e do público. Se é um público que já tem alguma experiência e referência, um agricultor que pode ser visitado é uma coisa. Em um lugar que não existe isso ainda, você tem que construir espaços demonstrativos. Porque é muito aquela coisa, voltando o olhar pra produção, o agricultor só acredita naquilo que ele vê. E aí, pra ele acreditar precisa dar muito certo. Espaços de demonstração que mostre o que é não usar veneno, o que é melhorar a vida no solo, o que é melhorar a qualidade do solo a partir de prática. Espaços que você demonstre isso, que produza adubo orgânico, desde de um minhocário, uma composteira, adubação verde, que você faça práticas de melhoria daquele espaço ao longo do tempo. Você precisa de espaços de prática que

mostre ser possível fazer diferente do que aquele grupo já está acostumado. Mas isso vai variar muito dependendo da realidade, tem que ser adaptado a realidade que você estiver trabalhando. Uma outra prática que eu achei interesse era sobre soberania alimentar que tinha uma área de produção de PANC e no final da visita tinha um almoço, com vários alimentos diferentes, não convencionais, e isso sensibiliza muito, tanto pela prática da produção quanto pela prática da alimentação, então, por exemplo, pensar as práticas em diversos âmbitos. Agora ações, eu acho que isso, muito relacionado a este por a mão na massa, aprender fazendo, e o diálogo de agricultor com agricultor, esse intercâmbio de experiências, muitas vezes você pode falar e demonstrar algumas coisas, mas o agricultor dialoga muito melhor com o agricultor. Então isso na construção da agroecologia é muito importante, o próprio método “Campesino a Campesino” gera muito resultado. Uma outra ferramenta é o uso de vídeos e ferramentas audiovisuais. Muitas vezes você não consegue levar o agricultor numa área mas consegue passar um vídeo, isso também é interessante. Desperta através de um outro sentido.

Eu: Qual é o papel da Escola Popular nisso tudo?

A: Eu acho que neste contexto a Escola como está colocada aqui na região é para ser um espaço de referência da agroecologia. O esforço que a gente tem feito nos últimos anos é que a equipe compreenda a necessidade de construir um espaço de referência e neste último ano a gente tem conseguido dar passos nesse sentido. De ter todo um contexto e espaço que transmita a agroecologia, temos muitas coisas pra avançar ainda, mas já temos a agroecologia desde a forma de saneamento, temos experiências com fossas ecológicas, tem a produção do próprio adubo, tem minhocário, composteiro, funcionando ou não já tem a produção de um pouco de composto. Uso do esterco do gado, esterco animal. Tem alguns plantios, alguns arranjos, início de um sistema agroflorestal bastante diversificados e com certeza serão a referência pra demonstração e produção. Então assim, experiência de, acho que foi muito interessante a experiência com a entrada da escola. Disseram que a entrada da escola é o nosso cartão postal, então a gente tem que trabalhar ali, mas a equipe da escola estava devagar nesse sentido a militância da regional e disseram que eles iriam fazer esses 3 há de roça. Daí o que aconteceu, veio, arrumou um trator, preparou a área e fez um super plantio com milho, feijão, muda de banana, e fez um super plantio bonito. O que cresceu ali? Nada! Não por falta de vontade das pessoas, é que a terra estava muito degradada, era um pasto degradado, compactado, pisoteado. Agora, vamos plantar agroecologicamente e você não colocada nenhum adubo químico, é uma área que tem muita formiga, então assim, nada foi pra frente. Então foi muito didático porque as pessoas viram que com a agroecologia não é só planta sem nenhum adubo químico nem nada que as coisas vão pra frente. Então a gente falou que essa área precisa de um processo de recuperação, então a gente fez um coquetel de adubo verde com algumas leguminosas e gramíneas pra produzir matéria orgânica e incrementar nitrogênio no solo, o adubo verde não cresceu como deveria, quer dizer, a terra estava mesmo muito degradada, só as espécies mais fortes que cresceram mais. Talvez a gente avalie que precisa de mais um ciclo de adubo verde antes de entrar com outras culturas. Ou se a gente for plantar alguma cultura ali tem que trazer muito aporte externo de matéria orgânica, nutriente, adubo pra aquilo andar. Então está sendo muito interessante essa área, e foi um processo super coletivo. Então eu acho que esses processos que a Escola está proporcionando pra região e pra regional do MST está sendo muito interessante. Acho que claro, tem muitos deles que podem ser potencializados, mas tem muitos que tem sido avanços.

Eu: Tem uma discussão que eu estava querendo fazer sobre a visão política do uso do termo agroecologia para o MST, como este termo imprime uma positividade na luta e favorece a adesão das massas. Da dimensão política, acho que a Escola tem esse papel não só regional mas nacional, de se tornar uma referência e de avançar na luta. Você percebe esse tipo de dimensão? É algo visível ou não?

A: Quando a gente fala de decisão política do MST pela produção agroecológica. Acho que deste aquele Congresso em 2000 que definiram que o sistema de produção da reforma agrária que o MST entende é pela agroecologia. Porque o agronegócio caminha junto com capitalismo. Se a gente é contra o capitalismo e defende um socialismo a gente precisa de um outro modelo de produção. Eu li um artigo muito interessante, quem escrevia na época da revolução russa sobre cooperativas e associativismo, é um estudo que fala de como o MST antes de 2000 tinha um olhar muito mais parecido com esse marxismo que defendia a cooperativa e o avanço da produção a qualquer custo. E

como o MST foi mudando isso e isso tem um outro nome, que eu não lembro. Mas faz muito sentido, a descrição faz assim você vê as cooperativas em diferentes momentos históricos e o que está sendo traçado hoje. O que eu quero dizer é que de 2000 pra agora tem uma diferença, porque tá bom, tomou uma decisão política, mas e daí? As cooperativas de lá de Itapeva, que produzem soja em áreas gigantes, e que sustenta uma parte do movimento com essa produção convencional, então assim, até que ponto negar este processo e construir um processo diferente disso, como é que você dá um salto qualitativo no sentido da agroecologia, tecnicamente, politicamente. Mas como você muda? Como você enfrenta uma área na região na cana de açúcar que tem família que arrenda terra pra cana? Então assim, o discurso político está desde 2000 mas como é que isso foi avançando ao longo dos anos? Quando a gente chegou aqui em 2012 foi bem aceito falar de agroecologia porque isso foi uma política no movimento nacional desde 2000, mas na prática, no dia a dia, não foi isso que a gente encontrou, inclusive das direções políticas. Quando a gente chegou, um dos dirigentes de uma das áreas que a gente estava trabalhando era ele quem vendia roundup pra comunidade. Então é uma área que até hoje a gente tem muita dificuldade em lidar, ainda tem muitos problemas ali dentro. Então, como é que politicamente também consegue dialogar sobre isso pra avançar a técnica, então eu tenho um olhar dessa questão política mais interna, acho que com certeza internamente isso tem uma relação muito conflitante. Se o coordenador político da área não apoia o trabalho do técnico, ele não consegue desenvolver o trabalho dele. E a gente tem conflito desse no dia a dia trabalhando a 3 anos com isso. Se o coordenador político não tem compreensão dos objetivos desse projeto e da agroecologia o técnico não consegue atuar. Não consegue mobilizar as famílias, não consegue fazer as capacitações. Por outro lado, em áreas que o coordenador político tem essa compreensão o trabalho voa. Então internamente, até essa compreensão política, mesmo que a decisão foi tomada em 2000 ainda precisa avançar. E eu acho que desde o início da nossa presença aqui nós temos avançado com resultados significativos, desde de momentos que sem a influência nossa uma comunidade decide em assembleia que não irão mais usar veneno e não irão usar mais fogo, isso não é agroecologia ainda, mas é um primeiro passo muito importante. E ao mesmo tempo, quando você olha pra fora, você vê aqui na região o papel do MST como ele quer se mostrar pra sociedade e como ele quer se mostrar agroecológico é interessante, é o que o pessoal daqui tem feito nas feiras da reforma agrária, nas feiras tanto por brigada como as feiras regionais, levando seus produtos com o discurso que eles são sem veneno, são agroecológicos. Sem nada de certificação ainda, nem nada desses processos que temos que avançar, mas assim, dialogando assim mesmo com a sociedade. Os relatos são de que, na feira de Itamaraju vendeu tudo até as 10h da manhã. Por mais que a gente tenha feito este levantamento de mercado, não tem esse costume, tem muita pouca procura pelo alimento orgânico, pelo alimento agroecológico. Não se conhece o que é. Mas quando você diz que é um produto saudável e sem veneno você conquista a população. Então, eu acho que a região Extremo Sul da Bahia é um pouco diferente das outras regiões quanto a essa resistência com o movimento social. Aqui em Itamaraju é onde nasceu o MST na Bahia, então tem muito assentamento aqui, tem uma certa relação tranquila, não é toda essa relação de amor, mas tem essa aceitação, eu tenho um pouco essa impressão. Mas acho que tem sim essa vontade e demanda do MST de se colocar para a sociedade de outra forma. E como conseguir divulgar que os assentamentos produzem alimentos, porque muitos assentamentos antigos, muitas vezes nem produzem tanto quanto poderiam, então é também resgatar os assentamentos antigos nesse sentido. É um dos desafios que a regional menciona aqui na região também!

Eu: Deixo então uma palavra aberta pra terminar.

A: Pra aprofundar, eu acho que no contexto aqui da Escola, a gente falando do que é importante, pra Escola conseguir cumprir com o papel dela, eu acho que precisa ainda de mais unidade na ação da equipe interna da Escola, um pouco aquilo que a gente comentava na reunião. A equipe da Escola não tem uma unidade na compreensão de agroecologia. Não tem unidade e uma prática ainda, quando a gente tem uma reunião nossa em que a equipe fala que não é importante separar o lixo, ou quando a gente tem uma equipe que a anos se conforma com a péssima qualidade da água que se consome aqui, falta um olhar sobre o todo e uma mobilização sobre questões importantes, e até a própria fala pra construção da agroecologia não é um debate, tanto teórico quanto prático, a equipe da Escola consegue fazer internamente. Tem a elaboração de um PPP que teve uma primeira versão que não foi sequer debatida coletivamente. Ela foi escrita por muitas mãos, juntou-se os pedaços e pronto, querem um documento, temos um documento, mas não é um documento que reflete nem a prática que a Escola já

tem. Tem avanços pontuais nessa atuação da equipe, pessoas se destacam mais que outras, mas acho que tinha que ser uma unidade maior de compreensão de concepção. Qual é a concepção de agroecologia dessa Escola que se diz agroecologia e agrofloresta. É diferente você dizer que é uma agroecologia agroflorestal, tem um porque você ter o agrofloresta no nome da Escola, não é um simples complemento, é você trazer uma porção de outras questões que enfatizam como que é essa agroecologia. Então, se essa equipe não tem clareza disso não vai estar construindo isso, então eu acho que falta isso ainda, o que um desafio bem grande. Pra construir essa unidade e conseguir avançar mais na proposta de ser uma referência regional. Ser um ponto de referência e que daqui se multiplique muitas e muitas referências.

### 15. J (Universidade - 14/07/2015)

Eu: João você aceita que eu faça essa entrevista?

J: Aceito.

Eu: O que é agroecologia pra você? O que passa na sua cabeça quando você pensa nessa palavra?

J: Acho que agroecologia é um rumo, uma direção e ao mesmo tempo é um caminho. Então eu acho que é uma ciência, com certeza. Uma ciência que traz uma dimensão de transformação social. Agroecologia ela é por si uma transformação social. É uma bandeira de luta muito importante dos movimentos sociais e da academia enquanto símbolo de transformação da concepção capitalista, que veio com a Revolução Industrial. Ao mesmo tempo é uma resposta a isso, vem da síntese dos movimentos rebeldes, vamos dizer assim, de agricultura ao redor do mundo, como Fukuoka, Steiner, etc, tem essas escolas. E o etnoconhecimento dos povos do mundo, mas muito dos povos latinos americanos. Então tem o conhecimento ancestral e ao mesmo tempo escolas que foram se desenvolvendo com pensadores que vão muito além da questão simplesmente agrícola e técnica. Então além dessa dimensão social tem até a dimensão espiritual, de outras dimensões mesmo de percepção de explicação, que também permeia muito os caminhos da agroecologia ao longo do mundo e das experiências consolidadas e você vai visitar essas experiências sempre tem uma relação muito forte com a espiritualidade, com deus, com a força da natureza, no processo da agricultura, então essa coisa do sagrado, também, na minha concepção faz parte da agroecologia. É isso, um caminho, um bom caminho.

Eu: Várias pessoas disseram que já sabiam agroecologia antes de conhecer o termo agroecologia em si. Parece que o termo está dando nome para algo que está sendo resgatado. Você acredita nisso?

J: Eu acho que é além do resgate, a base central. Mas não está se fazendo agricultura como se fazia a mais de mil anos, dois mil anos se faziam. Porque a gente vai evoluindo, como aquela discussão que população tradicional não pode ter geladeira nem celular. Não, o processo acontece e você vai desenvolvendo, então a 300 anos atrás não tinha trator, por isso não podemos usar trator? Uma tobata? Somente tração animal? Então é uma discussão que tem a ver como inovação. É o resgate como base, como referência, só aconteceu por conta disso, da base que veio, da raiz que é comum, que são vários caminhos mas com princípios que são comuns, a apropriação veio e depois veio o termo a ser cunhado. Acredito sim que é um resgate, só que como está sendo reinventado a cada dia, um resgate em construção com inovação.

Eu: E quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

J: Foi no primeiro ano de faculdade com amigas queridas que faziam parte de um grupo de extensão, grupo saf, lá da esalq. Junto com sistemas agroflorestais, agroecologia, quando eu me vejo fazendo um resgate de quando eu comecei e me identifiquei e escolhi esse caminho foi nesse primeiro ano de faculdade em 2004.

Eu: Pra você como se constrói esse conhecimento?

J: Bom a gente já falou do resgate junto com a inovação. Então eu acho que o diálogo, é uma coisa fundamental, e o diálogo de fato, pra construir você precisa ter um método pra efetivar a construção, se não é difusão, passar conhecimento, transferir de cima pra baixo, e toda essa linha de educação acrítica. Diálogo é a primeira coisa, como dialogar? Quem somos nós da universidade com 5 anos de

formado que vai discutir com o agricultor que tem 50 anos de vida na agricultura? Como que você chega? Então esse método é uma coisa muito importante de ser debatida, aperfeiçoada, fortalecida, enfim. E dentro do diálogo como ter uma postura, porque é um grande processo de transformação, porque se você está resgatando é para as pessoas poderem utilizar isso, Então, tem um processo de aumento, e propagação da agroecologia, vamos dizer assim, como efetivar que essa propagação aconteça? Acho que esse é o desafio. Então, como construir é a partir desse diálogo e pensar também a dimensão do que fazer, qual rumo que esse processo vai levar, por isso o planejamento. Planejar e entender o processo de dialogo onde você vai dialogo e também pra onde esse diálogo vai levar, então são duas dimensões que pra nós é algo importante, porque o agricultor já tem o conhecimento, a sabedoria, a sabedoria dele com a linguagem dele. A gente que tem que ver o que gente pode trazer e como dialogar, pra construir precisa do agricultor, porque só a universidade ela não constrói. Esse resgate do conhecimento ancestral só está nos povos tradicionais, não tem outro lugar pra você encontrar se quer resgatar isso e inovar com esse saber, se não fica vazio fica academicista e inclusive criticado pelos grandes pensadores. Pode não ter ver com movimento social, mas tem a ver com comunidade tradicional, quem constrói as referências, os processos foram construídos a partir de vivências. Pode até ser que o Gliessman tenha ido lá pra Berckley fazer os experimentos deles, mas ele foi beber na fonte das comunidades. Então querer reinventar a roda sem considerar o conhecimento não é agroecologia, então que é importante a gente entender o que não é agroecologia também nesse processo de construção.

Eu: Me parece que temos que reinventar o papel da pesquisa, porque querendo ou não existe uma tendência da universidade querer levar conhecimento e o agricultor querer receber, numa relação mais de opressão do uma troca. A gente não tem formação pra isso, pra fazer esse diálogo com o agricultor.

J: Sim, mas a base disso é o diálogo, então essa coisa de preocupar com a forma e a linguagem, é a partir do diálogo que você vai fazer pesquisa, que você vai experimentar, que você vai fazer formações e capacitações.

Eu: E vc acha que produtor, agricultor e ciência é suficiente, ou entra questão urbana, consumidores tem a ver com a construção desse termo?

J: eu acho que tem a ver com humanidade, então quem come e quem produz. Então, é obvio que o urbano faz parte, porque é pensar a comida não acaba onde se produziu, tem a galera que vai comer isso e ela está em diferentes locais. Eu acho que é importante a gente aprofundar nessas interações e relações e sinergismos entre rural e urbano mas acho que a dimensão é além de rural e urbano ela é planetária ela é trabalhar quem produz, quem come quanto mais perto melhor, então é uma dimensão que transcende a dimensão local, regional para a planetária. Pelo menos utopicamente.

Eu: Então esse diálogo, hoje com quem você conversa sobre agroecologia?

J: Com agricultores, militantes do MST, pessoas da universidade, atores territoriais dos processos de cooperação instituições que temos aqui, como Conselhos, Instituto Federal, Prefeitura, outros agricultores da região, alguns amigos, familiares, do círculo curto de amizades, sempre cotidianamente, sempre que dá e tal.

Eu: Quais são as práticas e espaços para ensinar agroecologia.

J: Primeira coisa é o campo. Que seja um chão de braquiária com roundup. Campo é a primeira coisa pra ensinar agroecologia. A partir do campo você constrói reflexão, mas a partir da realidade. Você está construindo com agricultor, e para o agricultor a materialidade é a roça, é o fazer, inclusive pra fazer o diálogo de saber quando você acessa a dimensão do campo você acessa o saber do agricultor então o campo é o grande barato pra construir agroecologia, a partir do campo, pensar como outros processos e metodologias podem apoiar essa discussão e essa realização. Porque agroecologia precisa ser realizada, a prática é muito importante. O espaço é o campo, tanto o campo que não deve se fazer como a natureza que é o que deve se fazer, que é a direção e tal. Acho que sala de aula e ambientes confortáveis e coletivos com diferentes ferramentas, vídeo, flanelógrafo, sempre ter uma mística, uma dinâmica integrativa, também acessa uma fluidez de construção do processo, integra mais o grupo, acho que é muito importante também cuidar com essa coisa de como você planeja e garante elementos que possam favorecer essa boa harmonia de quem está lá no processo.

Eu: E qual o papel da Escola neste contexto?

J: Acho que a Escola é um propulsor, um centro de irradiação, base de apoio, base de referência, lugar onde se faz, onde se ensina, discute, leva, traz e troca. Banco de sementes, debates, seminários, é um lugar de propagação e fortalecimento da agroecologia. Consolidação territorial e para além do território. Então acho que a Escola é um espaço de construção da agroecologia, mais ainda, de fortalecimento da agroecologia, de construção pró ativa, intensa de agroecologia. Pelo menos é esse o caminho que eu acho que a gente tem que buscar no processo de planejamento da Escola.

Eu: Deixo, pra terminar, uma palavra aberta se você quiser complementar algo.

J: A conversa com o agricultor, esse resgate inovando junto com ele. Pensando soluções para a realidade dele. Mas sem negligenciar, já que a gente faz o papel de vir enquanto universidade eu acho que é importante a gente vir embasado no que a gente está falando. A gente já é tido como mambembe e nessa tentativa de construir uma coisa científica a gente vem com cientificismo cartesiano, vai sucumbi, não vai dar certo. Não dá pra construir agroecologia cartesianamente, você precisa inovar. Esse é um princípio. Se não pode dar bem errado e muito de quem pode se prejudicar com isso são as famílias que estão lá na ponta, então é prática com muita reflexão.

## **16. Ro (Setor de Produção - 15/04/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça esta entrevista e gravação?

Ro: Sim

Eu: Pra você o que é agroecologia?

Ro: Agroecologia nada mais que é do que a forma como a natureza se organiza e interage. Eu uso muito como exemplo a nossa floresta, onde você encontra diversos elementos numa condição maravilhosa de se viver de forma sustentável. E o Extremo Sul da Bahia é privilegiado pra visualizar isso por ainda ter 7% de Mata Atlântica preservado apesar da grande devastação mas é um cenário que ainda você pode perceber isso numa realidade bem clara. Diferente de mim que vim de lá do recôncavo e essa situação já não é tão igual. Eu estudei na Escola de Agroecologia e não dava pra perceber. Já neste remanescente de Mata Atlântica te ajuda a enxergar a agroecologia nos detalhes. Eu digo que o agricultor da reforma agrária ele começa a praticar agroecologia por força da necessidade ele não tem recursos principalmente no início da sua inserção no acampamento pra fazer o desenvolvimento da sua lavoura, o que ele tem é a força de trabalho e algumas ferramentas e semente, e faz aquele famoso plantio “plante de que terra garante” e o fator preponderante nisso aí é a experiência popular. Neste momento o mais importante é a experiência popular, que o conhecimento adquirido ao longo da sua história e faz ele criar ambientes. Se você observar a maioria dos nossos acampamentos são áreas de pastagem degradada onde o ciclo vegetativo não passava de 50cm de altura e hoje você vê lá situações de recomposição com vários extratos. Tem assentamento de 3 e 4 anos que você olha e vê uma agroflorestal, essas interrelações que acontecem ajuda muito nisso, ajuda mutua, o coletivo, a forma de se doar e principalmente a forma de organicidade que o movimento tem que abrange aí todos os setores desde a produção, educação, frente de massa que faz você estudar processos e reeducar pessoas e isso tem sido a base de uma condição especial da agroecologia nessa condição. E o resgate do conhecimento popular e a valorização do homem.

Eu: E quando você ouviu essa palavra pela primeira vez?

Ro: Por incrível que pareça eu ouvi numa escola urbana, apesar de ser uma escola de agronomia, ser dentro de um perímetro urbano, que é a Escola de Agronomia da Federal da Bahia em Cruz das Almas. Nela a gente viu o modelo convencional mas a agroecologia eu vi no Seminário de Agroecologia nessa universidade em 97, de forma bem tímida. Foi promovido esse tema em que várias pessoas do Brasil apresentaram seus trabalhos e mudou meu ponto de vista para entender a agroecologia. Embora, eu já praticava alguns princípios na mesma condição de um agricultor da Reforma Agrária que não nenhuma condição e acesso aos fertilizantes químicos. Cultivava a roça e sem uso do agrotóxico, mas sem conhecimento voltado para agroecologia, praticava mais no copiar as

coisas do passado, esse entendimento meu nasceu aí mas foi potencializado na hora de trabalhar com agricultura familiar dentro do processo de reforma agrária, em 2005 quando eu entrei no movimento. Aí eu tive a oportunidade de ir para a Escola Nacional e fazer o curso de agroecologia e foi quando eu vim me aprofundar realmente e levar isso aí com mais contundência. E aí foi algo grandioso que despertou em mim, e comparo isso com várias disciplinas da vida que foi saber dialogar com agricultor, entender o processo de formação deles, entender o momento deles, e poder alinhar meus conhecimentos com as condições dele. Tentar ali fazer um diálogo que é difícil um profissional fazer, onde você consiga primeiro resgatar a confiança do técnico com o agricultor. Eu me avalio como profissional que sou um simples fofoqueiro das experiências, eu levo o que Sebastião fez pra Antônio, e levo com conhecimento de causa, essa é a facilidade que eu tenho pra me relacionar com agricultor e aproveitar das experiências que eles têm e fazer disso uma ferramenta da diálogo com aqueles menos favorecidos. Não tenho dúvida que a dimensão humana é importante e a nossa escola lá fora não nos prepara pra isso. Infelizmente, só depois que eu vim entender minha dificuldade que eu fui compreender que a escola não municia a gente.

Eu: E com quais pessoas você conversa sobre agroecologia hoje?

Com todos os públicos da reforma agrária, desde o mais pequenino até os mais idosos.

Eu tenho um apreço muito grande com as pessoas mais idosas e na outra ponta o pessoal mirim, sem terrinha. Tenho facilidade com eles. Mas tem um público no meio aí que eu ainda tenho dificuldade de diálogo, e preciso desenvolver um método de diálogo, principalmente os jovens. Como é que a gente faz o debate da agroecologia na mesma velocidade do público mirim tem absorvido e com a mesma experiência que os nossos anciãos e desbravadores da agroecologia vem fazendo, tem essa distância que a gente tem que encontrar estratégias de nivelar isso. Isso é o desafio. Tenho a flexibilidade de trabalhar em diversos acampamentos e assentamentos de diversas regiões. Tive a oportunidade de ter uma vivência lá na Chapada na região do semi árido. Há quem diga que lá é um ambiente pobre, eu digo contrário é um ambiente muito rico dentro da cultura e da diversidade, e isso ampliou muito o nosso leque, nessa lida com o homem do campo, com essa lida do ecossistema. Então eu converso dentro do Estado da Bahia e nos Encontros que atua em todo país, tive a oportunidade de participar de um debate em Maceió, Sergipe, São Paulo. A gente consegue sair do Estado e trazer algumas outras experiências já praticadas por outros companheiros.

Eu: E pra fora do movimento, você conversa com alguém?

Ro: Como a gente, o berço da Universidade, é claro que a gente os colegas que trabalham com os movimentos sociais e a gente sempre está se encontrando e essa relação é muito forte, e te digo que a gente até se compete em alguns momentos. Eu brinco com agroecologia que a gente tem o restaurante da praga, e tem a casa da praga. Eu digo que a casa da praga é no sistema agroecológico e o restaurante é no agronegócio. Ele vai morar ali com a gente e vai comer lá fora. Porque lá fora a comida ela está naquele processo de desequilíbrio e favorece o ataque da praga e da doença então ela vai conviver no nosso ambiente, morar, não vai dar prejuízo pra nós mas ela vai estar se alimentando lá na roça do agronegócio. Eu vejo a agroecologia por isso aí, vai ter dois nichos diferentes, como a gente está no perímetro do monocultivo do eucalipto principalmente, mas também do café, do mamão e do maracujá que usa grandes quantidades de veneno e os indícios são essas grandes quantidades de mariposas. Então, eu não tenho dúvidas que essas mariposas irão preferir morar dentro das nossas matas, mas elas irão se alimentar ali tão perto que é onde está desequilíbrio, nós somos o refúgio.

Eu: Lá na roça do Jaci está tendo bastante mariposa?

Ro: Sim, muita. Então eu vejo que essa opção pela agroecologia não vai ser simplesmente paixão ou por ideia do movimento, ela vai ser uma necessidade do pequeno agricultor que ele vai ter que se adequar a ela pra poder ter sustentabilidade. E tomara que o grande agricultor também chegue nessa necessidade.

Eu: Não adianta vocês serem agroecológico e todo o entorno estar desequilibrado pensando no equilíbrio do sistema na região.

Ro: Isso que eu digo que quando a praga vai morar no nosso hotel e vai se alimentar.

Eu: Quais espaços são importantes para ensinar agroecologia? O que não pode faltar pra ensinar agroecologia?

Ro: Em primeiro lugar as pessoas. Tem que ter o público de todas as dimensões, os mais jovens, o público mirim, e o idoso. Trazer a experiência popular a partir das experiências mais antigas isso é de grande valia. A gente técnico tem que construir isso mas os verdadeiros atores tem que ser as experiências, a prática e a vivência esse conhecimento. Eu vejo que dentro da escola seria botar esse povo pra praticar e pra falar. Envolver os diversos públicos sempre com pessoas mais experientes. Quando eu vou desenvolver práticas da agroecologia, todo mundo tem alguma habilidade especial pra certas coisas e eu sempre costumo identificar quem são essas pessoas, plantar maniva tem 2 ou 3. Se você chegar numa área de assentamento e perguntar como é que vocês fazem controle de formiga? Aparece 10 receitas naturais com maior facilidade, a maioria não pratica, mas eu te digo que tem uma minoria que pratica com muito conhecimento, então a gente tem que trazer esses atores, pra se exhibir e mostrar a peça deles. E aí entra o conhecimento técnico sobre como é que eu contribuo aí pra poder potencializar mais ainda essa informação. Aí eu acho que o técnico que está neste processo ele tem facilidade porque ele dialoga com muito mais gente do que o agricultor. Eu tenho essa facilidade de pensar. Outra coisa que eu faço e que eu gosto eu deixo ele muito falar, eu crio o ambiente onde deixo eles a vontade pra eles falar. E isso tem muita treta, é como se tivesse namorando, tem aquele processo de conquista e o tempo de conquistar tu precisa se exhibir. Mas agricultor quando ele pega no microfone pela primeira vez ele treme, todo mundo treme, aquele público dele é reduzido ele vai crescendo, vai criando habilidade e ele continua tremendo, todo mundo sente isso. O agricultor não é diferente, ele é tímido, mas ele é muito sábio, e a gente tem que encontrar método pra fazer ele se expor, e trazer a tona a experiência dele. Acho que a escola é esse espaço. E a gente tem que tomar cuidado pra trazer ele pra escola, você pega um agricultor e bota numa sala de aula não vai desenvolver, a sala de aula dele o laboratório dele é no campo.

Eu: Você acha que a escola tem que ser no campo?

Ro: Com certeza, ele não fala com o giz na mão. Ele fala com a enxada, com a ferramenta dele. Ali o técnico encontra o espaço pra trazer ele dali pro giz, pro quadro, aí é o papel do técnico. Mas esse papel da agroecologia tem que ser principalmente pautado pela experiência popular, a gente pode dar aquele toque de qualidade pra gente juntar as experiências.

Eu: E qual prática que é importante pra ensinar agroecologia?

Ro: Aí entra primeiro aqueles conceitos que eu te disse. Primeiro ele tem que no livro e acho que não pode faltar uma parte das relações. Como é que eu vou lidar e chegar dentro dos próximos passos pra conversar com as pessoas? Como é que eu vou me comportar? E tentar criar um trabalho muito bem feito nessa parte, senão você acaba até inibindo quem está lá. Primeiro tem que ser um público de interesse. Que já tem uma aptidão ou um dom pra isso, é claro que se você inserir algumas pessoas que não tem nenhum interesse é claro que você vai ser obrigado a ser conduzido dessa forma pra não ficar diferenciado dentro do grupo. Mas é importante que grande parte desse grupo seja de interesse e aí acho que a pessoa que vai recepcionar num primeiro momento tem que ser motivadora. Tem que ser bastante motivadora e alinhar isso nos princípios da agroecologia e preparar ele para um segundo momento, senão você joga ele lá de qualquer jeito. Primeiro, eu acho que um grande princípio da agroecologia é conviver, e não combater, em vários sentidos, acho que esse é primordial. Se você aprende a conviver você aprende dentro da agroecologia com muito menos dificuldade. Essa inter relação. E esse conviver ele abrange todas as espécies existentes na natureza, quando você aprende a conviver você aprende a caminhar. A caminhada da agroecologia é quando você respeita as inter relações e respeita tudo, entender que o maribondo ou a cobra é uma ameaça pra você. Não é. Na hora que você perder esse medo de conviver com essas relações você já está dentro da agroecologia.

Eu: E qual o papel da Escola Popular?

Ro: Eu acho que essa Escola se dá em várias direções. Eu digo até que ela começa dentro da nossa casa. Eu já educo meus filhos nos moldes da agroecologia, desde quando ele pega uma fruta do quintal. Eu acho que a agroecologia é por aí. A Escola propriamente dita, naquele espaço quadrado onde tem o professor e o aluno aí eu acho que a gente precisa melhorar e avançar na difusão das técnicas e da tecnologia, eu acho que esse é o primeiro passo. Esse é o primeiro passo, do São Tomé,

ver para crer. Tenho que ver fazer pra poder atrair e ver que eu sou capaz de fazer e transformar, se eu só chego lá na frente e falo, é como se eu dissesse andar com o dente cariado é feio e faz mal para a saúde e andasse com o dente cariado. Falar daquilo mas eu tenho que ser referência. Então eu acho que, o papel da escola, se ele tiver esse perfil, de fazer e não falar diferente dessas escolas quadradas que a pessoa fica preparada só para aquele tema e depois daquilo ele não faz mais nada. Então eu acho que a escola tem que ter profissionais com este perfil, que realmente consiga passar confiança da agroecologia. O que adianta você saber que tem que ser saudável? Tem que ser uma coisa bem prática, bem palpável na verdade. A Escola tem promovido vários cursos de diversos tipos, que começou pela equipe técnica, e aí você vai qualificando os atores que vai estar disseminando e multiplicando o conhecimento, e aí você vai realizando a troca de informações, esse é o caminho. E nessa história toda você vai identificando pessoas que tem um certo perfil para isso, tem uns que tem o perfil para aquilo, mas que isso não trabalha de forma isolada. A Escola tem essa facilidade de perceber as pessoas que tem uma certa habilidade para umas coisas e não para outras, o papel da escola é importante incluir isso aí. Outra coisa que eu acho importante seria a difusão da técnica e da tecnologia, a questão da semente, do acúmulo dos conhecimentos tem que estar centrado em algum lugar, tem que estar registrado em algum lugar. A escola tem um grande papel nisso aí. Se eu quero falar de plantio de maniva de mandioca e a relação desse trabalho, a gente tem pessoas que são referência nesses assuntos, ali tem laboratório, eu não tenho dúvida que ser vier gente fazer intercâmbio pra conhecer um pouco da experiência da agroecologia. O laboratório da escola popular e você tem experiências de outros lugares que já passaram por aqui e aqui tem que ter esse acúmulo da prática da agroecologia, isso ainda está em construção. A gente nunca vai fechar o processo agroecológico, mas a gente precisa avançar junto nessa velocidade de troca. Esse é o papel da escola também, como é que a gente aumenta a velocidade da troca de informação? E vai esperar um resultado no espaço de tempo menor. A biblioteca da escola está nas áreas, mas ela precisa interagir mais e acho que a escola o maior papel dela é fazer essa interação. Como é que a gente junta esse coletivo de conhecimento de forma a tornar frequente, que atinja num curto espaço de tempo um retorno para a nossa sociedade. Eu digo que 514 anos de exploração, e eu tenho debatido isso com alguns companheiros e colegas meus, o espaço que o agronegócio tem no nosso meio tem muito mais tempo e muito mais força que a agroecologia, então a gente precisa trazer isso nessa mesma velocidade. Como é que a gente traz o conhecimento da agroecologia na mesma velocidade? A agricultura foi criada pela mulher e nessa época não existia nada disso, então eu não queria usar essa palavra, mas como é que a gente traz a revolução verde, de fato de volta, mas a revolução verde da agroecologia, já foi feita a revolução verde do agronegócio. Nunca teve a revolução verde da agroecologia, precisa criar realmente esse espaço da revolução da biodiversidade. Aí eu acho que o desafio da Escola é fazer processo da revolução verde agroecológica.

Eu: Que papel importante, acho que tem que ser ousado mesmo, porque não é pouca coisa não. Era isso, a última pergunta é um espaço aberto, pra você complementar.

Ro: Primeiro agradecer por ter sido escolhido pra contribuir nesse processo. A gente entende que quando a gente faz isso não está contribuindo somente para um trabalho, mas com um processo, e aí eu faço com esse espírito, não é simplesmente com um trabalho localizado mas com o processo. E fico feliz por estar participando num trabalho desse. Eu te digo do ponto de vista econômico do sonho meu junto a minha família, junto a pai e mãe e irmão eu fui um dos poucos que cheguei a nível superior mas se for olhar do processo econômico eu sou talvez um dos poucos que conseguiu ter uma situação economia boa. Dentro do meu modelo de vida eu vivo melhor do que eu ele, eu não sou mais feliz. Eu tenho aqui dentro do meu processo com a natureza eu tenho mais relações, mais natureza e isso me completa, quem entende que o mundo é só paz e amor naquele mundinho pequeno ali na frente da televisão, na festa e balada, eu digo que a gente tem muito mais, pra mim essa é a minha festa, e esse é o meu salário, que a minha família acha que eu não tenho mas paga minhas contas, essa troca de experiência e esse calor humano que a gente tem encontrado dentro do movimento, eu fico triste que tem muito um grupo muito maior de soldados fazendo esse trabalho da biodiversidade, fazendo esse trabalho que a gente faz, visando não só o econômico, mas visando a transformação social desse país. Esse é que o legado que eu tenho, se eu morrer hoje eu sei que eu contribui, eu não vou esquecer nunca meu professor me perguntou, daqui a seis meses você está se formando e o que você vai querer da vida? Eu disse simplesmente devolver pra sociedade aquilo que ela fez por mim, a busca do

conhecimento, que ele é infinito e não é patrimônio de ninguém. A gente tem que estar buscando e levando isso pra aqueles principalmente que estão vindo.

Eu: Eu que agradeço.

### **17. Mr (Liderança regional - 15/07/2015)**

Eu: Você autoriza que eu faça essa entrevista?

Mr: Sim, autorizo

Eu: O que é agroecologia pra você?

Mr: Pra minha pessoa? Bom, vou falar do conceito que eu tenho de agroecologia, o que estou aprendendo. Agroecologia pra mim é, eu antes achava que tudo que você fazia voltado pra natureza e tal era tudo agroecologia. Mas eu estou percebendo que não é só a forma de você plantar, é a forma de você plantar, de você conviver com a natureza, você conviver com o que está no seu entorno, é conviver bem com a mata, com a floresta com o rio, com tudo que a natureza nos proporciona e também, a gente ter esse relacionamento com a natureza. Então não adiante a gente vir jogar veneno, jogar adubo e tentar mudar a forma da natureza produzir, então pra gente é mais uma forma de vida. É você cuidar daquele alimento com carinho, porque você sabe que alguém vai se beneficiar com aquilo, é você pensar na saúde das pessoas, não é só produzir pra vender, é pensar em tudo, no todo da família, nas pessoas e também pensar natureza. Porque se você pensa em produzir e destruir mesmo a terra, jogar adubo, agrotóxico, derrubar a mata pra poder plantar, não é você arrumar uma forma de você conviver bem e tirar o seu sustento e também levar pra cidade para as outras pessoas, é uma forma de vida.

Eu: Tem alimentação familiar, alimentar, de saúde, consumo, e onde e quando você ouviu essa palavra pela primeira vez.

Mr: Menina, antes meu pensamento era bem capitalista, há cinco anos atrás eu era bem urbana e quando eu vim, de ir no mercado e achar que tudo que estava no mercado era o que era saudável. As frutas e as verduras que estavam lá eram saudáveis, porque eram verdinhas e tal, e quando eu vim aqui pro movimento, que eu comecei a me apropriar do movimento aí eu vi a primeira vez a palavra agroecologia dentro do MST, já tinha ouvido lá fora, mas até então não dava tanta importância. Aí quando eu vim e comecei a conviver com a militância e dentro das áreas do movimento que eu comecei a ver a importância e o peso que tem essa palavra e como que ela mudou tudo, até minha forma de ver as coisas e de viver, de cuidar da minha família, que antes era tudo muito industrializado, essas coisas. Hoje em dia a gente conseguiu mudar bastante isso, graças a Deus, me livre bastante do industrializado lá de fora e sei a importância de uma fruta que a gente produz aqui, e sei o que a fruta produzida por esses grandes produtores. O mamão, a importância que tem eu comer o mamãozinho tirado do pé aqui e eu ir lá no mercado comprar o mamão cheio de veneno, uma banana cheia de carbureto que tem que crescer rápido, e comer um cacho de banana que fui eu quem plantei o pé e que fui eu que cuidei com cinza, com as coisas que tem que ser, então a gente começa a ver a diferença nisso tudo. Então foi aqui que eu aprendi e que eu ouvi pela primeira vez a palavra, tem uns 5 anos mais ou menos.

Eu: E como você acha que se constrói esse conhecimento?

Mr: Vou te dizer da vivência que eu tenho dentro do movimento com essas pessoas idosas que são produtores antigos, que sempre moraram em roça, alguns vieram de alguns latifúndios e disseram “não, basta disso” e viram o que o passado trouxe pra eles, o que o pai e mãe deixou. Então eu acho esse conhecimento de um passar para o outro, esse conhecimento popular, de uma família passar para a outra, “eu plantava assim e usava isso”. E ainda hoje a gente usa isso, eu disse “olha aí, eu plantei o meu alface assim e joguei uma calda assim”, então eu acho que a gente vai principalmente pelo conhecimento popular e a gente vê a mídia as maiores não dialoga sobre agroecologia da forma correta, dialogam de acordo com o interesse deles. Não interesse de saúde, voltado pra nós aqui, nós somos pequenos, então eu acho que esse conhecimento é dessa forma, passado de pai pra filho. Uma

coisa que eu acho engraçado é que tem gente que você olha e acha que não sabe nada, mas quando abre a boca tem uma sabedoria, um conhecimento tão grande, tão rico que você fala assim, poxa o cara não é doutor de universidade e a gente aprende muita coisa. Precisamos valorizar essas pessoas.

Eu: Com quais pessoas você conversa sobre agroecologia:

Mr: É o conhecimento dos mais idosos, técnicos e companheiros que já fazem essa parte de plantio agroecológico que a gente vai trocando esses saberes, que eu sou a mais leiga de todos eu acho, dentro dos termos assim de saber e tal, de produzir não. Tem meu esposo também que ele procura muito e pesquisa junto com o povo. Então é na família, com técnicos, movimento,

Eu: Quais espaços são importantes para aprender agroecologia?

Mr: Eu falo que eu sou suspeita, porque eu acho que o primeiro espaço que a gente tem que estar é dentro das escolas. Porque isso, nós hoje já somos segunda ou terceira geração que está frequentando a escola e quem vai tocar tudo isso aqui pra diante são os nossos filhos, se a gente não ensinar eles essa forma de produção e de vivência com o meio ambiente, com o meio que a gente vive, e da agroecologia, a tendência é conhecer de outro jeito e fazer de outra forma, eu acho que a porta de entrada é a escola. Tanto que a gente está fazendo esse trabalho dentro aqui das nossas áreas. A gente já plantou alface e estamos ensinando aos poucos. Meu filho tem 4 anos e eu vou fazer alguma coisa ele fala “não mamãe, o tio lá falou que é assim”. Então eu acho que a gente precisa apropriar os nossos filhos pra que no futuro eles venham tocar isso pra eles, porque tudo isso é pra eles, e acho que a porta de entrada é a escola.

Eu: Aqui no Jaci tem uma escola?

Mr: Sim, tem uma escola que funciona da pré escola até o ensino médio.

Eu: E tem algum espaço de horta?

Mr: A gente até tinha, mas a gente está criando um outro espaço maior pra gente vivenciar essa prática. As nossas crianças já tiveram vivência de reflorestar, então a gente já levou os pequeninhos de quatro anos e tipo assim, vamos plantar árvore ao redor da represa, vamos recuperar as nascentes, então essa vivência a gente já fala com eles e eles já convivem e aí eu acho que é interesse a gente passar o conhecimento para os pequenos.

Eu: Qual o papel da Escola nesse sentido?

Mr: Menina, eu acho que a Escola Egídio é o nosso ponto de tudo, tipo assim, é nosso ponto de partida, nosso ponto de chegada, é onde a gente vem dividir o conhecimento da gente com as pessoas, é onde são feitas as experiências, aí a escola também vem e faz alguma experiência e difunde isso nas outras áreas, então ali é o cantinho, não que detém o conhecimento, mas é o cantinho onde a gente pretende fazer isso um dia, de deter o conhecimento, mas é onde a gente busca conhecer, através dos cursos, das atividades que a gente tem lá através das equipes, de produção e tudo e ali a gente vê que ali está começando e ali vai se irradiando pra todos os outros cantos, eu acho que o ponto principal é o movimento e dentro do movimento nosso ponto principal é a escola Egídio Bruneto. E eu acredito que a gente não vai ficar só na região no Extremo Sul, daqui a pouco a gente está irradiando pra Bahia, pro Brasil.

Eu: Deixo então um momento de palavra aberta, se você quiser complementar alguma coisa.

Mr: Não, eu só acho que a gente precisa valorizar mais este termo agroecologia, e valorizar a prática. A gente precisa amputar algumas coisas que não faz parte da agroecologia, a agroecologia é o que eu te falei é a arte de você colher, é arte de você plantar a vida ali e algumas pessoas usam esse termo de uma forma banal, pra plantar um eucalipto está fazendo agroecológica? Não está. Vai plantar uma soja transgênica, não está também. Então a gente precisa separar essas coisas, se tem outro termo que se arranje para dar pra esse aí, porque esse termo não é agroecologia. Mas o que a gente faz, essa parte do conhecimento, de buscar o conhecimento e o saber popular também precisa ser feito um estudo, como esse que você está fazendo, e que a gente busque também pra gente poder dar uma resposta mais concreta e mais certa do que é agroecologia. Cada um acha o que quer da agroecologia, agora eu acho que agroecologia é você viver bem, e plantar a vida.

Eu: Obrigada!

### **18. Ev (Liderança regional -27/07/2015)**

Eu: Você autoriza essa entrevista?

Ev: Sim.

Eu: O que é agroecologia pra você?

Ev: Pra mim agroecologia tem 3 coisas que eu acho ou vem junto ou não tem significado nenhum. Primeiro a agroecologia tem que trabalhar considerando o meio ambiente, não tem como considerar agroecologia trabalhando com qualquer tipo de monocultivo. Que nenhum tipo de monocultivo traz o bem ao meio ambiente. Uma outra coisa que eu acho que a agroecologia tem que trazer junto é a questão da sustentação das famílias, não adianta a gente também sonhar com agroecologia em assentamento a onde que a gente tem boas plantações, passarinho voando, cobra andando e as famílias passando fome. Então eu acho que tem que estar andar junto sustentabilidade junto com o processo de agroecologia. Dessa forma que eu vejo. O outro processo, além da sustentação e a recuperação que tem andar em conjunto eu acho que a gente também tem que trabalhar o processo da diversidade. Na região do Extremo Sul a gente já tá trabalhando com agrofloresta, em áreas que predominava o monocultivo do eucalipto ou a pecuária extensiva ou qualquer tipo de monocultura no caso do café por exemplo que é muito forte na região do Extremo Sul e nós estamos no trabalho nesse sistema de agroecologia com recuperação do solo, que a gente encontrou totalmente degradado através de coquetel verde e outros tipos que a gente insere no solo e a gente também está trabalhando essa questão do sistema de agrofloresta que é uma diversidade que a gente consegue trabalhar, eu por exemplo tenho um exemplo aqui na minha roça de agrofloresta que comecei a pouco tempo e que desse pequeno espaço de terra a gente já consegue tirar sustentação e além disso a gente consegue fazer outro tipo de investimento nesse lote que a gente começou a pouco tempo. Então esse é um sonho da gente conseguir implementar em toda nossa regional que vem sofrendo muito com essa questão do monocultivo do eucalipto e a gente precisa trabalhar a produção de alimento diversificado mas ao mesmo tempo com alimento de qualidade que vai contrapor com esse modelo de produção que vem implementado pelo agronegócio que muitas vezes os movimentos sociais também vai abraçando, que é um incentivo também da grande elite, de investir essa questão nos pequenos produtores, a gente se ilude, muitos universitários também se iludem e acaba fazendo uma agroecologia no papel e na prática a gente sabe que na prática é outra realidade. É por isso que é importante a gente ler, estudar, sonhar é importante também a gente visualizar a partir da sustentação das famílias, do solo e da questão da diversidade.

Eu: Onde você ouviu essa palavra pela primeira vez?

Ev: A partir do momento que eu entrei no MST, então o movimento vem a muito tempo num processo de formação da nossa base, onde que a gente precisa trabalhar um processo de produção diferenciada para contrapor a um modelo que está em curso hoje no país, que é o modelo do agronegócio e a gente conseguir produzir um alimento de qualidade, e também ao mesmo tempo trabalhando um processo de recuperação das terras que se encontra hoje degrada, então a gente tem que evitar o fogo, a gente tem que evitar qualquer tipo de contaminação, porque isso vai trazer prejuízo na lavoura. Então você planta milho ou feijão numa terra que ela foi queimada, ela não vai dar o mesmo tipo de produção que ela dava se ele fosse cultivado de outra forma. Então a gente sempre vem tentando levar esse debate ao conjunto da nossa base, que temos que produzir de uma forma agroecológica, mas ao mesmo tempo, tá preocupado com o processo de recuperação do solo que isso vai ajudar na qualidade e quantidade da produção.

Eu: E isso foi mais ou menos em que ano, que você viu no MST?

Ev: É que no início do movimento a gente se preocupada simplesmente por ocupar. E o modelo de produção ficava por conta de cada produtor, então como as pessoas que sempre trabalhou em fazenda dos outros e sempre trabalhou com incentivo do uso do químico e do queimar, até porque existia um processo de devastação pra poder utilizar a madeira pra vender por parte dos proprietários ou então pra fazer carvão, então um processo que pra você limpar a terra você tinha que já prever que você tinha

que queimar e aproveitar aquela madeira sapecada pra poder fazer carvão. Então meu avô foi inclusive uma das pessoas que, inclusive com machado ia derrubando e depois toreando pra depois vender e depois plantava aquela terra de meia com o proprietário. Então a cultura sempre foi isso, e aí quando plantava que vinha as pragas o incentivo dos grandes proprietários era usar o veneno pra combater qualquer tipo de praga que vinha. Então essa é uma questão cultural do camponês que vinha adquirindo através do conhecimento incentivado pelo sistema capitalista, mas a gente vem tentando incentivar e a gente vem ganhando força e espaço nesse debate porque a gente sabe que a vida das pessoas não é mais a mesma de 20, 30 40 anos atrás, então muitas doenças vem incorporando na vida das pessoas, o câncer e muitas outras que não existia, a gente sabe que é fruto daquilo que você utiliza, que você come no dia a dia, a fertilidade do solo não é mais o mesmo, então a gente vem cada vez mais ganhando força nesse debate e no movimento nos últimos 10 anos a gente tem avançado muito e com certeza o nível de consciência do nosso povo com certeza não é mais o mesmo.

Eu: Com quais pessoas você conversa sobre agroecologia?

Ev: Esse debate sempre foi muito feito no MST, agora a gente sempre teve dificuldade de implementar esse debate e nossa orientação sempre foi que nós tínhamos que levar esse debate até nossas escolas é onde a gente poderia iniciar até com nível de consciência diferente, porque uma coisa é você pegar um camponês de 60 anos e passou a vida dele trabalhando de outra forma, outra coisa é você pegar as crianças a partir da escola, o jovem o adolescente e trabalhar esse tipo de formação com ele. Então a gente enquanto direção a gente vê esse debate em diversos espaços de encontro e coletivos e vê os materiais que o movimento vem reproduzindo, a nível nacional. e aí a gente da nossa regional, nós tomamos uma decisão de incorporar esse debate e levar até as escolas; Então esse debate hoje está num nível de direção nossa onde que a gente conseguiu no nosso conjunto absorver a importância, conseguimos fazer com que nossas escolas e nossos educadores absorvessem também a importância, e a gente a mais de 5 anos vem intensificando esse debate com o conjunto da nossa militância, de base no nosso movimento. E nos últimos 3 anos a gente em parceria com os companheiros da Esalq que vem ajudando na assessoria técnica aqui na nossa região em 7 áreas que a gente pretende fazer em toda região vem nos ajudando muito que nós tem feito muito seminário e temos pegado muitas experiências que a gente tem já com nossos produtores, todo muito tem a sua experiência da sua vida do cotidiana e isso tem no ajudado muito a evoluir nesse debate.

Eu: E quais espaço são importantes pra ensinar agroecologia?

Ev: Como eu falei, uma coisa é a gente vir pra prática, então a gente falar de lá que é importante produzir com agroecologia e não queimar, não utilizar veneno, é muito fácil, mas se você vir pro campo você vai encontrar outra realidade. DE qualquer lugar que você vai debater no camponês a questão da agroecologia, você pode ter certeza ele vai dizer, então me mostra uma experiência, onde que você produziu agroecologicamente correto, você não usou o fogo, você não usou veneno e que tem sucesso, então ele sempre vai fazer essa pergunta, e o que nos desafiou a vir construir na prática é justamente isso, o discurso tem que ter sustentação. Então, por isso que a gente tá construindo várias áreas modelos em vários assentamentos e particularmente eu tomei a decisão de construir uma, que é onde que a gente pode vir aqui e mostrar para as pessoas que é possível a gente produzir em quantidade e qualidade e a gente conseguir produzir também de forma diferenciada.

Eu: Então ter uma área prática, é essencial?

Ev: É nós temos várias áreas na região, inclusive meu lote também é uma área que pode servir de experiência.

Eu: Qual o papel da Escola Egidio na construção da agroecologia?

Ev: A Escola tem um papel fundamental. Porque a Escola é onde que vai centralizar todo esse debate, é uma escola que está surgindo dentro de uma área de uma região que predomina o agronegócio, que predomina o uso do agrotóxico, e onde também a gente sente na pele um processo de degradação da região, um processo de êxodo rural, um processo de contaminação das águas, então vários rios que a gente tomava banho a 20 anos atrás hoje não serve nem mais pra tomar banho. Então rios que a gente se alimentava, desses rios que eu conheço o Rio Jucuruçu em vários pontos deles, que a gente já trabalhou em várias fazendas, então era muita caça e muito peixe, a gente sobreviveu desses rios e

hoje não sobrevive mais, então é uma região que a gente vive com esse contraste. Você iniciar experiências e que vai dando certo, então facilita no processo de convencimento da população da importância da gente avançar no projeto da agroecologia e a escola tem esse papel fundamental da gente estar trazendo para os debates, para os seminários, pra mostrar na prática através das roças e áreas demonstrativas pra gente conscientizar nossos assentados e os pequenos produtores que a gente tem que combater de qualquer forma essa questão desse modelo tradicional e a gente evoluir de fato pra agroecologia, que é a saída pra gente produzir alimento pra população mas ao mesmo tempo alimentos saudáveis e que não vai matar e que vai de fato alimentar e ter as pessoas saudáveis.

Eu: A última é uma palavra aberta.

Ev: Eu quero deixar é que a gente chegou onde chegamos porque nós tivemos contribuições de muita gente que a gente nem conhece, então a gente fez agora um vídeo, por exemplo tratando da agroecologia, falando da escola. Tem um depoimento de uma pessoa que constrói agroecologia lá nos EUA, tem gente no sul do país, tem gente da Venezuela, tem gente vários espaços mandando um abraço pra Escola Egidio Bruneto e falando das experiências que tem em outros países sobre a questão da agroecologia, então as pessoas se colocam a disposição de contribuir com a gente, eu acho que a importância da gente estar inclusive estar ajudando nesse depoimento é que a gente precisa estar retribuindo o que as pessoas está fazendo pela gente. Na luta pela reforma agrária a gente tem apoio de gente que a gente nem conhece, então a gente está na periferia na cidade e tem gente que nunca viu a gente que vai convencer a gente pra ir pra terra. Então a gente sempre trabalhou esse discurso que quando a gente tiver a nossa terra a gente precisa entender que ainda tem muita gente passando fome, tem muita gente fora da escola, e a gente precisa dar a nossa parcela de contribuição para as pessoas também chega onde a gente chegou, Então essa é uma consciência que o movimento trabalha com o nosso povo no dia a dia. E a gente está sempre a disposição pra aprender, quem quiser trazer experiência, e também a partir daqui contribuir com qualquer pessoa em qualquer parte desse país ou do mundo pra poder a gente construir um planeta diferente, que de fato não venha acontecendo o que vem acontecendo no mundo, maremoto, seca, enchente, fruto daqui que a gente no dia a dia pratica. Então isso pra nós é fundamental, não só agradecer as pessoas que sempre contribuíram, mas também colocar a disposição. E a outra coisa é que a gente tem feito muito nessa região, que além de trazer uma renda financeira pras famílias, mas que isso não o mais importante, o mais importante é a gente usar o que a gente está fazendo pra convencer as pessoas da reforma agrária que produza alimentos saudáveis pra população, que é a reforma agrária popular, são as feiras que a gente vem fazendo na região. Nos últimos 5 anos, nós conseguimos fazer mais de 30 feiras nas brigadas em vários municípios na região, conseguimos fazer 5 feiras regionais agroecológicas, a última foi feira agora em julho, e essas feiras tem nos ajudado muito a cada vez mais convencer as pessoas da reforma agraria, e da importância do modelo diferenciado. Então isso tem sido um sucesso e a gente pretende continuar nessa prática porque nos ajuda muito no processo de formação da nossa base e de conscientização da população.

Eu: Esse papel das feiras também seria colocar na pergunta de quem você conversa com agroecologia, eu pude presenciar na feira você lá também.

Ev: Isso vem automaticamente num processo natural com nossos produtores, então lá tinha um conjunto de membros da direção. então você senta no barzinho ali do lado da pessoa que está ali na cidade então o debate flui, as pessoas perguntam o que é essa feira, então a gente faz isso, mas as pessoas que estão lá direto comercializando elas conversam, explicam que são produtos de qualidade, da reforma agrária, então os produtores de um modo geral conseguem fazer esse debate, está com o símbolo do MST, o bone, camisa, bandeira, então a gente consegue dialogar com a população através da simbologia concreta que é a questão dos alimentos produzidos nos assentamentos de uma forma agroecológica.

Eu: E aí a campanha agrotóxico zero também está aí..

Ev: Na verdade foram duas campanhas que nos resolvemos priorizar nessa região, uma é analfabetismo zero na região do Extremo Sul isso nos últimos dois anos, adotamos como uma campanha permanente, porque a gente tem uma herança do Estado que a gente tem aí, inclusive de governos anteriores que não priorizou o processo da educação e a gente vê pessoas com 50, 60 anos

dentro dos nossos assentamentos que não sabem nem ler nem escrever, então a gente tem feito uma campanha permanente de alfabetização desses companheiros, e aí esse ano, no dia 9 de maio nós conseguimos alfabetizar dentro do método sim eu posso, cubano, em torno de 200 pessoas que estavam analfabetas dentro de 7 áreas de assentamentos, nós conseguimos zerar o analfabetismo nessas áreas, e foi uma conquista importante e agora estamos dando continuidade através da EJA pra que as pessoas consigam ir além de serem alfabetizadas mas também conseguir produzir conhecimento pra ajudar a sociedade de um modo geral.

E uma outra coisa, que é a questão do extremo sul pela vida agrotóxico zero, é porque no movimento a gente vem com esse debate a nível nacional, não é só aqui no Extremo Sul, a gente fortalece o debate da agroecologia e do uso zero de veneno, a gente sabe que não consegue superar 100% com bastante ênfase com algumas regiões do país, então a gente tem muita dificuldade ainda, e aqui nós tomamos uma decisão de zerar, porque a gente encontrou um território fértil, onde que as pessoas se abriram para o debate, então tomamos essa decisão de zerar, e lançamos a campanha, a nível de direção, depois pra nossa base, pra dentro das nossas escolas, hoje é os nossos sem terrinhas que estão praticando a agroecologia nas hortas das escolas e todos os espaços que chegam então a gente está conseguindo avançar nesse debate, não tenha dúvida que a gente vai zerar qualquer tipo de químico dentro dos nossos assentamentos.

Eu: Obrigada